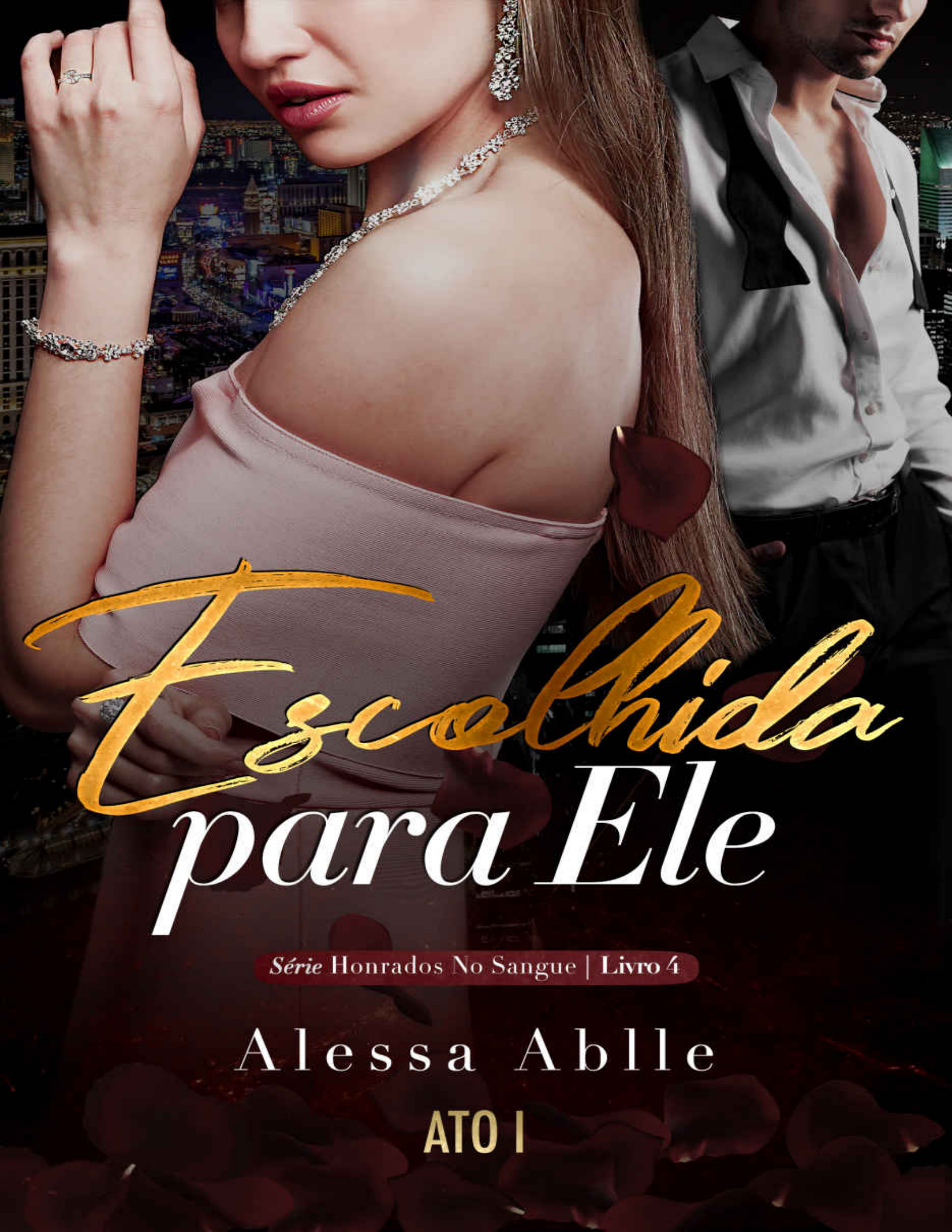




Escolhida para Ele

Série Honrados No Sangue | Livro 4

Alessa Abille

ATO I





Escolhida para Ele

Série Honrados No Sangue | Livro 4

Alessa Abille

ATO I

*Escolhida
para Ele*

Copyright ©2022 Alessa Abille

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão dos detentores dos copyrights.

Plágio é crime inafiançável. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº 9.610/98 e previsto pelo artigo 184 do código Penal Brasileiro.



Título: Escolhida Para Ele – ATO I

Imagens da capa: Depositphotos.com

Ilustração da capa e Diagramação: Alessa Abille.

Revisão: Carla Santos e Alessa Abille.

Série: Honrados No Sangue; 4

1. Romance | 2. Ficção | 3. Crime Internacional | 4. Erótico | 5. Suspense

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos que aqui serão descritos, são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.



SINOPSE



Marinne Lozartan sempre soube que contos de fadas não existiam, então para que se iludir com um casamento romântico. Sabia que esse laço viria de um acordo, nada além disso. Casamentos táticos sempre aconteceram no mundo da máfia e ela já esperava. Mas tinha uma única regra, um único desejo a almejar com o fatídico compromisso, ela não queria menos que um marido tão poderoso quanto seu irmão, que para todos os efeitos foi o único pai que teve.

Ela cresceu para ser uma líder. Uma força. Se não fosse as tradições que acorrentavam as mulheres ao passado, ela poderia ser uma *Capo*, a líder da sua *Famiglia*. Ela foi criada por um monstro que todos temiam e que a amou a vida toda. Saber lidar com mais um. Um que seria seu marido com um passo perturbador, que apenas descobre às vésperas do casamento.

Amândio D'Ângelo cresceu para ser o vilão das histórias. Para impor terror e medo aos seus inimigos. Criado entre a frieza de um pai cruel que o fez ser frio para se tornar inatingível e um avô extremamente poderoso, que espera dele muito além de ser o novo *Capo* da *Darkness*, seu “trono” por nascença.

Todos sob seu poder aprenderam a temer seu nome e sua presença era a última coisa que um homem gostaria de ter. Dever, honra, orgulho e a *Famiglia* era tudo o que importava para ele... até um acordo selar sua vida com alguém tão forte quanto ele.

Índice

Sinopse

Nota da Autora

Prólogo

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

V_{EM}AI



Nota da Autora



meus anjos lindos.

Tentar não escrever esse livro foi muito difícil. Quero dizer... escrever ele antes do prazo e mesmo assim ele foi adiado por meses.

As ideias para o casal vieram explodindo e atropelando outros projetos desde o início. Marinne e Amândio fez eu acelerar o processo dos anteriores porque simplesmente... como a sinopse diz: *são forças da natureza e ninguém consegue parar.*

Além disso, percebi que 1 livro não seria o suficiente, então planejei o segundo, mas eu realmente não esperava que o primeiro fosse ficar tão grande.

No **ATO I**, teremos a base de quem são Amândio e Marinne. A força deles dois, a complexidade e inúmeros segredos. Teremos o despertar de uma grande confusão que essa união terá para todos que tentarem ir contra eles.

No **ATO II**, chegará o que nós estamos mais do que ansiosos, mas não apenas isso. Eu acho que é como uma redação; ATO I: **Apresentação**. ATO II: **Desenvolvimento** e ATO III: **Conclusão**. Embora todas as confusões sairão do livro 3 kkkkk....

POR FAVOR, NÃO DEIXEM DE LER OS PRÓXIMOS PARA ENTENDER ESSE CASAL. Digo isso porque muitas vezes as pessoas não vão até o fim de livros com continuação e fico triste, pois nos próximos sempre carregam muito mais da história.

Espero com tudo de mim que vocês amem esses dois tanto quanto eu AMO! E se puder e quiser, me conta depois o que achou e deixe sua avaliação. <3

Eu REALMENTE dei meu coração para eles dois como fiz uma única vez, em meu primeiro livro: *Profundamente Apaixonado*.

Amândio e Marinne trazem o lado mais obscuro da máfia e, dessa vez, peço encarecidamente que vocês não romantizem as atitudes e algumas ações dos livros. Tentem ler com atenção e cuidado com os gatilhos, certinho?!

Obs.:

Embora algumas cenas e acontecimentos, tenham sido em *Dominados* (história completa de Travis e Madeleine) e *A Esposa Do Consigliere* (história completa de Paolo e Nina)– ao chegar *aqui* e eu ler, e emendar, mudei algumas partes para se adequar melhor ao enredo dessa história.

TAMBÉM existirão lacunas neste livro referente aos mesmos acontecimentos que mudei. Cenas e situações que não poderei contar *tudo* para não estragar a leitura nos livros anteriores para quem não leu antes. E também LACUNAS para os próximos livros.

SE ATENTEM A ISSO PARA DEPOIS NÃO GOSTAR DO LIVRO PORQUE DEIXEI SITUAÇÕES EM “ABERTO”. É DE PROPÓSITO PORQUE EU “FECHAREI” EM OUTROS LIVROS.

Então, antes de dar sua estrelinha dizendo que “A autora não soube explicar *Isso* ou *Aquilo*. *WHAT?* Volta aqui, ALESSA!”, entenda que não posso contar TUDO, pois será *spoiler* dos livros.

Outra informação também muito importante, é que pelo fato de algumas cenas serem as favoritas dos leitores do Wattpad e dos primeiros livros – onde eu deixei essas cenas – elas serão narradas pelos pontos de vistas dos dois personagens. Então, teremos algumas cenas “mais ou menos” repetidas.

OKAY?!

Obrigada de todo coração por todo apoio, carinho e amor. Obrigada, principalmente por cada palavra de incentivo e ajuda. Eu estou passando por provações e não apenas meus livros me sustentam agora, mas vocês!

Uma boa leitura!

Amo vocês e sejam sempre abençoados!

KOKO

Alessa Abille

Qualquer tipo de transtorno no arquivo ou se você quiser falar comigo, deixo meu e-mail abaixo.

alessaable@gmail.com

Ou me chamem no *Instagram*, lá é mais fácil e rápido.

[@alessaableautora](#) ou [@alessaable](#)



Vamos deixar claro que não compactuo com nenhuma das atitudes ilegais dos personagens. Não sou favorável a nenhuma perversidade, maldade, brutalidade ou covardia. Este é um livro de ficção baseado em estudos sobre a máfia italiana e usando o bom senso da licença poética, minha criatividade, para criar os cenários e acontecimentos. Não tentem abolir nenhuma atrocidade aqui para o romântico ou “defensável”. É um livro. Na vida real é errado.

É sobre a MÁFIA sim! USO O PLANO DE FUNDO DA MÁFIA ITALIANA DE FORMA TÉCNICA e ESTRATÉGICA ÀS VEZES, MAS É UM **ROMANCE**! Temos as maldades, tretas, regras e tradições, porém o forte é o nosso mocinho (anti-herói) se apaixonar pela mocinha (guerreira), e vice-versa.

CONTÉM GATILHOS!

Esse livro contém algumas cenas de violência, como: amputação de membros, sangue, cenas sensíveis, assassinato e palavras dolorosas, que geram gatilhos.

*Se você for uma pessoa sensível, não leia.
O aviso está dado. ;)*



Glossário

Baseado na licença poética e em pesquisas.

“

- **Boss:** é o CHEFÃO, que toma conta dos *Capos*. O supremo poder da máfia. Os *Capos* aposentados, mas muito perigosos. Sempre os mais antigos (muuuito velhos) que conquistaram o cargo a duras penas. Os postos são passados de pai para filho, por isso eles dão tanta importância aos filhos homens. As mulheres não assumem cargos altos e nem de longe podem ser *Capo* e chefe menor.
- **Capo:** O cabeça chefe de cada território, só deve respeito ao *Boss*, e que comanda as *Famiglie* compostas de: *Capo*, *Testa*, *Underboss*, *Cinistro*, *Consigliere*, *Soldados*, *Associados* (os que não tem ligação consanguínea ou italiana, porém atuam e “trabalham” para a máfia) e *Clãs* (as distintas famílias: pais, esposas e filhos).

- **Testa:** Muito respeitado e temido. Homem de extrema confiança. Serão os irmãos dos *Capos*.
- **Underboss:** Chefe menor ou gerente do *Capo*, são incumbidos pelo *Capo*, a cuidar e zelar dos territórios dominantes. Aplicam as leis dos *Capos*, mas não podem fazer o que querem.
- **Consigliere:** Cada posto principal tem seu próprio conselheiro (*Boss*, *Capo*, *Testa* e *Underboss*) para orientar e muitas vezes frear decisões.
- **Cinistro:** Quem é o braço esquerdo. Muitas vezes incumbido de fazer a “limpeza”. Mata ou acompanha as ações. O Executor.
- **Famiglia:** Nome dado aos grupos organizados. Eles se denominam assim e defendem a ferro e fogo seus homens e suas famílias (clãs). É a junção das várias organizações criminosas que formam A Máfia Organizada Italiana, que, com a americana, é a mais importante das organizações mafiosas do mundo.
- **Máfia Italiana:** As organizações originais da Máfia Italiana, que se expandiu pelo mundo e nos Estados Unidos, pelas regiões e ganharam nome, para defender a ordem, comandar o crime organizado e etc. São as quatro grandes *Famiglie*: *Cosa Nostra*, *Camorra*, *'Ndrangheta* e a *Sacra Corona Unita*.

Porém, há outros países com suas organizações criminosas. Irei colocar as que serão presentes no livro.

- **Máfia Mexicana:** Após uma longa pesquisa não encontrei nada, então vou usar minha licença poética: Hechos.

- **Máfia Yakuza:** Famosa por muitos filmes de Hollywood, é um grupo de crime organizado nativo que usa ameaças e extorsão para obter o que querem. Sua origem data do século XVII. Todos os membros são marcados com tatuagens, e exigem atos extremos de dedicação que envolvem a amputação do dedo mindinho quando algum membro comete um erro. Como uma forma de desculpas.
- **Máfia Russa:** é, talvez, a mais perigosa. Teve origem na extinta União Soviética e agora possui influência em todo o mundo. Estão envolvidos em crimes organizados em Israel, Hungria, Espanha, Canadá, Reino Unido, EUA e Rússia, entre outros. Denominada de *Bratva*.
- **Madman, Homens de Honra:** Os homens que são iniciados na “máfia”. Homem feito.
- **Os de Fora:** Os que não pertencem a máfia. Não nasceram em um Clã.
- **Temhota:** Tatuagens dos prisioneiros russos. Geralmente denotam o ranking em que está o criminoso.

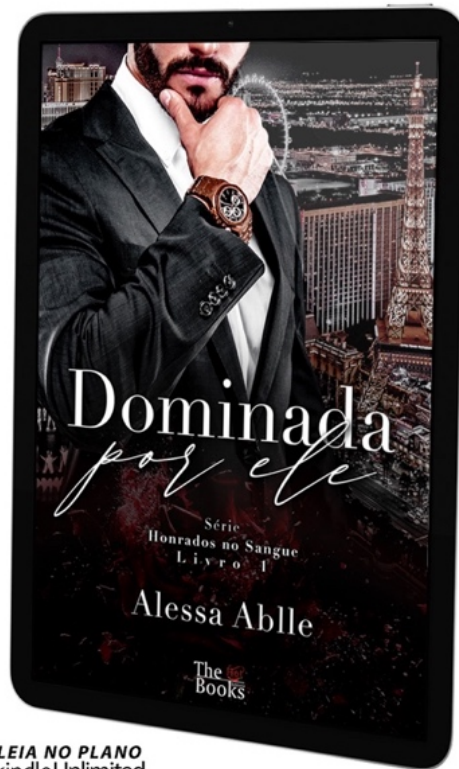


Série
*Horrados
no sangue*

Composta por:
Lawless | Darkness | BloodHands

A seguir os primeiros livros da série **Honrados no Sangue**, que começou pela série ***Lawless***, de onde **Marinne Lozartan** sai e entra na ***Darkness*** pelo casamento de aliança.

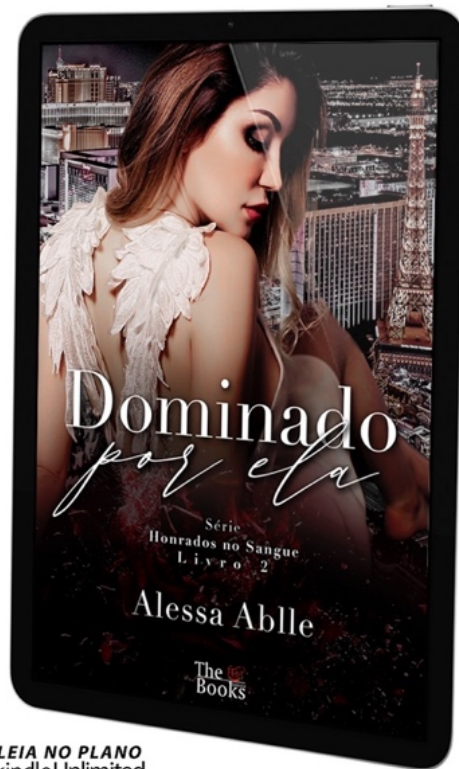




Travis Lozartan é o mais novo *Capo* da máfia da Costa Leste dos Estados Unidos, herdando o cargo de seu pai. Com a fama de “O Cruel”. Mau, impiedoso, frio e calculista, não mede esforços para derramar sangue de seus inimigos e defender a *Lawless*. Desde muito novo sabia que seria o próximo a liderar Nevada e os negócios; e, quando seu pai morreu, ele ganhou poderes e inimigos. Porém, não esperava ter que honrar um acordo de anos atrás, que salvou a todos.

Madeleine Beluzzo também foi nascida nesse mundo cruel e insano, mas quando seu pai, um policial “duvidoso”, decide fazer um acordo com a máfia rival, é introduzida no lado ainda mais obscuro e perigoso, tornando sua vida um terror; quando ela começou a atrapalhar os negócios com suas opiniões, foi mandada para longe. Agora está de volta e terá que se aprofundar nesse caos e na vida do homem que a dominará muito além do que era o acordo.





amazon LEIA NO PLANO
kindle Unlimited

Madeleine Beluzzo lutou o quanto pôde para não se render à encantadora e magnética beleza e poder do *Capo* da *Lawless*, mas em vão. Em pouco tempo se viu rendida e o desejando o tempo todo. Agora, ela assumiu o quanto está dominada por ele e o quanto de sacrifício será capaz de suportar e fazer para tê-lo em sua vida e ficar na dele.

Travis Lozartan quer o domínio do seu território, do seu nome, seu poder e da mulher que escolheu para ser sua esposa. Ele ainda não se deu por vencido de que, na verdade, ela é muito mais do que quer admitir, porém seus inimigos o farão enxergar não só que sentimentos o tornam mais forte, como ainda mais perigoso.

Em “Dominado Por Ela” teremos a redenção das crenças de Madeleine e os sentimentos de Travis. Iremos presenciar o retorno desse casal, agora unidos, focados e ainda mais fortes.

E, se separados eles faziam todos temerem e se armarem, juntos eles forçarão todos a ficarem de joelhos e pedirem arrego.





amazon **LEIA NO PLANO**
kindle Unlimited



Eles lutaram muito contra seus sentimentos.
Contra seus passados marcados por falta de afeto e tortura.
Contra as escolhas ruins que tomaram e de seus pais.
E lutaram bravamente contra um inimigo incomum.
Quando puderam “respirar” de novo, se perguntaram se os dias que viriam seriam tranquilos ou tumultuados?!

Se os outros inimigos estão bem atentos para perceberem que o casamento deles não fora como todos os outros da *Famiglia*, por estratégia. Pois era visível para os próximos, que eles se amavam.

A pergunta era: *Eles vão precisar esconder a verdade para poderem manter os inimigos longe ou revelarão ao mundo que o que sentem os tornam ainda mais perigosos?*

Com cenas fofas, passagens de tempo e outros personagens dando seu ar da graça.





Paolo Dal Moli nasceu para ser grande. Um homem importante e estar à margem de uma das organizações criminosas mais temida e conhecida da máfia italo-americana. Ele sempre soube que teria que ser tão cruel quanto seu *Capo* para ser seu conselheiro. Sabia que teria que se comprometer perante a *Famiglia* e suas regras.

Seu primeiro casamento foi tático, planejado para se estabelecer em um mundo regado de tradições. Era apenas para ter uma esposa, dividir sua cama e ter um herdeiro algum dia. Mas Mia foi a esposa perfeita para ele. O entendia como ninguém, apesar da grande frustração em engravidar. No entanto, os acontecimentos se tornaram sombrios novamente por conta da guerra com a máfia rival russa, a *Bratva*.

Recém-viúvo, revoltado e com um bebê recém-nascido, ele precisa novamente arrumar uma companheira e uma mãe para a sua filha e para estar na sua cama.

Nina Gatti cresceu ciente de que seria dada em casamento por funções táticas. Filha do subchefe de Seattle, ela era a moeda de troca quando seu pai precisasse ou o chefe dele. Então ela não foi pega de surpresa ao saber do noivado. Não até descobrir quem era seu noivo. Um homem quase o dobro da sua idade e que, em sua futura casa, já teria uma grande responsabilidade esperando por ela. A pequena e órfã Sophia.

As vidas de Paolo e Nina se colidem e o destino dos dois está traçado. Ele quer apenas cumprir com seu dever, mas Nina quer mais para a sua vida.





amazon **LEIA NO PLANO**
kindle Unlimited

Paolo Dal Moli é o homem que serve ao temido *Capo* da Lawless, a máfia detentora do maior território americano, e por sua vez, é tão temido e poderoso quanto.

Há um tempo ele perdera sua primeira esposa, e com isso teve que se casar de novo, com a noiva arranjada para ele, dezessete anos mais nova. Pois sua filha de apenas oito meses precisava de uma mãe e ele como um homem poderoso e zeloso ao seu sobrenome, precisava de uma nova esposa para dividir a vida, a cama e lhe dar um novo filho, talvez o tal herdeiro desejado de todo homem da máfia.

Nina Dal Moli entrou em seu casamento sabendo da sua enorme responsabilidade, lidar com a filha do seu marido, porém ela não esperava encontrar um homem quebrado que realmente amava sua falecida esposa, mesmo o amor sendo quase uma fantasia na máfia.

No primeiro livro nós temos o casamento, o descobrimento e o nascimento dos sentimentos que um nutre pelo outro. Agora temos as perguntas “em aberto” resolvidas e um pouco de ação.

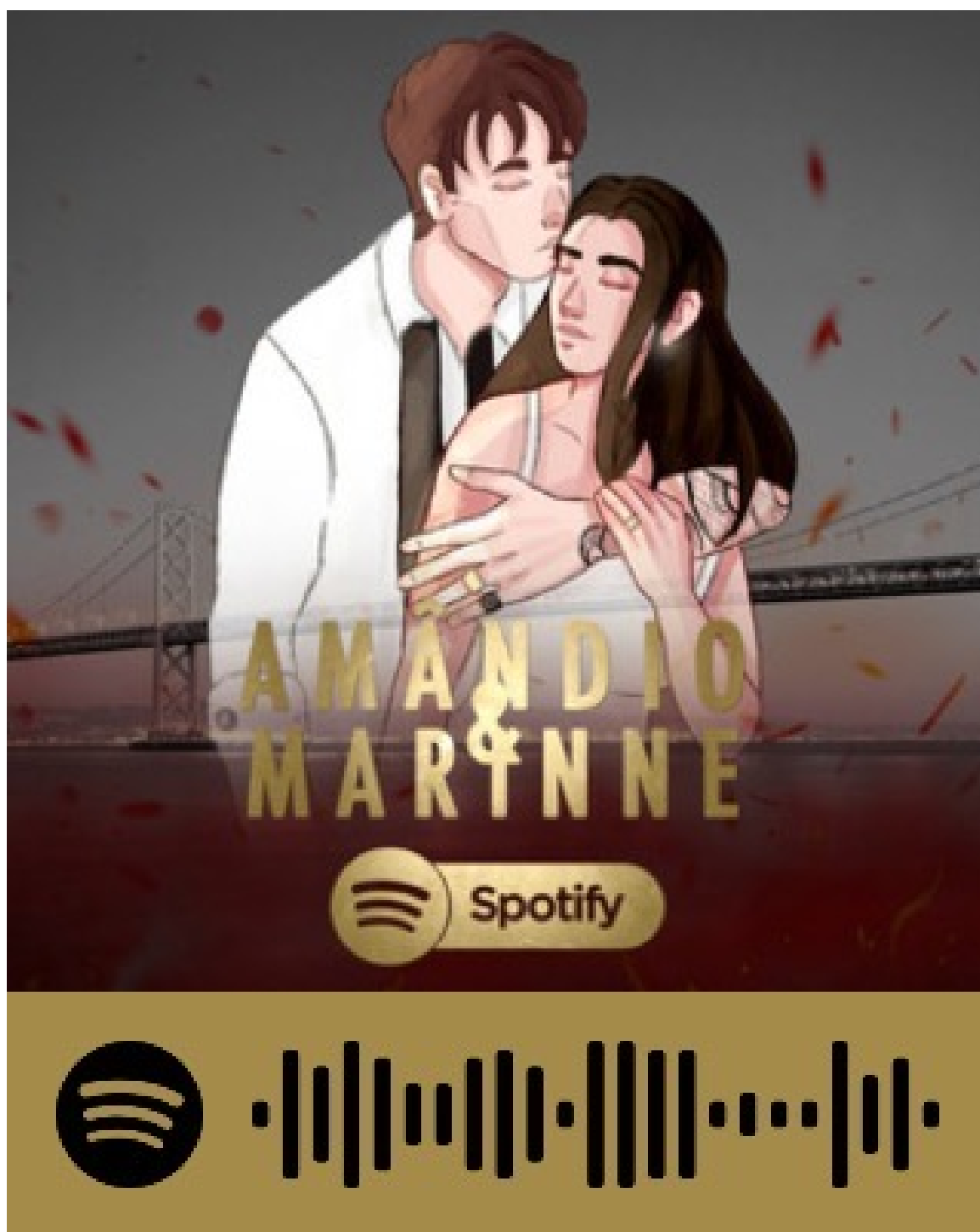
Casamentos arranjados geralmente criam laços de sangue e respeito, mas neste temos o amor e a devoção. Além, a obsessão de um homem que não deixará nunca mais perder o jogo.



Neste livro entraremos na Máfia de Nova York.

mafia
DARKNESS
NEW YORK

Curta a *playlist* que fiz no *Spotify* para me ajudar a escrever o livro.



Para minha TRIBO e minhas MUSAS!
Obrigadaaa por tudo.

“

*Eu sinto minha temperatura subir
Me socorra, eu estou flamejando
Eu devo estar com 109 (graus)
Queimando, queimando, queimando
E nada pode me refrescar
Eu devo virar fumaça, mas eu me sinto bem
Seus beijos me elevam mais alto como uma doce canção de um coral
Você ilumina meu céu de manhã com amor ardente.*

Burning Love – Elvis Presley

Prólogo



*Eu estive calmo, não comece um problema comigo
Tentar permanecer na paz é uma luta para mim
Não se levante às 6 da manhã para me abraçar
Você sabe como eu gosto quando você me ama
Eu não quero morrer para que eles sintam a minha falta
Acho que vejo as coisas que eles desejam para mim
Espero ter alguns irmãos que sobrevivam mais que eu
Eles contarão a história, a merda foi diferente comigo
Plano de Deus, plano de Deus*

God's Plan  **Drake**

De longe, eu observo seu movimento tão rápido e imprevisível, que nem mesmo eu conseguiria me preparar para prevenir, talvez segurá-la antes de nos expor para os outros. Caralho, nós estamos basicamente em público e ela levanta a merda de uma arma na cara da filha do anfitrião da festa.

Nada é feito. Nem mesmo Amândio ao lado dela conseguiu parar quando voou até a mulher, embora agora ele segure seu braço com a mão cheia. Marinne nem pisca enquanto – ainda tem – a arma em riste para Ellen Richardson.

— É melhor você ter desejado morrer antes de fazer isso — Marinne murmura surpreendendo a todos, inclusive seu segurança.

Donato olha para mim e balança a cabeça. Está sem saber o que fazer, afinal Amândio está presente, ao lado dela, com as mãos nela e pode impedi-la com facilidade, mas não faz. Ninguém se mexe esperando-o tomar uma decisão.

Que porra está acontecendo com ele?

Vejo meu chefe falar no ouvido da esposa alguma coisa, que é refletido raivosamente nos olhos azuis dela para cima da mulher ainda. Ela não desviou sua atenção uma única vez. Um segundo sequer.

— Eu disse para você não tocar no que não é seu.

— Marinne — Amândio a alerta em voz baixa e envolve sua cintura pela frente do seu corpo.

Ela não se mexe, apenas seus olhos desviam para o silenciador da arma e eu consigo ver seu pensamento antes mesmo de ela apertar o gatilho e acertar o ombro da mulher com uma mira limpa e certa.

— PORRA! — A mulher berra estirada no chão.

Amândio finalmente perde a calma, e agarra a esposa e a leva para longe do jardim. Por sorte estávamos sozinhos e o som do tiro não atravessou a música.

Ele fala alguma coisa no ouvido dela enquanto saímos do museu e oferece um lenço para ela limpar o sangue que respingou no seu rosto antes de chegarmos do lado de fora aonde tem paparazzo. Merda.

Marinne ainda está segurando a arma, por dentro do paletó de Amândio, que não se importa nem um pouco. A verdade é que ele permitiu o que ela fez e posso arriscar que ficou orgulhoso. Foi um belo *show*.

Deixando que ela passe na sua frente, estamos no estacionamento e logo os dois entram no carro. Indo atrás deles, eu entro e me sento no banco do carona assim que Donato se acomoda na direção e liga o veículo. Tento entender o que aconteceu. Eu nunca, em todos os anos que estive ao lado de Amândio, presenciei um momento em que ele não estivesse no controle de tudo em sua volta. Ele nunca foi pego de surpresa e nunca ninguém conseguiu tirar uma arma dele, a não ser que ele quisesse ou desse permissão.

A viagem é rápida e, quando chegamos no prédio, os soldados que cuidam da garagem, se preparam e espero eles.

Amândio deixa a esposa sair na frente dizendo alguma coisa no seu ouvido, novamente. Ele faz muito isso. Nunca o vi querendo tanto manter *sigilo* sobre as coisas, mas com sua esposa, ele se fechou.

Eu nunca imaginei que ele teria uma cumplicidade tão grande com alguém, porque nem comigo e seu irmão ele foi assim. Por mais que eu seja seu braço direito e ele confia em mim — obviamente que nenhum homem da *Darkness* confia inteiramente em outro —, nós sabemos que sozinho fica muito mais difícil. Ele confia no meu trabalho, no entanto com sua esposa é como se seu limite rompesse. Eu protejo-a, às vezes, porque sou bom em

matar e jurei proteger os interesses e a vida de Amândio. Ela é sua extensão, eu entendi isso hoje como nunca antes.

Estamos a sós quando vou até ele.

— O que você quer que eu faça com Ellen?

— Não é preciso fazer nada. O que está feito, está feito.

— Sua esposa deu um tiro nela. Não creio que ficará esquecido o assunto com Jeremy.

— Tome uma atitude se o pai dela fizer alguma coisa.

— Você concorda com o que aconteceu?

Amândio respira fundo e seus olhos têm um claro sinal de alerta.

— Acho que eu faria o mesmo e Ellen procurou o que recebeu.

— Você permitiu Marinne fazer isso.

— O que você quer dizer com isso?

O ar perigoso em sua voz diz para eu parar. Baixo minha cabeça e continuo:

— Não quero te desrespeitar, Amândio, mas ela tirou uma arma de você e acertou uma mulher num evento público. E sem demonstrar nenhum respeito.

Ele olha nos meus olhos antes de dizer com brandura.

— Aquela arma é dela.

Seja o que for com eles dois, Amândio e Marinne sabem o que fazem, se completam. Eles podem acabar com tudo e eu tenho receio de quem se atrever a estar no caminho. Amândio era um perigo, depois *dela*, ele se tornou fatal.



A handwritten signature in a cursive script, reading 'Amândio'. The letters are fluid and connected, with a prominent 'A' and a long, sweeping tail on the 'o'.

Com um olhar firme, dou a ordem para Matteo e Leon – meu irmão quis vir junto hoje – dispensar os dois funcionários do restaurante tailandês que acabamos de entrar. Os garçons já estavam assustados o suficiente para saírem correndo, mas gosto de impor minha presença da forma *incisiva* e nada melhor do que meu braço direito para fazer as *honras*. E meu irmão não decepcionou.

O responsável pelo restaurante está recebendo minha presença hoje porque não acertou o pagamento do mês com a *Darkness*.

Torço a cara com nojo vendo como esse lugar é uma espelunca, mesmo que esteja à altura do Brooklyn, onde exercemos domínio em boa parte do bairro, principalmente nos restaurantes e bares. Vigiamos as drogas e os malditos motoqueiros e baderneiros que rondam por aqui fazendo merda, como roubos e querendo contrabandear suas drogas ruins.

Caminho entre as mesas de madeira velha, algumas com partes quebradas, e pego um cigarro e acendo. Não sei por que sou obrigado a explicar a esses imbecis o básico. Fico puto da vida a ponto de precisar fumar.

Eu não suporto essa merda de cigarro e nada que vicie. Não sou um homem que algo me controla, muito menos um vício de merda. O único que tem o poder de controle, sou eu às pessoas. Fui criado para resistir até mesmo às minhas vontades e muitas vezes não quero fazer certas coisas e, mesmo assim, faço porque é meu dever e honra. Preciso sempre me lembrar de que não posso me dobrar a caprichos, muito menos a vícios.

Chego na porta do escritório, que conheço muito bem porque parece que todo mês eu preciso fazer a cobrança pessoalmente.

Minha presença para a cobrança da *Famiglia*, é apenas no último caso.

— Amândio — Mali Kanda levanta-se da cadeira arregalando os olhos, pois o medo cobre todo o seu rosto.

— Estou começando a pensar que você está apaixonado por mim, porque todo mês quer me ver. — Entrando na sua sala, deixo o soldado que interceptou minha chegada fechar a porta.

O tailandês miserável me olha como se eu estivesse no lugar errado ou ele estivesse certo. Puta que pariu!

Eles querem nossa proteção, permissão para trabalhar quando abrem um estabelecimento em nosso território e não querem pagar quando chega o vencimento. Meu pai não gosta de ter esse trabalho – aliás, nenhum trabalho que seja diferente de estar sentado na sua cadeira acolchoada no escritório – então manda eu fazer as cobranças. Desde os meus dezessete anos faço o trabalho de “tesoureiro” da *Famiglia*.

É uma piada de mau gosto me chamarem de *tesoureiro*. Uma piada interna entre os soldados porque logo no início, creio que na terceira cobrança que fiz, na semana do Natal, meu pai mandou eu fazer as cobranças e um dos *Afiados* da *Famiglia* alegou não ter o *nosso* dinheiro. Se ele não tivesse testado minha paciência, eu teria deixado passar e dar mais uns dois dias, mas ele começou a gritar e tentou me acertar com um taco de *baseball*. Quando vi, peguei uma tesoura de cortar aves, suja de gordura dos cortes feitos anteriormente naquele dia, e enfiei na cabeça dele.

Foi uma cena horrenda. Ficou sangue com gordura para todos os lados na padaria. Nos perus assando, no chão, no balcão e no meu terno novo, que tinha acabado de pegar à força de outro devedor. Era um *Armani* e foi como forma de seu pagamento, fora o dedo mindinho. E o terno ficou em um estado deplorável. Joguei na primeira lata de lixo. Realmente não peguei porque gostei, ou como se não pudesse comprar a merda de um *Armani*. Apenas quis impor algo na cabeça daquele chinesinho vagabundo.

Meu pai fez eu dar fim na padaria. Fingindo que teve um vazamento de gás. Foi tudo para os ares no dia seguinte e Matteo se encarregou de matar os dois filhos e a esposa velha. Eu não gosto de chegar perto das mulheres e crianças. Não é o meu forte julgá-los e nem anseio fazer. Meu pai sabe e por isso tenta de todos os jeitos tirar essa “fraqueza” de mim.

Foda-se ele e sua psicopatia em castigar os inocentes.

Hoje, acordei um pouco irritado. Ainda estou com dor de cabeça pela noite de anteontem quando explodimos um laboratório da *Blood Hands* – território de Chicago, que também pertence ao meu avô paterno, que é o *Boss* da *'Ndrangheta*, na Itália.

Meu pai está traçando uma guerra contra a *Blood Hands* há tempos. Os odiamos muito mais do que a *Lawless* – a *Famiglia* de Las Vegas – e eu fui com prazer visitar alguns soldados do meu – para todos os efeitos – tio Vitorio Malvez, mesmo que gere uma conversa impaciente e acalorada com meu avô.

Meu avô, Cassio D'Ângelo, é o chefe maior, o *Boss* da *'Ndrangheta* assumindo sua herança. Nos Estados Unidos, ela é representada pela *Blood Hands*, comandada por Vitorio Malvez, que se casou com minha tia. Nunca a vi nos meus dezenove anos. E meu pai, Giovanni D'Ângelo, ao se casar com a filha do antigo *Capo* da *Darkness*, tomou o seu posto quando meu avô materno morreu. Assim, para o desespero das outras *Famiglie*, meu avô tem o domínio da *Famiglia* mais brutal da Itália, a *'Ndrangheta*; e na América, a *Famiglia* mais cobiçada por estar no meio do país, a *Blood Hands*; e a mais temida e oficialmente representando a origem de tudo, a *Cosa Nostra*, a *Darkness*.

Numa explicação clara, cada *Famiglia* nos Estados Unidos representa oficialmente uma das quatro principais da Itália, que, entre os anos 90 e na “ressureição da máfia” (após vários *Capos* serem presos e delatados outros chefes), migraram para os Estados Unidos, e outros países também como o Canadá.

A *Cosa Nostra* é representada pela *Darkness*. *Camorra* pela *Lawless*. *'Ndrangheta* pela *Blood Hands*. *Sacra Corona Unita* pela *Diabolos* – que anda de mal a pior. Todos estão de olho no território dela, inclusive o *Cartel* dos mexicanos e a *Bratva*. A *Yakuza* de mansinho já tomou boa parte de Orlando. Se a *Diabolos* cair, francamente, não surgirá um grande efeito na Itália, mas, para nós aqui, teremos mais territórios e é uma chance de finalmente o conflito entre a *Lawless*, a maior de todas, explodir de uma vez. Seria ótimo alguém diminuir o poder dos Lozartan.

Respirando fundo, abafando a dor de cabeça e o zumbido nos ouvidos, e foco nos problemas que preciso resolver, já que meu pai se importa mais com o dinheiro do que com a honra. Ele é um babaca e meu avô tem toda razão por não confiar nele. No entanto, o fato de Giovanni D'Ângelo ser um psicopata é apenas uma fração do seu caráter ruim.

Estalando os dedos, espero Alfredo pegar Mali e colocá-lo sentado na cadeira na minha frente.

— Eu vou pagar. Eu juro. — Ele esperneia.

Pego uma cadeira, faço-a girar e sento-me de perna aberta de frente para ele. Encarando-o fixamente, enfio o cigarro aceso na perna direita dele.

— Porra, seu...

— Veja bem o que você vai deixar sair da sua boca fedorenta! — vocifero me levantando. Minha cadeira vai para o canto com força e apoio minha mão no encosto da cadeira onde ele está preso pelas mãos de Alfredo. Olhando-o nos olhos digo: — Cadê meu dinheiro?

— Eu não tenho agora.

— Cadê a merda do meu dinheiro?

— Eu... eu...

Franzo a testa e respiro fundo pelo nariz sem esboçar uma reação de que estou a ponto de furar o crânio dele com a caneta dourada em cima da sua mesa de madeira mofada e descascando. Puta merda! Esse lugar é um lixo. Se eu ateasse fogo seria um bem para ele e os clientes.

— Eu devo estar com problema auditivo.

Minha mão vai para dentro do paletó, pegando minha *Taurus* com o silenciador, e ele berra:

— Não. Não. Não. Por favor, eu não tenho dinheiro hoje!

Encosto o cano da pistola no joelho dele sem dizer nem uma palavra.

— Por favor, Amândio. Eu sempre pago no dia do vencimento, mas hoje não tenho.

— O que você espera que eu faça? Por acaso, eu tenho cara de ser seu cafetão para te dar dinheiro?

— Não estou p-pedindo para me... me dar. Só preciso de tempo para conseguir o dinheiro.

— Acha mesmo que eu vou acreditar nisso? — Pressiono com mais força o cano no joelho dele. — Sabe quantos falam a mesma merda para mim todos os dias?

— Eu... eu... acho que é uma questão de... — Ele pausa procurando as palavras certas porque sabe que não é qualquer um que está na frente dele. — Você sempre me dá um voto de confiança... de pagar no vencimento e-e-e... eu cumpro o prazo.

Contrariado, me afasto e estico uma mão. Logo a cadeira do chão está pronta para eu me sentar, e eu faço. Ainda estou segurando a arma, mas agora

mirando nas bolas dele.

— Dessa vez eu não tenho o dinheiro, nenhum para falar a verdade. Tive alguns problemas na cozinha que precisei fazer o reparo urgente, então o dinheiro que eu tinha para pagar você, usei-o em dois dias. Agora eu não tenho o seu dinheiro e o que restou é para finalizar a obra ainda. E se eu te der... não vou ter mais nem um dia e aí sim, você vai me matar porque eu não vou ter a grana, não só esse mês, mas nos outros meses também. Eu preciso dela para ajeitar o restaurante e te pagar.

Cerro os olhos, segurando minha arma pendurada pelo braço da cadeira.

— Você quer que eu acredite? — indago encarando-o nos olhos.

— Eu não quero que você acredite, pode ver com seus próprios olhos e eu só quero mais uma semana. Sei que consigo o dinheiro em uma semana, nem que eu pegue emprestado com outra pessoa para pagar você.

Faço uma pausa, me retraindo.

— O seu jeito de pagar uma dívida é bem diferente — ironizo. — Você vai fazer outra dívida, com outra pessoa, para pagar a *Darkness*, é assim que você pensa?

— Eu não tenho outra saída. Eu preciso ajeitar o restaurante para poder fazer dinheiro para pagar vocês, os funcionários e tudo mais. Infelizmente, isso aconteceu e eu sempre pago no vencimento, mas dessa vez aconteceu esse problema.

Geralmente eu não analiso pelo lado piedoso, mas como um *tesoureiro* inteligente e entrando no jogo, vou propor algo que ele nunca mais vai deixar de juntar a merda do meu dinheiro como segurança. Não é preciso uma crise para juntar dinheiro. Isso se pensa antes, caralho. Esse verme vai aprender a ter reservas como qualquer ser humano capacitado consegue. Nem que seja num cofre lotado de moedas de um dólar, ele vai ter reservas.

Levanto-me, enfio uma das mãos no bolso e com a outra continuo segurando minha arma.

— Vou te dar mais quinze dias e acho que é até além do tempo que você está me pedindo.

Seus olhos crescem refletindo ansiedade.

— Porém, você vai me dar cinquenta por cento a mais.

— Está querendo juro de cinquenta por cento pela multa de atraso? — indaga com a voz travada. Apavorada, seria melhor classificá-la.

— É isso ou eu corto a sua mão fora. O que você prefere?

Coloca-se de pé rapidamente e diz afoito:

— Eu pago. Eu pago. E nunca mais vou fazer vocês esperarem o dinheiro de vocês.

Chego perto dele, coloco a mão no seu ombro, meus olhos ficam muito próximos dos seus e paro, sentindo um bafo fedorento de cigarro misturado com cerveja.

— Vou te ensinar uma lei sagrada na minha *Famiglia*. Nunca diga *nunca*. Você não pode garantir que não vai fazer algo *nunca mais*. Então, é bom que você apenas conte com sua palavra e a honre no prazo.

Ele assente repetidas vezes.

— Eu vou fazer e obrigado de verdade por isso.

Me afasto botando minha arma de volta dentro do paletó, no encaixe lateral do coldre.

— É um favor. — Faço uma pausa. — Você sabe disso — digo intimidando-o.

Ele olha para mim e engole em seco. Nós trabalhamos há mais de cinco anos e ele sabe que, quando se deve um favor a *Darkness*, vale muito mais do que dinheiro. Esses dias a mais que estou dando, vai ser cobrado não apenas com dinheiro.

— Agora vamos assinar o contrato.

— Contrato? — Mali tem seus olhos arregalados.

Faço um meneio com a cabeça e Matteo pega com força a mão de Mali, coloca em cima da mesa com os dedos esticados e eu arranco minha faca com um encaixe de dedo na ponta, faço dar um giro rápido e enfio no dedo mindinho dele.

— Porra! — Mali grita pela dor e puxa a mão, agarrando e enrolando na blusa que está vestindo o dedo sangrento. — Por quê? Eu... disse que vou pa-pagar.

— Todo acordo tem um contrato e é preciso assinar — respondo-o limpando minha faca no paninho que Matteo me ofereceu.

Ele baixa a cabeça, nitidamente sentindo dor. Dou-lhe as costas, seguindo para fora, o escutando reclamar, mas logo o som acaba, pois, provavelmente, colocaram ele para “dormir”.

— O que vamos fazer agora? — Matteo pergunta quando estou guardando minha faca no bolso esquerdo interno do paletó.

— Tenho algumas coisas para fazer e depois preciso ver meu pai. — Entro no carro e espero Matteo fazer o mesmo. Eu vou dirigindo porque

gosto de estar no controle de tudo. Deixo dirigirem para mim quando é necessário para o tempo e a agilidade. — Ele foi para Las Vegas — continuo quando meu braço direito está ao meu lado e dou vida ao motor.

— Estou sabendo. — Nada escapa de mim. Pago muito bem meus informantes, melhor que meu pai faz.

Assinto pensativo olhando para a frente.

— Ele foi para lá e eu quero saber o que ele conseguiu com os Lozartan.



Saindo do meu *Porsche* preto cromado, no pátio da casa do meu pai, fecho meu paletó, deixando o sobretudo aberto. Nova York está frio para caralho nesse começo de inverno. E fora que são duas da manhã e estou esgotado. Queria apenas ir para a minha casa e não ver a cara do meu pai, mas aprendi que preciso dar atenção a quem eu odeio e deixá-los acreditar que são maiores que eu. A lei do poder é dar ao inimigo o que ele não espera de você, inclusive sua companhia para saber como eles são.

Devoção e atenção é o que dou ao meu pai, embora o respeito eu deixo para o meu avô. O único homem que me curvo desde que me entendo por gente é Cassio D'Ângelo.

Uma imagem de uma mulher gostosa me chupando seria muito bom para finalizar essa noite, e não estar pisando no chão de mármore e abrindo as portas de madeira maciça da casa *dele*.

Dou de cara com a riqueza em forma de mansão. Todas as luzes da casa estão ligadas. Pelo amplo lobby, e a primeira sala e as escadas de mármore, que dão para o segundo andar, não encontro uma alma viva. Caminho a passos largos e calmos.

Essa casa é um palácio de mármore, ouro e madeira da melhor qualidade. Meu pai enterrou uns bons milhões de dólares aqui para sumir com alguns advogados e juízes que queriam saber sobre nossa real fortuna após um burburinho sobre sermos mafiosos. Alguns morreram por nos chamarem assim.

E o que meu pai fez foi despistar e jogar na cara da polícia de Nova York que nós temos dinheiro para ter uma boa vida. O que não deixa de ser verdade, mas ele não precisava trazer cada matéria-prima para reformar a mansão, de cada canto do mundo: mármore da África, tecidos da Índia, madeira do Brasil e outros locais.

Viro-me para o caminho do seu escritório e sou surpreendido por minha irmã mais nova, Bella. Os cabelos quase loiros como os da mãe dela, estão numa trança bagunçada e os olhos verdes claros me fitam com entusiasmo.

— O que está fazendo acordada a essa hora?

Ela caminha até a mim sorrindo e retribuo seu abraço rápido, passando meu braço sobre seus ombros. Se afastando, ela me encara com seus olhos verdes. Os olhos da sua mãe também.

— Vim na cozinha beber água. E você, o que está fazendo?

— Eu estava trabalhando — respondo e bagunço seu cabelo fazendo a franjinha que está no seu olho sacudir. — Volte a dormir.

Ela assente dando um passo para trás.

— Estou indo e o papai quer falar com você — avisa penteando a franja colocando no lugar de volta.

— Sobe logo para o seu quarto.

— Ele estava numa reunião — continua falando como se não me ouvisse.

Ela e Lianne são as únicas que permito essa insubordinação comigo.

— Numa reunião? — Franzo a testa antes de olhar para ela.

— Sim, ele não estava em casa. Chegou hoje mais ou menos na hora do almoço.

— Onde é que ele está agora? — Continuo dando corda para ela porque Bella fala demais.

— Eu não sei, mas ouvi dizer que ele foi para Las Vegas ontem.

Merda. Ela é um perigo. Sabe de tudo.

— Como você sabe dessa porra? De novo está ouvindo atrás da porta?

— E emendo: — Nós já conversamos sobre isso, Bella. Se o pai souber que você anda ouvindo os assuntos dele, vai acabar te batendo.

— Desculpe — murmura, com os ombros caindo. — É... é que...

— Não gagueja, Bella. Fala de uma vez e olha nos meus olhos.

Ela respira fundo e fala decidida:

— É que assim é o único jeito de saber sobre você. Se está tudo bem. — Dá de ombros desculpando-se. — Ninguém me conta nada. Leon não me responde também, mas, pelo menos, eu o vejo, já que mora aqui ainda.

— Não é o momento de você saber as coisas. Seja boazinha e sobe agora para o seu quarto. — Tento suavizar a ordem. — Eu não quero que ele te veja aqui.

Bella abre um sorrisinho antes de se virar e correr para longe. Sinto a carranca se formando no rosto por ela sempre correr ao invés de andar. Merda. Cansei de pedir para ela ou Lianne pararem de correr por aí. Não sou um babaca que não entende que elas têm oito e dez anos, mas fico muito puto por correrem esse perigo sem necessidade. Ser o irmão mais velho da família me traz cobranças.

Se eu fosse tão frio, não daria atenção aos meus irmãos pequenos quando passo por aqui. Nenhum dos meus irmãos são muito chegados a mim, mas eu não gosto quando nosso pai bate neles. Meu pai é um babaca. Batia em minha mãe quando estava viva até ela morrer, depois na segunda esposa e agora na terceira esposa. Nisso os filhos também sofreram na sua mão. Por conta do seu temperamento escroto que sempre precisa descontar covardemente na família. Ele deveria nos proteger, no entanto não têm *colhões* como meu avô, que é um homem firme e não carrasco com o seu *Clã*.

Finalmente abro a merda da porta do seu escritório e o encontro fumando seu charuto, sentado na poltrona do canto com a perna dobrada e assistindo televisão, a mão apoiada na barriga saliente de macarrão e bebidas.

Ele nunca está relaxado de verdade. Não sei se é uma boa visão vê-lo dessa forma, porque sempre é um prelúdio de algo ruim, para mim, pelo menos. Meu pai tem um sarcasmo filho da puta na hora de castigar. Seja quem for.

— Até que enfim você chegou — comenta olhando para mim por cima do copo do uísque com seu sorriso dissimulado. — Pensei que não viria.

— É claro que viria. Sempre venho quando chama. — Enfio as mãos nos bolsos. — O que o senhor deseja? — Mantenho minha voz baixa, e a cabeça também.

Obviamente meu lado assassino de querer sempre matá-lo é silenciado. Foda-se que ele é meu pai. É um escroto babaca que me torturou demais quando era pequeno e matou minha mãe quando pareceu que ela não

servia mais. Honestamente, ele a matou durante anos com suas pancadas e sua presença.

Ele só queria ser o *Capo* da *Darkness*. Um chefe ganancioso, apesar de ter algumas similaridades com meu avô Cassio. Acredito que ele puxou o lado podre da família, talvez o lado do pai da minha avó. O lado horrível do sangue da *Camorra*.

— Eu estive em Las Vegas. — Ele está sendo invasivo de propósito.

Sabe quando sentimos cheiro de chuva sem estar chovendo e então vem é uma puta tempestade? Eu estou sentindo cheiro de tsunami, caralho.

— Você não me disse que iria viajar ontem. — Entro na *onda* dele.

— Foi uma reunião de emergência.

— E o que você foi fazer em Las Vegas? Por acaso foi tentar matar aquele filho da puta do Lozartan?

— Vincenzo já está morto — diz com prazer.

— Estou falando do filho da puta do Lozartan Junior — cuspo o sarcasmo. — Eu sei que Vincenzo morreu há quase um ano.

Travis Lozartan é o chefe da *Famiglia* da *Lawless* um pouco mais de um ano e, embora não o conheça pessoalmente, o odeio. Não há um homem sem ser meu avô que não odeio. E a arrogância desse Travis faz dele um filho da puta de merda. Ele é o nosso inimigo mesmo que façamos parte de uma mesma tradição. A máfia siciliana, de onde tudo começou. Algumas coisas nunca vão deixar de ser como são. Desconfiança e querer sempre o maior domínio acima da vida e sob a morte.

O poder é o que nos faz ser quem somos.

A inteligência é o que nos afasta de sermos animais.

— Agora você está se parecendo comigo — ele comenta e sinto o gosto de sangue quando mordo o canto da boca com muita força.

— O que o senhor foi fazer lá? — Detesto me repetir, mas aqui estou eu fazendo isso para ele.

Papai respira fundo e se levanta, virando o copo inteiro, juntamente ficando de frente para mim.

— Como você já sabia, nós tínhamos aquele acordo de que a filha do meu *Consigliere* iria se casar com Travis Lozartan. Esse era o acordo que tinha feito com o velho e porco Vincenzo para uma *aliança* entre nós.

Resmungo sentando-me no sofá de frente ao que ele estava.

— Eu sei que você estava ansioso por essa aliança. O que para mim é muito simples. — Coloco minha perna sobre a outra, e limpo a poeira

inexistente do meu sapato porque estou pouco me fodendo para os Lozartan.
— A filha de um simples *Consigliere* casando-se com o *Capo* de outra *Famiglia*. Seria uma boa jogada para os negócios e as limitações no território de Travis ficariam abertas, mesmo que nós também tivéssemos que ceder um pouco.

— De fato, eu pensei nisso tudo antes de Travis não querer aceitar se casar com Valentina.

Levanto-me do sofá.

— Ele não quis se casar com ela? — pergunto com a voz um pouco mais áspera, enfiando as mãos nos bolsos e apertando os punhos. Como esse babaca conseguiu me irritar com algo que eu mesmo não via necessidade. — Que se foda. Nós não precisamos de aliança com a *Lawless*. Eles estão fracos com os problemas com os mexicanos e os russos. Os rumores não são bons. Podemos aproveitar e invadir Las Vegas e matar esse filho da puta.

— Você se engana, Amândio. A gente tem que ter os inimigos perto de nós, mesmo que seja para manter a vigilância mais forte.

— Sim, eu sei, mas foi um insulto. Ele não honrou o que o velho Vincenzo tinha *fechado* com você.

Meu pai ri e balança a cabeça dizendo:

— Mais ou menos.

— Como? — Franzo a testa.

— Fizemos um novo acordo.

— O quê? Você foi lá e ficou com essa resposta e está de acordo com uma nova aliança? Ele quer um novo acordo é o caralho.

— Pare de falar. Está igual ao Leon. — Vejo-o caminhar até sua mesa, pegar um charuto no estojo e responder-me enquanto acende essa merda. — Travis falou que não vai aceitar e rondei os assuntos com nosso informante da *Lawless*. Parece que ele arrumou um rabo de saia e está noivo.

— Como assim? Ele vai se casar com uma mulher de *fora*?

— Não. Ela é *uma das nossas*, mas a mãe foi obrigada a se casar com um *Associado*. Um policial *daqui*.

— Ela é uma “mestiça”?

Meu pai faz uma carranca de nojo e concorda com um aceno.

— Sim, mas o importante é que ele concordou com uma união entre nós. Porém, em novos termos.

— Como? — Mordo o canto da boca e cerro o maxilar. A raiva reprimida escorre como veneno dentro das minhas veias.

Com o charuto aceso, ele toma uma tragada e joga fora.

— Antes de dizer, me explica por que o senhor quis ir até lá.

— Ele insistiu em uma reunião presencial.

— E você preferiu ir até lá e não ele vir até nós? Quem está precisando é ele no momento.

— Amândio — fala com o ar de superior como se eu fosse criança. — Eu queria ver como é que estava o ambiente por lá. Como você mesmo disse, Travis está passando por um conflito muito grande. Não está nada bem as coisas para a *Lawless*, mas não tão ruim quanto a *Blood Hands* e a *Diabolos*. Muito provável irmos no enterro de Travis se continuar do jeito que anda a situação em Las Vegas.

O que não adianta em nada se querem enfraquecer a *Lawless*. Enquanto os avós do babaca do Travis forem vivos, ninguém toma Las Vegas. Tentar, todos podem. Conseguir, não por cima de Giulia Caputo e Vincenzo Lozartan.

Vincenzo para todos os efeitos é o *Boss*, o cabeça maior da *Lawless*. Pelas tradições, ele deveria ter sua “aposentadoria” na Itália, mas como a *Lawless* é herança da *Cosa Nostra* – que tem seu *Boss* vivo e cunhado odiado – e comandando os movimentos de Nova York, além do meu avô, na Sicília. E a *Camorra* tem ligação direta com Giulia Caputo, o pai dela foi o último chefe maior e todo o seu *Clã* ainda tem muito peso na *Camorra*, embora não teve filho homem para manter o sobrenome.

Então Vincenzo se tornou um *Boss* interino. Ele repassa a situação para as duas *Famiglie* na Itália e é bom em não permitir nada ruir a *Famiglia* com maior território nos Estados Unidos, embora a *Darkness* seja a mais forte.

Deve ser foda para o Travis responder por *trás* de três *Boss* e temos algo em comum, além do óbvio: nosso avô como sombra.

— Se está tão ruim para ele, por que insistir numa aliança?

— Querer que ele morra não garante sua morte e, sendo honesto — apaga o charuto e deixa no cinerário —, ele não é fácil de ser pego. Prefiro ter uma aliança temporária com Travis do que uma rivalidade.

Volto a me sentar porque parece que a conversa vai ser longa. Me acomodo, deixando as pernas abertas e apoiando os braços esticados no encosto do sofá. Preciso me esticar depois de quebrar alguns ossos e cortar uns dedos hoje.

— E o que você resolveu com ele?

— Que iremos parecer aliados à sua guerra com a *Bratva* no momento.

— Já não é o suficiente a nossa em Nova York?

Meu pai pega mais bebida, me oferece silenciosamente, porém nego, e depois vem se sentar na poltrona.

— Precisávamos de uma moeda de troca para a nossa aliança. Um acordo com benefícios.

— O que ganhamos?

— Uns bons quilos de maconha e ele estava interceptando alguns produtos vindo do Canadá. Iremos deixar passar, no entanto com pedágio. O final eu não contei para ele e sim você.

— Eu?

— Sim, quando for até lá.

Ele toma um grande gole e mexe na barriga protuberante de tanto comer massa e beber cerveja.

— Nosso acordo de paz vai ser mais forte ainda. — Acaba com a bebida. Deixa o copo na pequena mesa ao seu lado e fica de pé.

Faço o mesmo e ele dá dois passos, fica perto de mim e dá um tapa na minha cara.

— Você vai se casar, meu filho — diz com seu sorriso nojento.

— O quê? — Sinto tanta raiva, que me controlar para não pegar minha arma e dar um tiro na cabeça dele é insuportável. — Que merda foi essa? — Me afasto dele e tiro o sobretudo e o paletó.

— Eu estou falando com você, moleque. Não fale assim comigo ou eu boto a sua cabeça para baixo, dentro daquele balde.

O balde. Esse psicopata filho da puta já me afogou numa caixa d'água de cem litros para me ensinar uma lição. Ele mandou amarrar meus pés, pendurando-me de cabeça para baixo em cima do “balde” e fazia perguntas, e me afogava quando não respondia. Eu sei que é preciso testar nossos limites e aceitei muitos sacrifícios. E esse homem na minha frente, meu líder, duas vezes me “matou”. Fez meu coração parar além do que pode ser reversível. Estudamos anatomia a fundo para aprender a torturar por um longo período antes de matar *de vez*. E ele fez de propósito: *quase* me matou.

— Sente-se — ele ordena e eu obedeço.

Engolindo minha raiva, indago:

— Você disse que eu vou me casar?

— Não gosto de me repetir.

— Sim, senhor — cuspo a palavra para não socar ele. Sim, eu quero socá-lo o tempo todo. — Só preciso que me explique a situação. E não sabia que queria me casar. E vai ser com quem?

Ele enfia as mãos nos bolsos e me responde:

— Você vai se casar com a irmã *dele*. Quer aliança mais forte do que essa? — Ele parece que ganhou na loteria. — Travis a criou como filha.

— Você tem certeza disso?

O olhar maquiavélico do meu pai tem garantia sobre a situação. Me casar está valendo muito para ele. Filho da puta.

— Tenho absoluta — me responde erguendo as sobrancelhas.

Volta a se sentar na poltrona e eu apoio meus cotovelos nos joelhos, o olho por baixo das pálpebras.

— Ele foi um pouco relutante, quase não quis aceitar, mas eu fiz uma oferta e ele aceitou que você se case com ela.

— Então foi sua ideia?

— Sim.

— E você já conversou com o avô sobre isso?

— No caminho para cá.

— E ele aceitou?

— Só para você ficar sabendo, mesmo que ele não aceitasse, quem dá as ordens aqui sou eu, Amândio. Você tem que parar com essa porra de achar que o seu avô manda.

— Ele manda em *nós*. — Pela minha resposta, ganho um soco na cara em cheio. Respiro fundo e sinto o meu supercílio sangrar. Passo as costas da mão limpando e me levanto, me afasto dele para não pegar minha arma no coldre. Meu corpo treme pelo reflexo.

— Ele não manda em mim. Ele comanda o que nós fazemos e dá ideias. E, às vezes, sim, eu respeito o meu pai, mas muitas decisões quem dá aqui sou eu. Ainda não estou morto e você ainda não manda em nada aqui.

O meu interior grita. *Ainda não mando, mas um dia eu vou e espero que sob o seu cadáver, não a sua sombra.* Eu não vou aguentar o meu pai querer se afastar, se “aposentar”, e continuar no meu cangote falando como que preciso ser *Capo*.

Engulo meu orgulho, assim não quebro a honra e mato meu pai.

— Eu não quis dizer que não manda em nada.

— Não me interessa, apenas escute. Você vai se casar com ela e Travis quer que você a conheça antes do casamento.

— Que eu a conheça? Como assim, quantos anos ela tem? Não me diga que é uma criança. — Até seria bom se ela fosse uma criança, mais ou menos a idade de Bella. Porque em sã consciência, pelas nossas tradições, nenhuma mulher se casa antes dos dezoito anos; e se ela tiver uns oito, terei dez anos para ser solteiro e livre, sem uma mulher sob o mesmo teto. Eu não consigo me ver casado. Merda. Eu nunca cobicei o casamento, mesmo sabendo que talvez eu teria que me casar por tática.

— Ela está com quatorze anos hoje.

Caralho. Não tem tanta diferença de idade. Isso é bom, e ruim. Bom porque não vou me sentir um velho e não terei dificuldade – mais uma – em conviver com ela. Eu sou um babaca assassino e cruel. Um matador a sangue frio, mas não sou um molestador de criança. E o ruim, é porque não vou ter tanto tempo até me casar. Quatro anos. Só quatro anos.

— Sei o que está pensando. E sim, ela não é tão jovem. — Cerrando os olhos, ele indaga: — O quanto você estava esperando?

— Dez anos, mas está bom quatro.

— Mais do que bom. Para um casamento arranjado de última hora, parece que foi pensado há anos e alguns vão associar dessa forma.

— Bom para você, eu prevejo.

— Para nós.

— E agora?

Ele senta-se na minha frente em uma das cadeiras acolchoadas ao invés da poltrona.

— Travis quer que você tenha um “relacionamento” com ela antes do casamento.

— Como assim? Ele quer que a gente namore?

— Não exatamente. Ele está preocupado em como ela vai lhe ver.

Franzo a testa sem entender.

— Ele não quer que sejam completos estranhos um para o outro.

— Isso é típico tradicional casamento arranjado. Ele quer algo novo — ironizo.

— Justamente e até que a ideia não foi ruim. Você poderá ir para Las Vegas livremente, quando quiser, mais nas datas festivas, e poderá ver os negócios dele e como Travis pensa.

Ele nunca joga para perder. Sabe mover as cartas com ninguém. Embora eu desconfie que Travis tem o mesmo pensamento fazendo sua irmã se casar e morar em Nova York. Todo o plano não é ruim e eu apenas espero

que a garota não seja uma idiota e feia. Já não tenho saída, não preciso aturar um *dragão* do meu lado ou uma completa imbecil com medo do que fazemos. Elas nasceram na máfia, não têm que ficar receosas, mesmo que exista homens como meu pai. Um homem terrível com seu *Clã*, para as pessoas que ele deveria proteger.

— Pegue esse envelope. — Ele indica um envelope pardo sobre a mesa de centro. — Depois dê uma olhada e veja o que acha.

Ela não pode ser feia se eu comparar com o babaca do Travis. Ele não é tão ruim de se olhar e, se ela tem a genética idêntica do irmão, será tolerável.

— E o noivado?

— Vai acontecer só quando ela tiver quinze anos. Ela faz aniversário em fevereiro. Então, temos aí alguns meses até você se acostumar com a ideia e não fazer essa cara de velório.

Ignoro-o.

— Quinze anos, por mim tudo bem.

— Antes você vai até Las Vegas.

— Fazer o quê?

— Conversar e se apresentar a eles.

— Não vou jogar o jogo dele.

— Você vai sim e vai até lá. Eu quero que apareça por lá, mostre quem é e conheça a menina.

— Você já a viu?

— Não. Travis protege a irmã com uma fortaleza ao redor dela.

Se ele for sábio, não deixará você ver a garota. Babaca, caçador de mocinhas. Acho que ele se casaria com ela, se Travis fosse igual a ele e não um protetor da irmã.

— Quero que você observe o ambiente. Sonde tudo que conseguir e tente pegar mais informações. Travis provavelmente vai querer te *conhecer* melhor, então tente ser aberto e tolerável. Não banque o soldado para cima dele.

— Vou tentar.

— Agora vamos esperar a oportunidade para você aparecer. Ele deve se casar logo, e provavelmente fará um noivado. Como *Capo* e sendo o primeiro casamento, deve fazer um grande evento. Essa é a sua chance.

— Ou o Natal.

— Você tem um senso de humor horrível.

— Você disse primeiro que veríamos Travis no velório dele. — Levanto e pego meu paletó, visto e seguro o sobretudo.

Meu pai se levanta também e pergunta:

— Conseguiu todos os pagamentos?

— Menos um e, dessa vez, eu não matei ninguém — respondo caminhando para a porta, com ele vindo atrás de mim.

— Precisamos parar de perder os *Afiliados*.

— Vou tentar. — Paro do lado de fora do escritório e ele fecha a porta.

— Se você matar um e conseguir dois novos, pode matar quantos quiser.

Meneio a cabeça como resposta e nós andamos até o lobby da casa. Paramos nas escadas e ele sobe o primeiro degrau.

— Você sempre extermina um por mês. Daqui a pouco vai ficar difícil ganhar dinheiro.

— Nós ganhamos muito dinheiro com as drogas, pai, e esses *Afiliados* não dão tanto dinheiro quanto as vendas das armas e drogas. Às vezes, parece que vamos ter uma guerra — comento sarcasticamente.

— Nunca se sabe. — Faz uma pausa e olha para o relógio. — Agora preciso subir e comer minha esposa para dissipar um pouco a irritação que tive hoje em ter que falar com aquele arrogante do Lozartan.

Assentindo, viro minhas costas para ele e saio da casa rápido. Não demoro e estou no meu carro. Antes de dar a partida, a curiosidade me faz abrir o envelope.

Encontro fotos da minha pequena noiva e, quando dou uma boa olhada na garota, me deparo com uma bela jovem. Ela é linda e não parece uma completa idiota desengonçada. Seus olhos azuis, os cabelos castanhos e a pele alva como seu irmão — ela parece muito com ele —, a postura firme e o leve sorriso na foto de família, ela sentada ao lado de Travis, exhibe um ar curioso e sábio. Nas outras fotos, ela está caminhando na rua, com seguranças em volta dela; e outra, com um uniforme. Parece ser comedida e bem-educada. Fiquei bem curioso de conhecê-la pessoalmente depois de ver sua foto.

Mesmo com a franjinha e a cara de criança, algo me diz que vai ficar ainda muito bonita. Contudo, agora ainda é uma criança. *Putá que pariu. Estou torcendo que você não seja comedida demais ou chata e medrosa como a Lianne é. Eu gosto mais do temperamento de Bella.*

— Nós vamos nos encontrar, *princesa* — comento olhando para a sua foto com um vestido de gala azul como seus enormes olhos.

A handwritten signature in black ink, reading 'Marianne'. The script is fluid and cursive, with a large initial 'M' and a long, sweeping tail.

Mal abro a porta do carro e saio correndo. Agradeço a Enzo Colombo – o soldado mais confiável do meu irmão – com um simples aceno de cabeça quando ele abre a porta de casa para mim. Ele me devolve um aceno e seus olhos castanhos escuros iluminam num sorriso escondido. Todos me tratam como uma princesa e é culpa dos meus irmãos.

Dentro de casa, meu coração palpita de alegria quando vejo Madeleine Beluzzo nas escadas. Ela é... a mulher que meu irmão anda namorando secretamente – depois de salvá-la das garras da Bratva, não sei se já foi tudo resolvido. A questão, é que eles estão juntos – escondido até de mim – porque nós não podemos namorar um outro membro da *Famiglia*, a não ser que já tenha sido casado ou é viúvo. São as regras sobre casar virgem e etc.

Eu aprendi a ter muito carinho e respeito por Madeleine nos oito meses que está morando conosco. Ela era tudo que eu precisava. Travis pode ter assumido minha paternidade, mas eu senti falta de ter uma mãe.

Subindo, eu corro para ela, exclamando seu nome e abrindo meus braços:

— Madeleine!

Ela me acolhe em seus braços e beija meus cabelos.

— Oi, querida. Como você está?

Eu estava tão ansiosa para chegar em casa, que me esqueci da *novidade* do dia, mas a verdade é que eu queria ver Made e Travis. Na verdade, ver meus irmãos, mesmo que ver Colen seja um pouco difícil agora. E confesso que com Travis é um outro nível a minha saudade. A minha

necessidade de ter ele comigo por perto é algo que não sei explicar em palavras.

Travis é o pai que eu tenho, sempre tive. Sou grata por ele ter me salvado – “minha mãe” tentou se matar comigo dentro dela ainda –, ter me acolhido e criado. Eu o amo como se fosse o meu pai e o respeito da mesma forma. O honrarei um dia da mesma forma, assim como ele me honrou quando me escolheu.

Vincenzo Lozartan me rejeitou e minha mãe morreu quando eu era um bebê de meses. Ela se jogou de um prédio, afinal Travis impediu suas outras tentativas, cortando os pulsos. Ela queria muito se matar e escolher uma forma que meu irmão, nem ninguém, pudesse reverter.

Travis me assumiu desde o meu primeiro choro como sua responsabilidade. Ele é o meu pai, minha família. Colen e Dario compõe essa família também, mas... Colen é o irmão mais velho que me protege e ri das minhas piadas, o respeito muito também. E Dario é de fato o irmão que eu cresci junto. Nos tivemos quatro anos de diferença – Travis também o criou – e sua companhia quando criança e agora, me fortalece.

— Eu estou bem — respondo a Made, o jeito carinhoso que chamo Madeleine. — Estava com saudade de vocês. Travis está em casa?

— Está, mas ocupado no escritório com seus avós. Ele não foi para o Bellagio hoje. — Na sua voz algo me diz o motivo para ele não ter ido para o Bellagio sem realmente dizer. Eu sou boa em sentir o humor das pessoas.

Será que foi por causa da última *missão* corpo a corpo que ele foi e ficou tão machucado que precisou de um repouso por tempo demais. Foi isso que eu consegui de informações pelo meu segurança.

Céus! Todo dia eu vou dormir pedindo a Deus para que eu tenha meu irmão por muitos anos. Colen não luta muito, fica por Nova York, na sua faculdade. E Dario ainda não mostrou interesse nos negócios da *Famiglia*. Eu não entendo meu irmão mais novo.

Eu sei que todos nós precisamos de minhas orações, e as orações para Dario é diferente. Eu quero que ele fique forte porque, às vezes, parece tão perdido, tão longe. Sinto muita falta dele, até mesmo quando está do meu lado.

Algumas pessoas podem estar tão perto e mesmo assim tão longe da gente.

— Só você para fazê-lo se comprometer em ficar em casa — comento com um sorriso e feliz por ela ter esse controle sobre Travis. Mesmo que ele

tente negar que, além de vovô, alguém mais consegue controlá-lo.

— Sobre isso. Tenho uma coisa para te dizer.

— O que é? — pergunto ansiosa.

— Eu e Travis vamos nos casar. Amanhã ele vai oficializar o pedido. Na verdade... — Ela levanta a sua mão mostrando um anel lindo com um enorme brilhante. É a cara do meu irmão dar algo assim para sua futura esposa.

— Ai, meu Deus! — solto um grito de pura excitação e alegria. — Estou tão feliz. Eu gosto tanto de você e já disse... Você é como a figura materna que nunca tive. — Sinto-me no dever de repetir isso para ela, principalmente agora que realmente vai fazer parte da nossa família, do nosso *Clã*. — Sei que a gente se conhece tem muito pouco tempo e não sabemos muita coisa uma da outra, mas o pouco que já convivi com você aprendi a te amar.

Os olhos de Madeleine ficam marejados e ela me puxa para os seus braços. Mesmo ela não sendo tão alta quanto meu irmão – na verdade Made é pequenininha –, seu abraço tem o mesmo conforto e força de Travis. Me acolhem por inteira.

— Querida — ela fala com o rosto junto ao meu e se afasta com um sorriso —, eu também amo você, Marinne. Amo como se fosse do meu sangue.

Dou um beijo no seu rosto e seguro sua mão puxando para o andar de cima, para o meu quarto.

— Vamos! Eu preciso te contar uma coisa também e quero que seja lá em cima. — Olho para ela de soslaio. — Não quero que ninguém saiba.

Vindo atrás de mim, ela parece curiosa e, ao mesmo tempo, apreensiva. Eu não queria deixá-la assim. Mas, assim que chego no meu quarto, faço-a sentar na cadeira da minha escrivaninha, fecho a porta e me aproximo.

— O que é? Fala logo. Está me deixando nervosa.

— Eu — engulo em seco —, eu fiquei *mocinha*. Fiquei menstruada pela primeira vez e... — sinto meu rosto torcendo de nojo e confusão — isso é horrível.

Madeleine solta a respiração aliviada e surpresa.

— O quê?! — Ela se levanta e vem até a mim, colocando uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha. — Você pediu a alguém para te ajudar na escola?

— Na verdade, não. Eu não soube o que fazer. Estou usando três calcinhas porque fica sujando e... — Faço uma pausa envergonhada por pensar no que fiz só para não recorrer à ajuda de ninguém.

Sei lá, acho que eu preferia alguém da minha família e, se não tivesse Madeleine, provavelmente eu iria correr para a Rosália porque não sei como seria a reação de Travis. Acho que ele ficaria meio desconcertado assim como ficou ao comprar meu primeiro sutiã, quando pedi para ele. Não deveria ter pedido, mas ele é meu porto seguro, então confio nele para tudo. Corro para ele sempre que preciso, desde que eu sou criança. Ele não deveria ficar incomodado por nada que peço. Ele trocou todas as minhas fraldas basicamente, tirando a Rosália e a outra babá que cuidavam de mim.

— Fica escorrendo — continuo falando. — Botei papel higiênico também e três calcinhas. Sabe, eu até tenho noção do que deve ser feito, uma prima minha me falou como foi para ela. — Mesmo eu não pedindo tantos detalhes quando ela disse que a calcinha dela ficou suja uma vez e ela precisou aguentar a aula inteira de ginástica suja. — Mas eu fiquei com vergonha de pedir na escola. As minhas professoras são bem legais e tenho certeza de que todos iam me ajudar, no entanto, eu fui boba e não pedi auxílio.

— Marinne, você estuda em um internato de meninas. Elas iriam te ajudar, querida.

— É! — Dou de ombros como uma desculpa por não ter feito o que todas as meninas provavelmente fizeram no internato. — Eu sei, mas é estranho e preferi falar com você.

Dentro de mim eu tinha a esperança de que ela ainda estava com a gente, aqui em casa, mesmo que eu soubesse antes que ela iria embora logo. Tive medo dela ir essa semana.

E agora Madeleine parece perdida. Ela sorri com carinho segurando minha mão.

— Tudo bem. Eu vou te dar um absorvente, preparar um banho para você e é isso. Se você sentir cólica, fala comigo. Cólica é... uma dor aguda ou não, muito chata. Você entende um pouco como funciona, não é?

Ela está sendo tão paciente. Gosto de imaginar que ela poderia ter tido minha mãe, numa outra vida talvez. Num universo paralelo, a minha mãe não teria se jogado do prédio e morrido, me deixando sozinha. Numa outra vida, o meu pai talvez me amasse ou, pelo menos, me desse atenção. Amor é uma

coisa muito subjetiva no *nosso mundo*, até porque todos pensam que é uma fraqueza.

Eu não sonho muito com o amor, mesmo cobiçando das pessoas que eu mais me importo e sinto uma grande conexão. Amo meus irmãos, meus avôs e agora Madeleine. Cuidar, proteger, honrar e zelar; para mim é amor. E é isso que aprendi desde criança com Travis.

— Sim, eu sei como é que funciona. Aprendi na escola, porém nunca tive orientação. — Rio sem graça. — Travis pode ter sido um pai para mim muito bom, sempre atencioso e cuidando de mim, mas ele não era muito... — pauso torcendo a cara e Madeleine aproveita a deixa me interrompendo:

— Eu sei, já entendi. — Ela dá uma risada balançando a cabeça. — É compreensível os homens serem um pouco avessos nessa parte, por isso que uma mulher é fundamental na criação dos filhos, mais ainda das filhas. Mesmo que alguns homens se esforcem bastante, algumas lacunas apenas uma mulher pode ocupar. Mas está tudo bem. Eu estou aqui agora.

Não sei por que isso me deixa sem jeito e tenho vontade de abraçá-la. Sinto meus olhos marejados.

— É, você está aqui agora. — Dou-lhe um abraço bem forte e sou retribuída. Me afastando, falo olhando em seus olhos: — Obrigada por ficar, espero que você seja muito feliz com meu irmão.

— Eu já sou feliz, querida. — Eu acredito na sua afirmação. — Agora vou preparar seu banho e, se você quiser, pode se trocar.

— Na verdade, se você me der um absorvente, eu vou tirar essas calcinhas sujas e colocá-lo. Não estou suja como parece, não saiu muito. Só coloquei mais de uma calcinha e papel por medo.

— Sim, eu entendo.

— Então, depois eu tomo o banho. Prefiro comer alguma coisa antes. Estou com muita fome.

— Tudo bem, meu amor. Faz o que você preferir. — Ela estica a mão para mim. — Vamos lá no meu quarto, mas antes pegue uma calcinha.

Eu faço o que ela pediu e depois a acompanho até o seu quarto. Espero-a fechar a porta, parada no meio do cômodo.

— Você ainda vai ter um quarto separado do meu irmão depois que se casar?

Madeleine surge ao meu lado com o sorriso simpático dela.

Eu sei que, de vez em quando, eles dormem juntos e fazem alguns barulhos, mas evitam que eu veja ou saiba que eles ficam juntos durante a

noite. Eu não sei o porquê. Não tem nada demais dormir com alguém que a gente ama. Eu dormi muito tempo com Travis. Até meus oito anos, depois ele começou a me colocar na cama para eu me acostumar a dormir sozinha.

— Sim, eu terei um quarto só para mim. Sabe, para colocar todas as minhas coisas. — Dá um sorrisinho e tira uma mecha do meu cabelo da frente do meu rosto. — Mas algumas coisas ficarão no quarto principal, com seu irmão. Nós vamos dividir o quarto — faz uma pausa —, com certeza. Ficaremos juntos como qualquer casal.

Faço um som com a garganta e a vejo entrar no *closet*. Vou atrás e observo enquanto pega algo na gaveta. Virando-se de frente para mim, me entrega um absorvente.

— Você sabe colocar?

— Sei, não tem muito mistério.

Novamente ela ri. Que bom que Madeleine está se divertindo com a situação.

— Okay. Deixarei você sozinha e te encontro lá embaixo na cozinha.

— Não vou demorar. Espera só um pouquinho.

Sorrindo, ela concorda e me guia até o seu banheiro. Pega uma toalha limpa no armário e me entrega.

— Se caso você quiser se lavar no bidê.

Assinto e espero-a sair do banheiro. Faço questão de trancar a porta e rapidamente me limpo e me lavo no bidê, apenas para me sentir limpa. Isso é incômodo e terrível.

— Já não gosto de você, menstruação.

Não demoro nem trinta minutos entre me lavar e trocar, e vestir essa *coisa* na calcinha, é meio estranho, mas acho que vou me acostumar, é fofinho. *Jesus! Será que dá para ver?! Bem, eu estou de saia e quando estiver de calça? Definitivamente, eu detesto meu período.*

Logo que eu me sinto devidamente limpa, lavo minhas mãos e por algum motivo me encaro no espelho. Sinto algo tão estranho. *Alguma coisa vai mudar por eu estar crescendo?! Talvez seja porque agora não vou ser mais uma menininha. Sei que sou adolescente, mas com a menstruação à porta escrito “bem-vinda a idade adulta”, me faz surtar. Sou quase uma mulher, se já menstruei posso até engravidar. Ser mãe. Tudo bem que isso não vai ser agora e sim quando eu for casada.*

E, pelas tradições, tenho que me casar virgem, mostrar os lençóis de sangue de quando eu perder minha virgindade. Credo! Todo mundo vai ver

meu sangue.

E, pelas regras também, irei me casar com alguém que for escolhido para mim, ou eu ser *escolhida para ele*. Não temos a opção de nos apaixonar e conhecer antes. Travis conseguiu isso porque é o *Capo*. Queria ter a sorte dele. Ou o poder dele. Ele quebrou umas três tradições pelo menos para ficar com Madeleine.

Pelo menos sei que, pela minha posição, minha linhagem, não me casarei com alguém inferior a um *Underboss*. No fundo, eu espero me casar com um homem tão poderoso quanto meu irmão e não ficar nas sombras. Eu quero ser a esposa de um *Capo* e poder opinar, assim como Travis me deixa falar sobre negócios às vezes.

Meu estômago ronca e isso é o alarme para eu sair do banheiro e parar de divagar. Falta muito ainda para eu me casar.

Escovando meus cabelos, ajeito minha franjinha e saio do banheiro. Made não está no quarto, a encontro no corredor e ela abre um sorriso para mim. Me abraçando, dá um beijinho no meu rosto.

— Agora vamos comer — digo para espantar o *elefante branco* do corredor.

— Agora vamos comer um pouco e depois você vai ver seu irmão. Seus avós estão aqui.

— Eu sei, você disse — murmuro descendo as escadas. — Nossa, eu nem perguntei sobre eles! Fiquei tão atordoada por você se casar com meu irmão, que nem dei muita atenção sobre isso. O que o vovô e a vovó estão fazendo aqui?

Ela só me responde quando terminamos de descer e parece incomodada.

— É algo que depois precisamos conversar com você.

Quero protestar por ela fazer mistério, e estou prestes a perguntar o que é quando alguém a chama.

— Vou lá ver o que é. Vá para a cozinha. Te encontro já, já — Madeleine fala e sai com Rosália e Luigi – seu guarda-costas – para o jardim da casa.

— Okay — sussurro para ninguém e volto a caminhar para a cozinha. E, quando estou quase entrando na cozinha, penso em ir até o escritório de Travis. Chegando nele, faço o que *faço* de melhor. Minha mania de sempre ficar bem perto da porta.

Colocando meu ouvido na madeira, escuto a voz do meu irmão:

— *O assunto de Colorado vou tratar na sexta-feira. Vou fazer uma visita ao Underboss de Denver. Tenho informações de que Costa está nos traindo.* — Meu irmão fala.

— *Com que interesse?* — Agora é o vovô.

— *Ainda vou descobrir, mas não acho que seja com a Diabolos. Anthony De Basso não está forte no momento para comprar briga conosco. Ele já tem um grande conflito com a Darkness, mesmo entrando em contato com Giovanni para uma aliança. Vocês podem ter odiado minha decisão, mas ficar com Madeleine e concordar com a união do filho mais velho de Giovanni com Marinne foi a melhor situação para nós na guerra de território deles. Deixe que eles briguem entre si enquanto nós crescemos.*

— *Soubemos que você atacou alguns soldados da Hechos. Com que finalidade, Travis?*

Então foi por isso que ele se machucou todo e precisou ficar dormindo por quase uma semana?!

— *Um Capo não pode se dar ao luxo de brigar desenfreadamente quando der vontade.*

— *Eles tiveram o que mereciam. Estavam prestes a atacar um dos cassinos pequenos de Paradise.* — Sinto que Travis está querendo desviar o assunto.

— *Quando você vai falar com Marinne sobre o noivado?*

O QUÊ? Minhas pernas enfraquecem, mas ainda ouço “*O quanto antes. Giovanni e Amândio estão chegando*”, antes de cambalear para trás.

Eu não escuto mais nada. Sinto um bolo na garganta e me afasto, sentindo meu coração explodir dentro do peito. Travis... Ele fez um acordo para eu me casar com alguém. Me casar com o filho do *Capo* da *Darkness*. Eu reconheci o nome. Sou especialista em ouvir atrás da porta e saber de tudo, e claro que sei os nomes dos *Capos* e de alguns *Underboss* – nossos ou não.

Estou em choque, paralisada. Com medo dele me pegar no corredor, respiro fundo tomando forças. Travis vai saber que eu estava ouvindo atrás da porta e brigar comigo mais uma vez.

No automático, noto minhas pernas me levarem para longe. Correndo escada acima chego ao meu quarto, fecho a porta com uma pancada. Eu me tranco aqui dentro como uma metáfora, como se ninguém pudesse me pegar. Deixo meu corpo cair, escorregando pela porta e fecho os olhos, tampando meu rosto.

— Eu vou me casar — sussurro. — Estou noiva do filho de Giovanni D’Ângelo. — Abro meus olhos e foco imediatamente em meu computador. Sou levada até ele num passe de mágica e, como estou trancada aqui, procuro quem é ele.

Procurando na internet o nome do pai, Giovanni, eu demoro um pouco para encontrar os nomes dos filhos: Leon, Amândio, Cassio, Pietro, Bella e Lianne. Desisto de ficar de pé e me sento à mesa da escrivaninha, é uma família com muita história.

Há várias matérias sobre dinheiro, fortuna, investigação policial; e eu abro uma delas quando cita apenas os filhos de Giovanni, e de cara vem o nome que ouvi: *Amândio*. Ele é o filho mais velho, que não é tão velho assim.

Amândio tem dezenove anos, é muito cobiçado por todas as mulheres de Nova York e, pelo visto, dos paparazzi. Vejo várias fotos dele na companhia do pai e do irmão Leon. Depois, quando digito só seu nome, fotos dele explodem na minha tela: ele andando de moto e carro; apostando corrida. Também fazendo rali, asa-delta, paraquedas, motocross, mergulho em alto-mar, esqui, descendo as montanhas de Aspen. *Meu irmão sabe que ele pisa no nosso território para se divertir?!*

— Uau! — Ele é um aventureiro.

Gostar de adrenalina e o Shooting – tiro ao alvo –, não é aproveitar um tempo, é trabalho provavelmente.

Ele está sempre sério, vestido de preto e acompanhado de um homem que é um pouco mais baixo do que ele, forte e tem cabelos claros. Deve ter um metro e noventa, e o homem atrás dele não é tão baixo assim. E tem mais um homem, mais velho e mais baixo. Amândio sempre está na frente e nunca encara as câmeras. Não consigo ver seus olhos, na verdade não dá para ver bem seu rosto pelas fotos. Mas ele é... bonito. Alto, forte, a cor da pele parecida com a minha e os cabelos castanhos que a luz do sol deixa um pouco mais castanho.

Sinto minha cabeça tombar para o lado enquanto tento decifrá-lo.

“Quem ele é?”, é uma pergunta um tanto genérica como as das matérias que falam dele. Os tabloides falam do meu irmão do mesmo jeito e são ridículos.

Todos acham que nós somos empresários, que Travis é dono de vários hotéis e cassinos em Las Vegas. E as matérias de Nova York descrevem os D’Ângelos como empresários de grandes prédios e que têm um império

grande nos negócios imobiliários. São fortes também na indústria de alimentos, sendo donos de vários restaurantes.

— Isso não é tudo — comento com deboche. — Esqueceu das drogas, armas, chantagens e mortes encomendadas. E emprestar dinheiro a juros que pode ser cobrado com o sangue. Nós não somos exatamente corporativos.

Passando para outra página de fofoca, vejo uma foto dele mais de perto e com qualidade. Ele não me assusta tanto e agora vejo de relance seus olhos, e são tão frios.

As outras fotos não me interessam muito. Ele está longe ou de óculos escuros e apenas uma me deixa curiosa. Ele está no Canadá e tem até um sorriso orgulhoso descendo as montanhas brancas de neve. Olho bem para ele, aumento a foto, deixando no zoom máximo. Quero saber tudo sobre ele. Acho que meu coração para de bater de um jeito ansioso por imaginar, pensar e saber que ele vai ser meu marido um dia.

— Meu Deus — murmuro olhando para a sua imagem. Seu rosto é gélido como a neve que ele pisa.

Será que o meu marido vai conseguir olhar para mim como sua família, sua pessoa, não uma aliança?



Definitivamente creio que, hoje, eu acabei de notar que a vida tem um senso de humor caótico e um tanto cruel. Eu tinha acabado de pensar sobre casamento, eu me transformar em uma mulher, que em breve iria me casar e... sim: eu irei me casar. Estou noiva, mesmo não aceitando. Isso é irrelevante, não é uma escolha e não estou com raiva. Olhando para o teto do meu quarto sei que o que me define agora é: *entorpecida*.

Ainda estou com fome e confusa. Me trancar dentro do quarto não vai servir muito se meu irmão me procurar, ou chamar para conversar.

— Que não seja hoje! — resmungo jogando as pernas para fora da cama e levantando-me. Antes de encarar Travis preciso ter certeza de que vou conseguir ser neutra quando ele me contar. Eu não quero que descubra que escutei atrás da porta, de novo. Eu prometi que ia parar de fazer isso. Mas eu não jurei, então...

Caminho até o banheiro, faço minhas necessidades encarando o “negócio” sujo e solto a respiração com força, quase que com raiva.

Minha cabeça está dando voltas com tanta informação. Embora ficar menstruada não me pegou tão de surpresa quanto o assunto *casamento*. O elefante branco no meio do quarto não é mais meu período.

Tentando me animar, pego meu *iPod* e coloco na última música da Taylor Swift, que estou viciada. E sei que ainda estou vestida com o uniforme do internato, destranco meu quarto e saio. Vou comer primeiro e depois tomar um banho *beeem* demorado de banheira. Antes tivesse feito isso do que ir atrás do meu irmão.

Vendo uma sombra que a luz do salão principal da casa reflete, corro animada pensando que é Travis saindo do escritório. Estou fingindo que não me interessa a conversa dele com vovô e vovó, que nem sei do que se trata.

— Irmão! — exclamo assim que meus pés pisam na sala, mas me calo ao vê-lo. *Ele está na minha frente?!*

Ele é *realmente* alto, bonito, *muito bonito*. Não parece ter dezenove anos, e sim mais. Vejo que seus olhos são azuis inexplicavelmente lindos e árdus. A frieza “evaporam” deles tanto quanto a beleza. A cor da sua pele me lembra a do vampiro do meu livro favorito, *Crepúsculo*. Muito clara e aparentemente sem nenhuma marca pelo rosto como meu irmão Colen, que tem uma cicatriz na lateral do rosto, fora suas tatuagens.

Será que ele tem tatuagem sem ser a marca da Família?!

Suas sobrancelhas escuras estão unidas, com o vinco no meio da testa, enquanto me encara em silêncio. Seus cabelos são de um castanho-escuro com alguns reflexos capturados das luzes do ambiente. São mechas naturais que não permitem seu cabelo chegar ao tom do preto e faz seus olhos serem mais azuis do que o cinza frio.

Ele está vestido com um sobretudo cinza escuro e um terno sob medida – alta costura – preto, que combina demais com os olhos e o cabelo. A camisa por dentro e o colete, preto e a lapela possui uma tira vermelha escura, quase vermelho sangue, que lembra o meu uniforme.

Isso parece estranho.

O fato é que estou congelada na frente dele e não sei explicar o porquê que sua presença me dá a impressão de *posse*.

Mas é claro, ele já sabe e, com certeza, sabe quem sou.

É o próprio Amândio D’Ângelo, meu futuro marido. Meu coração bate tão forte, que fico preocupada.

Os olhos dele são de uma profunda frieza e distância.

Tento negar que não estou com medo dele agora, mas de nada vale, pois eu sei, com toda certeza, que ele consegue sentir de longe. Ele foi treinado para ser o *Capo* no futuro. Um futuro não tão distante. Um futuro que o transformará em meu marido também.

Engulo em seco com essa realização.

— Oi — ele faz o primeiro contato. Sua voz é baixa, rouca e, como presumi em tudo sobre ele, intensa. Vigorosa.

Eu deveria respondê-lo. Fui educada perfeitamente, mas aqui, parada, não encontro minha voz.

— Você é muda? — pergunta com um tom curioso. Como se essa notícia fosse verdadeira, ele morreria. Não saberia como lidar.

Posso confessar que tenho vontade de rir. Primeiro, porque ele não me ouviu falar o “irmão” toda animada. E segundo, porque um *Madman* também se sente perdido às vezes. Eu sei disso mais do que gostaria com três irmãos iniciados na *Famiglia*.

— Não sou não — esclareço negando com a cabeça.

Ele assente satisfeito, me olha dos pés à cabeça e é a primeira vez que sinto vergonha do meu uniforme que tanto amo. A saia pregada em xadrez azul-escuro com listras vinho e branco combinando com o blazer azul royal que carrega o brasão da escola, a camisa de linho branca e o lenço vinho amarrado no lugar da gravata. Eu sempre amei meu uniforme e agora estou envergonhada por estar assim na sua frente.

Seus olhos me analisam e, quando volta a encontrar os meus, vejo algo passar por eles que não sei identificar, mas tenho certeza de uma coisa: ele me acha uma criança. E eu sou mesmo uma. Sou a sua futura noiva criança.

— Sabem que você está aqui? — indago aprumando a postura.

— Sim.

— Você está sozinho?

Ele franze mais a testa e dá um olhar rápido para trás de mim. Faço o mesmo e vejo um homem de terno, camisa e gravata pretas, e um rosto mal-encarado, parado na soleira da porta de minha casa. É um dos homens que vive atrás dele.

— *Buon pomeriggio*, senhorita.

Reviro os olhos porque não entendo esse fascínio dos soldados de falarem comigo em italiano e como se eu fosse uma princesa que precisasse

de toda etiqueta. “*Faltou a reverência*”, penso com sarcasmo.

— Eu sei falar em inglês perfeitamente, não precisa se esforçar falando comigo em italiano. — Deixo clara essa informação porque, para início de conversa, só falamos em italiano quando estamos perto de estranhos. — E boa tarde.

Pegando-me de surpresa, ouço um riso atrás de mim e me viro para ver Amândio forçando-se a ficar sério novamente. Ele é rápido e silencioso, pois não notei se mover para mais perto.

— Bem, esperem aqui. — Viro-me de frente para ele. Não dar as costas ao inimigo é a regra que *todos* sabem – menino ou menina – na *Famiglia*. — Vou chamar meu irmão.

— Não precisa — Travis diz vindo do escritório com vovô e vovó.

Eles sorriem para mim enquanto caminham até onde estou. Meu irmão se aproxima, beija a minha testa e murmura apenas para os meus ouvidos:

— Não era para você estar aqui sozinha.

Magoada, eu me afasto dele, franzo a testa e tombo minha cabeça para o lado, olhando-o com um nítido ponto de interrogação na testa.

— Madeleine está lhe esperando na cozinha. Tem uma surpresa para você.

Eu sei o que ele está fazendo. O problema é que não sabe que eu sei do noivado. Que eu suspeito que, provavelmente, ele vai me informar da sua decisão hoje ou amanhã.

Acho que o anel chega no jantar. Ou depois da sobremesa?

— Eu prometo falar com você depois, Marinne. Agora vá.

— Venha, querida. Vamos lá ficar com a noiva do seu irmão. — Vovó deixa escapar essa informação com um tom severo.

Ela não parece ter gostado da decisão do meu irmão em se casar com Madeleine; na verdade, ela quer deixar claro essa notícia para as nossas visitas. Que não tenho como saber a reação, pois não volto a encarar Amândio.

Assinto para a vovó e me afasto deles sem olhar para trás.

Enquanto ando pelo corredor morro de vontade de olhar para trás, confesso. Eu quero saber mais sobre *ele*. Tudo o que sei são informações que a internet me deu, e elas não falam a verdade. O que eu sei não é muito bom. Amândio é tão perverso e mau quanto Travis.

Ler, na verdade ouvir aquela conversa me deixou nervosa, mas prometi que Travis não saberá que descobri antes de ele me falar. Vou fingir que não sei, porque quero que meu irmão continue confiando em mim. Que mantenha o *laço* entre nós forte para sempre. Forte até eu... ir embora.

Entro de cabeça baixa na cozinha e logo escuto Madeleine questionar:

— O que houve, querida?

Afasto-me de vovó, que me segura pelos ombros em uma tentativa de deter meus passos de volta ao meu irmão e os visitantes, e praticamente me escondo nos braços da minha cunhada. Como de costume, Madeleine beija meus cabelos e me protege, envolvendo-me com carinho.

Eu nunca vou conseguir agradecer ao meu irmão por ter escolhido ela para ser *sua*. Sei, no fundo do meu coração, que meus sobrinhos terão uma mãe incrível. Uma que eu não tive e talvez por isso me agarrei à noiva do meu irmão dessa forma. Ela era a peça que faltava no nosso tabuleiro.



Desconfortável é uma palavra muito idiota para dizer o que realmente estou sentindo agora e não é porque não fui bem recepcionado; na verdade, desde que pisei em Las Vegas, todos me trataram com muito respeito. O que eu já presumia.

Mesmo assim, não estar no meu território não me deixa à vontade.

— Aguarde um estante que irei chamar o Sr. Lozartan — uma senhora simpática avisa antes de sumir pelo corredor da casa.

— Casa bonita — Donato comenta.

Olho-o de soslaio.

— Pomposa — sei que resmunguei. Foda-se. Travis tem um lado “meio” que do meu pai que não suporto. Talvez seja a idade.

— Por que mandou Matteo ficar lá fora?

— Ele fala demais e não quero problemas com Travis.

— Sei.

Dou um olhar e ele logo cala a boca. Donato era guarda-costas do meu pai, mas, como uma vez ele quase acertou a cabeça careca dele, o pai quase o matou. Eu o peguei para trabalhar comigo. Internamente eu dei uma medalha para ele.

Enfio as mãos nos bolsos e o silêncio me incomoda.

Casando-se com Marinne Lozartan, todos os membros da *Lawless* serão meus ex-inimigos. Pensando bem, não. Até mesmo depois de me casar, eles serão meus inimigos e comemorarei a morte de cada um se não puder matar alguns. Esse é um casamento por aliança. Um fingimento de bons modos entre nós.

— Caralho — resmungo para mim porque meu avô me ensinou a ter decoro na casa dos outros. Não importa quem.

Eu estou parado há uns vinte minutos esperando Travis aparecer. Já cataloguei sua casa ampla e surpreendentemente decorada para o Natal. E na minha cabeça eu só quero saber onde estão as pessoas dessa casa. Se irei conhecer a minha futura esposa hoje.

Torço a cara para o Papai Noel de algodão preso na coluna de mármore entre duas salas. Que inusitado esse encontro numa quinta de Ação de Graças. O que, nós, miseráveis temos a agradecer nesse dia? Por estarmos vivos? Por matar mais alguém no dia seguinte? Pois bem, esse jantar tem dedo de mulher e com certeza é a mudança da sua noiva.

De repente, passos apressados trovejam atrás de mim e giro o meu corpo na direção das escadas. Meu interior todo se prepara para a ação. No entanto, não estou preparado quando *vejo ela*.

Seguro a vontade de limpar a garganta enquanto seus passos param e os olhos se arregalam.

Ela é uma linda menina e para bem perto de mim com seus olhos *tão* azuis, imensos e expressivos. É visível e notório que ela está com medo. Sua pele é tão branca, que parece uma folha em branco, pronta para ser desenhada; os cabelos castanhos, e ela tem uma franjinha que quase cobre seus olhos, mas que molda seu rosto perfeitamente. Está com uniforme da escola interna, que fiquei sabendo que ela estudou a vida toda. Procurei saber tudo sobre a minha *noivinha*.

Ela engole em seco e olha para mim dos pés à cabeça. Que graça ela tentar me analisar. Ela é uma *Bella*. Ainda bem. Não sei dizer o porquê, apenas gosto de saber que ela tem essa cobiça de querer analisar as pessoas.

Acho que se dá conta de quem sou porque cambaleia de leve e nem percebe que aperta o paletó vinho em torno de si mesma, procurando proteção.

— Oi — cumprimento baixo para que ela não fique ainda mais nervosa.

Espero que ela fale alguma coisa pelos bons modos que somos obrigados a ter, que nos ensinam. Caralho, ela estuda numa escola de elite e com etiquetas. Acho que está paralisada comigo, e até que gosto dessa reação. Quer dizer que causei impacto e é melhor do que se ela não sentisse nada.

Com minhas mãos nos bolsos, tento relaxar os ombros para não parecer tão *eu* e pergunto:

— Você é muda? — Engulo *querida* no final da frase.

Porra, que eu saiba ela não é; e se ela for, como é que vou conviver com alguém mudo? Não sei falar em libras, caralho. Merda! Maldito seja meu pai se ele me casou ou vai me casar com uma menina muda, mesmo que eu tenha gostado da cara dela, não vai ser legal ter essa dificuldade entre nós. Não sou paciente.

Ela quase consegue segurar um sorrisinho antes de responder:

— Não sou não. — Sua voz é doce, quase que angelical. Isso é ruim.

Muito ruim. Não quero me casar com alguém tão o meu oposto.

Foda-se. Ela é minha. As trevas têm sede de luz também. Fito-a novamente, dos pés à cabeça, e um lado pervertido de mim a acha linda com esse uniforme.

Limpo a garganta e me afasto dando um passo para trás. Porque, *caralho*, ela tem quase a idade da minha irmã.

Volto os olhos para os seus querendo mergulhar nele, atravessar sua mente.

O que está pensando, principessa?

— Sabem que você está aqui?

— Sim.

— Você está sozinho?

Olho para trás, onde está Donato, e ela faz o mesmo. Cerra os olhos curiosa.

— *Buon pomeriggio*, senhorita.

Marinne parece detestar Donato. Mas por quê?

— Eu sei falar em inglês perfeitamente, não precisa se esforçar falando comigo em italiano. — Apruma a postura e completa: — E boa tarde.

Não consigo controlar meu riso porque eu gosto do tipo de humor dela. Ela tem audácia e só espero que não seja além do que apresentou agora. Não quero me casar com alguém rebelde ou sem respeito tanto quanto não quero me casar com uma mulher chata e medrosa.

— Bem, esperem aqui. — Alisa a saía inconscientemente. — Vou chamar o meu irmão.

— Não precisa. — Nós dois escutamos e nos viramos para o Travis e os avós dela.

Que ótimo. *Reunião em família hoje?*

Vindo na frente, Travis mostra todo o seu domínio com seu ego de *Capo*. Eu sei que sou grande e forte, mas ele é largo como um armário de tão grande e forte. Não posso negar.

Travis vai até a irmã e abre um sorriso para ela sem se importar com a minha presença. Nunca presenciei um homem, um *Madman*, mostrar afeto para a família. Mesmo a família. Ele beija a testa dela e fala alguma coisa no seu ouvido, que faz com que o rosto dela perca um pouco do brilho.

— Madeleine está lhe esperando na cozinha. Tem uma surpresa para você.

Ela continua parada no lugar olhando para o irmão.

— Eu prometo falar com você depois, Marinne. Agora vá. — Ele jura que tentou ser grosso com ela, pois meu pai tem outra forma de cuidar das minhas irmãs, e é bem diferente.

— Venha, querida. Vamos lá ficar com a noiva do seu irmão — a avó fala e é bem mais severa.

Suspirando, Marinne dá um passo para trás e se afasta. Ela dá um olhar rápido para mim e então vai embora com Giulia Lozartan. Posso estar errado, ou não. Ela parecia querer ficar. “*Também gostaria dela aqui*”, penso enquanto vejo-a ir embora.

Todo mundo diz que Giulia é mais perversa do que o marido e espero que ela morra primeiro.

Vincenzo e Travis se aproximam e tento entender o que eles estão falando, olhando para as suas caras, mas meu ouvido está focado em cada passo que *ela* dá. Seus sapatos clássicos marrons estão marcando o chão, porra.

É horrível quando me sinto perdido ou confuso, o que não acontece com frequência, ou quase nunca. Mas ver essa menina me deixou assim.

Eu me controlei ao máximo para não me aproximar mais do que os nossos padrões permitem. A curiosidade é grande para conhecer minha futura pequena noiva.

A informação indulgente de que ela é uma criança me atingiu *horivelmente*.

Marinne Lozartan é tão jovem quanto minhas irmãs. É muito bonita, e não me resta dúvidas de que será uma linda mulher quando crescer, quando se tornar *minha esposa*. Ela pareceu ser uma doce menina, esperta e curiosa.

Será que terei problemas com a intensidade que vi refletir em seus lindos olhos azuis escuros?

Não importa muito. Honrar meu sobrenome com essa união, é meu dever. Eu serei o *Capo* e sendo assim, é minha obrigação fazer os jogos da *Famiglia*. Jurei dar meu sangue para a *Darkness*. Casar-me por conveniência é apenas um acordo selado com sangue no futuro, pois nós teremos filhos.

Esse acordo que entrelaçará *Darkness* e *Lawless* é um bom negócio, eu não posso negar a evidência sobre o assunto. Meu pai é ótimo em fazer acordos, e nesse eu sou sua carta na manga. Seu “Ás”, e a *menina* é a carta de Travis Lozartan. A questão é: *ela se tornará uma “Rainha” ou apenas um “Ás” na manga para mim?*



Finalmente dou atenção para o babaca do Travis – que também não parece estar focado em mim – e seu avô. Seja o que for, nós temos que manter o diálogo.

— Você deve ser o filho do Giovanni — diz Vincenzo.

— Sim. O próprio: Amândio D’Ângelo. — Aperto sua mão, depois a de Travis.

É ridículo fazermos papel de amigos quando por dentro queremos matar um ao outro. Lozartan *Junior* me analisa. Ele acredita que pode me intimidar. Traz uma bazuca.

Enquanto o plano do meu pai era gerar uma aliança, o meu era entrar em guerra com a *Lawless*. Nós nos odiamos, eles são soberbos e se acham tão poderosos com o maior território. Se um dia eles tentarem algo, irmão ou não da minha *esposa*, eu dou um tiro na testa dele. Legal ele cuidar da irmã como sua filha, mas minha admiração para por aí.

— Seu pai não veio? — O idiota do Travis indaga.

— Algum problema ele não vir?

Ele sente que quero arrancar seu olho azul da sua cara?

Respirando fundo, um tanto puto, diz:

— Não. A pergunta foi porque seu pai confirmou presença.

— Meu pai não pôde vir, então eu vim, apenas. Tem algum problema nisso?

— Claro que não. É bom, porque assim você já conhece a família e conheço você.

E eu a eles.

— Acho que é uma boa oportunidade — digo cinicamente.

Ele cala a boca e fica em silêncio olhando para mim. Não sei o que ele quer agora. Um beijo ou um abraço? Dizer que estou feliz de fazer parte da família. *O quê?*

— Vamos ao meu escritório. Temos alguns assuntos de negócios para tratar.

Assunto de negócios, sim óbvio. Meu casamento com a sua irmã.

Se essa reunião foi para apresentação, foi um tremendo babaca a tirando de perto de mim como se eu fosse o inimigo tentando atacar. Se eu sou um convidado da família, convidados deveriam ser recebidos bem. *Cadê o código de honra?*

Na porta do escritório, noto que eles queriam deixar Donato de fora, mas, sem dizer nada, faço-o entrar e ficar conosco.

— Então, Amândio, gostou de Las Vegas? Já tinha vindo aqui antes?

— Vincenzo faz essa pergunta assim que a porta se fecha e eu quero muito entender qual é o motivo do papo-furado.

— É um belo local, nada muito surpreendente. Já estive em Chicago muitas vezes.

Travis cruza um olhar comigo e ele não parece ter gostado de saber que eu estive no território do maior rival dele. Acho que ele não se esqueceu de que eu tenho direito sobre a *Blood Hands*.

— Vamos falar de negócios — ele volta a dizer.

Está querendo encerrar o assunto sobre minha visita a Las Vegas. É bom falarmos de negócios mesmo, porque senão eu vou acabar dando um tiro na cabeça dele e do avô arrogante.

— Por mim tudo bem.

— Pode se sentar.

Fico na poltrona de costas para a porta, mas perto dela de todo modo. Espero Vincenzo sentar-se na cadeira perto de mim e Travis na poltrona da frente. O escritório dele tem o mesmo designer que o do meu pai. Estranhamente.

— Meu pai disse mais ou menos o que vocês propuseram junto com o casamento, é claro.

— Além de garantir nossa aliança e o fortalecimento para quando precisarmos. Vamos *zerar* os conflitos entre nossas *Famiglie*.

— Sim, justamente, mas o que nós queremos de imediato como voto de honra, é que vocês recebam uma encomenda que vai vir pelas fronteiras do Canadá.

Apoio minha perna sobre a outra.

— E por que você não pode receber no seu território?

— Você sabe que as fronteiras com Toronto são suas, embora o contato seja meu. — Travis não parece satisfeito com isso. Orgulho ferido. — O jeito é vocês receberem a encomenda para mim.

— Não vejo dificuldade.

— Você não entendeu. — Ele balança a cabeça. — A encomenda vai chegar e, além de vocês receberem, vão trazer no avião de vocês até Colorado. Nosso território “compartilhado”.

— Tudo bem.

— Você vai buscar pessoalmente.

— Tudo bem — respondo neutro.

Ele faz um aceno conciso.

— E sobre minha irmã. — Finalmente toca no assunto. — Você acabou de conhecê-la.

— Não vejo como isso.

— Como? — Fica incomodado e se mexe na poltrona.

— Nós mal trocamos uma palavra. Não nos conhecemos, apenas nos... vimos.

— Okay, você está certo. — Ele se apoia nos braços da poltrona. — Vocês não se apresentaram.

— Não. — Mas tenho certeza de que sabemos exatamente quem somos. — Você já falou com ela sobre mim?

Vejo a raiva nítida e clara dele agora. Não sei o que se passa, mas percebo que ele tem muita proteção. Parece que encontrei o ponto fraco dele. É sempre bom saber onde atingir seu oponente. Ele pode tentar o que quiser para disfarçar. Ele pode dar o pretexto de que é família, mas porra. Ela é a *sua filha*. Com certeza eles têm uma forte ligação, mas depois que nos casarmos eu quero a lealdade dela para mim.

— Amanhã teremos um jantar e você está convidado.

Permaneço em silêncio, esperando a orientação que está nítida que virá.

— Deixarei que vocês se apresentem, mas nada além disso. Não quero assustá-la. Ainda preciso conversar com ela sobre o casamento.

Então ele ainda não falou com a garota. Que imbecil.

— Por mim, tudo bem. — Me ponho de pé e fecho o paletó. Se essa casa não fosse ventilada, eu estaria torrando. Las Vegas não é tão fria quanto Nova York no inverno.

Travis e Vincenzo ficam de pé também e me acompanham até a porta do escritório, e logo até a porta da mansão.

— Até amanhã — digo só para provocar e me virando para o carro, vejo Matteo.

— E aí, como foi?

— Sem sangue! — resmungo entrando na parte de trás do carro. O babaca do Travis fez questão de deixar um motorista para nós. E não sei se é para me deixar acomodado ou monitorado. Um pouco de um, muito de outro, provavelmente.



Um toque na porta do meu quarto faz eu pular da cama. Meu coração está acelerado de uma forma quase dolorosa. Deixo o livro que eu estava *tentando* ler de lado, fecho-o com o marcador na página onde parei, em cima da mesa de cabeceira e em silêncio, apática e neutra, eu caminho. Faço o que meu interior está pedindo agora. Me levanto e abro a porta.

— Oi. — Minha voz sai fraca e “crua”.

— Está tudo bem? — Rosália pergunta franzindo a testa e, esticando a mão, acaricia meu rosto. — Você está pálida, querida.

— Não, eu estou bem — digo dando meu sorriso falso.

O sorriso que Travis pode não ter me ensinado, mas que aprendi com ele. O sorriso que afasta e conforta as pessoas na mesma proporção.

— Certo, se você está dizendo. — Ela faz o que idealizei, se afasta. — O Sr. Lozartan quer lhe ver. Seu irmão — cochicha o fim, pois, como vovô está na casa, ele é o Sr. Lozartan número um. Só na hierarquia, pois para mim meu irmão é maior que qualquer um.

Assinto, sem vontade de dizer nada, e a sigo fechando a porta atrás de mim. No andar de baixo não vejo mais ninguém e não sei por que pensei que veria *ele* de novo. Talvez tenha ficado com a impressão de ele estar me esperando.

Não que não esteja, mas em outro lugar, em outro momento.

Rio por dentro porque me lembro da voz da minha melhor amiga, Sara. Ela diz que o sarcasmo não combina comigo.

Rosália e eu chegamos em frente à porta do escritório e eu dou um toque antes de entrar. Vejo meu irmão e Madeleine me esperando, ansiosos.

Se eu não soubesse o que vão me contar, pensaria que era algo muito grave. Até que não é.

Não é surpresa planejarem um casamento arranjado para mim, isso é mais comum do que qualquer outra coisa na *Famiglia*, mas eu consigo notar que Travis está nervoso de longe.

— Nós queremos falar com você, querida — Madeleine fala, iniciando a conversa com sua voz suave e chega até a mim.

— Eu estou aqui. — Assinto e ela afaga meu rosto.

Travis demora um pouco para se aproximar de mim. Preciso levantar o rosto para enxergar o seu. Ele enfia as mãos nos bolsos, parecendo raciocinar o que vai dizer. Detesto ter que fazê-lo ser estratégico para conversar comigo. Eu nunca quis que ele fosse assim, mesmo admirando o seu lado maquiavélico.

Sempre prezei o fato de ele me tratar com sinceridade e, nesse momento, ele está focado em dar a notícia e não me magoar, mas já está me magoando e não pela notícia. Apenas pelo seu comportamento.

“*Não precisa estar assim*”, eu queria dizer para ele, porém, assim ele vai descobrir que eu ouvi atrás da porta.

— Aquele homem que você viu mais cedo é Amândio D’Ângelo. Ele é o filho do *Capo* de Nova York.

Assinto em silêncio. Mantenho a expressão neutra, porque preciso fingir a mais pura distância de qualquer informação sobre o meu futuro marido.

É estranho pensar que meu noivo não me deu um anel ainda, mas o acordo já está selado. Uma palavra de honra vale mais do que um anel de ouro com uma pedra de cristal no dedo anelar, na máfia.

— Ele veio aqui hoje para conversarmos sobre assuntos estratégicos e...

Madeleine dá um olhar para o meu irmão, que faz ele parar de falar. Ele faz um sinal de concordância com a cabeça para ela e, quando volta a olhar para mim, sua postura muda. Travis dá outro passo, ficando mais perto.

— A verdade é que Amândio veio aqui para acertarmos muitas coisas e eu conhecê-lo pessoalmente. Fizemos um acordo com o pai dele, uma aliança entre a *Lawless* e a *Darkness*.

Meu coração acelera e eu nem sei o porquê. Eu já sei o que é e, mesmo assim, a adrenalina percorre cada centímetro de mim. Cada nêutron, próton, energia e molécula do meu corpo se embebedam de ansiedade.

— Amândio aceitou o pedido para se casar com você. Uma aliança entre as duas *Famiglia* feita pelo casamento de vocês dois.

Logo que as palavras estão saindo da sua boca, Madeleine fica mais perto e coloco uma mecha do meu cabelo para trás da orelha, me olhando com ansiedade. No entanto, um pouco diferente da minha ansiedade. Eu posso estar errada, mas não sei se ela gosta desse acordo.

— Você ouviu, querida? Você está bem com isso?

Engulo em seco e continuo neutra. Eu sei que Travis detesta quando consigo esconder minhas emoções. Até mesmo dele.

Travis me ensinou a ser muitas coisas. A ser forte, leal, honrada, obediente, esforçada e sempre procurei, acima de tudo, a honra, assim como os homens da *Famiglia* juraram em nome do sangue sua honra. Ele, como meu pai, como a pessoa mais importante na minha vida e criação, me ensinou algo sem perceber: a esconder e mascarar os meus sentimentos.

Porque confesso que agora eu me sinto fervorosamente como um vulcão em erupção. Todos os sentimentos; tristeza, raiva, ansiedade, medo e amor, agora estão em um misto de cada uma delas. E também algo que não sei dizer o nome, mas, desde que vi Amândio mais cedo, ela está martelando e gritando dentro de mim. Como... como uma voz. Como algo incontrollável. Eu não sei o que é. *Ele* me deixou desse jeito e sinto a necessidade de saber o que é.

Só percebo que cambaleio para trás porque vejo Madeleine e Travis se afastarem e sorrirem porque o movimento me afasta.

— Marinne? — Travis me chama, com sua voz calma.

Pisco rápido e olho para Madeleine e vou para os seus braços procurar abrigo. Ela entende muito bem, pois me aperta bem forte em seus braços. A conexão que eu tenho com essa mulher, é algo que esperei a vida toda. Eu amo Travis. Tudo o que ele fez por mim, mas eu senti falta de uma mãe. Uma mulher que não fosse paga para cuidar de mim. Eu fecho os olhos, sentindo quando ela deixa beijos em meus cabelos e sua voz suave me chama.

— Querida, não vai ser agora. Você ainda vai ficar muito tempo conosco. Está triste?

Respiro fundo, me afasto para conseguir olhar seu rosto e penso: *Será que eu estou triste? Será que isso que sinto aqui dentro é tristeza, mas... por quê?*

— Não. Não estou triste e nem surpresa. — Olho para Travis, para explicar minhas palavras e ele não entender errado. — Eu já esperava isso,

nasci em uma família de peso, seria hipocrisia imaginar não esperar por isso. Não estou com raiva de você, irmão — digo antes de caminhar até ele e pegar suas mãos, que ele permite, como sempre, meu contato. — Não precisa me olhar assim. Eu nunca vou te odiar — paro de falar porque sinto um bolo na garganta e ele nota meus olhos marejados.

O seu olhar orgulhoso e aconchegante volta a brilhar com força. Eu amo seus olhos, amo seus cabelos e suas feições, e mais ainda, porque, quando eu me olho no espelho, eu o vejo em mim. Sou tão parecida com ele, que percorri a minha vida inteira para ser *igual* a ele, e não apenas por fora, mas por dentro. Na coragem e na lealdade.

Ele me dá um abraço bem forte e beijos nos meus cabelos.

— Você é meu orgulho. Lembre-se sempre disso. Você sempre terá uma parte de mim aonde quer que vá. Sempre será meu orgulho, *bambina mia*.

Concordo com um aceno e deixo minhas lágrimas correrem livres. E não é tristeza, longe disso. Sei que tudo vai ficar bem porque foi ele que me criou. E eu sou uma Lozartan e sempre serei por ele.

— Eu amo você, *Travis* — não gosto de chamá-lo de irmão quando sinto tão forte ele como meu pai —, e eu sempre vou te honrar, estar ao seu lado.

— Eu vou sempre estar com você também.

Madeleine entra no abraço e diz baixinho:

— Agora a gente precisa continuar falando do casamento.

Sorrindo, nós nos afastamos.

— Então vamos — falo dando de ombros.

Relutante, Travis assente e vai se sentar na sua poltrona.

— Eu só falei que você vai se casar com ele, não te dei mais informações.

— O que você gostaria de saber? — Madeleine questiona.

— Acho que o básico. Eu ontem... só o vi chegar. O cumprimentei e não disse quem eu era e nem perguntei quem ele era.

— Sim, eu entendo e foi muito rápido.

— Não teve interação entre nós. Eu respeito as regras de não ficar a sós com um estranho, mesmo que ele seja também um *Homem Feito*.

— Sente-se, vamos conversar.

Eu o obedeço e Madeleine fica comigo no sofá.

— Então, diga — Travis fala do jeito mandão dele.

— Eu queria saber... se eu vou ver ele de novo? Quando é o noivado e se a gente vai ser apresentado. — Sacudo os ombros. — Acho que é o mínimo.

— O acordo que eu fiz com o pai dele é que vocês tenham encontros antes do casamento, um convívio.

— Como assim?

— É um casamento arranjado, de qualquer forma vocês não se conhecem. São as nossas tradições e eu estou tentando honrar e ter uma boa aliança com Cassio, o avô de Amândio. Ele é muito rígido e...

— O *Boss* da *'Ndrangheta*. Eu sei disso. Conheço todos os líderes de todas as *Famiglie*.

— E tem uma ótima memória — Travis diz com orgulho.

— Uhum. — Sorrio sem graça. — E o que tem Cassio?

— Como eu estava dizendo. Estou tentando um bom convívio e me vincular com mais força na *'Ndrangheta* e Cassio gosta muito das tradições. Ele respeita muito todas elas. Os casamentos, as alianças, todas as tradições da *Famiglia*. E eu já pulei algumas etapas ao longo da minha vida, porque meu pai não fazia questão.

Travis sempre fala de Vincenzo dessa forma: *seu pai*, como se ele nunca fosse o meu. Bem, de uma forma crua e nada bonita, Vincenzo só trepou com a minha mãe e a engravidou, e a maluca me teve com muito esforço e se matou. Nem ela e nem ele foram meus pais, só me colocaram no mundo. Travis foi e é minha família, junto com Colen e Dario. Vovó e vovô sempre foram frios e agora eu tenho a Made.

— Então, por isso — ele continua —, eu aceitei a boa ideia do casamento. Porém, em nosso acordo, pedi para que você e Amândio tenham encontros.

— Encontros?

— Reuniões entre as *Famiglie* e nos dias festivos.

— Como aniversário, Natal e outras confraternizações — Madeleine completa.

— Isso mesmo — Travis volta a falar. — Qualquer tipo de evento que acontecer será uma boa oportunidade para vocês dois se conhecerem. Eu não quero que você tenha a sensação *absoluta* de estar se casando com um completo estranho.

— Você quer que eu coma pelas beiradas? — pondero e sorrio de lado. — Isso é um tanto maquiavélico.

— Estratégico, querida. — Ele pisca o olho. — Eu sempre te ensinei que nós devemos ter o que queremos de um jeito que o inimigo não perceba e eu quero que Amândio confie em você, que tenha a lealdade e respeito a você. E eu sei que, lhe conhecendo, não será difícil conquistar isso.

— Uhum — murmuro.

Meu irmão se mexe na poltrona, acomodando-se ainda mais. Isso quer dizer que está tranquilo. Um bom sinal.

— E, pelo que procurei saber sobre o caráter dele, não teremos problemas no matrimônio.

— Você quer dizer, como Vincenzo foi?

— Sim. Eu jamais casaria você com alguém como *ele* foi. Enfim, você entendeu o acordo?

— Entendi sim — assinto. — E quando é que eu irei ter a minha primeira interação com Amândio?

— Amanhã teremos o jantar de Ação de Graças e ele virá.

Amanhã.

— Finalmente vocês se conhecerão, tudo bem?

— Tudo bem — respondo monossilábica. — E o noivado?

— Vai ser quando você fizer quinze anos. No seu aniversário do ano que vem.

Daqui a basicamente quatro meses. Isso não é exatamente *ano* que vem.

— Está tudo bem para você? — Madeleine parece tão preocupada.

— Se não estiver, vão mudar? Vão quebrar alguns acordos porque eu não estou a fim?

— Não podemos fazer isso.

— Não — Made fala por cima —, mas poderíamos adiar para fazer no verão. Quem sabe? — Ela sorri para mim.

— Não, está tudo bem. E ele talvez virá no Natal também?

— Sobre isso, Madeleine e eu nos casaremos no Natal. Amanhã nós ficaremos noivos aos olhos da *Lawless* e, no caso, da *Darkness*.

Eu assinto olhando para os dois e Madeleine se arrasta no sofá, para poder ficar mais perto de mim e pega minhas mãos colocando sobre as suas em seu joelho.

— Vai ser uma forma de vocês se conhecerem brevemente e, no Natal, você também o virá. Você pode tentar um bom convívio. Eu não acho

sensato entrar num casamento desse porte — ela escolhe as palavras para não me magoar —, sem tentar uma harmonia.

Ela parece tão desesperada para eu me sentir bem com esse casamento que não a reconheço.

— Made, você quer dizer um casamento arranjado? Aonde os dois estão se odiando? Fique tranquila. — Tento ser transparente para ela e sorrio. — Eu não sou esse tipo de garota e sempre esperei isso. Honestamente — olho para Travis —, a única coisa que eu sempre quis era me casar com um homem tão forte quanto o Travis. Eu já esperava me casarem com um *Homem de Honra* e, mais ainda, esperava me casar com um *Capo*. Eu não queria ser rebaixada a uma esposa de um soldado. Eu não nasci para ficar nas sombras; embora eu seja uma menina, eu tenho muita força dentro de mim.

— Eu sei disso e espero que você conquiste a confiança de Amândio, que ele escute seus conselhos em Nova York. Você é muito inteligente. Ainda é uma doce menina, tem muita infantilidade sobre alguns aspectos; e em outros é uma mente brilhante. Sou muito orgulhoso de você ser dessa forma.

— Você não pode ser diferente sobre o seu orgulho, já que me ensinou a ser assim.

Ele dá um sorriso assentindo e abre os braços sobre o sofá. Fito a postura do homem que cuidou de mim, me ensinou a ser forte e destemida. Sempre disposto e relaxado em volta de mim. Travis vai ser um ótimo pai quando chegar o momento e o futuro *Capo* da *Lawless* será ainda mais forte do que o meu irmão é. Não só por Travis, mas também pela mãe.

— Então, em fevereiro, eu fico noiva; amanhã, a gente se conhece; e o casamento, vai ser quando?

— Seis meses depois que você fizer dezoito anos.

— Você já organizou tudo?

— Sabe como é que as coisas funcionam.

— Sim, eu sei! — resmungo e olho para baixo. — Está tudo bem.

Eles não devem estar achando que estou bem, de tantos “Está tudo bem” que falei nessa conversa. Desconfie da pessoa que repete muito uma frase ou palavra. Mesmo que *eu* esteja bem mesmo.

— Amanhã você vai conhecê-lo e pode ter uma interação legal entre vocês dois.

— Mas não sozinhos e não por muito tempo.

Escondo meu sorriso olhando para baixo. Travis ciumento é novidade para mim. A primeira vez que ele ficou ciumento foi quando o filho de um

Underboss me convidou para dançar na última festa de Natal da *Famiglia*.

— O que ele está querendo dizer — Madeleine diz sorrindo para mim — é que vamos tentar fazer vocês dois se conhecerem. Os seguranças ficarão em volta, um ou dois, para tentar dar privacidade.

— Amândio não tira aquele carrapato de perto! — Travis resmunga e eu indago.

Eu sei de quem ele está falando, mas não sei o nome.

— Quem é o carrapato que não sai do lado dele?

— Matteo Galli. Ele é o braço direito de Amândio. Não vou ficar surpreso se virar *Consigliere* quando ele subir ao trono de *Capo*.

Resolvo pedir informações que os tabloides não me deram, e até algumas que tenho para ele não desconfiar. Se eu não fizer perguntas, Travis vai, com toda certeza, ficar com uma pulga atrás da orelha.

E a conversa se direciona para algumas informações sobre Amândio, pelo menos as que Travis conseguiu e ele deixou outras em aberto, para eu fazer perguntas no futuro. E isso é legal da parte dele, porque, se me respondesse tudo sobre meu noivo, esse convívio forçado iria por ralo abaixo.

Eu tenho tanta coisa que quero descobrir do homem que passarei a vida toda junto.



Após tantas informações sobre ele, não consigo parar de pensar em Amândio e, para ser verdadeira comigo, ainda não passou o frio na barriga.

Olhando para o teto do meu quarto, vejo figuras que meu cérebro forma. A imagem dele. As fotos que vi dele misturando-se com ele no lobby da casa me olhando como se tivesse duas cabeças. Seus olhos azuis prateados. Frios e distantes.

Estou deitada de barriga para cima, com as mãos e os dedos cruzados sobre a barriga há meia hora. Tentar fechar os olhos, mas é em vão, porque também *vejo ele*.

Seu olhar me persegue.

— Chega!

Chega de pensar nele, nos seus olhos e se eu conseguirei me defender dele se acontecer de ele tentar me machucar. Dario me ensinou algumas táticas, se caso a nossa casa for invadida, mas não sei se vai servir para me defender daquelas mãos enormes de Amândio.

— Que droga! Chega disso! — Jogo minhas pernas para o lado e me levanto.

Deus queira que ele nunca tente nada contra mim. Que ele me respeite e honre nosso matrimônio.

Eu sei o que pode me ajudar a dormir mais rápido: um copo de leite.

Visto meu robe e saio do meu quarto. No trajeto até a cozinha, passando pelo corredor, escuto um som parecido com um grito abafado – talvez um gemido – na porta de Madeleine. Pelo que eu e minhas amigas no internato falamos, é bom eu não ter curiosidade de bater na porta.

Rio sem jeito e saio correndo.

Eu estou feliz sabendo que o meu irmão está feliz.

A handwritten signature in a cursive script, reading 'Amândio'. The signature is written in black ink on a white background.

A reunião com o imbecil do Travis ontem foi o que eu esperava. Ele deixou eu fazer minhas exigências e está me dando carta branca porque quer que eu seja um bom marido para a sua filha/irmã. Ainda é um pouco confuso essa relação deles, mas eu entendo. A garota foi rejeitada e ele assumiu o que não era obrigação dele. Isso prova que ele é melhor do que eu gostaria que fosse. Consigo sentir *menos* ódio por ter cuidado dela.

Termino de colocar meu relógio e saio do quarto, entrando na saleta que fica na suíte que Travis reservou para mim no Bellagio. Ele está querendo mostrar como é poderoso e rico. Que tem a cidade na palma da mão. Talvez eu precise que ele vá passar um fim de semana em Nova York para ver o meu *triunfo*.

— Já estamos indo? Eu acho que é uma loucura eles fazerem Ação de Graças.

— Nós somos descendentes de italianos, a Itália corre em nossas veias, porém nascemos na América e Ação de Graças se tornou mundial, mesmo que nem todos comemorem.

— A questão não é essa. O que nós vamos agradecer, se somos assassinos cruéis e sanguinários? Mercenários por poder e vingança.

— Está muito poético hoje, Matteo.

— E você estranho.

Não respondo a isso. Ele está me enchendo desde ontem e vou arrancar o dedo dele se continuar. Não posso matá-lo porque faria falta.

— Eu só quero estar no nosso território — continuo a falar. — Me incomoda estar aqui.

— Não se garante? — provoco com ironia e passo por ele para pegar o meu paletó em cima da cadeira da cozinha.

A serviçal veio passar algumas roupas. Travis pensa em tudo, mesmo eu desconfiando que seja coisa do *coça-saco* dele, Paolo Dal Moli.

— É óbvio que sim. Pode vir quantos quiserem que eu sou mais rápido.

Ajeitando o blazer, encaro-o.

Matteo e eu tivemos o mesmo treinador. Somos como a nova representação de ação da *Darkness*. Uma nova geração de leões assassinos. Não foram apenas nós dois, meu irmão Leon também. Mas, entre os outros soldados, Matteo se destacou e já levou tiro por mim duas vezes. Não peço muito para ser meu homem de confiança.

— Hoje você vai conhecer a sua noiva?

— É, Travis falou comigo sobre interagir com ela hoje.

— E o que você acha desse acordo de ter que interagir com a garota?

— Pare de chamar ela assim. Ela tem nome, e não vejo nada demais. Também não gostaria de me casar com uma estranha. — Ajeito a arma no coldre e guardo minhas facas nos bolsos de dentro do paletó.

— Ela é uma criança.

— Sim, eu sei que por enquanto Marinne é uma menina, mas vai se tornar uma mulher e não quero ver medo ou estranhamento dela comigo quando entrar na igreja. Eu acho muito estranho quando as noivas se esquivam.

— Fala isso por causa...

— Das noivas do meu pai — completo.

— Você não é como o seu pai, Amândio. Você é jovem e as mulheres o acham atraente. Não acredito que seja diferente para ela... para Marinne — se corrige a tempo.

Dou um olhar atravessado para ele e fecho o paletó, em seguida pego meu sobretudo.

— Acho que sim, mas o meu rosto bonito não garante que ela não vai se assustar à noite. Ou que queira fugir ou pegar uma faca e enfiar no meu peito. Precisamos ser amigos... ou algo do tipo.

— Você? Amigo de alguém? Está sendo sarcástico?

— Não se esqueça com quem você está falando, Matteo — eu o advirto e o espero sair para fazer o mesmo.



Descemos para o lobby do hotel e caminhamos até o pátio onde tem um carro esperando por nós. *Excelente* – meu cérebro não está tranquilo para dirigir, isso se eu tivesse essa opção em Las Vegas.

Silenciando-me internamente, eu estou atento olhando cada canto. Um homem com casaco de couro grande passa por nós e falando em espanhol. Cerro os olhos e tento escutar o que está falando ao telefone. Pelos cantos do Bellagio vejo os homens de Travis. Mesmo assim, minha atenção está redobrada do que o costume de quando estou trabalhando em Nova York.

— Vamos, Amândio — Matteo chama minha atenção.

Assinto e mantenho silêncio.

Entrando no carro, o motorista me cumprimenta. Olho para ele pelo retrovisor e pego meu celular por três minutos.

Leon: *O pai está nervoso com você por aí.*

Devolvo o recado:

Amândio: *Manda ele tocar uma punheta que passa o estresse.*

Guardo meu celular no bolso do paletó e olho para fora.

O motorista rapidamente pega um caminho onde não tem engarrafamento. Com isso chegamos à casa de Travis muito rápido. Uma coisa que detesto, e *minha* cidade tem demais, é engarrafamento. Esse motorista ganhou pontos por me tirar esse aborrecimento, pelo menos este.

— Boa noite — cumprimento a senhora, que é a governanta da mansão.

— Boa noite, senhor.

Logo ela me guia para as portas duplas que dão para um enorme jardim, que tem uma *boa* piscina, campo de golfe e um bom lugar para fazer uma festa.

Vejo algumas pessoas já se acomodando e conversando, eu paro verificando o terreno e Matteo fica atrás de mim. Dessa vez permiti que entrasse e ficasse. Ele está avisado para não me trazer problemas com ninguém.

Enfio minhas mãos nos bolsos e mantenho a postura quando vejo Madeleine Beluzzo, a noiva *mestiça* de Travis, caminhar até onde estou com um sorriso artificial e cordial. Acho que ela tem autoridade para vir falar comigo.

Ela anda com o peito estufado, como a dona da casa e não é que ela não seja. Não parece que ela ainda não frequentou os aposentos de Travis.

A *Lawless* nunca foi a *Famiglia* que obedece às tradições. Isto é, bem antes de Travis e o escroto do pai dele. A merda dessa família não respeita uma maldita tradição de uma noiva virgem e o nojento lençol de sangue e, claro, outras idiotices que eu deveria descartar quando for *Boss*. Meu avô jamais deixará essas regras morrerem enquanto for vivo e nosso líder. E meu pai gosta de muitas regras, uma delas é o lençol. Ele estuprou todas as noivas dele.

Uma ruiva vem junto com Madeleine e ela puxa o braço da noiva de Travis. Acho que deduzi errado e a ruiva sabe que Madeleine, como *não esposa* ainda do *Capo*, não deveria vir falar comigo, mas a *mestiça* pode até ser mais baixa do que eu uns bons centímetros, mas possui uma postura forte.

Ela caminha com determinação e eu ergo meu rosto quando para na minha frente. Ela mantém a postura de poder. É uma boa jogadora. Uma mulher diferente e prefiro sua coragem.

— Olá. Eu sou Madeleine Beluzzo. É um prazer conhecê-lo *de verdade* — ela me cumprimenta e eu, como estou entrando no jogo dela, a cumprimento como ela gostaria.

— O prazer é todo meu, futura Sra. Lozartan.

Ela abre um sorriso sincero, mas, ao mesmo tempo, eu detecto a esperteza dela querendo me ler. Talvez tenha notado que eu não sou idiota e ela nem deveria cogitar isso. Assim como vejo em seus olhos que não é também uma típica dama da *Famiglia*. Nosso momento de provocação passa rápido porque Travis aparece vindo atrás dela e eu tiro minhas mãos dos bolsos, preparado para cumprimentá-lo. Forçaço de barra do caralho.

— Que bom que se juntou a nós — Travis fala com a voz tranquila, mas nada amigável. Quer ser o anfitrião cordial, me deixar à vontade, para fingir uma falsa hospitalidade.

Não é para tanto. Ainda somos inimigos. Quero falar isso na cara dele.

— Eu estava dando boas-vindas a ele — Madeleine diz para Travis, que parece ter recebido a notícia calmamente, mas ele nem olha para ela.

Continua com os olhos fixos em mim e prefiro olhar para ele do que perceber que a ruiva parece um cachorro olhando para um pedaço de carne. Ela deveria manter a compostura. Isso não é bonito. Nenhuma mulher deveria olhar para alguém assim. Ou algo. E, caralho, eu não sou um pedaço de carne, porra!

— O jantar já será servido. Sinta-se à vontade — Madeleine avisa e olha para mim e vira-se, murmurando apenas para o noivo ouvir, mesmo que eu tenha ouvido perfeitamente. — Eu vou lá dentro.

Me afasto quando Travis faz um aceno e a acompanha até as portas duplas da varanda.

— Você pode se acomodar em uma das mesas. — Uma empregada da casa, sei porque está de uniforme, fala me oferecendo champanhe.

Balanço a cabeça e, de praxe, enfio as mãos nos bolsos. É o que eu faço quando estou concentrado, analisando.

— Vou ficar em pé.

Ela baixa a cabeça e sai. Matteo chega ao meu lado falando:

— Ela só queria ajudar. Não precisa ficar tão retraído, Amândio.

— Não quer se acomodar? — Viro o rosto para Travis vindo por trás.

Isso aciona meu alarme. Não gosto quando me pegam de surpresa, porra.

— Você é meu convidado — ele continua.

— Eu sei. — Respiro fundo e faço uma pausa. — Onde eu posso ficar?

— Fique à vontade. Seremos família.

Não sei por que isso me dá vontade de rir. *Ele está tentando ser amigável? Sério?*

Faço um meneio com a cabeça e espero ele se afastar, porque, se ele tentar me abraçar, vou dar um soco nele. E isso é o meu lado calmo e não assassino. Não entendi porra nenhuma o que aconteceu agora, mas tenho a recompensa quando estou indo para perto da piscina. Do outro lado está *ela*.

É errado demais eu querer ficar perto? Ela parece ser uma garota interessante.

— Ela tem quatorze anos e você dezenove. Não vá — Matteo fala no meu ouvido.

— Ela é minha noiva.

— Para com isso — Matteo baixa a cabeça e cochicha.

Encaro ele de testa franzida.

— Você está mesmo cochichando, porra? Para com isso. Seja homem.

Ele limpa a garganta e assume a compostura.

— Só olhe.

— É o que estou fazendo. — Levanto a cabeça e encontro os olhos dela. — Olhando.

Marinne está do outro lado. Ela está olhando para mim fixamente e eu não consigo parar de olhar para ela também. É uma menina, eu sei disso, mas me sinto hipnotizado com os olhos dela e eles vão se manter até ela se tornar uma mulher. A minha mulher.



Depois de ficar alguns minutos esperando do lado de fora, com a única satisfação de poder olhar para Marinne, entramos com o anúncio de Giulia que o jantar foi servido. Essa mulher não deveria cortar as asas da noiva de Travis dessa forma. Ela anulou todo o trabalho da pobre mulher fazendo esse papel ridículo de dona da casa. A oficial Sra. Lozartan.

Sou obrigado a passar por ela quando entro e deixo meu olhar firme nos seus querendo que ela leia: “Desprezível. Repugnante”.

— Sente-se aqui. — Madeleine aparece atrás de mim indicando um lugar que parece ter reservado para mim.

Se o objetivo era fazer eu conhecer minha noiva, por que estão dificultando? Não a deixam ficar perto. Eu sei que o babaca do Travis pediu para eu ser “suave”. Mas nem nossos nomes nós trocamos ainda.

Sento-me, vejo Matteo sentar-se no meio da mesa, perto do executor de Travis: Luca Bracy. Ele me dá náuseas porque parece um porco e não gosto dele olhando para Marinne. Ele fica perto demais dela para o meu gosto.

Logo que Travis e Vincenzo se sentam, e finalmente Madeleine após ir à cozinha. Ela quer muito impressionar. Acho que Giulia e Vincenzo não a conheciam. Que interessante um noivado de última hora e eu estou nesse inferno.

Os dois líderes, *Capo* e *Boss* da *Lawless* estão como dois reis bobocas em seus lugares nas cabeceiras da mesa para vinte pessoas. O jantar finalmente está sendo servido e, quando estou prestes a começar a saborear o peru com batata flambada com queijo – não quis os legumes –, percebo *ela*.

Sem cerimônia tenho o meu rosto virado para Marinne, sentada ao meu lado. Pontos para Madeleine.

Marinne ainda não percebeu e pega um pouco de comida, mastiga e parece gostar. E só depois nota meu olhar quando vai se servir de mais peru, pois vira o rosto para mim e congela. O pedaço da carne cai em seu prato. Ela nem pisca.

O “*oi, principessa*” fica preso na minha garganta. Não saio daqui sem falar com ela, o filho da puta do Travis querendo ou não.

Foda-se ele e suas regras de ir com calma. Como me apresentar irá assustá-la? Isso quebra a ideia de nos conhecer antes do casamento.

Ela engole em seco e pega o pano de prato para limpar a boca. Baixa o rosto, virado para a frente agora e escondendo-se de mim. Está acanhada.

Como um alerta, levanto também o rosto e percebo Madeleine fingir que não estava olhando para mim. Ela vigia de perto a *cunhada*. Parece bem apreensiva e não apenas comigo. Travis também não está focado em mim.

Uma boa chance para eu avançar depois da sobremesa, que conto os minutos até ser servido. Espero que todos saiam da mesa e me aproximo de Madeleine. Ela parece ser a chave certa.

— Oi, Madeleine.

Ela vira-se para mim rápido e franze a testa.

— Sim.

— Será que eu posso ter uma palavrinha com Marinne agora?

— O que você quer falar com ela?

— Me apresentar. — Jogo meu charme para cima dela. — Eu vim de Nova York com o intuito de conhecê-la e falar com ela não fará mal algum. Você pode ficar junto.

Ela baixa os olhos, pensando ou se fazendo de difícil.

— Está bem — responde encarando-me. — Vamos ao jardim.

Esperta, quer no particular e longe dos olhos alheios. Todos estão na sala de estar falando sobre o noivado dela. E ela saindo comigo.

— Fique aqui e espere-a.

— Você não vai me enganar, vai?

— Jamais faria isso. — Dá um passo, ficando muito perto de mim e deixa o rosto sério, quase intimidador. — Mas ela é como minha irmã, uma filha e eu a protejo tanto quanto seus irmãos, então não tente nada.

— Você tem a minha palavra.

Ela dá um pequeno aceno e volta para dentro.

Não demora nada para Marinne surgir com o diabo de Luca Bracy atrás dela. Cerro a mandíbula e os punhos olhando para ele bem sério, e me controlo quando fica parado na porta, enquanto *minha noivinha* caminha para mim. Ela olha para trás procurando possivelmente a proteção de Luca e depois vira-se de novo. Ela respira fundo e prende o ar ficando na minha frente.

— Oi.

— Oi — ela devolve. Sua voz está vacilante. Agora sim ela está nervosa.

Estico minha mão para ela, dizendo:

— Amândio D'Ângelo, é um prazer finalmente conhecer você.

Ela solta o ar devagar, fita minha mão por alguns segundos a mais antes de apertar em um cumprimento firme e confiante. Logo ergue os olhos para mim e diz:

— Marinne Lozartan. — Ela tem orgulho do sobrenome, eu percebi. —Prazer em conhecê-lo, Amândio.

Levo alguns minutos contemplando-a, seu jeito acanhado e não gosto quando lentamente dá dois passos para trás. *Está se afastando.*

— Por que você está com medo?

Ela não responde, balança a cabeça e engole a saliva com força. Para o meu desprazer, baixa o rosto e mexe os pés nervosamente.

— Eu não...

— Eu não vou fazer nada — esclareço. — Só queria te conhecer.

— Hum... — faz um som dando início a sua fala, perde as forças, então suspira olhando para mim. — Bem, você quer me conhecer e... — Pausa e seus olhos ficam molhados.

Ela está tão concentrada, reprimindo algum sentimento, que eles transbordam pelos seus olhos. Não presumi que ela ficaria assim. *Porra!*

— Você está bem?

— Sim... é... — Suspira, de novo. — Está todo mundo me perguntando tanto *isso*, que eu não sei se é mais uma resposta franca.

Ela se afasta mais e eu me aproximo, fazendo-a levantar bem o rosto para conseguirmos manter contato visual.

— Você não quer o casamento? — Controlo a vontade de enfiar as mãos nos bolsos de novo. Mesmo sendo um risco *deixá-las* soltas com uma mecha do seu cabelo castanho bem na frente do seu rosto.

— A questão é essa e... não... — procura as palavras. — Não tem nada a ver com isso.

— Verdade?

Isso faz brotar um sorriso singelo nela.

Ela é como uma fruta que quero muito comer, mas ainda não está madura. E não estou falando no sentido de comer, de foder, minha noiva, é mais no sentido de querer conhecê-la. Eu quero ver ela madura. Quero ver *essa flor* desabrochar porque parece que vai sair o que eu gosto.

— Eu não sou de mentir, na verdade — prende um sorrisinho —, eu sou muito sincera. Sou muito franca. — Pausa e apruma a postura. — Travis disse que existe um acordo para o nosso noivado e aceitei. — Engole em seco. — Acho que não gostaria de te ver apenas duas vezes antes do casamento, mas eu ainda não sei quem *é* você. — Balança a cabeça enfatizando suas palavras. — Não de verdade.

— Quer se sentar comigo? — Indico um banco de madeira que fica no final do *pátio* onde fica a piscina e as mesas que os convidados estavam antes do jantar.

Ela aceita apenas acenando e eu a acompanho. Percebo que Luca vem atrás, mas sempre uns bons dez passos.

— Não se preocupe com o Luca.

Viro meu rosto para Marinne e ela está sorrindo para o cão de guarda e depois para mim.

— Luca é só um... bom cão de guarda.

Ela lê mentes?

— Ele sabe que você fala assim dele?

Ela ri, chegando a sacudir os ombros.

— Eu disse que sou bem franca — responde mexendo as sobancelhas.

Me sento perto e, ao mesmo tempo, longe dela, e assim seu sorriso se esconde.

— O que você quer perguntar ou saber? — pergunto abrindo os botões do paletó para não ficar esmagando as armas nos meus músculos. Noto que ela observa o gesto em silêncio e desvia o olhar rapidamente.

Vejo-a se mexer desconfortável e ajeitar a saia do vestido.

— O que você gostaria de me contar?

— Não podemos ficar nesse jogo, Marianne. Me faça uma pergunta.

Ela respira, abre a boca umas duas vezes, balança a cabeça até que olha nos meus olhos e pergunta:

— Você tem irmãos?

Não é uma pergunta que me surpreende, já que ela é bem apegada aos irmãos. Um mais do que o outro, como Travis Lozartan.

— Tenho quatro irmãos.

Ela franze a testa, mas não fala mais nada sobre o assunto.

— Você gosta de Nova York?

— Sim. É a minha cidade e você gosta de Las Vegas?

Solta um risinho.

— Às vezes sim e, às vezes, não.

Fico em silêncio esperando que ela elabore, o que a faz olhar para mim. Franzindo a testa, ela dá de ombros.

— Quando aqui está calor demais, eu detesto porque nem tomando banho de piscina alivia. E odeio também quando chove, mas amo todos os artistas de rua, a quantidade de luzes, as músicas. Aqui a gente encontra de tudo. Você deveria aproveitar um pouco. — Emenda como se desculpasse: — Se quiser, é claro.

— Você conhece toda a cidade?

Eu espero que não.

— Isso é uma pergunta que não sei se posso responder. — Ela dá uma risada balançando a cabeça e olha distante, como se estivesse tentando se recordar de uma lembrança. — Travis tenta me levar para os lugares e me deixar livre, mas ao mesmo tempo que Las Vegas é uma cidade incrível e toda iluminada, também é coberta de perigos. — Olha para mim. — Acho que conheço os lugares que eu posso conhecer, entende?

— Perfeitamente e acho que ele está certo. Há lugares que não é bom você ir.

— Por que eu sou uma menina indefesa?

— Porque você não merece estar em alguns lugares. Ou algumas pessoas não merecem estar na sua companhia.

Ela dá uma risadinha e olha para baixo sussurrando:

— Essa foi uma ótima resposta.

Concordo com um aceno e estou prestes a fazer mais uma pergunta quando uma sombra surge atrás de mim e Marinne se levanta.

— Dario! — ela exclama levantando-se e abraça o irmão mais novo.

Eu não o tinha visto quando cheguei e nem à mesa do jantar. Eu observei bem o local e as pessoas, e esse garoto não estava. Depois que eles se soltam, ele se vira para mim e estende a mão.

— Dario Lozartan.

— Amândio D'Ângelo.

— Eu sei — solta com petulância e domínio. Me ignora e olha para a irmã. — Vamos entrar. Travis irá fazer um discurso.

Marinne sorri assentindo e o acompanha quando ele simplesmente sai andando. Ela dá uma parada na porta e gira o corpo para o mim, bem no momento que Luca e Dario somem.

— Você não vem?

Com poucos passos estou ao seu lado.

— Estou aqui.

Ela sorri e volta a caminhar. Dou um bom espaço para não fazerem suposições, e assim que estou dentro da casa, vejo Madeleine receber Marinne com os braços abertos e beija seus cabelos. Olhando-a nos olhos, eu a agradeço com um amistoso aceno de cabeça e recebo o mesmo.

A futura Sra. Lozartan parece ser a única que quer que o acordo de nós nos conhecermos funcione bem. Deve ser porque seu relacionamento foi o mais normal para os padrões dos *De Fora* possível. Deve ser estranho os casamentos arranjados para ela, que foi *livre* das tradições por um tempo. Ela pode ser uma aliada e preciso conquistá-la.



A large, elegant handwritten signature in black ink, reading 'Amândio'. The script is fluid and cursive, with a long, sweeping tail on the final letter.

1 MÊS DEPOIS

Nova York está “azulada”, por toda parte se vê neve. O céu coberto por uma camada grossa de névoa e o sol escondido entre elas às três da tarde.

Entro no hotel cinco estrelas no centro de Manhattan com Matteo e Donato atrás de mim. Evito as portas giratórias que os hóspedes usam para não ativar o alarme de detector de metais. Ele estouraria se nós passássemos por ele. E o *concierge* do hotel sabe exatamente quem sou para abrir a porta e me deixar entrar.

Aprumo a postura passando pelas pessoas que estão indo para a recepção ou fazendo outras merdas que não me interessam. Desvio de um *bellhop* com um carrinho de malas e fecho o sobretudo para não notarem meu coldre.

Em público é sempre bom esconder as evidências e não preciso de muito para chamar a atenção. Meu destino é um homem barbudo, gordo e fedorento que preciso ter uma conversinha.

Meus passos são pesados enquanto caminho, mas não chamo atenção, nunca chamo atenção para mim para ser recebido com respeito e medo. Minha reputação precede ao meu nome e sobrenome. O que sou e o que nasci para ser. Minhas ações no submundo são reservadas para os que querem ou aguentam minha escuridão. Por isso não chamo atenção à toa. Isso é coisa de fraco procurando aprovação em outros mais fracos.

Eu gosto e uso bastante minha reputação, afinal não veio de forma fácil ou tranquila, e sim dolorosa e pecadora. Nenhuma vez reclamei por minha vida ser como é e, mesmo que eu não seja ainda o líder da minha *Famiglia*, todos já me respeitam e obedecem como tal. Onde quer que eu pise

e claramente quando sabem quem sou, o que em Nova York é em todos os cantos, temem meu nome.

Pego meu celular no bolso do sobretudo, que está vibrando, e vejo que é o infeliz do meu pai, meu *Capo*, mesmo que não demorará para passar o posto para mim como alguns presumem. Eu não tenho merda nenhuma para agradecer a ele e sim ao meu avô, que coloca essa pergunta sobre a mesa todas as vezes que tem oportunidade. Ou seja, sempre que se falam. Ele não está satisfeito com meu pai como chefe da *Darkness*.

Aproximando-me do corredor do escritório, noto muitos olhares que *caem* sobre mim, e não de uma forma amigável. Todos têm medo de mim aqui e precisam ter. Eu sou o dono do prédio e, se determinar, ele vira tijolos sobre terra e cinzas.

— É sua última cobrança hoje? — Matteo indaga quando entramos no corredor.

Dou um aceno de concordância.

Chegando nas portas duplas do escritório de Brandon Miller, vejo meu reflexo no dourado das portas. Talvez seja por isso que desviam o olhar, os que não estão acostumados em conviver com homens da *Famiglia*, é claro.

Meu pensamento é puxado de volta quando as portas se abrem. Entro ouvindo a mulher que tem o cabelo bagunçado me cumprimentando, e ignoro. Esse desgraçado muda de secretária a cada três meses porque sempre precisa sumir com elas por denúncia de assédio no trabalho.

— Saia — escuto Matteo falar atrás de mim e logo a porta se fecha.

— Oi, Amândio — Brandon me cumprimenta e se coloca de pé.

Movo de leve a cabeça, sem dizer nada e acompanho com os olhos ele andar até um armário no canto do seu escritório e pegar uma maleta. Matteo a recebe e leva até a mesa. Abrindo, passa as mãos sobre as notas e tira um pacote de dinheiro jogando para mim em seguida. Pego e, contando o dinheiro, levanto de leve meus olhos para Brandon e, sério, pergunto:

— Cadê o meu juro?

— Que juro? Do que você está falando?

— Você fez uma festa que saiu completamente... — Paro e fecho os olhos contendo-me por dentro para não socar a cara dele antes do tempo. Eu sempre anseio pelo discurso antes de julgar esses filhos da puta de merda. — Esqueceu completamente do seu controle e me fez ter que responder perguntas às quatro da manhã para a polícia, quando eu nem sabia do que se

tratava. Você me tirou da cama, me fez pagar uns bons dólares para aqueles vermes e eu disse para você nunca trazer a polícia para mim.

— Não foi minha culpa. — O medo em seus olhos brilham misturando-se com raiva.

Vejo mais isso do que a luz do sol, embora eu durma e acorde na sua companhia. A lua é mais uma parceira, o sol é meu aquecedor das duas às seis da manhã. Acho que meu quarto é o lugar onde menos gasto tempo.

— Claro que foi! — berro e jogo o dinheiro de volta para Matteo.

— Só foi uma festa.

Meus passos trovejam quando paro na sua frente.

— Uma coisa que você não aprendeu na escola de babacas, foi a ter excelência, pois tem que ter controle até mesmo das coisas que você não pode. Você é o gerente desse hotel.

— Não sou gerente. Sou o dono.

— O dono sou eu e posso botar essa porra abaixo. — Dou um soco de gancho, de baixo para cima, no seu maxilar. O sangue escorre do seu nariz. — Como você pode falar isso? Cala a boca e me escuta quando falo.

Donato imediatamente força ele a se sentar na cadeira, pressionando-o com as mãos nos seus ombros para não conseguir se levantar.

— Fica quieto senão eu vou dar um tiro no seu pé antes de terminar.

Mesmo contrariado e com a raiva cintilando em seus olhos, ele para.

— Na sua escola de babacas, não te ensinaram a ter controle. A saber controlar uma situação, as pessoas. — Me afasto e tiro minhas luvas, o soco fez alguns anéis se enterrarem nos dedos. — Algumas coisas realmente fogem do nosso domínio, mas até quando a gente erra, quando a gente atrasa, quando a gente mente. A gente tem que saber controlar tudo que está à nossa volta. Saber dar a volta por cima. — Viro e volto a fitá-lo. — E você é um babaca mauricinho que conseguiu dinheiro com sua herança e nunca fez o mínimo de esforço para saber usar esse dinheiro. Gastou tudo que tinha e pediu emprestado para a *Darkness* e agora está no meu prédio fazendo merda.

— Amândio, eu juro que...

— Não jure em vão. A palavra *juramento* é muito forte na minha família, então não se atreva a usar ela na sua boca de merda, seu viciado.

Brandon engole a raiva e funga na tentativa de impedir o sangue de escorrer de novo do seu nariz e manchar a camisa social azul dele. *Ele já era.*

— Eu não queria ter que fazer o que vai acontecer agora.

— O que você vai fazer?

Eu estalo os dedos e indico a mão dele apenas com um olhar. Matteo imediatamente se aproxima. Me precipito quando ele tenta fugir fazendo força com meus dois soldados. Tiro minha arma do coldre tão rápido que ele nem consegue piscar os olhos antes de sentir ela no meio do seu peito.

— Eu não vou atirar em você agora, porque vai fazer barulho e prefiro *resolver* os problemas silenciosamente, mas não tente medir forças comigo.

Concorda veementemente, sacudindo a cabeça.

— O que você vai fazer? — Sua voz treme como o covarde que é.

— Só quero um dedinho ou talvez a sua mão inteira para você se lembrar toda vez que olhar o seu *cotoco* quem manda nessa merda.

— Você está colocando a culpa em mim por algo que eu não tinha como prever.

— Seu babaca, eu cuido de vários soldados, prédios, bares e essa cidade inteira e outras. Você acha que é milagre ou sorte?

Brandon apenas cala a boca e me obedece.

— Me dá a sua mão.

— Não faz isso.

Me afasto, respiro fundo de costas para ele e conto até dez, minha mão vai no automático pegar o silenciador na parte lateral do cinto. Eu encaixo o silenciador no meu 38 e dou um giro de 180° tão rápido que dobro o tapete nos meus pés. O impacto do tiro quando aperto o gatilho e acerto o meio da testa dele, é quase em câmera lenta. O sangue esguicha para todos os lados. Matteo e Donato olham para mim, e meu *braço direito* fala com um sorriso sombrio:

— Vai ter que arrumar outro gerente.

— O que eu mais tenho é subordinado querendo me agradar. — Desencaixo o silenciador encarando Brandon morto, sua cabeça pendendo para a frente. — Agora vamos. Tenho que ir para Las Vegas ainda hoje.

— Fico para tirar o lixo — Donato informa e tira o lenço de pano do bolso para limpar o sangue do seu rosto.

— Certo. Ligue para Leon. Ele vai saber o que fazer aqui e até segunda.

— Vai ficar dois dias em Nevada?

— Isso se nada me fizer ficar mais tempo.

Ele sacode a cabeça e eu saio com Matteo.

— Convidaram você para o casamento?

Dou uma encarada e espero que ele leia a zombaria neles. Travis me convidou para o seu casamento por status e para manter as aparências. O noivado com Marinne ainda está apenas entre nós e os boatos sobre o assunto, eu soltei para manter alguns inimigos longe do que é *meu*.



— Você não pode ir sem mim! — meu pai berra depois que eu conto que vou ao casamento. — E para que você tem que ir?

— Porque sim.

— Não se apegue tanto em um rabo de saia.

Encaro o chão e deixo de escutar ele. É estranho eu saber táticas de ioga, mas quando estou em luta corpo a corpo, quando vou para matar muitos homens ao mesmo tempo, uso todas as armas possíveis para não me distrair. Silenciar o meu em torno é uma prática de anos e foco total.

— Não fale como se você não quisesse ir também para vê-lo se amarrar a uma esposa que será seu ponto fraco. — Usar as palavras que meu pai mais aprecia é o melhor caminho para ele se sentir poderoso.

Como líder da nossa *Famiglia*, ele quer se sentir seguro e superior por muitos anos. Eu faço o papel de me rebaixar e concordar com ele para não criar conflito e deixá-lo sentir o que cobiça, para assim não me fazer de alvo.

— Então vá e tome cuidado. Eles estão com muitos conflitos por lá e não quero que você mostre que está tão envolvido.

— Vou ser invisível.

Ele se levanta e para na minha frente, batendo na minha cara, fala:

— Bom garoto.

Recuo dois passos, me afastando dele. *Porra. Que vontade de devolver esse tapa, pai querido.*

Ele vira o corpo, me dando as costas – não deveria confiar em mim assim – e vai até a geladeira. Estamos na cozinha da sua casa e por ele estar bebendo às quatro da tarde, me dá a garantia de que não vai comigo. Estava apenas querendo me irritar. Ótimo, não quero ele por perto.

— Você vai agora?

— Estou indo.

— Vai assim? — pergunta olhando para mim com seu riso escroto na sua cara sebosa.

Se uma coisa eu posso agradecer a Deus, se Ele me ouve e existe para mim, é que todos os filhos desse canalha parecem com as mães. Eu não suportaria ter semelhanças com ele.

— Vou sair daqui para o aeroporto.

— Certo.

Ergo o queixo para ele, e saio da sua casa o mais rápido que posso. Entro no meu carro arrancando, fazendo o motor roncar.

Fico cansado de ter que lidar com meu pai. Ele me provoca o quanto consegue e sabe que pode, apenas por isso. Não podemos nos matar por causa da honra.

Giovanni pensa que pode mandar em mim, mas a verdade é que conquistei o direito de fazer tantas coisas por conta própria, porque os soldados dependem e confiam mais em mim do que nele. Eu mando em mim e faço o que quero. Coordeno a *Darkness* para não sair dos eixos porque meu pai não faz o certo. Eu não sou mais apenas o filho do *Capo* há muitos anos, desde que tenho dezessete anos e uma emboscada acabou me tornando o número um.

Sou exatamente isso há dois anos, o número um. O filho pródigo, o sucessor e também alvo para meio mundo. Como filho do chefe e o próximo a liderar a *Famiglia*, todos me querem morto. Às vezes, acho que meu pai quer isso.

Dou uma buzina e o porteiro abre a garagem do hangar onde fica o avião com o nome da nossa empresa de fachada. Ela é verdadeira e faz o que promete, recupera prédios endividados ou velhos, compra de leilões, e colocam prédios aceitáveis para venda ou aluguel. Mas nossa fortuna não vem apenas da *D'Ángelo Corporation*.

— Por que demorou? — Matteo indaga assim que eu saio do meu carro e ele vai para o porta-malas pegar minha bagagem. — Fiz duas paradas antes de vir.

— E o *Capo* não vem?

— Não — respondo e subo as escadas antes dele. Não estou a fim de conversa. O motor do avião está sendo aquecido, provavelmente o piloto preparando a decolagem, quando desliga tudo de repente.

— Qual o problema? — Levanto-me para ver o que é quando a porta do avião se abre e meu pai aparece logo em seguida. — Foda — falo baixo para ele não ouvir.

— Você tem razão de ir nesse casamento e eu tenho de ir dessa vez.

Assinto em silêncio e volto para a minha poltrona. Caralho de homem.



Aguentar meu pai em viagens é a pior coisa, e nós raramente viajamos juntos. Não dá para deixar Nova York sem um dos dois, mas Leon insistiu que eu precisava vir e que cuidaria de tudo e de papai. Ele se livrou de um dos problemas pelo menos.

— Por que você está com essa cara? — meu pai questiona dentro do carro a caminho do hotel. — Não se apegue tanto a uma boceta, Amândio, e a garota ainda não é sua posse. Não vou ficar repetindo isso.

Engulo em seco e escolho não responder. *Por mais quantos anos vou precisar aguentar ele na minha vida?*

Ele não quis que passássemos na casa de Travis hoje, véspera do casamento. Deu a desculpa que deveríamos aparecer na igreja ou no salão de surpresa. Eu não queria que fosse assim. Travis fez um acordo conosco, um acordo comigo de me aproximar da minha noiva e hoje é uma oportunidade que vou perder por conta das babaquices do desgraçado do meu pai.

O motorista que contratamos logo chega ao hotel e saímos. Vou direto para a recepção e faço *check-in*. Meu pai é tão narcisista que escolheu um hotel que não é de Travis, o Ceasars Palace não tem envolvimento com a máfia, pelo menos não a *Lawless*. Mas eu duvido que Travis não saiba que nós acabamos de pisar em Las Vegas agora.

Passo rápido pelo lobby e solto a respiração quando estou dentro do elevador.

— Você está puto por que seu pai veio?

— Não — respondo a Matteo.

— O que você quer que eu faça?

— Entre em contato com Mario. Ele pode me dar informações de como está a situação daqui.

— E sobre Marinne.

O elevador abre nesse momento e eu saio pegando o caminho da minha suíte, sabendo que ele está atrás de mim carregando minha mala. Passo a chave magnética e entro. Matteo deixa a mala em cima do sofá e para como uma estátua perto da porta.

— Pode ir, Matteo.

— Você precisa se acalmar perto do seu pai.

— Eu não estou nervoso. — Viro e entro no banheiro. — Pode ir, Matteo.

Escuto a porta se fechar e entro para tomar um banho.

Eu deveria mostrar a Travis que estou na sua cidade antes de aparecer no salão – meu pai me convenceu a não ir à igreja –, porque ele precisa *ver* que estou por perto. Ele está sendo um babaca arrogante que apenas quer se beneficiar com nossa aliança. Vou deixar pensar que está no controle, até eu poder dar uma cartada que ele não poderá recuar. Não vai faltar oportunidade para ele me pedir ajuda.



DIA SEGUINTE

Entro no meu quarto batendo a porta com tanta força que escuto a maçaneta atingir a parede. Matteo faz o favor de fechá-la e fica longe de mim, sabiamente.

— Mario está bem? — quero saber.

— Você sabia que Mario é o segundo segurança *dela*?

Viro-me apoiando as mãos na cintura e encaro Matteo com raiva.

— Por que você está me perturbando com isso nesse momento?

Acabamos de fugir de um tiroteio em Las Vegas e ele vem me falar que Marinne já perdeu um guarda-costas. Eu sei disso porra, e sei que não faz muito tempo. Talvez menos de dois meses. *Ele quer o quê? Quer ver sangue?*

Matteo fica alguns segundos calado antes de juntar as mãos na frente do corpo, como um soldado imbecil, e diz:

— Isso não lhe diz nada?

— Sobre o quê? — Minha voz está rouca e fria.

Eu dei um berro muito grande quando soube o que aconteceu na igreja e depois quando começou o tiroteio no salão de festas. A situação foi contida, mas alarmou a todos.

Putá que pariu!

O que Travis está fazendo agora?

— A situação da *Lawless* não está boa.

— Acho que já notei isso — ironizo com frieza.

— E você não pode fazer nada — afirma e eu quero fazê-lo engolir os próprios dentes.

— Travis não pediu ajuda ainda — só sem emoção.

Visivelmente Matteo está enraivecido e louco para matar – assassinar, trucidar, escalpelar, torturar – alguns russos. Isso é diversão para nós. Matar alguns membros da *Bratva*.

— Você deveria fazer mesmo assim.

Giro meu corpo e saio para a varanda da suíte. Vislumbro Las Vegas e novamente *sinto* Matteo por perto.

— Onde está meu pai? — indago sobre o ombro.

— Vivo e indo para Nova York.

Dou um giro rápido e pergunto com ódio:

— Ele foi sem mim?

— Eu disse que tudo bem.

Dou um passo e estou com a gola da sua camisa nas mãos, enforcando-o no limite para ele ter ar para responder:

— Como você pôde dar essa ordem?

— P-pensei... — Suga o ar com dificuldade. — Pensei que estava tudo bem.

— Você me conhece agora? Sabe tudo?

Bato seu corpo na porta de vidro de correr, que faz um grande barulho e escorrega, e se abre mais. Matteo é um dos soldados mais fortes e grandes que eu tenho, e mesmo assim eu sou o dobro do seu tamanho.

— Você leu a porra da minha mente?

— Amândio.

— Amândio é o caralho! — berro e solto seu corpo no chão, empurrando para o lado.

Ele afrouxa a gola e respira fundo, recuperando-se.

— Eu presumi que você ficaria aqui. — Volta a ficar de pé. — Eu pensei que ficaria até saber como ela está.

Essa situação está saindo do controle rápido demais. Eu vou matar um hoje. Juro que vou.

Fixo meus olhos nos dele e ordeno:

— Eu quero saber se ela está viva e se a merda do irmão dela consegue proteger a minha noiva. Se consegue mantê-la a salvo dentro de casa. Porque se não eu juro que eu levo ela para Nova York antes do tempo.

Ele assente veementemente.

— Por isso que, quando seu pai disse que estava indo para Nova York, não vi problema não te avisar e nós ficarmos aqui.

Se isso foi uma desculpa, vou quebrar os dentes dele.

— Todos os *Capos* e *Underboss* que vieram estão fugindo da cidade — continua ele. — É perigoso estar aqui agora.

Assinto. *Eu sei muito bem disso, porra.*

Dou as costas para ele de novo e viro-me para essa maldita cidade. Minha visão se perde. Ao longe, as luzes de Las Vegas piscam sem foco como se fosse uma árvore de Natal imensa e distante. Permanece uma explosão na minha cabeça, parecendo que vai explodir. Minha pressão está alta e martela continuamente os batimentos do meu coração no meu ouvido.

— Vê se Marinne está viva — ordeno sentindo um gosto de ferro na boca. — Vê se *ela* está bem.

— Ela deve estar.

— Me dê certeza, Matteo — cuspo a sentença e aperto com força a barra que segura o vidro da varanda.

Por que eu estou assim? Não sei, mas preciso resolver. Preciso *muito* resolver esse problema chamado tempo e distância. Os Lozartan têm que me mostrar a força do nome deles, caralho.

A handwritten signature in black ink, reading 'Harianne'. The script is fluid and cursive, with a large, sweeping initial 'H'.

Tudo de ruim está acontecendo e eu nunca imaginei que iria pensar ou cogitar, querer estar longe de Las Vegas. Querer fugir do *inferno* que parece ter caído sobre nós.

Respiro fundo e desço as escadas. O silêncio na casa está sepulcral e eu odeio quando está assim. Antes de Madeleine era comum ter essa escuridão e silêncio. Ela chegou e a casa se alegrou. Ela abriu as janelas, mudou a cor das cortinas cinzas para brancas, colocou os porta-retratos com imagens alegres que eu nem sabia que tínhamos.

Eu nunca tinha visto uma foto de Travis pequeno antes dela pedir para procurar fotos para espalhar pela casa. Sorrio me lembrando desse dia e lembro exatamente do seu olhar quando viu Travis mais novo, antes de eu nascer. Ela tinha um brilho nos olhos que hoje, uma semana depois do seu casamento, se apagou um pouco.

Aperto com força meus punhos fechados e tento não fazer “voar” o vaso de flores em cima do piano de Travis. Estou odiando tudo.

Eu odeio o silêncio. Eu odeio esse piano fechado. Eu odeio a ausência de todos. Eu odeio essa escuridão...

— E eu nasci nela — sussurro fechando as portas de correr da sala de piano.

Sigo o caminho da cozinha e acendo as luzes. O relógio de parede de metal em cima da geladeira marca duas e meia da manhã. Eu pego o leite, queijo e a pasta de amendoim e o pão na despensa menor. Levo tudo para a pia e cato no armário um prato, copo e talheres. Estou passando a pasta de amendoim quando sinto um calafrio e giro-me rápido.

— Que susto, porra!

— Número um, não fale palavrão. Número dois, você não sabia que eu estava aqui?

Reviro os olhos para Dario e volto a fazer o que estava fazendo.

— Número um, não enche o saco — retruco. — Número dois, o que você está fazendo aqui?

Ele ri e para do meu lado.

— Um é meu?

Viro o rosto e o flagro de olho no meu sanduíche.

— Primeiro responde.

Ele solta sua risada debochada e pega um copo para si.

— Travis pediu para ficar aqui por enquanto.

Olho-o de soslaio.

— Ele está preocupado — ele completa.

Sinto meus lábios quererem curvar-se num sorriso.

— Você acha que Travis — olho para meu irmão mais novo — mandou você ficar em casa porque você... pode me proteger?

— Claro que sim.

Agora minha gargalhada sai com força e deixo meu corpo ficar de frente para o dele.

— Dario, ele mandou você ficar em casa para proteger *você*, seu bobo.

Meu irmão ri e segura minha mão.

— Desde quando ficou tão sábia?

— Desde que você ficou tão ausente — respondo e meu momento de alegria morre. — Por que você é assim? Por que não gosta da sua família?

Dario balança a cabeça, negando e me dá um abraço rápido.

— Agora eu estou aqui e não vou sumir tão cedo.

Me afasto e fito seus olhos esverdeados. Ele é totalmente diferente de Travis, Colen e eu. Dario tem a pele mais morena e seus olhos são verdes. Ele puxou muito a... *mãe* dele.

— Eu acho bom, porque senão eu vou atrás de você com uma berreta.

Dario ignora e pega os copos e prato com sanduíches.

— Vamos ver um filme na sala de tevê e assim você me conta as novidades.

Vou atrás dele me lembrando da nossa infância. De todos os três irmãos, o único que senti com esse parentesco foi Dario. Ele tem quatro anos a mais que eu, curtimos nossos muitos momentos de criança – porque Travis

nos proporcionou, é claro – e brigávamos por um último pedaço de bolo ou pizza como dois bobos. Ele é meu irmão *em um todo*.

— Você sabia que vou ficar noiva no meu aniversário? — digo indo atrás dele e até em dizer isso, é leve, pois ele ri abraçando-me pelos ombros.

Vou sentir tanta falta dele quando for para Nova York.



A handwritten signature in black ink, reading 'Marianne'. The script is fluid and cursive, with a large, sweeping initial 'M'.

2 MESES DEPOIS...

Eu deveria não abrir mais minha boca para reclamar porque as coisas ficam ainda piores. É como eu vivesse no inferno e tudo ficou muito pior. Agora eu tenho uma bola de chumbo no meu peito, pesando meu coração e arrastando meus sentimentos no chão.

— Eu só queria que tudo ficasse bem de novo... que ele voltasse para nós. — De olhos fechados, eu rezo.

Vim me sentar no banco de madeira do terraço da piscina. Tentar me esconder do movimento que acontece do lado de dentro da casa. Hoje é meu aniversário de quinze anos e estou odiando tudo.

Odiando o fato de quererem fazer uma comemoração para mim num momento desses. Como podem? Como ousam serem tão frios? Que merda. Travis sempre quis ser o oposto do pai dele, porque nunca foi o meu, e agora está agindo como um *Capo* tirano por seguir com os planos mesmo com um irmão dele sumido. E ele nem aparece mais direito em casa.

Abro os olhos e fito o amplo verde do jardim e as árvores. Meu aniversário é entre o final do inverno e a chegada da primavera, e talvez por isso amo ver as flores desabrocharem.

Os cachorros saem correndo, se afastando de mim e eu suspiro com força vendo um soldado perto do muro e por sorte longe de mim muitos passos, embora nada impeça dele aparecer do meu lado e pegar alguém que atente contra mim. Meu irmão está perdendo o controle nessa guerra e odeio — odeio muito e novamente tenho mais ódio — o que ele anda fazendo para pegar os traidores. Eu não sei exatamente o que está acontecendo, e nem o porquê, mas não é bom.

E por isso, por tudo que está acontecendo e a falta de paradeiro de Dario, que não estou à vontade com o meu aniversário hoje. Não quero comemorar nada e eu sei que Travis só quer que esse dia não passe em branco, essa droga de jantar aconteça, para acontecer o meu noivado.

Não terá festa, nada demais, apenas um jantar e mesmo assim, eu estou aqui... detestando essa ideia com todas as forças.

— Eu só queria... — O soluço trava minha voz e limpo as lágrimas tão rápido quanto elas caem.

Meu coração está tão pesado, triste, em agonia. Apenas queria tudo como antes. Não vou mais para o internato, não saio mais nem para cortar o cabelo. Não vejo mais ninguém sem ser os funcionários da casa e os soldados mais fortes que cercam a casa.

Tudo mudou e para pior nesses dias estou me sentindo ainda mais presa na gaiola dourada que é essa casa. Desde o casamento do meu irmão, é só inferno e eu também sinto muito por ele, por Madeleine. Ela que está me “segurando”.

— Querida? — Escuto e viro o rosto na direção da voz, é Madeleine. Sempre ela.

Passo a mão no rosto depressa, limpando as lágrimas que caíram. Ela está vindo para cá quando Luigi, o guarda-costas dela, aparece e diz algo que não consigo ouvir, e o semblante de Madeleine fica ansioso.

Ela concorda com alguma coisa e vira-se para mim de novo, dessa vez se aproxima e se senta ao meu lado. Demoro para encará-la porque não estou pronta para *ir* com ela para dentro. Eu sei o que terei lá.

— Escute — ela começa —, eu sei como você deve estar se sentindo, mas estou aqui, do seu lado, e nada e nem ninguém irá fazer algo de ruim para você.

Aceno que sim, de cabeça baixa. Ela estica a mão e coloca sobre as minhas.

— Você está ouvindo o que estou falando? — Sua voz é calma. — Eu estou ao seu lado e ninguém vai te fazer nada de ruim ou sequer pensar.

— Eu sei... — Sinto o bolo na garganta. — Só estou pensativa.

— Está pensando em quê? Conta para mim.

Em tanta coisa. *Como vou escolher uma? Qual dos pensamentos pode ser dito para que não a preocupe?* Respiro profundamente antes de começar a soltar um pensamento corriqueiro.

— Eu sempre soube que teria que me casar com alguém que fosse *escolhido* para mim, ou melhor, eu *escolhida para ele* e, quando Travis falou comigo, eu já sabia. — Pauso me lembrando de que não era para saberem, mas ela pode. — Eu o ouvi conversando com a vovó e com o vovô, só não quis que ele soubesse que eu já sabia. — Tomo coragem e a encaro. — Você sabe como ele detesta que escutem a conversa atrás da porta.

— Sim, eu sei, mas você não obedece muito — brinca comigo batendo no meu nariz e sorri. — Você é a pessoa que mais tem informação nessa casa.

Rio fracamente, mas o sentimento leve morre. O peso no meu coração preocupada com Dario não me deixa relaxar.

— Aquela conversa foi a única que detestei ouvir, mas está tudo bem. Eu já aceitei e estou ansiosa.

— Por que, meu amor?

— Hoje vai começar a nossa interação, de verdade. Travis quer que nos conheçamos e daqui a algum tempo... — pauso sentindo a tristeza. — Daqui a algum tempo, eu vou embora.

Eu choro e caio nos seus braços. Ela me aperta bem forte e digo baixinho com o bolo na garganta:

— Eu vou sentir falta do meu irmão e de você... Vou ter que ir para Nova York. É tão longe.

— Você sempre vai estar perto do meu coração — ela diz baixinho também e afaga meus cabelos. — Eu vou ligar para você todo dia, *mia cara*. Nunca vou te deixar e tenho certeza de que o Travis também não vai. — Beija o topo da minha cabeça. — É normal se sentir nervosa com o *novo*, mas algo dentro de mim diz que vai ficar tudo bem. E sabe por quê?

— Não.

Suas mãos gentilmente seguram meus ombros e ela me afasta para falar olhando meu rosto.

— Porque você é uma menina muito inteligente, esperta e doce. Tão generosa e altruísta. Eu amo tudo em você e sempre estarei ao seu lado. Está me ouvindo?

Concordo balançando a cabeça e demoro para conseguir falar, mas abro um sorriso para ela.

— Obrigada por ser assim comigo. Obrigada por ser a... minha *mãe*. — Dou de ombros chorando de novo. — Eu tive Travis a minha vida toda e

Colen também cuidou de mim. O Dario... — sorrio com pesar — ele realmente foi um irmão, sabe.

Ela limpa as minhas lágrimas.

— Mas uma mãe eu não tive. — Pensando bem, eu me corrijo. — Quer dizer, só agora com você e terei por mais alguns anos.

— Não! Eu vou ser a mãe que você precisa para sempre, não até você fazer dezoito anos e se casar. Eu serei sua mãe até o meu último suspiro, se é isso que você quer. — Seus olhos têm lágrimas também. — Cuidar de você me trouxe uma maturidade incrível. Você é um presente lindo que o seu irmão me deu, de verdade.

— Eu amo você, Madeleine.

— *Mia cara*, também amo muito você e agora vamos limpar esses olhinhos — passa os polegares embaixo dos meus olhos —, abrir um sorriso e entrar para cumprimentar o Amândio. Confie em mim, ele sabe que Travis é perigoso, como também já percebeu quem eu sou e que vou protegê-la com unhas e dentes. Ele não é louco de fazer nada contra você.

— Obrigada.

— E você me prometa que sempre vai ser forte. Vai se colocar em primeiro lugar, se dar valor e mostrar para ele que tem que ser tratada com respeito acima de tudo. Então a união de vocês vai ser boa. Está bom?

— Está bom. Eu prometo.

— Então, vamos.

Ela se levanta, estica a mão para mim e entramos. No lobby da casa encontro Amândio esperando. Seguro o ar quando vejo um buquê de tulipas rosas claras e um presente com um embrulho da mesma cor das flores com uma fita branca de cetim.

Madeleine o cumprimenta indo na minha frente e eu levo esses segundos para respirar fundo.

Então ele dá um passo à frente e eu também. Estou nervosa e tímida por vê-lo com os presentes. De vê-lo depois de três meses. A última vez foi no dia de Ação de Graças.

— Feliz aniversário, Marinne. — Ele entrega o presente e as flores.

Suspiro quando pego os presentes e não por eles, mas porque seus dedos tocam os meus.

— Obrigada e-e-e... obrigada por vir hoje — murmuro e tento sorrir.

— Eu não perderia por nada.

O ar está preso em meus pulmões, dolorido e pesado. Ele tem os olhos magnéticos e não os desvia de mim. *Sou um imã*. Essa afeição nunca foi dada a mim.

Todos me tratam como uma princesa porque meu irmão colocou uma coroa sobre a minha cabeça. E sempre recebo olhares, cortejos e até presentes de muitos que queriam me bajular e chegar até Travis. Eu sabia, e sei, que sou o ponto fraco dele. Mas neste momento com Amândio, eu não sinto isso. Ele não quer *chegar* até Travis. Ele quer algo mais. Parece querer chegar até *a mim*.

A handwritten signature in black ink, reading 'Amândio'. The script is fluid and cursive, with a large, sweeping initial 'A'.

Realmente cheguei a cogitar adiar o noivado hoje com Marianne, não porque não queria, mas pela situação de Las Vegas. Meu pai não quis, foi irredutível e não pude fugir do compromisso.

Eu tinha dito que era necessário ter essa aliança, e meu pai vê como uma chance de força, que nós precisávamos o quanto antes divulgar para todos nossa aliança, mesmo que, no momento, nós não seremos beneficiados em porra nenhuma e sim, Travis Lozartan, pois neste momento darei a garantia de que enviarei meus homens se precisar, mesmo ele não querendo e alegando que é um “problema” pessoal. Uma guerra pessoal e não diretamente com a *Bratva*.

Ele é um prepotente. Assunto pessoal ou não, não garante que o chefe desses filhos da puta russos tente alguma coisa.

Novamente um motorista da *Lawless* veio me buscar no aeroporto e ele para o carro nas portas da mansão. Saio seguido de Matteo. Eu pensava em transformá-lo em meu *Consigliere* quando me tornar *Capo* o tempo todo, mas ele é muito bom com as facas e não com o cérebro. Todo mundo meio que já espera o fato de ele ser um *Executor*. Tal pai, tal filho. Nós sempre acabamos nos tornando uma cópia dos nossos pais. Eu luto dia e noite para essas palavras nunca serem vinculadas a mim.

Sou recepcionado pela governanta, Rosália, aprendi o nome dela na última vez que vim. Ela pede para eu esperar no lobby da casa e assinto em concordância. Vejo-a sumir pelos corredores da casa.

— Eles são tão previsíveis. Sempre fazendo você esperar.

Ignoro Matteo e forço meu cérebro a não pensar na vontade enfiar as mãos nos bolsos, estou concentrado, porque estou ocupado.

Estou focado em não me estressar hoje. Não quero me importar mais com as questões de Travis. Não me importo nem um pouco com os soldados que estão dentro da residência me vigiando nesse momento. Espero que não tentem nada. Vão morrer num piscar de olhos.

Depois de passar os últimos meses preso a um juramento que fiz ao meu pai e não pude vir para Las Vegas ver Marinne – porra, as coisas aqui estão fora de controle e eu queria saber se ela estava bem, ver com meus olhos ela viva e a salvo –, mas Giovanni me prendeu. Ele ameaçou anular o casamento se eu aparecesse aqui antes de hoje. Não foi por preocupação, era para me punir. Me fazer ficar com raiva e focar na *Darkness*. Vir para Las Vegas para ele é mostrar interesse demais. Ele quer que *eles* precisem de nós. E no momento nós estamos muito fortes.

Ele me testou esses dois meses, me emputeceu com regras que nunca existiram. Pelo transtorno que sofri, subi mais vezes no rinque esses sessenta dias do que um ano inteiro para esvaziar meu estresse. Quebrei a mão de um soldado e Leon ficou um dia longe de mim, para não devolver o ombro deslocado. Em luta corpo a corpo, ninguém me vence. Sou muito bom em MMA e luta de rua, que nessa *ir até o fim* com o adversário está na regra.

Minutos depois de espera, Madeleine Lozartan surge com Marinne ao seu lado. Ela parece estar mais acanhada do que no nosso último encontro. Os ombros estão caídos, o semblante triste, os olhos sombreados pela insônia e de lágrimas derramadas. É óbvio que seu estado é por causa do irmão.

Eu não estaria diferente se tivessem raptado um dos meus irmãos, principalmente se fosse uma das meninas. E mesmo que eu estivesse com vontade de vê-la, disse que essa merda de noivado nesse momento deveria ter sido adiado até o garoto voltar, mesmo que seja apenas o corpo.

Todavia, na *Famiglia*, o show tem que continuar. Até mesmo se ele morrer estaríamos nos casando no dia seguinte. Estratégia e negócios, somos movidos pelo controle e poder.

Madeleine abre um sorriso para mim, cordial sem muito entusiasmo também, juntamente com um aceno de cabeça.

— Boa noite, Amândio.

— Boa noite — replico e então espero Marinne erguer os olhos.

Put a que pariu!

Uma perturbação me atinge quando seus olhos azuis, tão azuis, parecem perfurar algo em mim quando me encara.

Novamente enxergo a profundidade, a intensidade no seu olhar, e aquela vontade estranha de querer me aproximar. Sentir seu cheiro. Tocar sua pele. Descobrir algo que eu acredito *firmente* que há nela.

Um mistério sob seus olhos. É enlouquecedor não ter controle sobre isso.

Carvalho, o que é isso?

Contendo-me, dou um passo e estendo minha mão, oferecendo as flores e o presente. Espero que ela goste de joias. Comprei um colar com um diamante. Um pingente, significativamente grande, de rubi em formato de coração. É lindo, elegante e mesmo que ainda tenha uma aparência tão jovem, quando ela se tornar uma mulher – *a minha mulher* – vai ficar lindo em seu pescoço elegante. Não tenho dúvidas de que se tornará uma mulher linda.

E fui um filho da puta egoísta e sádico em dar um presente que me beneficiará no futuro, pois agora eu não quero ficar imaginando Marinne como minha esposa... nas minhas mãos, na minha cama. Agora só vejo que ela tem quinze anos e eu dezenove, e eu cortaria meu pau se tivesse qualquer tipo de pensamento sexual. Uma maldita ereção.

Sou um assassino bastardo, mas não um pedófilo sádico para imaginar uma menina de quinze anos sendo fodida por mim.

Ela é minha. Não tenho dúvidas e não abro mão, porém não quero vê-la como além de uma menina. Tenho meu domínio sob ela e uma porra de inquietação para o tempo passar logo.

— Feliz aniversário, Marinne — digo finalmente.

Ela respira baixo, como um suspiro, e levanta mais um pouco o rosto murmurando:

— Obrigada. — Faz uma pausa. — E obrigada por vir hoje.

— Eu não perderia por nada. — Sou sincero e espero que ela perceba.

Ela me encara, realmente deixando seu rosto no mesmo nível que o meu, e eu quase não consigo piscar olhando seus olhos. Mesmo de longe percebo que sua pulsação acelera e seus lábios estão levemente separados para precisar respirar um pouco mais profundo. Ela morde o lábio inferior quando, provavelmente, se dá conta de que eu consigo ver sua reação a mim.

Nós dois estamos curiosos e temos que esperar longos anos ainda, mesmo que esses anos sejam preenchidos de encontros em eventos. Ainda é quase nada.

Cortando o clima, escuto uma explosão – as portas da casa se abrindo – atrás de mim seguida de passos e me viro para ver Travis Lozartan caminhando. Seu andar firme, a postura enérgica e o olhar compenetrado em mim, é nítido que está *vestindo* sua armadura de chefe. Maldito seja!

Nesses meses longe analisei as ações dele, mais ainda pela guerra que vive nesse momento, e ele é muito diferente do meu pai.

Se porta como um chefe, não como um babaca sádico como meu pai de vez em quando é. No entanto, Travis lembra mais o meu avô Cassio; frio, calculista, dominador e esperto, que provoca meu lado assassino e sanguinário. Não sei como será nosso convívio no futuro. Não querer arrancar seu olhar convencido será foda. Mas nada tão pior do que tolerar meu pai todos esses anos.

Sua esposa o recepciona, indo até ele rápido e, mesmo que não demonstre nenhum afeto para ela, percebo que eles parecem ter uma relação boa e até pode haver um sentimento entre eles, principalmente por não ter sido um casamento tático.

Parando na minha frente, Travis estende a mão e eu a aperto e me afasto primeiro, focando no homem atrás dele, seu *Consigliere*, Paolo Dal Moli.

Os dois têm o mesmo olhar distante e ameaçador, devem estar a mil por hora por conta do garoto que a *Bratva* pegou. E o estado de espírito de Paolo é compreensivo. Acabou de perder a esposa pelas mãos dos filhos da puta da *Bratva*.

Paolo me dá um aceno de cabeça rápido, me cumprimentando e eu devolvo.

— Seu pai não veio novamente — Travis diz secamente capturando minha atenção de volta para ele.

— O compromisso é meu, então ele preferiu não vir junto. Nova York não pode ficar sem ele no momento. — E a verdade é que meu pai é um perigo em Las Vegas.

Meu avô prefere que ele se mantenha em *casa*. Eu prefiro ele o mais longe dos meus interesses, no caso Marinne. Suportei por dois meses ele falando da boceta dela e pela honra não cortei a língua dele.

— Está tudo em ordem?

Claro que Travis ficaria interessado no que falei sobre meu pai ficar em Nova York. Ele sempre está à caça de poder e ataque. Aliados; sim, amigos ou eu confiando nele; nunca.

— São apenas negócios que não podem ser adiados. E acho que sou mais do que o suficiente para esta noite.

— Justamente — replica entredentes e seu rosto fica neutro, um pouco da sua armadura se resguarda quando encara a irmã.

— Você veio! — Marinne fala abraçando-o pela cintura, chegando a fechar os olhos.

Isso não me surpreende. Ele é o pai que ela teve.

Quando ela se afasta, seus olhos chegam a brilhar e estão bem abertos e felizes, vejo o sentimento neles expostos sem medo. Porém, ela logo se protege, freando essa informação. Só que ainda tem uma leve faísca que noto nas bochechas dela, que estão vermelhas.

Marinne suspira e baixa o rosto, envergonhada. Eu tenho vontade de rir por sua tentativa de se esconder. E, *porra*, meus dedos coçam com a necessidade de tocar seu rosto. Passar as costas da minha mão nas bochechas rosadas e sentir seus lábios com meu polegar, para tirar a merda da dúvida se são realmente macios.

Caralho! Que pensamento infeliz, Amândio.

— Vamos jantar — Travis comunica e agradeço mentalmente, pois estou prestes a encomendar minha morte prematura e foder com tudo.



Ficamos civilizados, cada um no seu lugar marcado e, eu novamente ao lado de Marinne. Na porra da cadeira ao lado. Mil vezes merda!

Tenho mil palavrões na cabeça agora e estou gritando em italiano. E só uso da minha língua ancestral quando estou por um fio.

Fingindo estar tranquilo, como sempre faço em situações fora do meu controle, mantenho meu foco na comida e no balançar dos pés de Marinne embaixo da mesa. Ela está nervosa e engole em seco o tempo todo. Sinto quando fica batendo nos pés mais perto da minha perna e começa a bater na minha cadeira.

Olho-a de canto de olho e vejo suas mãos tremendo enquanto parte a carne e enrola o macarrão quinhentas vezes para tentar subir até seus lábios.

Devoro o jantar tranquilamente como se nada estivesse me afetando e, de vez em quando, vigio a mesa e Matteo, sentado perto de Paolo. Ele é mais volátil do que eu. Estamos em alerta e aposto que Travis quer que acabe logo. Está contando os minutos para sair para voltar a batalha, mas disfarça muito bem. Paolo nem toca a comida direito e o jantar se segue silencioso tirando apenas o momento em que Marinne solta uma gargalhada, no entanto apenas isso.

Logo, todos esperam cantar o parabéns e Marinne assopra as velas tão rápido, que presumo qual é o seu pedido: ter seu irmão de volta. Madeleine a abraça em seguida e assim vejo seus olhos marejados quando olha para mim de relance.

Porra! Algo dentro de mim se revira e quero apagar a dor que vejo neles.

Cerro o maxilar e consigo fazer a minha melhor cara de *sinto muito*, o que a faz morder os lábios antes de perguntar toda educada:

— Você come bolo?

— Aceito — respondo. Ela não precisa saber que não gosto de comer doce.

Observo-a pegar um dos pratos que tem pedaços cortados do bolo e entregar para mim e, de propósito, encosto nossas mãos. Pele na pele. Ela não parece ter ficado afetada.

De longe, vejo Travis e Madeleine abraçar a menina, dar um beijo na sua testa e a Sra. Lozartan lhe dá um sorriso carinhoso como se fosse a mãe dela. Isso sim me surpreende pra caralho, mas deixo para lá.

Tirando-me a atenção, Travis me chama:

— Amândio.

Vou para o canto e ele fala:

— Você sabe que não tem condição de ter uma festa, uma que minha irmã merece, mas espero que você tenha trazido uma aliança, certo?

— Eu sei que ela merecia e todos esperavam uma festa de noivado, mas as circunstâncias não significam que voltei atrás ou que não teremos nosso compromisso desta noite. A aliança está comigo.

— Ótimo e não vai fazer muita diferença. Todos irão saber do mesmo jeito.

— Sim — devolvo friamente, como ele está se portando agora.

— Certo.

E para testar seu temperamento, peço:

— Eu gostaria de entregar a aliança para ela a sós, se possível.

Seus olhos refletem uma fúria histérica e preciso ignorar para não acertar sua cabeça com uma bala. Puta merda! Ele dá a mão da irmã em casamento, mas não quer que eu fique sozinho com ela. Que idiota desgraçado!

— Você quer ficar sozinho com ela?

— Dois minutos — respondo seco e o lembro de suas palavras apenas para irritá-lo. — Você falou que queria que nós nos conhecêssemos. E quero que me responda: *como*, se você fica sempre impedindo isso? Eu nem me lembrava direito da voz dela, para ser sincero. — Isso não é bem uma verdade. — Ela não fala nada comigo e é óbvio que está com medo de mim.

— Ela não conhece você direito.

— Você disse que não era isso que queria. Dois estranhos se casando. — Jogo na sua cara sua promessa para ver se ele vai reclamar.

Ele respira, fazendo suas narinas se alargarem, mas assente concordando.

— Tudo bem. Vocês podem ir para a sala de piano. Eu vou até o meu escritório rapidamente e a minha esposa ficará. — E sentencia: — A porta aberta.

— Parece ótimo — aceito assentindo.

Ele não diz nada, dá-me as costas e chega até Marinne.

— Você está provocando-o — Matteo fala ao meu lado.

Viro meu rosto para ele, lembrando-me agora de que está comigo aqui e tão perto, e franzo a testa.

— É meu direito ter um momento a sós com minha noiva.

— Ela não é ainda.

Cravo minha fúria através dos meus olhos nele e digo baixo:

— Ela já é *minha* desde o momento que ele selou esse acordo com uma merda de aperto de mão com o meu maldito pai.

Matteo engole qualquer comentário e vira-se para a frente, sigo o olhar. Vejo Travis falar com ela e percebo quando a realização do meu pedido lhe atinge através da sua respiração profunda de ansiedade e seus olhos que me encaram com curiosidade antes de assentir.

Quando Travis a guia até a sala do piano, eu mando Matteo ficar perto, mas não tanto. Lozartan abre a porta de correr, fica perto da menina, pergunta algo e lhe dá um beijo na testa. Ele vira-se para mim, me dá um aviso silencioso por seus olhos e se afasta, indo até o seu escritório. Entro na

sala e, antes de encostar a porta, vejo Madeleine com seus olhos de águia em mim. Não digo nada, mas deixo uma fresta.

Finalmente a sós com Marinne, me viro e a encaro. Ela caminha mais para dentro, mexe inquieta no tecido do seu vestido azul.

— Você quer se sentar?

— Quero — respondo.

Ela mexe a boca como se fosse falar algo e no fim não diz nada. Respira fundo e caminhamos para um sofá sem encosto no canto.

Sentamo-nos distantes e observo, novamente, seus olhos incrivelmente marejados. Com um sentimento diferente de preocupação, me apresso em dizer:

— Eu não quero assustar você.

De cabeça baixa, murmura:

— Você só queria ficar a sós para entregar a aliança.

— Tem algum problema nisso?

— Você está com ela aí? — rebate com outra pergunta.

Isso me lembra demais minha irmã Bella.

— Sim, estou com ela. Algum problema?

— Não é por você. — Ergue o rosto para mim. — Não tem nada a ver com você.

— É sobre seu irmão Dario?

Ela não responde, mas seu corpo sacode quando prende um soluço de um choro *fantasma*.

Seguro sua mão, tentando ser cauteloso. *Merda*. Eu não sei direito como fazer isso, mas tento lhe passar tranquilidade.

— Eu acredito de verdade que Travis irá conseguir trazê-lo de volta.

— Eu não sei — fala dando de ombros. — Tem uma semana agora e...

— Essas situações não são tão rápidas, porém vejo que estão determinados em resgatá-lo.

Fica silenciosa de repente e suspira.

— Dario foi teimoso — confessa baixinho olhando para a frente sem foco.

Deixo que fale, pois ela parece que quer desabafar com alguém que não esteja o tempo todo com ela.

— E você, está bem? — pergunto e agora quem parece tão longe é ela que demora um pouco mais para responder.

— Acho que sim. — Me encara com seus olhos tão azuis por conta do contorno rosado de irritar a vista limpando as lágrimas. — Eu estava ansiosa para hoje, mas agora... — Chega o corpo mais perto, para falar ainda mais baixo. — Sabe quando tem um bolo no meio do nosso peito, pressionando nosso pulmão e o nosso coração, e a gente tenta respirar ao mesmo tempo que precisa fazer o coração bater. — Pausa, recuperando o fôlego. — Que precisa entender tudo.

— Isso é angústia — digo a ela.

— Eu acho que é isso — murmura.

Aperto sua mão mais forte e parte de mim sente quase que uma obrigação de tirar esse medo dela, dessa angústia e agitação que visivelmente está deixando-a muito triste. E me sinto um fracasso porque ela acaba chorando, soltando algumas lágrimas. *Porra!*

— Tudo vai ficar bem, Marinne. Daqui a pouco, ele está aqui com você.

— Você não sabe. — Sua resposta me dá um sinal da braveza dela.

— É verdade, eu não tenho certeza, mas não tenho dúvida de que todos vão fazer todos os meios possíveis para resolver esse problema. Não é a primeira vez que uma *Famiglia* é atacada assim.

Ela cerra os olhos e comenta:

— Pensei que você não gostasse do meu irmão Travis.

É claro que noventa e nove por cento dos homens da máfia não gostam dele, na verdade não há um homem que goste de outro da *Famiglia*. Somos desconfiados. Somos como os leões que convivem juntos e, às vezes, sentimos vontade de aniquilar o outro para mostrar poder e dominar o território.

— Posso não ser um fã do seu irmão e, mesmo assim, acreditar na sua competência; e ele disse que tudo está sob controle. Na medida do possível está e é isso que você tem que acreditar.

— Uhum.

Assinto e finalizo essa conversa, ela parece mais tranquila e aliviada entorno de mim como na conversa da piscina.

E chegou a hora de pedi-la formalmente em casamento. Coloco a mão no bolso para tirar a caixinha com a aliança e ela prende a respiração arregalando os olhos. Suavizo meus movimentos e estico minha mão abrindo a caixinha para ela ver o anel de diamante em corte quadrado de ouro branco.

— Marinne Lozartan, com esse anel eu me comprometo com a nossa união, você aceita?

Soltando a respiração, ela abre um pequeno sorriso e olha para mim.

— É muito bonito.

— É sim. — E não é do anel que estou falando.

— Eh... eu aceito. — Solta uma risadinha.

Balanço a cabeça que sim e tento pegar sua mão, mas ela puxa de volta.

— Eu posso não usar agora?

— Por quê?

— Porque eu acho que vai ficar grande no meu dedo e também... — Torce o nariz. — Eu não queria usar isso na minha mão agora. Eu não me vejo sendo uma mulher. Muito menos uma esposa — explica e se apressa para completar: — Não estou fazendo desfeita. É lindo. É extremamente lindo. Eu só não me sinto confortável. Me desculpa.

— Não precisa pedir desculpa. Está tudo bem. — Ofereço o anel de novo, de uma forma agora que ela possa pegar a caixinha. — Mas você vai aceitar?

Ela pega e fica olhando um bom tempo. Tira o anel de dentro.

— É lindo e parece ter sido caro.

Pronto, me fez rir. Ela não tem filtro e é engraçada. Deve ser a idade.

— Eu vou botar no colar — diz e puxa o cordão de dentro do decote do seu vestido.

Santo inferno! Essa franjinha, esse cabelo, suas mãos e ela se mexe tão atrapalhada tentando ser adulta e elegante. É óbvio que é tão menina. Eu sei que não somos tão distantes de idade, mas comecei a ser tratado como adulto desde os onze anos, então é difícil, é terrível, olhar para ela e não conseguir ver nada além de uma adolescente. Minha jovem e inocente noiva. Muito doce e pura para mim.

Calmamente, ela deixa a aliança no cordão e depois fecha. O anel fica na altura do seu peito brilhando. Me causando uma reação irreconhecível. Um domínio feroz sobre ela.

— Pronto — solta a respiração e me encara. — Agora eu sou oficialmente *sua*.

Put a que pariu!

Levanto-me como se tivesse recebido um choque.

Engulo em seco e estico minha mão para ela não se sentir mal. Marinne pega e, graças a Deus, ela não é tão baixa, o que ameniza sua juventude descarada.

Limpo a garganta e nem percebo quando tiro o cabelo da frente do seu rosto e deixo-a *ali* congelada.

Maledizione! Nos encaramos por alguns minutos até que ela pisca e eu reafirmo o que ela mesma disse com *toda certeza* que posso dar:

— Sim, você é minha.





6 MESES DEPOIS

Meus olhos estão compenetrados no calendário, onde *agosto* grita em negrito, preso à parede da cozinha. Meu corpo está sem nenhum movimento há uns bons minutos. Acho que nem minha respiração profunda altera minha posição sentada, com as pernas dobradas em cima da banqueta que comemos na bancada da cozinha.

Há um tempo boas notícias vinham sob uma sequência de ruins.

Meu noivado, que para todos os efeitos e eu tendo quinze anos ainda, foi uma boa notícia que veio após capturarem meu irmão. A volta de Dario veio junto com a quase perda de Travis. E hoje está acontecendo uma felicidade que nós precisamos muito depois dessa tempestade que nos assolou em desespero e para os mais fracos, tristeza.

Eu não sei como ficaria nesses dias se não tivesse Madeleine e para o momento de hoje ficar longe dela é até injusto.

— O que você está fazendo — a luz da cozinha acende — acordada, mocinha?

Dou uma gargalhada e acompanho Rosália pegar alguns ingredientes na geladeira.

— Você vai fazer o quê?

— Um bolo bem bonito para quando *ele* chegar.

Meu interior vira um lindo arco-íris num céu azulado e lindo. Tudo lindo.

Pulando da banqueta, apareço atrás de Rosália, fazendo-a ter um leve susto dizendo:

— Posso ajudar?

Ela sorri e vira o rosto todo para mim.

— Claro que pode e — fica de frente e toca meu rosto — eu senti falta de você brilhando de alegria assim. Senti falta da sua essência.

— Eu também e estou tão ansiosa de ter um...

— Um irmãozinho — ela completa.

Meu coração acelera ao mesmo tempo que meus olhos ficam úmidos, tão cheios de lágrimas para derramar. Coloco minhas mãos sobre meu peito, sinto meu coração acelerado.

— É estranho.

— Eu sei que deve ser. — A mulher que cuidou de mim com meu irmão desde bebê me conhece bem para dizer isso. — Você está confusa porque ele biologicamente é seu sobrinho, mas eu, sinceramente, acho que ele é seu irmão.

— Mas não é.

— É sim, Marinne — diz com tanta certeza. — Travis a criou. Ele te acolheu, te ensinou tudo, te protegeu e mesmo que ele não confesse, lhe deu carinho. Ele é seu pai e você sente isso muitas vezes. Pai é quem cria.

— É confuso. — Limpo meu rosto das lágrimas. — Todo mundo diz que Travis é como meu pai porque... — Minha voz trava e limpo os olhos de novo. — Porque ele me criou e deu *tudo* para mim, mas eu sei que não é.

— Estranhamente não tem como ele ser outra coisa. Você sabia que o senhor Travis foi o primeiro a te pegar no colo?

— Sêrio? — Franzo a testa. — Eu nunca soube.

— Sim. Ele veio correndo para casa e pegou você. Sua mãe... — Faz uma pausa porque sabe que odeio que a chamem assim. — Lea estava desacordada porque Travis mandou sedá-la.

— Depois que ela tentou se matar comigo dentro dela. Eu sei — falando sentindo gosto de vômito.

— O que eu estou querendo dizer, é que ele te escolheu e você foi o primeiro amor dele. Não fique confusa por esse sentimento. Aceita esse carinho.

Assinto comovida pelas palavras dela. É verdade. Os filhos de Travis serão meus irmãos pelo amor que compartilhamos.



Mario sorri para mim – sim o meu guarda-costas, segurança, protetor e contador de piada quando estou triste, sorriu para mim – quando abriu a porta do carro. Eu saio e toco seu ombro.

— Obrigada por me trazer.

— Eles estão te esperando e é uma honra te trazer, menina.

Rio e deixo-o me acompanhar para dentro do hospital. Nós – como parte da máfia e fugindo da burocracia dos de *Fora* – não frequentamos hospitais, apenas em casos de muita necessidade como um parto.

Luca está na porta com a cara de poucos amigos enquanto vigia o ambiente. Vi mais três do lado de fora e sei que Solo – que não deixam ficar perto de mim – está no fim do corredor. Eu o ignorei quando passei.

Sorrio por dentro quando Luca vira-se para mim e diz com um semblante quase humano. Ele não consegue ser *suave*.

— Aposto que você está ansiosa.

— Só um pouquinho — confesso e dou um toque na porta.

Meu sorriso é tão grande que consigo vislumbrá-lo quando Travis abre para mim. O abraço bem forte, encostando meu rosto no seu peito porque é tão grande e alto. Seus braços me engolem e sinto-me coberta, protegida.

— Parabéns, irmão! — Afasto-me para fitar seu rosto.

— Obrigado.

— Hum... — brinco com ele e vou animada até a mãe e o bebê.

Meu coração tem uma explosão quando o vejo. Enrugadinho, branquelo, cabelos negros e espero ele piscar para ver os olhos azuis safira. Dante é um bebê perfeito. A mistura exata de Made e Travis.

— Oh, ele é tãoooooo lindo.

Made sorri e beija meu rosto, retribuo.

— Posso pegar ele?

Minha resposta é um sorriso largo e orientações.

— Tenha cuidado. Coloque a mão na cabecinha dele.

— Eu sei. Eu sei! — Ele é quentinho, cheiroso, pesado como minha mochila da escola e lindo. Lindo de verdade e parece comigo, com a minha foto de quando eu era bebê.

As palavras: *meu irmão*, quer sair num sussurro amoroso e suave. Ele é nossa recompensa demais de tantos dias ruins e apavorante.

Eu chorei tanto com medo de perder seu papai e quero que saiba que ele é durão, mas é só você ouvir e fazer o que ele manda. Ele é bom e vai te amar em silêncio. A gente sabe e você... — Toco seu nariz. — *Você vai ter uma mãe tão legal e boa.*

— Se precisar, pode me chamar, *maninho* — murmuro bem baixinho para ele.

Me dando conta de que estou perdida nele, levanto a cabeça. Vejo Madeleine e Travis pertinho um do outro conversando e eles quase se beijam, mas se afastam e sei que foi por minha causa. Finjo não notar e viro mais as costas para eles. Me alegro quando Travis beija a testa dela.

Ah, eles são fofos e os amo muito.

— Ele é tão perfeito — comento e vou ficar perto deles quando olham para mim.

Madeleine está com os olhos marejados e escuto-a cochichar para o meu irmão:

— *Você fará um bom trabalho de novo.*

— *Espero que sim* — Travis diz assentindo.

Por eles falarem *isso*, eu me sentir feliz e ter um momento de família, pergunto a ele:

— Não quer pegá-lo no colo?

Travis fica muito tempo olhando para mim, para Made e depois para mim de novo. Confusa, apenas espero ele tomar uma atitude e dar a volta na cama, ficar na minha frente e pegar Dante dos meus braços.

É uma visão tão bonita. Pai e filho. Travis merece uma família dele e ter um pouco de alegria. Nossa família é complicada – no mínimo – e mesmo assim eu torço por *alegria*.

— Ele não é o bebê mais lindo que você já viu?! — exclamo e meu irmão olha para mim, então brinco: — Claro que estou falando dos meninos, porque eu sou a menina mais linda da sua vida.

— Não posso discordar — ele está me provocando.

Sorrindo, o abraço de lado e ele passa um braço pelos meus ombros.

— Você é a menina número um — Madeleine comenta.

— Eu sei — tento ser convencida.



1 MÊS DEPOIS

O último casamento que eu fui foi o do meu irmão, e não saiu nada bem. Não me machuquei muito, apenas fiquei com um ombro dolorido e roxo. Escondi de todo mundo como fiquei para não levar preocupação para ninguém. Camuflar a dor de Madeleine foi muito difícil porque ela ficou em cima de mim. Cuidando e querendo saber se eu estava bem o tempo todo.

Por sorte, ou talvez conveniência, o casamento de hoje não foi *naquela* igreja. Sério, Paolo não seria louco em se casar na mesma igreja que a esposa morreu há oito meses bem nas escadas. Meu coração dói só de lembrar de Mia. Ela era tão boa e educada comigo. Pobre Sophia, perdeu a chance de ter uma mãe doce.

Fujo desses pensamentos sombrios, já tem muita escuridão no meu mundo e saio do carro assim que Mario abre a porta para mim. Dario está atrás de mim em um passo.

— Por que a pressa? — ele pergunta oferecendo seu braço.

Aceito, cruzando nossos braços e caminho para dentro do hotel, em direção ao salão de festa. Estamos no *MGM Grand*, o hotel que Paolo coordena. Eu sei tantas informações sobre os negócios da *Lawless*, que meu irmão Colen se atualiza dos assuntos comigo quando volta para casa. Ele faz faculdade em Nova York.

Pensar na cidade barulhenta faz a minha ansiedade aumentar. *Será que Amândio veio hoje? Que Paolo o convidou?*

— Porque quero ir ao banheiro.

— Não minta, é feio. — Dario dá um aperto firme com a mão no meu antebraço.

Dou uma risada e fito seu perfil. Fico lívida quando vejo a mudança no seu semblante assim que pisamos no salão.

— O que houve? E não minta — devolvo sua acusação.

— Realmente não é nada.

Sua voz saiu tão rouca que me assustou. Meu corpo reage se arrepiando e ergo bem a cabeça, cerro os olhos e espero.

— É o Samuel.

— Filho do *Underboss* de Arizona?

— Uhum — afirma com a garganta.

Paramos na fila de cumprimento, bem atrás de Travis e Madeleine. Ela não vai ficar porque precisa cuidar de Dante e, por cuidado, o bebê está em casa.

— O que tem ele?

— Você não pode saber.

— Posso sim.

Dario prende o riso, falhando, e me dá total atenção me encarando.

— Ele uma vez me acertou com um tiro de raspão no ombro.

Arregalo os olhos irritada e com vontade de devolver o tiro.

— Como e por quê?

— Ele estava aqui com o pai dele numa visita e o pai... Vincenzo — corrige-se —, convidou o idiota para ir conosco para o campo de treinamento. E fomos fazer tiro ao alvo e acontece que Vincenzo tinha um senso de humor do mal.

— Ele mandou Samuel atirar em você?

— Sim, e o imbecil aceitou porque o pai disse que cortaria o dedo dele.

Cambaleio para trás, saindo de perto dele e ignoro a fila.

— Marinne — ele alerta com a voz sombria e se aproxima de mim. — Fica aqui.

— Eu só... — Continuo andando para trás, me desvencilhando dele. — Eu só vou ao toalete.

— Está mentindo. — Dario estica a mão para me pegar, mas não deixa. — Você faz *isso* quando está mentindo.

— Isso?

— Fala bonitinho para nos convencer de que está tudo bem. — Apressa os passos e consegue me pegar, e leva para o terraço do salão. Ele me solta quando estamos longe de todos. — Você ia fazer o quê?

— Pisar no pé dele.

— Duvido.

Coloco as mãos na cintura e o olho de cara feia. E ganho seus olhos esverdeados sorridentes.

— Não me olha assim.

— O que você pensou em fazer?

— Hum... — Reviro os olhos, fazendo questão de fitar o teto e fazer bico. — Talvez eu o empurrasse na mesa do bolo e depois enfiasse uma taça de vidro na barriga dele.

Ele agarra meus ombros e fala baixo:

— Não deixa Travis ouvir você falar algo assim. Ele vai colocar a culpa em mim.

— Ah, não enche. — Empurro ele para longe. — Eu não sou uma criança.

— Não pode pensar em matar os soldados.

— Ah... — Abro a boca. — Isso.

— Sim, Marinne Lozartan, *isso*. Você não pode pensar em matar os nossos homens.

— E se fosse uma facada no ombro? Talvez eu tirasse um dedo como o *seu* pai tinha prometido.

Dario ri alto e me abraça de surpresa, bem rápido.

— Travis não pode brigar por você ser assim.

— Por quê? — Franzo a testa.

— Porque você é igualzinha a ele. Temperamental e protege a família com sangue nos olhos. — Ele indica o braço de novo e pisca. — Vamos entrar e ignorar Samuel. Eu já dei o troco.

— O que você fez?

— Não vou contar. Você é perigosa.

Dou uma gargalhada e deito a cabeça no seu ombro.

— Conta — suplico sussurrando.

— Mandeí Solo dar um susto arrebetando os freios do carro dele. — Dario para nas portas da varanda e conclui: — Não reparou na lateral do rosto dele?

— Ah... — A cicatriz assombrosa do lado esquerdo, da testa até o queixo. — Foi você?

— Pelo menos, o tiro que ele me deu rendeu uma tatuagem e as garotas gostam.

Faço cara de nojo. Não gosto de pensar nos meus irmãos, Colen e Dario, com mulheres. Do Travis eu tinha ciúmes e odiava todas antes de Madeleine.

Dentro do salão de novo, vamos cumprimentar Paolo e a nova esposa, Nina. Ela é mais nova que ele uns bons anos e me sinto tão sortuda pelo meu noivo ter apenas quatro anos a mais que eu.

E falando nele, sinto um calafrio quando caminho para a minha mesa e sigo a intuição. Procuro pelo salão e acho o rosto dele. O *olhar* dele.

Amândio está todo arrumado e elegante. Seu terno é preto, a camisa de dentro é branca. É a primeira vez que o vejo sem estar totalmente de preto. Ficou bonito e realçou seus cabelos castanho-claros, penteados e imaculados.

— Ele está aqui — Dario comenta em voz baixa. — Tudo bem para você?

Apenas assinto e me sento apressada porque alguns olhares estão em mim. Já basta o olhar dele, que me deixa ansiosa. De costas para ele, meus pensamentos tumultuam. Eu queria ver ele de novo e, ao mesmo tempo, fico nervosa por ele estar aqui.

A handwritten signature in black ink, reading 'Amanda' in a cursive script.

O verdadeiro motivo de eu vir para Las Vegas hoje, nesse casamento, tem um único interesse, e não é ver o *Consigliere* de Travis se casando de novo. E sim, ver e acompanhar, de longe, a minha noiva.

Não sei como funcionou a cabeça de outros noivos que se comprometeram, como eu em um casamento arranjado, mas, para mim, não é punição *acompanhar* minha noiva, e sim uma obrigação.

Uma obrigação comigo mesmo para vigiar o que é *meu*.

Eu não confio num centímetro de retaguarda do território de Travis ainda. Tem pouco tempo que as coisas se acertaram e eu me mantive longe nesses seis meses para não correr riscos, e porque Travis ignorou minhas ligações e, claro, meu pai não quis se envolver. Giovanni está torcendo para Travis *cair* e assim ele ter uma chance de pegar Colorado e ficar com o contato de drogas da *Lawless* em Toronto.

Com a distância e toda a guerra por aqui, me contentei com fotos de Marinne e seu dia a dia relatado por mensagens. Mario D’Luca é meu contato de Las Vegas. Não foi difícil conseguir sua lealdade, e não, ele não está traindo Travis. Está apenas me contando sobre Marinne e alguns assuntos da *Lawless* que me desrespeita diretamente. Confio nele em cuidar de Marinne porque já é um velho barrigudo e que está prestes a se aposentar.

Tudo indica que, após o casamento de Marinne comigo, Mario largará sua “*farda*” em um baú. Ele só aceitou cuidar dela após o outro segurança morrer, porque sabia do noivado e como tal, assim que ela estiver no meu território, um homem *meu* de confiança cuidará da minha esposa.

Porém as fotos que tenho de Marinne, não vem através de Mario. Eu tenho alguns *paparazzi* pagos para acompanhar quem eu quero, e aqui só me

interessa minha noiva e consequentemente seu irmão, que preciso vigiar. Travis é o chefe de outra organização, meu inimigo e o tutor dela.

Somos aliados, não amigos.

Seis meses e as fotos que recebi de Marinne desmerecem sua beleza. Pessoalmente ela está bem mudada e, caralho, cresceu e perdeu a franjinha. Um belo rosto está sendo aperfeiçoado pelo tempo. E seu vestido combina com ela. O tecido preto com brilho, como estrelas num céu escuro. *Perfeita*.

Ela se sentou e, mesmo longe, noto que ficou nervosa por me ver aqui, e não foi apenas ela. Travis ficou espantado com minha visita surpresa. Dei um sorriso de lado para ele. Eu estou seguindo o combinado. Espero que Marinne esteja pronta para o dia de Ação de Graças e o Natal.

Agora estamos em setembro e na próxima vez que eu a vir estarei com vinte anos. Às vezes, meus pensamentos me levam para quando ela tiver maioridade. Não quero imaginar, mas é impossível não querê-la com idade para *estar* comigo.

Observo olhares sob mim e devolvo todos eles. Aqui são todos meus inimigos e alvos também. *Underboss* e soldados de Travis. Alguns querem minha cabeça porque já mandei atacar suas cidades. Eles *apenas* querem a minha cabeça, mas não conseguiriam nem se tivessem poderes mágicos e eu amarrado numa cadeira.

Eu não tenho medo de cortes, tiros ou amarras, talvez por isso a morte não me pega. *Ela* foge de mim porque gosto da companhia da dor e da adrenalina.

Eu nem era para estar vivo.

Enfiando as mãos nos bolsos, dou uma última olhada e, a contragosto, abro os botões do paletó e sento-me.

— Você deveria se manter calmo — diz Matteo.

Ignoro-o e, como uma águia, meus olhos focam em Travis e Madeleine ficando de pé. Marinne se levanta também e é uma porra de esforço eu não me levantar junto. Eles falam alguma coisa e, por fim, se afastam com Colen, ficando apenas Dario e Marinne à mesa. O casal passa por mim, Travis me cumprimenta com um aceno de cabeça rápido, eu devolvo, e ele some com a esposa pelas portas do salão. Os seguranças vão atrás. Reconheço Solo. Ele é o segundo melhor homem da *Lawless* como executor, primeiro vem o animal do Luca.

Solo ronda Nova York – com permissão do meu pai – para vigiar Colen. Que finge não saber que o irmão está em seu encalço enquanto faz sua

faculdade em Cambridge e tem um apartamento em Manhattan.

— Eles foram embora?

— Provável que sim.

Matteo franze a testa sem entender e Leon indaga:

— Por que que eles já foram embora?

Meu irmão veio me acompanhar nessa viagem. Leon está curioso para conhecer Marinne e Travis como líder de uma *Famiglia* como a dele. Depois que eu disse sobre como ele trata os assuntos de negócios – principalmente o mercado de prostituição e órgãos, que Travis é contra – e seu *Clã*, Leon insistiu que precisava ver como são as coisas aqui por si mesmo.

— Provavelmente por causa do bebê — respondo baixo.

— Ela tem um corpo maravilhoso para quem foi mãe agora.

Ignoro Leon e prossigo:

— Eles não trouxeram o bebê, que tem poucos dias que nasceu. A esposa de Travis deve ter vindo apenas para não ser deselegante. Manter o status e não levantar suposições, afinal não querem que muitos saibam do bebê. — Encaro meu irmão. — É um menino. O futuro *Capo* e já tem inimigos querendo a cabeça dele.

— Você é cego?

— Sobre?

— O corpo da esposa dele.

Eu não deveria ter irmãos, às vezes.

— Não, mas evito olhar para a mulher do *Capo*. — Deixo evidente na minha voz que estou irritado com ele sendo idiota. — Não sou maluco.

— Está sendo certinho? — provoca.

— Leon, você sabe que me irrita quando começa a tentar puxar assunto com coisas idiotas.

— Okay, eu sei. — Ele volta a ficar em silêncio.

Foco em olhar para a frente, acompanhando com os olhos os movimentos e bebo meu uísque calmamente.

O primeiro filho de Travis, que acabou de nascer há um mês. E ele está escondendo de todo mundo a existência do filho. Eu tenho que dizer que falhou se o propósito era esconder até mesmo de mim. Não tenho noção se outros sabem, mas eu consegui essa informação e nem foi tão difícil. E Mario não tem nada a ver com *essa* notificação dessa vez.

Um tempo depois, a festa fica mais calma e na pista de dança muitos casais se aproximam para acompanhar os noivos. A noiva parecia tão retraída

como qualquer noiva da *Famiglia*.

Para minha total surpresa, Marinne é guiada até a pista pelo irmão Colen, que voltou há uns minutos para mesa. Eles dançam e ela sorri muitas vezes enquanto balançam de um lado para o outro. Uma nova música começa e Paolo e ela dançam, e Colen faz as honras para dançar com a noiva.

— Você vai perfurar ela se continuar olhando-a assim — Leon fala baixo.

— Vou para a varanda fumar.

— Quer companhia?

— Não. — Sou duro na resposta e saio dando as costas para ele.

Logo que estou na varanda fumando, tento ficar de costas para as portas, mas prefiro não fazer. Ficar de frente para a entrada de outras pessoas, não tem apenas a ver com proteger-me e não dar as costas para um local que estou vulnerável. É porque assim estou na direção de Marinne.

Não me demoro. Três cigarros depois, estou voltando para dentro e seguindo caminho até Marinne e um soldado que não sei quem é. Errado, muito errado eu não saber quem ele é. Eu deveria saber quem são todos soldados de Travis, principalmente os que ficam perto da minha noiva.

A música acaba quando faltam três passos para eu estar sob sua sombra, e não prevejo, apenas recebo o impacto de Paolo chegando perto dela e encostando em suas costas. Ela sorri para ele e aceita dançar de novo, mas não vou deixar mesmo. Eles percebem minha presença. Paolo diz algo para Marinne, que a faz encarar-me com os olhos arregalados quando estou bem na sua frente.

— Posso dançar com você?

Ela olha para Paolo e ele, como um pai faria, beija os cabelos dela e se afasta me encarando.

— Boa noite, Amândio.

— Boa noite e parabéns, Paolo.

Ele faz um aceno com a cabeça e sai de perto.

Dou atenção para Marinne e ela está com os ombros encolhidos.

— Oi.

— Oi — diz quase abrindo um sorriso.

— Quer dançar?

— Okay — suspira.

Ofereço a minha mão e ela aceita. Sua mão na minha é suave e leve.

Dou um beijo rápido nas costas da sua mão e me aproximo deixando a mesma mão pousar no meu ombro. Ela prende a respiração, estufando bem o peito e olha dentro dos meus olhos, sem medo algum de me encarar. Com lentidão, ela deixa sua palma na minha, quase entrelaçamos os dedos, e para não a deixar apavorada, ao invés de descansar minha mão na altura da sua lombar, deixo no meio das omoplatas. Isso a relaxa.

— Tudo bem?

— Uhum — confirma e sorri apertando os lábios, em uma desculpa.

Eu a admiro e não por conta do vestido preto. Guio-a na pista de dança notando seu rosto, os traços angelicais e jovens do seu rosto, que estão ficando mais adultos.

Uma tremedeira no canto da sua boca me confirma que *ainda* está muito nervosa. Isso está me irritando porque a música chega no meio e nada de ela relaxar.

Marinne abaixa o rosto, encarando meu peito, e eualaria que são os botões da camisa ou minha gravata – se estivesse usando uma –, mas no caso os três primeiros botões estão abertos. Então sim, ela está olhando para o meu peito.

Fito seu cabelo, o colar com um simples pingente de borboleta e a pulseira de brilhante no pulso da mão que está junto da minha, suando por sinal.

— Oi — chamo sua atenção e ela sobe o rosto para mim. — Como você está?

— Bem — sussurra.

— Não acredito no que diz.

Seus ombros caem um pouco e ela morde o canto da boca.

— Qual o problema? E olhe para mim — digo baixo tentando ser suave, mas sei que dei uma ordem.

Marinne suspira chegando a abrir a boca de leve e faz o que pedi, olha para os meus olhos fixamente.

— Paolo teme você comigo por causa da sua reputação.

Levanto minhas sobrancelhas para ela e digo com firmeza, embora esteja com vontade de afogar Paolo Dal Moli em seu próprio sangue depois de cortar sua garganta e língua:

— As pessoas não me conhecem, elas sabem daquilo que eu permito saberem sobre mim, Marinne.

Noto-a engolir em seco e assentir de leve.

— E se eu jurei que vou te proteger, eu vou fazer.

Eu não preciso dar satisfação a ninguém e não preciso da sua desconfiança, mas é bom ela saber o peso de um juramento meu. De uma promessa. Esse casamento é sobre a minha honra de selar uma paz e ter uma família no futuro com ela. Não quero ter outra esposa, quero apenas a minha e única Marinne Lozartan.

— Desculpe — sussurra tão baixo, que por pouco não ouço.

— Não peça desculpas por algo que não foi você que falou ou pensou.

— Pauso, dou uma volta com ela pelo salão. — Ou você também tem medo de mim?

— Er... — limpa a garganta e tropeça.

Eu a seguro firme e isso só piora. Ela pisa no meu pé, se afasta de mim e vira uma estátua na minha frente.

Porra.

— Podemos conversar a sós? — peço depois que ela solta a respiração.

— Você... — Respira fundo. — Você pode perguntar isso ao Dario.

Sério?

— Tudo bem. Que seja. — Eu estico a mão para ela, que olha antes de aceitar.

Caminhamos para a sua mesa e paro quando Dario se levanta. Com minha outra mão, estico para cumprimentá-lo, e ele retribui, com os olhos na minha outra mão.

Dou um passo para trás e solto Marinne quando força o punho para se livrar de mim. Dou uma franzida de testa para ela, mas não discuto.

— Quero conversar com sua irmã — comunico a Dario.

— Como assim? — Ele só falta estufar o peito.

— Eu quero conversar com sua irmã na varanda.

— Lá fora — conclui ele.

— Isso.

— Por quê? — Sua expressão é de desprezo total. — Para quê?

— Porque eu quero. Para nos conhecer. — Devolvo o passo que tinha retirado e falta pouco para encostar meu peito no dele e empurrar, mas não sou mais um adolescente idiota como ele está parecendo. E, merda, nós temos a mesma idade. — Sabia que existe um acordo para nos conhecermos?

— Sim, eu sei e mesmo assim não lhe dá direito de *fazer* nada.

— Não vou fazer nada — retruco como um debate *mano a mano*.

Ele cerra os olhos e solta as mãos ao lado do corpo retirando dos bolsos.

— O que você quer?

— *Falar* — ênfase — com ela.

Dario fica muito tempo calado olhando para mim de cara fechada, tão concentrado que eu não consigo lê-lo além da raiva.

— Okay, vocês podem conversar, mas eu vou junto.

Seguro a risada irônica e levo minha mão em direção ao seu queixo.

— Não, a sós. Eu e ela.

Seu rosto se fecha mais ainda.

— Nem sobre o meu corpo estirado no chão após uma metralhadora ser descarregada no meu peito.

— Muito específico. — Concluo com deboche.

— Não vou deixar você ficar sozinho com minha irmã.

— Parem! — Marinne exclama com a voz firme, no entanto baixa para ser discreta.

Olhamos para ela e suas mãos estão se movendo enquanto tenta falar. Tão tipicamente uma italiana falando.

Ela é linda.

— Eu não sou uma criança idiota, Dario. Eu posso falar com ele e...
— fica mais próxima do irmão — suas aulas foram em vão?

Aulas?

— Não é isso — o irmão é irredutível.

— Você vai conseguir nos ver daqui — digo encarando seu perfil.

Dario cruza os braços, deixando as mãos dentro do paletó e eu sei que isso faz com que a gente sinta as armas no coldre.

Se ele tentar um movimento, Marinne vai ter menos um irmão hoje à noite.

— Podem ir, mas dez minutos e Mario ficará dentro do terraço...

— Longe — falo por cima.

Ele engole em seco e vira o corpo para mim, me dá uma encarada. É um jogo de encarar? Porque eu ganho fácil.

Muita gente fica desconcertada com meu olhar. Treinei essa merda por anos com o meu avô. Como enfraquecer seu oponente no olhar, mostrar que está por cima, que sabe de tudo e que tem um Ás na manga, mesmo que não tenha. Dar o blefe perfeito é uma chave para vencer seu inimigo sem suar a camisa e gastar munição.

Dario não perde, mas desiste e vira-se para a irmã, beija sua testa — fala algo no seu ouvido nesse momento — e dá três passos para o lado, afastando-se.

Esticando a mão, espero ela aceitar e assim vamos para a varanda que fica num belo terraço.

— Aqui é bonito — ela comenta quando entramos e as portas automáticas de correr se fecham.

— Vem muito nesse salão?

Marinne solta uma risadinha e balança a cabeça.

— Para dizer a verdade, hoje é a primeira vez que piso aqui — comenta ainda olhando para longe, para o belo jardim que tem no MGM. — Mas assim que cheguei na festa... — faz uma pausa e me encara — precisei vir para a varanda.

— Por quê?

— Para pensar. — Ela ri.

Enfiando minhas mãos nos bolsos, e não é porque estou concentrado nas portas e em Mario ao longe, ele está sendo pago para me deixar perto *dela*. Dessa vez, estou escondendo minhas mãos, porque querem tocá-la.

— Posso saber o que veio pensar?

Marinne franze o cenho, cerrando os olhos para mim. Desconfiança e irritação misturada.

— Você vai querer ser o dono dos meus pensamentos?

— Não — respondo rápido. — Apenas fiquei curioso com sua resposta.

Suspira e volta a contemplar o jardim.

Estamos numa distância segura de três metros, o bastante para conversarmos em voz baixa e insuficiente para eu ver melhor seu rosto, mas do lado de fora, Dario e Colen têm os olhos em nós. Pelo visto, todos são protetores dela. Bom, e ruim.

— Eu queria distrair minha cabeça para não fazer besteira.

Sua voz me traz para ela.

— O que você queria fazer?

Pela primeira vez, vejo uma emoção nela que me deixa excitado. *Raiva*. Seus olhos perfurariam a cabeça de alguém como uma lâmina. Esse olhar me traz lembranças desconhecidas e quase desconfortável.

— Soube de uma coisa que não me deixou feliz. — Seu corpo fica de frente para mim, fazendo o brilho do vestido reluzir, *e ela é perfeita*. — Não

gosto que machuquem a minha família.

Isso foi uma ameaça ou aviso?

— Também não tolero que façam mal a quem eu me importo —
retruco.

Seus lábios curvam-se suavemente num sorriso conhecedor e singelo.

— Que bom — murmura e mexe as sobrancelhas.

Porra. Ela é tão adorável. Eu iria persegui-la mesmo que não fosse
minha noiva, com certeza. Ela seria minha de qualquer forma.

De repente, seus olhos ganham um brilho e o sorriso se alarga.

— Adoro essa música.

— Quer entrar e dançar de novo?

As bochechas ficam vermelhas e eu aproveito para quebrar o espaço
entre nós, pegar sua mão e perguntar de novo:

— Vamos entrar?

— Sim — responde firme e direta.

Ela é um bilhete premiado para um filho da puta como eu. Uma luz
entregue às trevas. Mas até as sombras precisam de tréguas.

A handwritten signature in a cursive script, reading 'Amândio'. The letters are fluid and connected, with a prominent 'A' and 'D'.

Entro na casa de Travis com tranquilidade enquanto Rosália desaparece para comunicar que cheguei. Fiquei de fato surpreso quando recebi um recado pela recepção do hotel – que não pertence a *Lawless* e eu deixei um nome desconhecido para não saberem que eu estava aqui antes do tempo, no caso, minha entrada no casamento de Paolo, e mesmo assim me acharam. Se ele quer me assustar, precisa ser melhor.

Quer mostrar poder, vamos brincar, Travis.

Ele me convidou para almoçar com eles hoje. Inusitado, no mínimo. Mas é um joguinho, eu sei muito bem disso porque fui criado com um pai que gosta desse tipo de artimanha. Fingir que está tudo bem, tranquilo e mostrar hospitalidade para depois jogar a mesa para o alto. Hoje não é o caso, mas o *Capo* da *Lawless* quer me ensinar algo.

Quase como se fosse em câmera lenta, vejo Marinne correr e logo escorregar nas escadas quando me vê. O espanto em seus olhos sob minha presença é tão pior do que seu pânico quando corro para ela e consigo pegá-la nos braços.

— Porra! Você só anda correndo? Que inferno! — esbravejo.

Merda. Não é a primeira vez que a vejo correndo. Eu odeio que corram dentro de casa.

Solto-a, respiro fundo e caralho. Não é a primeira vez que a vejo com o uniforme do internato, e mesmo assim estou impactado com suas pernas bem à mostra na saia. A saia parece mais curta ou... Talvez seja porque ela cresceu. O que importa é que o uniforme me recorda o que odeio. Ela ainda é uma criança e eu preciso ficar longe.

Sua surpresa é evidente, porque nós não tínhamos um encontro para hoje. Não é um dia festivo, ou uma ocasião especial que me trouxe até sua casa. Ela não me esperava e eu, com certeza, não esperava vê-la na minha frente dessa forma.

Ontem na festa com o vestido e os cabelos arrumados para a ocasião, a leve maquiagem – todo o conjunto –, já tinham despertado o alarme na minha cabeça sobre o tempo e suas mudanças.

— Des... desculpe... — ela gagueja e se afasta de mim ajeitando os cabelos.

Fito sério seu rosto, os cabelos lisos estão escovados, parece mais velha. Mais do que eu sei que ela não é.

— Pensei que você já tinha ido embora — ela diz passando as mãos na frente da saia.

E eu não olho para baixo. Suas coxas.

— Eu estava indo, mas recebi um convite para almoçar.

— Hoje? — Sua pergunta tem uma sugestão que não sei identificar.

— Como assim?

Suspirando, ela segura o blazer nas pontas e diz:

— Hoje é segunda-feira. Não tinha... nada para fazer?

Limpo a garganta, segurando o riso e balanço a cabeça.

— Nada tão interessante em Nova York.

Ela assente fazendo um som com a garganta e, envergonhada, coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha. Noto que está com o colar que tinha deixado o anel de noivado, e fico curioso se ele ainda está ali.

Seus olhos focam atrás de mim e eu viro-me, Matteo e Leon têm um olhar que vou precisar fazer algo sobre isso depois.

— Esse é o meu irmão, Leon. — E ele se aproxima dela e oferece a mão.

— Prazer em conhecê-la, Marinne.

— O prazer é todo meu — responde e não está nada à vontade. Os olhos fitam Matteo e me surpreendo quando ela fala com ele: — Oi, Matteo.

— Olá, Marinne.

Ela meneia a cabeça suavemente e vira o rosto para onde passos soam no chão de madeira.

Travis surge vestido casualmente com um suéter e calça social preta, o coldre com duas armas e facas, por cima sem a menor descrição. Dessa vez, não parece trovejar porque sua irmã está sozinha comigo.

— Amândio — me cumprimenta esticando a mão.

— Travis. — Devolvo o perto de mão e dou um passo para trás.

Seus olhos focam para trás de mim e eu me esforço para apresentar novamente:

— Esse é o Leon, meu irmão. — Ele já conhece Matteo e obviamente sabe tudo o que diz respeito sobre o meu irmão.

Com um aceno, Travis os cumprimenta e troca um aperto de mão com os dois.

— Vamos para a sala de jantar.

— E Madeleine? — Marinne pergunta fitando o rosto do irmão, confusa.

Confesso que não entendo ele me convidar para vir à casa dele com seu filho recém-nascido. Até meu pai que não é tão apegado aos seus parentes – seu *Clã* – se resguardou quando os filhos nasceram.

— Ela já irá descer. — Fica mais perto da irmã e toca suas costas, indicando o caminho. — Vamos.

Sem protesto, Marinne vai com o irmão e nós também. Tem algo muito incômodo em estar aqui e não sei exatamente o que é. O convite deve ter um porquê.



O almoço foi um desconforto que eu não seria obrigado a passar se eu não tivesse jurado que não derramaria sangue desse filho da puta do Travis antes de me casar com a irmã dele. Não tenho confiança sobre nós sermos civilizados por longos anos. Esse casamento trará uma trégua muito temporária, principalmente se ele continuar querendo me intimidar.

Madeleine Lozartan não apareceu para almoçar conosco e o assunto do bebê não foi tocado até o momento. Agora nós estamos comendo a sobremesa, um *cheesecake* de morango que, pelo visto, Marinne gosta muito, pois comeu dois pedaços.

— Amândio, se já terminou gostaria de ter uma palavra com você no escritório.

Eu sabia que não era apenas um almoço. E desde quando homens como nós sentamos e temos um momento de confraternização? A *Famiglia* sempre vem em primeiro lugar.

Ele se levanta da mesa, deixando o pano de prato de um jeito nada educado e sai da sala de jantar. O olhar frio de Matteo e Leon faz eu me levantar. Vou antes que um dos dois fale algo que possa gerar uma guerra, nem que seja de egos, e Travis está me devendo um lote de drogas. Foda-se. Se ele não quiser me dar, sua nova encomenda de Toronto não chega.

Marinne não olha mim enquanto saio da sala e, por via das dúvidas, peço para o meu irmão e Matteo virem comigo.

No corredor, encontro Travis conversando com o maldito do Luca Bracy. Eles viram-se para nós e a postura do cão raivoso da *Lawless* fica ainda mais na defensiva.

— Olá, Luca.

— Amândio — ele devolve o cumprimento e eu não faço questão de apresentar a porra do meu irmão e nem Matteo para ele.

— Então você já pode levá-la — Travis ordena e eu fico confuso.

Franzo a testa e acompanho quando Luca se afasta um pouco, mas fica na minha visão e eu vejo-o pegar uma mala de rodinhas rosa-choque e outra bolsa maior. Marinne corta minha observação surgindo do outro lado da sala e, pelo fato da sua boca estar mais avermelhada e molhada, presumo que escovou os dentes. Ela tem uma mochila pequena nas costas e vai até o irmão.

— Se comporte.

Ela acena como um soldado para Travis e sorri dizendo:

— Até sexta. — Dá um passo para trás e vira-se para mim. — Tenham uma boa viagem. — Nisso ela dá-me as costas e sai na companhia de Luca, que disse algo que a fez rir alto.

— Você a deixa perto dele?

A raiva foi mais forte que a prudência, e eu tenho os olhos neles ainda enquanto Travis responde virando-se para mim:

— Ele está levando-a para o internato. Algum problema?

Esperei as portas se fecharem para encará-lo.

— Só não confio num homem como Luca sozinho com a minha noiva.

Fitando meus olhos, Travis enfia as mãos nos bolsos e curva o canto da boca num sorriso cínico.

— Luca é um dos meus melhores homens e ele não estará sozinho com Marinne. Tem mais dois seguranças com ela e, de qualquer forma, você não deveria se incomodar com isso.

— Acho que eu tenho todo o direito de me importar. Ela é minha noiva.

— Amândio, não vamos criar um problema onde não tem.

— Ele matou um homem com uma caneta. O problema é ele perto dela. Um executor.

— Escuta — engrossa a voz —, eu sei quem é Luca, não preciso que você faça um dossiê sobre ele; e se eu deixo ele levar Marinne para o internato, é porque confio. Não preciso pedir sua orientação de como cuidar dela no meu território. Faço isso há dezesseis anos.

Minha mandíbula está tão contraída que sinto dor na cabeça. Eu vou precisar fumar quando sair daqui.

— E o motivo para você ter sido convidado para esse almoço, é sobre...

— Seu filho — interrompo-o e já que ele quer provocar, que seja. *Filho da puta arrogante.*

Noto pelo seu olhar que ficou putó. *Ótimo, seu babaca.*

— Eu sei que você descobriu sobre *isso*.

— Fique despreocupado — falo por cima de novo porque não tem nenhuma lacuna de civilidade aqui. Se não fosse pelo acordo do casamento, nós estaríamos trocando tiros. — Não tenho a intenção de divulgar que você foi pai e de um menino.

Desconforto é tudo o que ele é agora.

— Em troca, você deixa Marinne longe de Luca — completo rapidamente.

— Você está barganhando comigo dentro da minha propriedade? No meu território?

— É um pedido... — pauso — entre a família. — Encho os pulmões de ar. — Não vejo como não podemos entrar em acordo sobre isso.

Ele respira profundamente e assente.

— Okay. Hoje foi o último dia que Luca levou Marinne para o internato, mas — ele dá um passo intimidador — nunca mais pense que pode falar comigo assim.

— Certo, Travis. — Dou um passo para trás, me afastando e dou as costas para ele sem medo. Leon e Matteo vão na frente, e por isso quando

estou a sós com Travis novamente, falo: — Da próxima vez, não precisa um almoço ou envolver Marinne nos nossos negócios.

— É família, Amândio.

Engulo a vontade de mandá-lo ir à merda e cravar minha faca no seu peito.

Um dia. Um dia, eu com certeza vou tirar esse sorriso convencido dele. Marinne amando ou não a porra do irmão filho da puta dela.



A handwritten signature in black ink, reading 'Amândio'. The script is fluid and cursive, with a large, sweeping initial 'A'.

3 MESES DEPOIS

Meus planos não eram passar meu aniversário de vinte anos, Natal e a virada do ano na Itália, e ainda estar aqui, mas não tenho muita escolha quando sou convocado por Cassio D'Ângelo.

Há três meses, meu avô me chamou para vir para a Calambria. O pretexto era bom como sempre, poder e dinheiro. Meu avô sabe manipular todos e eu sei que toda vez que ele me quer por aqui, tem a ver com mostrar aos meus primos e tios que o herdeiro do *trono* dele sou eu.

Eu quero ser o *Boss* da 'Ndrangheta um dia, estou sendo pronto para isso desde os meus nove anos – antes mesmo do acidente acontecer e mudar nossas vidas completamente – e eu almejo esse poder todo, mas odeio quando ele me faz *provar* que mereço o que diz noite e dia que é meu.

No fundo, vovô me testa o tempo todo. E se não bastasse meu pai me testar com o assunto de Marinne – o casamento – me tirar do sério às vezes, agora eu tenho meu avô fazendo seus jogos de manipulação. No momento é uma italiana falante, sorridente e alegre demais com um vestido curto, mostrando quase sua calcinha, perto de mim. Perto *demais* de mim para o meu gosto.

Mas eu sou um homem que gosta muito de foder e não vou negar já que ela está se jogando para mim.

Saindo de cima da moto que estou tentando consertar, jogo o pano com óleo em cima do banco deixando a ferramenta também para trás. Ludovico, o *faz-tudo* da fazenda do meu avô, onde estou desde que cheguei porque não quis ficar na mansão, saiu para prender uma vaca que fugiu. O lugar está livre para eu fazer o que essa *bambina* tanto está pedindo.

— *Está bem, garota* — falo na língua nativa dela, sempre que estou aqui só uso o italiano. — *Eu sei o que você está fazendo aqui.* — Fico na frente dela e arrebento a alça da porra do vestido dela e agarro-a pela cintura, e por pouco ela se desequilibra. — *Vamos dar o que meu avô quer.*

— *Quê?*

— *Seus gemidos, que ele podia ouvir se estivesse por perto.*

Os olhos castanhos dela se arregalam, mas não dou tempo dela pensar mais em nada. Eu a jogo na moita de feno, subo seu vestido de uma vez e arrebento a calcinha.

— *Ei, calma.*

— *Cazzo* — xingo alto e dou um tapa na sua bunda quando a viro de costas. — *Vem que você aguenta.*

Meus dedos fazem rapidamente um trabalho deixá-la preparada. E não demora para gozar e logo a fodo com muita força. Puta merda. Ela não é virgem, porque seria um inferno.

Ela grita, aperta o lençol sujo que estava em cima do feno e geme recebendo meu pau até o fundo.

— *Você não queria isso, safada* — falo inglês mesmo. Foda-se se não me entente.

Acelero, fecho os olhos e silencioso o som a minha volta. Estou fodendo essa menina porque gosto de prazer e para o meu avô ter o que quer. *Minha fúria.*

Que merda o estão pensando de mim. Que eu sou um frouxo deslumbrado por uma menina que eu nem sequer toquei a mão direito.



Largo minha moto – uma Honda CMX 1100 que vive dando defeito, mas não me desfaço dela, a tenho desde os meus dezessete anos – nos pés da longa escada que leva para as portas da mansão do meu avô e, por coincidência do destino, um *timing* perfeito, ele está saindo de casa nesse momento.

— *Que bom que encontrei o senhor aqui, nonno* — falo subindo de dois em dois degraus, e ele me espera ficar perto dele.

— Eu não sabia que estava me procurando.

— Na verdade, eu não estou procurando o senhor.

— Então o que é?

Deixo o capacete embaixo do braço, apoiando pelo corpo e mantenho os óculos escuros. O sol de Calambria não se compara nem mesmo com o sol do verão de Nova York, aqui o calor é exaustivo.

— Eu só quero entender o que você está querendo. Qual é o novo teste agora comigo?

Vovô toca meu ombro e passa por mim.

— Amândio, por favor, se explique e você pode me acompanhar se preferir. Tenho hora.

— Eu não posso — respondo rápido. — Tenho que tomar um banho.

Estou todo suado e me sinto pegajoso. Hoje trabalhei na fazenda, ordenhando e cuidando do pasto. Pratiquei tiro ao alvo e matei meu almoço, que por sinal não foi Ferdinando, o filho de Ludovico. Além de andar a cavalo, consertei a moto e claro, fodi aquela italiana insistente.

Eu ocupei minha mente de todas as formas que consegui por aqui. Honestamente, não aguento mais ficar na Itália dessa vez.

Eu não aguento mais ficar aqui, mas não posso sair antes que o meu avô me dê permissão, e eu até gostaria de ir com ele agora, mas minha camisa branca está imunda, cheia de graxa e rasguei a manga. Meu corpo está todo suado e fedendo, a calça já viu dias melhores e o meu sapato não é um Manolo feito à mão.

— Então, seja direto — diz sério virando-se brevemente para mim e volta a andar. — Do que você estava falando?

Descendo as escadas respondo-o em inglês mesmo.

— Estou falando da garota gostosa que você botou para ficar atrás de mim há três dias lá na fazenda.

Ele para antes de entrar no carro e me olha fixamente, suas íris mais para cinza do que azul como as minhas. Acredito que vou ficar muito semelhante a ele quando ficar mais velho. Os cabelos grisalhos, o rosto não tão velho apenas com algumas rugas e elegante. Meu avô ainda se veste como antes, porém agora o terno preto é composto com uma camisa branca e a gravata azul.

— Menina? Eu não sei do que você está falando.

— Vovô, por favor, corta essa desculpa. Eu sei muito bem que você a mandou para me seduzir.

Ele cerra sua mandíbula, olhando para baixo, então acaba dando de ombros me respondendo:

— Sim, eu a mandei.

— Para quê? — Seguro a respiração exasperada. — Para qual finalidade? Qual é o seu jogo novo?

— Não tem jogo nenhum, Amândio. Eu só quero que você se distraia.

— Me distraia? — digo com sarcasmo. — Quer que eu foda com qualquer uma que apareça na minha frente?

— Eu vou *deixar* que você fale assim comigo, porque está falando em inglês e algumas pessoas não estão entendendo, mas não fale assim com seu *Boss*. Não sou apenas o seu avô.

— Desculpe, não vai se repetir. — Me controlo e ergo a cabeça, assumindo a postura centrada. — Mas o que você quer que eu prove?

— O que eu quero, é que você não se dedique tanto a uma única mulher.

— E quem disse que eu me dedico tanto a Marinne?

— Viu só, você já falou o nome dela — desdenha. — O seu pai tem toda a razão.

— Giovanni não tem razão de nada. — Engulo o palavrão porque não quero passar a noite trancado no poço.

Vovô aprisiona e mantém alguns cativos dentro de um poço lamacento com vários bichos e uma goteira gelada, às vezes. Na minha adolescência passei muitas noites jogado no poço. E hoje em dia também, quando ele quer me preparar para um castigo. Cassio D'Ángelo só não corta membros dos seus filhos e netos porque faria falta no futuro e ele não quer, nos deixar fracos para uma possível guerra.

— Ele me falou que você vive indo para Las Vegas.

Meu corpo cambaleia e tento com muita força não desrespeitar meu *Boss*.

— É por isso que você me tirou de Nova York — presumo muito certo de que é a verdade. — Me tirou dos Estados Unidos, para eu ficar aqui na Itália, longe de tudo. Até quando vou ficar no seu radar? Até o dia do meu casamento? Ou você não vai me deixar voltar para me casar?

— Não, eu vou deixar você voltar para o casamento. A aliança com a *Lawless* é necessária para os dois lados, e você tem algumas coisas para fazer em Nova York. O seu pai quer você lá em breve. É bom você ficar perto dos negócios. Ninguém é melhor do que você fazendo as cobranças.

Isso é verdade, mesmo que meu irmão se dedique muito, Leon não é bom o suficiente. Ele é *ótimo* com as facas, um puta atirador e luta bem, mas cobrar não é punição. É um jogo, chantagem pura e manipulação. O terror psicológico que eu faço é, às vezes, pior do que um tiro.

— Quando é que você vai deixar eu ir embora?

Vovô me dá um olhar frio e solta a respiração dizendo:

— Quando você esfriar sua cabeça. Você anda muito nervoso.

Nego com a cabeça em silêncio.

— A última vez que a gente conversou, foi quando você chegou aqui e estava com raiva do Travis, porque segundo Matteo...

— O que tem Matteo?

Eu vou cortar língua desse merda.

— Ele me passou algumas informações. Você não quer que Travis cuide da irmã como ele acha melhor, mas ela *ainda* é a responsabilidade dele. Marinne ainda é uma Lozartan. Quem responde pela segurança dela, é a *Lawless*. Então você não tem que se meter, Amândio.

Eu não creio no que estou ouvindo.

— Eu não tenho que me meter? — cuspo a indignação. — Então se ela morrer, o que eu faço? Ou se ela estiver em perigo, cruzo meus braços e acho a porra de outra noiva para mim?

— Sim, não vejo problema nisso — responde e ele fala com o motorista para esperar mais um pouco e volta sua atenção para mim. — Você está livre ainda, não precisa ficar tão preocupado com ela.

Caralho! *Eu quero...*

Eu quero atirar ou quebrar algo, de preferência um nariz, ou osso da maçã do rosto.

Giro, passando as mãos nos cabelos — que estão bem grandes — e então viro para ele de novo.

— Jamais pensei que você seria como...

— Olha o que você está falando agora.

— Está sendo como o meu pai — completo. — Está falando da Marinne como se ela fosse simplesmente um prêmio. Uma roupa que eu posso descartar se não me servir mais.

— As mulheres que nós nos casamos arranjadas, é basicamente isso.

Travo a voz e olho para o chão. Não posso levantar a voz para ele. E não posso, muito menos, demonstrar como me irrita falar assim *dela*.

— *Nonno*, eu sei que tenho que escolher a *Famiglia* em primeiro lugar. É meu voto de honra — falo sentindo meus olhos vibrarem enquanto o encaro fixamente, com meu coração martelando no peito.

Sinto tanto ódio nesse momento, como um veneno escorrendo por todo o meu corpo e a minha vontade é de enfiar o meu dedo no peito dele para ver se ele entende o meu compromisso.

Respiro fundo e continuo:

— Eu jurei a minha vida, o meu suor e cada gota da porra do meu sangue para a *Famiglia* e quando eu aceitei esse casamento, também. E quero que o senhor entenda, quando eu aceitei *ela* também jurei por minha honra.

Ele me fita com total desprezo. Parece que estou falando algo de outro mundo.

— Eu não quero outra esposa. Não quero me casar de novo e não quero ser que nem você e o pai, ter três, quatro mulheres e vários filhos com elas. Eu não quero isso.

— Não pode se comprometer desse jeito, Amândio — a voz dele é cheia de mistério e intimidação.

— Eu sei, mas já que vou me casar, quero que dê certo e não porque eu me apaixonei por Marinne Lozartan. Porque eu a amo — cuspo as palavras e tento baixar um pouco a voz. — Quero que ela seja a única, porque eu acho que é um desperdício de tempo ficar toda hora procurando uma nova mulher.

— Eu também acho. Preciso concordar com você.

— Ótimo.

— Mas você está dificultando o acordo.

— Eu não estou dificultando nada.

— Sei que parece simplesmente uma noiva para você, uma aliança, mas esse casamento nos trará menos conflitos e ataques. Um *pé* dentro da *Lawless*. Porém, você está se envolvendo muito indo toda hora para Las Vegas.

— Você quer que eu faça o quê? Que eu bata nela, que eu a trate mal, que eu não ligue? — Subo o tom da voz. — O Travis fez um acordo, esqueceu? E nesse acordo, eu tenho que ir visitar a minha noiva e eu não vejo nada demais. Dessa forma eu consigo saber como andam os negócios de Las Vegas. Ver como tudo está indo por lá. — Passo as costas da mão no rosto limpando o suor. — Eu não vejo o porquê de tanto alarde. Você está me

testando. Está me trancando na Itália e me proibindo de estar onde eu devo estar, que é na minha cidade: Nova York.

— Amândio — ele dá um alerta dizendo meu nome.

— Eu não estou desrespeitando o senhor, *nonno*, só acho que é desnecessário me manter aqui.

— Me prove que é desnecessário.

Franzo a testa sem entender.

— O que você quer que eu faça agora?

— Pare de visitar tanto Marinne.

— Você já não está satisfeito com meus três meses aqui?

— Quando você chegar na América, vai fazer o quê?

— Não sei quando eu vou voltar.

Ele respira e reformula a pergunta.

— E se chegar a tempo do aniversário dela?

— Provavelmente eu vou ter que ir. É uma obrigação eu ir vê-la.

— Tudo bem, será o último aniversário antes do casamento, então.

— *Como é que é?* — questiono em italiano.

— O nosso acordo é que você pode ir ao aniversário de dezesseis anos dela, mas é o último — sentencia. — Você só irá retornar a ver Marinne, no casamento. Está certo?

— O que você está achando? Que estou amolecendo? — Aperto com força o capacete em minhas mãos.

— Que você está se apegando demais. Você acabou de dizer: “nós juramos nosso sangue pela família”. A pergunta que eu te faço, é: Se ela morrer? E se um inimigo a pegar sabendo que é seu ponto fraco?

Franzo a testa rápido.

— Meu ponto fraco?

— Todas as esposas e filhos são pontos fracos, Amândio, mesmo que a gente não tenha tantos sentimentos assim pela mulher que dorme ao nosso lado às vezes.

— Caralho — digo dando um riso torcido. — Eu estou tão admirado com o que você está falando. Eu pensei que você honrasse a minha avó.

— E eu honro. Nunca a trai e ou tratei mal. Ela é uma mulher muito digna e minha companheira de muitos anos, mas eu me casei três vezes e só com ela tive filhos.

— Sim — falo baixando a cabeça.

Um silêncio cai sobre nós e eu ergo o rosto para o seu.

— Estou indo ter uma conversa com Santino sobre a situação de Chicago, se você quiser participar?

Nada desse assunto me importa. Enquanto os imbecis de Chicago continuarem em seu território, não são assunto da *Darkness*.

— Eu gostaria de voltar para *casa*, se você me permitir.

Pondera, me encarando e assente dizendo:

— Tudo bem, pode voltar para Nova York, mas você está avisado. *Jura* que só vai ver Marinne agora no aniversário dela por causa do acordo de Travis e depois só no casamento?

— Eu juro. — Minha palavra vale mais do que contrato e meu avô sabe disso.

— Ótimo, pode entrar, tomar um banho e ir embora.

Assinto e aperto sua mão.

— Então adeus, *nono*.

— Até breve.

Vejo-o finalmente se preparar para entrar no carro, um dos pés já dentro e o chamo de novo. Olhando-o nos olhos, pergunto:

— Por que eu preciso me provar tanto? — reclamo em voz alta, mas nunca gritando, me elevando ao meu *Boss*. — Eu já não tenho que fazer isso todo santo dia em Nova York?!

— No momento para si mesmo, Amândio, para esse casamento que está tão perto cada dia mais. Eu não quero que você se perca nesse matrimônio. *Ele* não é nada mais nada menos do que tático, e eu espero, sim, que você não precise se casar de novo. Que Marinne seja uma boa esposa para você e uma ótima mãe para os seus filhos, mas não se apegue. — Algo reluz em seus olhos. — Não vale a pena.

Eu assinto e permaneço de cabeça baixa quando ele entra no carro e vai embora. Talvez o que ele queira me dizer nessa conversa longa, é que nós *Madmen* nos entregamos totalmente e eu sei que as duas primeiras esposas dele morreram nas mãos de inimigos e que a primeira ele tinha sentimentos por ela.

Cassio apenas não deseja para mim o que ele não desejaria para si mesmo. Eu entendo, mas não sei se eu e Marinne um dia iremos ter sentimentos como ele viveu no seu primeiro casamento.

Por ora, eu apenas sei que não consigo ignorar *ela*. Eu acabei de mentir para o meu avô. Não é só pelo acordo de Travis que visito Marinne.

Eu me importo e me interesso pela *chama* tão intensa dentro daquela garota, que eu não consigo me desvencilhar.



UNS DIAS DEPOIS

Marinne Lozartan cresceu de uma forma impactante em apenas cinco meses. Um maldito tempo se passou desde que a vi a última vez, desde o seu aniversário de quinze anos, quando lhe dei sua aliança, que ela ainda não usa no dedo.

Hoje ela está completando dezesseis anos. *Porra*. Só mais dois anos e ela será minha. Absoluta e irrevogavelmente minha essa linda menina-mulher será minha. Mesmo me negando a forte atração que me puxa para ela, não consigo negar para mim, em meus pensamentos que ela mexe comigo.

E eu não sei o porquê, porém não vejo a hora do momento que poderei tocá-la e reivindicá-la acontecer. De eu possuí-la.

Estou longe dela nesse momento, vendo entre as incontáveis flores da decoração da sua festa. Ela é uma menina delicada, doce e alegre conversando com alguns convidados no enorme jardim da mansão dos Lozartan.

Marinne está bem bonita com um vestido rosa claro e brilhante, as mangas encorpadas e comprimento apropriado para sua idade. Os cabelos estão maiores e não cortou mais a franja. Ela está com Madeleine conversando e rindo. Estando no canto da festa, vejo quando Paolo e a esposa nova chegam com uma bebê. Espero eles se acomodarem e, como todo *Consigliere*, Paolo vai até seu *Capo* primeiro.

— Você só vai ficar olhando de longe? — Matteo interroga atrás de mim.

Virando-me para ele, encaro-o com ódio.

— Não trouxe você para dar palpite no que deixo de fazer.

— Sim, você não me trouxe.

Matteo gosta de me incomodar e testar o quanto aguento até acertar um soco na sua cara *arrumada*. Ele tem uma cicatriz no queixo que deveria ser um lembrete, mas hoje nada o fará ficar na dele. Meu avô e meu pai o incumbiram de me vigiar perto de Marinne.

Caralho. Eu não sei o que eles estão querendo de mim. Se o objetivo é me controlar, o resultado pode ser inesperadamente ruim. Para os dois, é claro.

No momento estou focado em falar com Marinne e tomando a atitude de ir até ela, paro quando a esposa de Paolo caminha até Marinne sendo fotografada na pista de *corrida de kart*.

Marinne me surpreende sempre positivamente. *Kart*? Ela gosta de aventura e adrenalina. Isso é bom. Algo incomum entre nós, velocidade.

A filha de Paolo corre para os braços de Madeleine e elas sorriem. Madeleine cumprimenta a esposa do *Consigliere* e, depois de trocarem “falações”, fofocas de mulheres da *Famiglia*, elas se aproximam de Marinne.

Eu sou um homem que cumpri as honras e a etiqueta, mas se elas forem demorar no cumprimento, é bom eu ir logo. E escolho este momento para ir até a minha *noivinha*.

Seus olhos azuis se arregalam quando encontram os meus e noto quando prende suavemente a respiração, no entanto logo solta quando paro na sua frente e ofereço minha mão, que ela aceita e dou um beijo rápido.

— Feliz aniversário, Marinne — comento e meus olhos vão para Travis ao longe com Paolo. Está me vigiando também. Ele tem motivo, zelar a irmã. Meu pai quer é me castrar.

— Oi, Amândio — murmura e baixa a cabeça, encabulada.

O tempo longe foi ruim para a sua confiança em mim.

Dando um suspiro, apruma a postura e seu olhar dispara para algo trás de mim, para a esposa e filha de Paolo. Sabendo que não posso monopolizar ela agora, vou me afastar e deixar que cumprimente seus convidados.

— Depois nos falamos. Certo?

Ela assente umas três vezes e morde o lábio inferior.

— Tudo bem. — Sua voz é um cochicho inseguro.

Cerrando a mandíbula, me afasto e escolho a mesa mais longe de onde está Travis conversando com o *Consigliere* dele. Seu olhar tenso ainda está em mim. Serei obrigado a falar com ele, a honra sempre vem primeiro, mas ficar dele perto tempo demais, não.

— Fique naquela mesa — ordeno para Matteo. — Vou falar com o meu — pauso e limpo a garganta — sogro, cunhado, sei lá.

— É bem isso aí.

— Não fode minha paciência hoje, Matteo.

Meu braço direito balança a cabeça rindo como sempre de tudo e caminha para onde eu o mandei ir, enquanto eu vou até Travis.

— Amândio — ele fala primeiro e estende a mão, que eu aperto.

— Travis.

— Pensei que não viria depois de faltar no Natal e ter sumido. — O queixo dele está tenso, sem dúvida ele quer me matar.

Penso em abrir a boca para falar, mas ele continua:

— Soube que passou uma temporada em Calambria.

Babaca. Ele quer provar que me vigia até nas terras inimigas.

Como a *Lawless* é membro majoritária da *Camorra*, os Lozartan jamais pisariam no território do meu avô. A *'Ndrangheta* é a pior na Itália e vive disputando e entrando em guerra com a *Camorra* – terras de Giulia Caputo.

Passar um tempo em Calambria foi ruim em muitos aspectos, mas bom para ver a situação das organizações na Itália e o quão ruim as *Famiglie* estão. E não poderia estar pior a guerra de território. A maldita *Sacra Corona Unita* está tomando força e isso quer dizer apenas uma coisa para o meu avô: ele precisa matar um bom número de homens do seu rival antes que seja ele a cair.

— Negócios sempre vêm primeiro, não concorda?

— Nós temos um acordo. São negócios também.

— E *nele* tem outras coisas em jogo e soube que meu irmão fez suas encomendas chegarem perfeitamente a você — retruco e olho de relance Marinne, ela está com a bebê de Paolo no colo sorrindo.

— Sim, chegou.

— Então está reclamando de quê exatamente?

Ele dá um passo para a frente, me intimidando.

— Não se esqueça de onde você está. Aqui você não é invencível.

— O único que está se esquecendo de algo aqui é você. — Fecho meus punhos dentro dos bolsos, forçando-me a não pegar minha faca e cortar a garganta dele.

— Amândio — Paolo diz meu nome com ameaça.

— O que é, Paolo? O que você não aprova agora?

— Como? — Travis indaga olhando para nós dois, indo e voltando para nossos rostos.

— Você deveria prender seus cães no canil ao invés de deixá-los falando merda por aí e influenciando sua irmã.

Travis encara Paolo por alguns segundos, provavelmente esperando uma explicação, e depois retorna para mim.

— Se ele estava cuidando da minha irmã, não há problema.

Deixo um sorriso sarcástico surgir e arfo com força.

— Vocês que se entendam, eu não tenho nada a ver com isso, mas a questão é que se o objetivo é fazer a Marinne ter medo de mim, por que que você quer tanto que a gente conviva antes do casamento?

— Medo de você, do que você está falando?

— Seu *Consigliere* ficar colocando merdas na cabeça da minha noiva.

— A palavra é ácida para ele, mas como mel para mim. — Todos nós temos passados sombrios e... sanguinários, não tem necessidade de ficar falando isso para ela e dizendo que meu “histórico” — sou sarcástico — faz *ele* ter receios de mim com ela. Isso é a porra de uma piada do caralho, Paolo — falo olhando para ele. — E outra coisa, as pessoas não me conhecem. Todos têm informações sobre mim que eu disponibilizo, então você não sabe merda nenhuma de quem eu sou. Não fique falando merdas para *ela*.

Seu olhar tem a força de um tiro de fuzil, e estou esperando-o atacar. Seria maravilhoso vê-lo se arrepender das suas palavras. Lutar com um homem que tem a mesma fúria e sede de sangue como eu é sempre melhor do que ver terror nos últimos segundos da vida de alguém na minha frente.

— Acho que seria melhor você ir para a sua mesa agora, Amândio. Vou ter uma palavra com o meu conselheiro.

Eu assinto firme e viro-lhe as costas cansado de me controlar para não acertar um soco ou ver o sangue de um dos dois nas minhas mãos. A lâmina da minha faca tem sede de cortar a arrogância de um desses filhos da puta.

Minha rota de ir para a minha mesa é mudada quando avisto *minha noivinha* sozinha. Ela está sorrindo enquanto conversa com uma menina, que parece ter a idade dela. Deve ser do internato. Conversas ingênuas, aposto.

Escuto-a rir alto mais uma vez, porque, enquanto discutia com Paolo e Travis, ela fez isso uma vez. Agora eu posso olhá-la fixamente e perceber suas bochechas vermelhas quando seu olhar me encontra.

Caralho, é sério. Ela está me fazendo pensar coisas que eu não deveria. Já fiz todos os tipos de pecados possíveis. Já matei, torturei e fiz

chorar homens fortes. Já vi mulheres queimarem como bruxas pelas mãos dos meus homens. Eu posso não matá-las, mas ordeno e assisto ser feito muitas vezes.

Um garçom passa na minha frente e eu arranco da bandeja, rápido demais, um copo de uísque. Entorno a bebida em segundos e devolvo o copo para a bandeja. O homem nem se assusta com meu comportamento. Se ele está aqui dentro sabe o que esperar. Nenhum contratante da *Famiglia* é ingênuo.

Depois de uma longa espera, porque não quis ser um babaca e invadir o espaço dela, e até para não precisar de Travis no meu encalço, finalmente sua amiga se afasta e ela fica a sós, exceto Mario. Eu me aproximo com passos lentos, ela olha para mim fixamente. Ficar puto que não a deixavam livre passou por causa do seu olhar.

— Pensei que não iriam deixar você falar comigo.

Ela sorri com os olhos um pouco para baixo, as bochechas estão vermelhas. Colocando a mão dentro do meu paletó, pego o embrulho e entrego-a.

— Seu presente.

Marinne franze a testa olhando para minha mão e meu rosto.

— Por que não deixou na entrada?

— Porque eu prefiro entregar pessoalmente a você.

— Está bem — sussurra e pega o embrulho.

— Abre.

Ela assente e abre um sorriso enquanto descobre uma pulseira de ouro como um couro de cobra, o símbolo da *Darkness*. Nossa tatuagem de iniciado é uma cobra entre a palavra juramento em italiano. E Marinne não achou apenas a pulseira como um anel e um colocar da mesma forma que a pulseira. É mais uma gargantilha.

— Cobras — ela murmura para si mesma e então ergue o rosto para mim: — Significa algo, certo?!

Dou dois passos e fico próximo dela ao ponto de sentir seu perfume adocicado, mas não acho enjoativo e sim viciante.

— É o símbolo da *Darkness* e como você fará parte dela — deixo em aberto a frase, pois não precisa de explicações.

Marinne assente e fecha a caixinha com as joias. Suspirando, encara-me.

— Obrigada pelo presente e... por ter vindo hoje.

Fico parado, sem dizer nada e pensando que talvez meu avô tenha razão. Eu não deveria deixá-la tão acostumada comigo, ou eu acostumado a estar com ela. Ainda tenho a sensação de que Marinne esconde algo *nela*. E isso me consome. Como uma doce menina, inocente e angelical, consegue ter um ar tão firme e poderoso.



2 ANOS DEPOIS...



POR DENTRO DA REVISTA

Marinne Lozartan, a filha caçula de Vincenzo Lozartan Segundo, a princesa do império criado sobre o luxo e jogos de Las Vegas, está noiva do herdeiro das indústrias cuja riqueza é capaz de coordenar toda Nova York.

Dinheiro não será problema para o jovem casal, porém, o que não passa despercebido é o fato de a união ser por aliança comercial. O que será que Vincenzoalaria se estivesse vendo o filho mais velho casar sua filha única com um homem que não tem a melhor das reputações? Embora Amândio D'Ângelo seja lindo e conquistador de corações quebrados e muitas pretendentes, ele não se parece o cara disposto a sossegar por pouco. Com certeza tem muito dinheiro nesse acordo.

Enquanto os meros mortais e pobres acham que casamento por aliança ficou no passado, essa união entre as duas famílias mais ricas de Nevada e Nova York, está a todo vapor.

Amândio D'Ângelo, o solteirão, e do outro lado do país da sua noiva, parece não estar muito ansioso para o casório. Anda circulando pelo país de origem da sua família. E outra coisa que chama a atenção, é esse parentesco com a Itália. As duas famílias são descendentes de italianos e com todo esse dinheiro e poder envolvido, nos leva a pensar que a máfia italiana pode estar entre nós, ou eles. Parece que não é coisa de filme.

No entanto, não há provas e os D'Ângelos e os Lozartan já negaram todos os boatos sobre isso e foram absolvidos. Las Vegas e Nova York ainda

têm eles com todo o seu peso comercial, financeiro e predatório. E tudo não passa de especulações de más-línguas sobre toda a fortuna acumulada das duas famílias, que é quase imbatível.

O interessante é apenas a curiosa união entre Amândio e Marinne e o estranhamento do noivo não pisar em Las Vegas há dois anos. Será que ele comparecerá ao aniversário de dezoito anos da noiva no próximo mês? O boato é que será a festa do ano.

A handwritten signature in black ink, reading 'Marianne'. The script is fluid and cursive, with a large, sweeping initial 'M'.

Eu não consigo acreditar que estou fazendo dezoito anos. Okay, basicamente já tenho há um dia, mas hoje é *a festa* do meu aniversário e me dá um frio na barriga porque daqui a seis meses eu vou para Nova York.

Tentando diminuir um pouco com a minha ansiedade, pego meu celular – de novo – e procuro o nome de Amândio. Encontro de cara uma reportagem feita por uma revista famosa, que saio essa semana. Fico alguns minutos admirando sua fotografia, ele vestido todo de preto e o rosto marcado pela mandíbula rígida. Não parece relaxado por ser fotografado. Okay, os *Madmen* nunca gostam de serem expostos e em público são extremamente cautelosos, para não dizer desconfiados.

Fitando melhor seu rosto, tenho a clareza de que nunca tinha percebido, quando era mais nova: o quanto Amândio é... bonito e posso afirmar, atraente.

Agora que eu tenho um pouco mais de noção e não sou mais criança, percebo como ele realmente é lindo. Não o vejo mais com os olhos de que ele é um estranho, um homem mais velho do que eu. Talvez se torne um marido cruel, como muitos; ou me surpreenda, sendo como o meu irmão é para a sua esposa e filho.

O que sinto agora passa de uma ansiedade enorme para uma curiosidade tentadora. Por isso fiquei tão chateada por Amândio não ter vindo me ver nos últimos dois anos. Ele fez questão de dar os presentes nos dias comemorativos, inclusive um relógio de ouro com diamantes nos meus dezessete anos, mas nunca com uma palavra.

Para mim, eu não tive *nada* dele. Não sou ligada a bens materiais. Isso Travis sempre me dá, até demais.

Amândio sumiu desde o meu aniversário de dezesseis anos e não me lembro se falei ou fiz algo errado. Se aconteceu alguma coisa que o chateou. Merda! Homens como Amândio não ficam chateados. Mas não sei, talvez aconteça às vezes. E me lembro daquele dia e até tinha percebido que ele estava estranho, mas senti que não era problema comigo. Então ele sumiu e eu mudei de ideia sobre se era mesmo um problema *comigo*.

Agora, depois de tanto tempo sem vê-lo, eu estaria mentindo se não quisesse ele aqui hoje. Queria que viesse pelo menos neste aniversário, que será o meu último em Las Vegas.

Mesmo estando bem zangada por ele ter desaparecido como se eu não fosse nada – absolutamente nada – e sim apenas um casamento de merda estratégico. Como se ele não tivesse honrado o acordo com Travis de me conhecer nesses três anos de noivado, eu o queria aqui hoje.

Quero vê-lo antes do nosso casamento. Às vezes acho que preciso vê-lo antes e nem sei direito o porquê.

Travis só não ligou, ou reparou na sua ausência, porque talvez eu não me senti mal “visivelmente”, não reivindiquei, não reclamei e foram tantas coisas que ele teve que enfrentar nesses últimos anos, que *tudo bem* Amândio não aparecer por Las Vegas. Na verdade, ele sumiu do mapa e segundo os tabloides e revistas de fofocas de Nova York, ele estava pela Itália, de novo.

Eu sinto um mal pressentimento de ele ter que ir para lá toda hoje. Sinto que tem algo de ruim. Talvez eu esteja só muito zangada com a situação, ou não.

Respirando fundo, fecho o aplicativo de fofocas, coloco meu celular em repouso e largo em cima da escrivaninha do quarto.

No espelho ajeito os meus cabelos, que cortei para ter um visual novo de dezoito anos. Estava muito grande. Agora eles estão um pouco abaixo da altura dos meus seios. Gostei da minha nova aparência. Pareço mais adulta e as aulas de yoga e bike na academia deixaram meu corpo sem gordurinhas aparentes – as que ficaram foram para minha bunda e coxas – e a professora (Travis não deixa que eu fique perto de outros homens, só Mario, meu guarda-costas) disse que ganhei músculos. Levando em conta que minha calça jeans mais justa não dá mais, sei que é verdade. Meu bumbum está maior e durinho.

Eu gosto de me cuidar, distrai minha cabeça. Isso quando não estou lendo, vendo séries ou aprendendo a desenhar no *iPad* ou no papel mesmo. A

maioria das meninas da *Famiglia* são prendadas, tem seus dons. O meu é o desenho.

Sorrio lembrando dos comentários das minhas amigas, que eu não tenho mais carinha de criança e que eu poderia ser modelo. Sempre rio disso porque nunca vai acontecer. Eu me expor desse jeito? Talvez em outra vida.

Ajeitando o decote, para não aparecer demais, do meu vestido, colocando uma jaqueta de couro que ganhei de Dario e passo o *gloss* de morango de novo na minha boca. Coloco meu celular na bolsa e saio do meu quarto *de vez*.

Descendo as escadas correndo, vou direto para a cozinha escutando Dante gritar.

— Ei, garoto, o que que você está fazendo aí?

— Irmã! — Ele vem me abraçar e eu abro um sorrisão.

Adoro o fato de ele achar que eu sou sua irmã e não tia. Bem, eu também não gosto de me sentir tão velha ao ponto de ser tia e o amo como se fosse o meu irmão. Eu o amo demais e já sinto um aperto no coração pela enorme falta que vou sentir dele quando estiver em Nova York.

Pegando-o no colo, beijo seu rosto e ganho um beijo também. Nosso príncipe não é mais um neném pequenino com seus três anos, mas ainda meu bebê elegante. Madeleine gosta de vesti-lo como um mini Travis. Um mini *Capo* como todos falam.

— O que você está aprontando?

— Quero bolo.

Solto uma gargalhada.

— Bolo só mais tarde, agora não.

— Bolo!

— Escuta, hoje é meu aniversário e terá bolo.

Ele toca meu peito com o seu dedinho e concorda com um aceno. Dante está lindo com uma calça e blusa social preta. Já está se habituando a vestir preto. Bem, eu não sou um *Homem Feito*, mas só uso preto, e branco também. São as únicas cores de roupa que eu tenho no guarda-roupas. Se tem outras cores, é presente ou camisola.

— Que tal a gente brincar um pouco e depois comer bolo?

— Mas já... está quase de noite — ele diz com sua voz *ainda* infantil e atrapalhada.

— Eu sei, Dante, mas agora não.

— Danteee! — Escuto Madeleine chamá-lo e viro-me.

— Mamãe. — Ele estica os braços e ela o pega no colo.

— O que você quer?

— Ele quer bolo, mas já disse que só mais tarde.

Madeleine vem para mim, me abraça e fica conosco nos braços, embora esteja só me abraçando e ele no colo.

— Hoje tem festa — Madeleine fala como se fosse um segredo, nos fazendo rir.

— Sra. Lozartan.

Vemos Luigi aparecer, roubando nossa atenção.

— O que é?

— Já está na hora.

— Oh sim, sim. Eu sei — ela fala e vira-se para mim. — Você deixou sua bolsa pronta?

— Está na sala desde cedo e não peguei porque vim para cá encontrar esse monstinho.

Dante segura minha mão antes de eu conseguir apertar suas dobrinhas. Enquanto ele for criança, será tratado como tal.

— Então vamos. Travis já está nos esperando — Madeleine comunica e vira-se para Luigi colocando-se em movimento. — Ligue para Dario e o mande ir para lá logo. Não quero que se atrase e não aceito que não vá.

Luigi assente e some pelas portas da casa. Eu viro-me para Madeleine e beijo seu rosto.

— Sou tão feliz por você existir.

Ela me dá um sorriso neutro e pega minha mão apertando.

— Eu também sou feliz por estar aqui.



Hoje como será minha festa de dezoito anos, um dia histórico, acho que Travis está tentando se despedir de uma forma escandalosamente glamorosa sendo a última festa de aniversário que ele poderá me dar, que realmente estarei em casa. Minha festa será no salão de festas clássico do Bellagio.

No hotel, eu subi para o quarto de luxo que Travis reservou para mim. Não é o máster, porém é um dos melhores e não estou no top dos top porque não quis. Eu pedi a ele para ser uma garota normal hoje. Ele riu e disse: “*Você não é normal, mas te darei o que pede*”.

Depois de algumas horas na banheira, relaxando e esfoliando minha pele, saí para começar a me preparar. Uma cabeleireira veio fazer meu cabelo. Só escovei e ondulei as pontas. Assim que estive a sós de novo, me aprontei.

Agora, parada em frente ao espelho de corpo inteiro do quarto, me olho e mordo o lábio por estar tão “*não eu*”. Hoje não sou a doce menininha de Travis que todos temem encostar desde que ele me assumiu como sua filha.

Uso um vestido preto colado ao meu corpo até o alto das minhas coxas e solto para baixo. Ele tem uma fenda da altura da minha coxa direita até o chão. É lindo e *sexy*. As leves alças seguram bem meus peitos, que, graças a muitos exercícios, genética e alimentação são firmes e não muito grandes. Minhas sandálias prateadas com diamantes cravados. Na minha boca escolho um batom *nude* com o *gloss* de morango para combinar com a maquiagem leve, apenas o *delineador* de gatinho que adoro.

Estou um escândalo e Travis não poderá falar nada contra. O vestido é até comportado e Madeleine que escolheu comigo, e como ela é minha *mãe*, ele não tem que falar nada.

Colocando perfume de novo, estou prestes a sair quando paro encarando a porta do quarto. Respiro fundo me lembrando do *colar*.

Então eu volto, vou até minha mala em cima da cama e acho o presente. O primeiro presente que Amândio me deu. O colar de coração de rubi. Eu nunca usei. Achei que era demais para mim naquela época, mas hoje...

Por fim, pego e me encarando no espelho coloco em cima do meu colo. Analiso se uso ou não hoje e tomo a decisão. Tiro de cima de mim, coloco de volta no modo certo e com toda a coragem do mundo, *visto* de uma vez no pescoço. O frio dos diamantes na minha pele me deixa arrepiada e o peso do rubi é até confortável sobre o meu pescoço. Sorrio satisfeita porque combinou demais e é lindo.

— Perfeito! — digo em voz alta.

Saio do quarto e, chegando na sala da suíte, alguém bate na porta e eu saio do meu devaneio de me fingir ser outra garota.

Nossa, já deve estar na hora de descer e Mario não gosta que eu me atrase.

— Eu já vou! — grito e pego meu celular na mesa, que tem o resto da minha janta.

Quase não comi nada de nervoso. Ajeitando meu cabelo abro a porta e meu coração parece que cai nos meus pés, assim como meus cabelos sobre meu colo.

— Amândio — sussurro *bem baixinho*.

— Oi, Marinne — ele me cumprimenta.

Acho que parei de respirar.

Ele realmente está na minha frente depois de dois anos e, se eu estava achando-o bonito nas fotos, pessoalmente Amândio arrancou meu fôlego. *Meu Deus!*

Ele parece mais maduro e perigoso. Está vestido social e como sempre, todo de preto. E seu cabelo agora está mais baixo e escuro. Não me lembrava de que era tão castanho. Seu rosto tem uma barba por fazer cultivada e aparada, parece que *arranha*. Seus olhos estão cinza profundos e intensos – como eu me lembrava. Mas a marca, uma cicatriz avermelhada ainda, um pouco acima do seu supercílio esquerdo, eu acho que eu nunca tinha visto.

Consigo perceber debaixo do paletó seus músculos tão aparentes e na mão direita tem um anel no dedo mindinho e não sei se é, mas parece uma tatuagem saindo por baixo do colarinho da camiseta na pele do seu pescoço. Ele não está de camisa social. Dá para perceber também o couro do coldre por baixo do paletó. Calça, camisa, paletó e sapatos *pretos*. Perfeitamente pretos e polidos.

Engulo em seco com toda a parcimônia que consigo para ele não enxergar meu nervosismo e volto meu rosto para o dele.

Madre del cielo!

Ele é tão... Ele é extraordinariamente lindo.

— Posso entrar? — ele pergunta.

— Não acho que é apropriado. — Olho para Mario do outro lado do corredor, que olha para mim também.

— Eu já pedi — Amândio fala — e me falaram que não tem problema. Só quero, — ergue a mão mostrando o embrulho de presente, — entregar isso para você.

Tem uma musiquinha boba na minha cabeça nesse momento. Sorrio e dou de ombros. Ele e essa mania de me entregar presente pessoalmente. *Menos no último aniversário*, minha consciência ironiza.

— Tudo bem, se deixaram — eu digo.

— Cinco minutos! — Mario fala alto.

Amândio não olha para ele quando diz:

— Não se preocupe. Cinco minutos.

Segurando a respiração, deixo que ele passe por mim e fecho a porta. Observando-o indo mais para a sala, parando quase no limite das portas duplas do meu quarto, solto o ar lentamente e caminho até ele.

Amândio se vira e me encara com tanta intensidade. *Porra!* Eu juro que estou tentando respirar normal, mas meus pulmões falham. Acho que preciso de um balão de oxigênio.

— Eu trouxe isso para você da Itália. Espero que goste.

— Era lá que você estava? — digo sem me mexer para aceitar o presente.

— Como? — Ele franze a testa e chega mais perto, diminuindo nossa distância, e sinto seu perfume. O cheiro almiscarado de perfume masculino seco e inebriante.

— Esse tempo todo que você me ignorou estava na Itália?

Eu cheguei a ler sobre ele estar na Itália, mas nada confirmado pela *Darkness*. Por ninguém aliás.

— Na verdade — ele dá outro passo e agora dá para observar melhor os traços do seu rosto de tão perto —, eu precisei ir para lá.

— Podia ter ligado. — Essa confiança minha nem sei de onde está vindo. — Dado um sinal de alerta, qualquer coisa. Achei que não o veria hoje, só no casamento. Quebrou o acordo de Travis de nos conhecermos.

— Marinne — range os dentes e coloca a mão livre dentro do bolso. — Saiba que não foi minha intenção sumir por tanto tempo.

Eu não sei porque, mas acredito que não foi porque ele quis.

— Tudo bem, mas perdemos a oportunidade de nos conhecer.

Eu não deveria me sentir tão abalada por isso, mas fiquei porque no fim ele é um estranho. Não sei nada sobre ele além do óbvio e vou precisar dormir na mesma cama, morar na mesma casa e numa cidade nova da noite para o dia.

— Vou tentar compensar — diz com sua voz rouca.

— Como exatamente?

Deus! De onde está vindo tanta coragem?!

Então ele está perto de mim, bem perto de mim, tão perto de mim que eu quase perco o ar e seja o que tiver dentro do embrulho, ele deixa cair no chão e sua mão desliza pela minha cintura, puxando-me ao seu encontro e a mão que estava no bolso chega no meu rosto, escondendo-se em meus cabelos.

Congelo e apenas sinto seus dedos correndo pela minha nuca. Ele toca sua boca nos meus lábios. Em choque me dou conta de que ***ele acabou de me beijar!*** Rápido como uma promessa. E me surpreende novamente deixando um beijo na minha testa antes de encarar-me nos olhos, ainda do mesmo jeito. As mãos em mim.

— A gente tem a vida toda para nos conhecermos. Não liguei porque não podia, estava a negócios na Itália e não foi minha intenção deixá-la chateada.

Sinto como se fosse um pedido de desculpas sem as próprias palavras. Um *Madman* não pede desculpas, não lamenta, não diz: *sinto muito*.

— Eu não cumpri minha palavra, sei disso, mas quero que saiba que honro meus compromissos e que não fiz porque realmente não foi possível, Marinne.

— Está com medo do meu irmão? — Ergo uma das sobrancelhas.

— Se eu estivesse, não teria acabado de te beijar.

Isso faz eu abrir um sorriso sem mostrar os dentes e assentir. Seus olhos ficam escuros, o azul some e permanece totalmente cinza grafite.

— Já tinha sido beijada? — ele pergunta com sua voz rouca e sexy. Tão viciante.

— É claro que não — respondo rápido. — Eu sou sua desde os quinze anos. — Fecho as mãos ao lado do meu corpo, inquietas para tocá-lo também. — Nunca cheguei nem perto de outro homem e...

Sou interrompida por sua boca afoita beijando-me de novo. Suas mãos seguram meu rosto e, mesmo que não coloque força, o jeito que seu corpo se projeta, o jeito como domina até o ar em nossa volta... Seus lábios pressionam os meus e, curiosa, abro os meus. Sinto a umidade da sua língua tentando contato e permito.

Meu corpo todo se arrepia, meu coração parece que quer parar ao mesmo tempo que acelera como um motor de um carro subindo uma ladeira. Seu jeito de lambar minha boca faz com que eu pareça um aperitivo e que

está tendo uma amostra. Fico agitada e sinto sensações nunca vividas em toda a minha vida. Minha respiração está acelerada e difícil.

Aperto minhas mãos mais um pouco. Não sei o que fazer. Se retribuo, agarro ou empurro ele. Não sei de nada, porque ele me beijar é bom. É incrível. Sua boca acariciando a minha enquanto sua língua dança com a minha, seu gosto, seu som quando chupa mais forte minha língua. Meu coração está batendo doloroso e eu poderia ser beijada por ele à eternidade.

Tomando fôlego, Amândio dá um beijo rápido e seco nos meus lábios. Se afasta acariciando meu rosto e coloca meu cabelo atrás da orelha. Seus olhos focam no meu pescoço e algo primitivo reflete neles quando se voltam para os meus.

— Você está usando.

Olho para o mesmo local e entendo que está falando do colar de rubi. Levanto a cabeça e fito-o.

— É claro.

Fica alguns segundos em silêncio, pensativo, e por fim fala:

— Quando eu te dei, imaginei você assim; uma mulher linda, não uma menina doce demais usando.

— Era assim que você me via, não é? Uma menina? Uma criança?

— Eu via você da mesma forma que olho para a minha irmã mais nova. Para mim era inaceitável ter qualquer tipo de pensamento além deste com você naquela época.

— Você tem moral — solto e me arrependo.

— Sobre isso sim.

Como dou de ombros e ele se afasta de uma vez, não antes de acariciar meu lábio inferior com seu polegar.

— Ainda me vê como uma criança? — indago.

— Acha que sim depois de beijar você?

— Não — sussurro.

Recuperado, se agacha com toda elegância e pega o embrulho. Levanta-se e me entrega.

— Espero que goste.

Sorrio com educação e desembrulho. Vejo que é uma caixa de veludo como a do colar de rubi e pergunto a ele:

— Outro cordão?

— Esse é um colar de família, por isso espero que você goste.

— Está bom — digo com um sorriso e olho para a caixinha.

Abrindo-a vejo um colar totalmente diferente do outro. Esse é de ouro, cordão simples com um pingente pequeno; um crucifixo adornado de ouro de três centímetros.

— E esse é do meu avô.

Franzo a testa e pego uma nova caixinha, abro e encontro um relógio de ouro fino, simples, da *Ralph Lauren*.

— Adorei. Muito obrigada e estou em choque com o presente dele.

— Eu estava por lá e ele quis lhe dar as boas-vindas à nossa família.

Isso significa muito em nosso círculo. Alguns podem até nutrir uma raiva de mim por inveja. Não são todos que têm essa honra de Cassio D'Ângelo. É notória sua frieza.

— Espero ter a oportunidade de agradecer pessoalmente a ele um dia.

— Você terá em nosso casamento.

Assinto e vou colocar os presentes sobre a mesa. Voltando, Amândio me olha dos pés à cabeça e de novo há o olhar primitivo, quase perigoso, quando nossos olhos se encontram de novo.

Limpo a garganta e ele olha o relógio, e eu falo:

— Acho que os cinco minutos já acabaram e, se você não quer que Mario entre e tente lhe dar um tiro, é melhor sair.

Dando dois passos, ele acaba com nossa distância e murmura com a voz perigosa:

— Ele nem teria chance — o sorriso perverso cruza seu rosto e se afasta —, mas é melhor eu ir.

— Sim. — Dou de ombros. — Eu também já estou indo.

Concorda com um simples aceno.

— Antes limpe sua boca e retoque o batom — ele avisa e se afasta mais um pouco.

Um frio na minha barriga quase me faz vomitar de nervoso e corro para dentro do quarto. Escovo os dentes, enxágua com *spray* bucal, retoco a maquiagem perto da boca e passo o batom com muito *gloss*. Merda, se Travis souber... Nós apenas nos beijamos, eu sei, mas é contra as regras de etiqueta.

Encaro-me no espelho, vejo um sorriso de vergonha misturado com nervosismo e coloco mais perfume. *Meu Deus*.

Inspiro e, sentindo-me pronta, vou ao seu encontro, que permanece parado no lugar. Quando me vê, ele se aproxima e põe a mão em minhas costas. *A sensação...* Aquele *calor* de novo volta e percorre todo o meu corpo e parece explodir no meu coração, e também no meio das minhas pernas.

Eu nunca senti desejo de transar ou me tocar nesse tempo todo, mas agora, perto dele e com esse beijo. Confesso que estou me controlando para não cruzar as pernas e deixá-lo saber que me sinto carente de atenção no meu sexo.

Nós caminhamos para a fora da suíte e ele se afasta imediatamente vendo a cara de Mario, que não está mais do outro lado do corredor. Está ao meu lado e gentilmente, sem me tocar, me direciona a ficar do lado oposto de Amândio, que fala:

— Temos um trato, não temos? — meu noivo diz.

— Pelo fato de você ter cumprido os cinco minutos, não vou falar — Mario fala bem sério. — E não acredito que tenha acontecido nada.

Acontecido *nada*?

— A senhorita Marinne pode confirmar — Amândio fala olhando em meus olhos.

Engulo em seco e fito Mario.

— Ele só me deu o meu presente.

— Então tudo bem e ela é sua noiva. O que é que eu posso fazer?

Prefiro manter essa conversa em sigilo, Travis o mataria.

As tradições pedem que a gente não fique sozinho antes de estar *oficialmente* casados para não correr o risco de quebrar a nojenta tradição do *lençol da virgindade*. Essa droga é tão antiga e cruel com as mulheres. Acho que a *Cosa Nostra* não deveria ter se inspirado nos ancestrais sobre isso. É repugnante. Espero que um dia seja abolida de uma vez por todas.

Quando vi o lençol da nova esposa de Paolo corri para vomitar. Quando Madeleine e Travis se casaram, eu não tinha noção disso, era proibido para mim porque era muito jovem, e eles nem se preocuparam em honrar essa droga porque o noivado e relacionamento deles quebrou inúmeras tradições. Sem contar que, mesmo que tivesse que fazê-la, não teria como pelo ocorrido pós-cerimônia do casamento deles.

Assentindo, eu olho meu noivo, que está me olhando e sussurro:

— Está tudo bem.

— Certo, agora vamos, senhorita.

Sem dar mais nenhuma palavra, dou um aceno para Amândio, viro-me com Mario e o outro soldado, e caminho pelo corredor com o pensamento em meu primeiro beijo.

Errado ou não, foi o melhor presente deste dia porque matou uma enorme curiosidade. Acho que gosto de beijar na boca.

A handwritten signature in black ink, reading 'Amândio'. The script is fluid and cursive, with a large, sweeping initial 'A'.

Que eu precisava vir para Las Vegas hoje, não tinha dúvidas sobre isso, mas depois que soube que Marinne se hospedou a cinco portas da minha. Ah, isso, foi quase uma urgência. Eu atravessaria o exército de Travis se fosse o caso para ficar à sós com ela.

E o velho barrigudo do Mario ficou sem minhas ordens por quase dois anos e estava me devendo alguns favores, então ele tinha que deixar eu ver Marinne.

Conforme meu pai me forçou a parar de vir para Nevada depois do aniversário dela de dezesseis anos. E logo em seguida, meu avô me fez ir para a Itália e me prendeu na Calambria – da pior maneira possível no último ano. Eu fiquei sem *pedir* porra nenhuma para Mario por dois anos basicamente.

A real, é que eu nem tinha como me comunicar com ninguém, nem Leon e Matteo. Fiquei preso no cativado da ‘*Ndrangheta* de janeiro até junho. Meses que, segundo meu pai e avô, não poderiam deixar frouxe minha fuga. Eles fizeram absolutamente *tudo* comigo para tirar Marinne da minha cabeça.

E porra, eu nem pensava nela muitas vezes... Isso antes deles terem feito o que fizeram; a punição e a pior tortura que já sofri desde que fui *iniciado*. O maldito do meu avô quase me deixou cego.

Eles tentaram de tudo para me fazer esquecer-la. A marca no meu rosto do lado direito, em cima do meu supercílio, está aparente, para lembrar a força deles sobre mim e que nenhum deles venceram.

Dando as costas para Mario, fingindo que não temos uma quase relação de subordinado e chefe, bato na porta da suíte da *minha* noiva.

Quando ela abre essa porta para mim, e seus imensos olhos azuis me perfuram a alma, me traz um alívio, o mesmo que senti quando vi a luz do sol ao sair do cativeiro depois de quase duzentos dias no escuro. Ela nem sabe, mas já me salvou.

Meu avô me libertou há uma semana para poder estar aqui, porque sendo um *bastardo* como o meu pai, ele pensou que eu precisava aparecer para reivindicar Marinne quando completasse seus dezoito anos e lembrar a Travis do acordo.

Eu queria era mesmo lembrar a Lozartan que a irmã dele é *minha*, apenas isso; e para o meu pai, que nunca mais poderá *pensar* em feri-la.

Porra! Voltar para Las Vegas porque depois de tempo demais sem ver Marinne, era uma obrigação. Algo me dizia para comparecer à sua festa de dezoito anos; e chegando aqui, eu me deparo com uma mulher impressionante.

Minha noivinha não é mais uma menina. É uma mulher linda, confiante e eu quero reivindicá-la como *minha* fodendo e saboreando seu corpo, seus lábios e ouvindo-a clamar por meu nome.

— Amândio — ela pronuncia meu nome quase inaudível, com os movimentos em câmera lenta, os cabelos caindo como uma cascata sobre seus ombros e, porra, essa cena vai ficar muito tempo na minha mente.

Ela está em choque com a minha presença e, por causa das merdas que meu avô e meu pai fizeram comigo, fiquei longe dela e talvez esteja *de novo* receosa.

— Oi, Marinne — eu a cumprimento e observo-a prender a respiração.

Ela está tão linda e seu corpo nesse vestido só me faz ter pensamentos eróticos, mas agora foda-se. Eu posso pensar nela como *minha*, como *mulher*. Ela tem dezoito anos e, em poucos meses, será *minha* esposa.

Neste momento me sinto livre finalmente para imaginar todos os pensamentos que tentei deter nesses *longos* quatro anos. Agora posso imaginá-la pelada, meus dedos dentro dela, eu sentado na minha moto e ela em cima de pernas abertas, eu lambendo-a e depois fazendo-a tomar meu pau bem fundo em uma cama.

Meus olhos focam rapidamente em seus peitos e imagino eles balançando. Eu não trepo tem muito tempo e ela terá que me aguentar quando chegar a *nossa* hora. *Quero* muito ela. Quero chupar, lambar, beijar e foder com ela.

Porra. E não estou interessado e pouco me fodendo para as regras de não poder tocá-la antes do casamento. Quero que todos vão à merda com essa regra ou qualquer outra, eu quero essa mulher na minha frente.

Acho que eu sempre quis, só que antes o que existia era a curiosidade, agora estou morrendo de tesão.

Seu rosto, seus olhos, sua boca, seu corpo e *ela*. Tudo é lindo, perfeito e não parece que apenas eu estou me sentindo assim. Me observa dos pés à cabeça, curiosa e atenta. Foco no seu rosto e, quando seus olhos encontram os meus, ela solta a respiração com a boca levemente aberta. Sexy pra caralho.

Minha.

— Posso entrar? — pergunto. Eu já tive conversa com Mario, por telefone, antes de aparecer aqui.

Sem contar que ele é muito bem pago para me deixar ficar perto dela, ter notícias sobre ela e como tinha dito; *passsei dois anos longe*. Dois malditos anos sem saber nada sobre Marinne Lozartan. Dois anos sem ele estar trabalhando para mim, a não ser em proteger ela. Porque não seria apenas Travis a matar ele se ela sofresse algo.

Agora Mario está me devendo.

— Não acho que é apropriado — Marinne diz olhando para o segurança.

— Eu já pedi e me falaram que não tenho problema — respondo sem me incomodar de olhar para ele. — Só quero entregar isso para você.

Levanto minha mão para ela ver o presente. Não sei porque, mas, desde a primeira vez que eu dei alguma coisa para ela, quis estar presente. Ver sua reação com o que lhe dou, saber se gostou e geralmente ela gosta.

Marinne prende o sorriso mordendo o lábio inferior e dá de ombros bem sutil.

— Tudo bem, se deixaram.

— Cinto minutos! — Mario fala alto atrás de mim e eu sei que ele só quer parecer que está incomodado com meu pedido. Ele ainda tem que fazer o papel de segurança dela a mando de Travis.

— Não se preocupe. Cinco minutos — digo sobre meu ombro, focado em Marinne recuando alguns passos e me dando passagem para entrar na suíte.

Fico no lobby de entrada. Dou uma olhada no quarto, que tem uma mala em cima da cama; e para a saleta, que tem uma luz acesa. Todo o resto está escuro. Então me viro e ela é linda demais.

Eu quero chegar perto, passar a mão no seu corpo, beijar cada centímetro toda sua pele. Eu consigo ver em seus olhos que tem tanta vontade quanto eu.

Notando que está ficando vermelha e um pouco retraída, tiro o foco do meu tesão e digo:

— Eu trouxe isso para você da Itália. Espero que goste.

— Era lá que você estava? — pergunta não aceitando o presente ainda. Isso me incomoda. Quando ela era mais nova, era mais suave e agora parece poderosa.

— Como? — Dou um passo e fico mais perto. Sinto seu perfume, o mesmo cheiro de sempre. Tão *bom*.

— Esse tempo todo que você me ignorou estava na Itália?

Sinto a vontade de sorrir; amargo e raivoso.

Caralho!

Esse tempo todo que eu a ignorei... que engraçado ela dizer isso.

Esse tempo todo eu estive preso num poço, no calabouço, dentro de um cativeiro, que inimigos do meu avô sabem muito bem como é molhado, fedorento, apertado e um pesadelo. Aquela merda é mais um canil para um cachorro sarnento. Não para o próximo *Capo* da *Famiglia*, mas...

Dou outro passo e encaro seu olhar.

— Na verdade, eu precisei ir para lá. — Me limito a dizer.

Esse tempo todo que estive longe, eu apanhei como se fosse um inimigo da *'Ndrangheta*, sendo humilhado pelo executor do meu avô; ganhando socos no estômago, que precisou parar e pedir um médico para me ver se eu não estava tendo uma hemorragia interna quando comecei a cuspir sangue demais.

Depois disso, Cassio mandou não socar mais meu estômago, mas quebrou minhas costelas. Mas ele sabia que tinha que parar, senão eu ia me matar.

Me bateu com cinto, me queimou sobre a tatuagem da *Famiglia*. Meu avô é um carniceiro e tem um *ferrete* – marcador de gado – com o brasão da *Famiglia* e não é para marcar nosso gado, e sim os inimigos que ele captura. No entanto, naquela noite, ele fez questão de me marcar em cima da minha tatuagem de início que fica nas minhas costelas.

Ele disse que precisava *recolocar* a marca de iniciado queimando minha pele para eu aprender a quem eu devo honrar e me dedicar. Depois mandou o seu pior executor me bater, o filho da puta quase furou o meu olho

com os soco-inglês. Por isso que a marca ainda está em cima do meu supercílio. Foi um corte profundo que demorou um mês para sarar.

Então, esse tempo todo que ignorei ela estava apanhando. Eu estava assistindo prostitutas na minha frente. Fui obrigada a matar uma delas porque meu avô queria ver até onde eu podia ir. Se eu realmente conseguiria matar uma mulher. E eu fiz, quebrei o pescoço de uma e outra eu cortei a garganta enquanto as fodia.

Era isso que ele queria de mim, um monstro.

Não satisfeito, depois *disso tudo*, Cassio ainda me disse que, se eu não mudasse, se eu não entendesse o que ele queria colocar na minha cabeça, que iria fazer com Marinne.

Uma semana depois me soltou. Quando eu estava podendo ficar em pé, mandou cuidarem das minhas feridas, me alimentou para me deixar forte de novo e depois de um mês, me enviou para Nova York dizendo que eu precisava ver minha noiva. Ele queria que eu viesse para o aniversário dela. Não entendi ainda seu jogo.

Mas enquanto estava *ignorando-a*, estava sobrevivendo. Nunca apanhei tanto e fiquei preso por seis meses longe do sol. Nunca tive que lutar tanto para sobreviver. Ele apenas não me deixou passar fome, não me queria fraco e eu usei muito do meu tempo fazendo flexão, levantando peso. Me senti um prisioneiro mesmo. Tudo porque ele queria que eu a esquecesse.

E ela está na minha frente me olhando zangada, com raiva, porque eu não apareci. Eu sinto uma queimação, um ódio no meu peito porque ela não sabe. Não sabe de porra nenhuma.

Porra! Eu não vou descontar tudo que eu passei nela. Ela não tem culpa. Eu precisaria passar por aquilo tudo de novo para que ela não passar. Merda, eu estou me arriscando vindo aqui nesse momento.

Suas sobrelhas se juntam e ela respira devagar. Não é raiva, é ressentimento.

— Podia ter ligado — ela diz confiante, olhando nos olhos. — Dado um sinal de alerta, qualquer coisa. Achei que não o veria hoje, só no casamento.

Eu só penso que achei que não estaria vivo hoje, que meu avô ia me matar.

— Quebrou o acordo de Travis de nos conhecermos — completa Marinne.

Cerro os dentes, colocando a mão livre dentro do bolso e apertando com raiva. Não dela. Nunca dela. Ela não foi culpada.

— Marinne, saiba que não foi minha intenção sumir por tanto tempo.

— Tudo bem — diz assentindo —, mas perdemos a oportunidade de nos conhecer.

Acho sua mágoa tão inesperada, mas consigo entender.

— Eu vou tentar compensar — digo deixando a minha voz baixa.

— Como exatamente?

Queria lhe dizer que vou compensar respeitando, protegendo e, conforme o último passo que nos separava fica para trás, o seu corpo está quase colado ao meu. Deixo o presente que estava na minha mão cair no chão, sabendo que não vai quebrar e coloco minha mão na sua cintura, puxando-a para mim e levo minha outra mão ao seu rosto, indo para sua nuca.

Marinne fica parada, fecha os olhos quando toco os seus lábios suavemente com os meus. Foi o beijo mais suave que já dei na vida em uma mulher, uma mulher que eu quero tanto. E para completar faço algo que jamais fiz nas minhas irmãs: beijo sua testa.

Encaro seus olhos e tenho o seu coração batendo forte, a pulsação no seu pescoço acelerada. Eu mergulho no mar profundo que são seus olhos azuis. Ela é tão incrível.

Valeu a pena. Só penso isso.

— A gente tem a vida toda para nos conhecermos. Não liguei... porque eu não podia, estava a *negócios* — essa palavra tem gosto de vômito — na Itália e não foi minha intenção deixá-la chateada.

Não preciso me desculpar e não quero, porém não quero que fique com raiva. O olhar dela muda e fica suave, e talvez ela nem perceba, mas seu corpo basicamente se apoia no meu. Se aconchega.

— Eu não cumpri minha palavra, sei disso, mas quero que saiba que honro meus compromissos e não fiz porque *realmente* não foi possível, Marinne.

Queria que ela soubesse. Queria dizer para ela que não foi realmente possível eu falar com ninguém, principalmente com ela.

— Está com medo do meu irmão? — Ela ergue a sobrancelha sendo atrevida e sua pulsação acelera de novo.

— Se eu estivesse, não teria acabado de te beijar — devolvo e ela abre um sorriso doce e uma questão passa pela minha cabeça e eu não gosto

de imaginar. — Já tinha sido beijada?

— É claro que não. Eu sou sua desde os quinze anos — responde inquieta, nervosa. — Nunca cheguei nem perto de outro homem e...

Faço-a calar a boca beijando seu lábios de novo. Seguro seu rosto com as duas mãos dessa vez e como sou mais alto, o seu rosto fica mais inclinado e, *dessa vez*, eu não dou um beijo simples.

Forço suavemente minha língua para dentro dos seus lábios e ela abre a boca. Parece que levo um choque quando sua língua toca a minha. Preciso do seu corpo mais perto, e com isso um dos meus braços envolve sua cintura, tocando suas costas e o outro permanece no seu rosto, guiando-o para o lado oposto do meu e fazendo o beijo se encaixar e ser delicioso.

Seu coração acelera e, mesmo que ela não me toque, sinto quando exige mais. Dou uma mordida no seu lábio e Marinne geme baixinho, prova que gostou. Sinto o gosto dela misturado com o do batom, em uma mistura deliciosa. E ela retribui ao beijo, era o que eu precisava.

Respiro pelo nariz, penso que não seria bom encurralar seu corpo na parede, mas porra. Eu aprofundo o beijo. Estou louco com os gemidos dela e lambo cada pedaço da sua boca imaginando lamber sua pele, seu corpo todo e chupar sua boceta, que deve ser tão deliciosa.

E basta ela deixar o corpo se aconchegar no meu mais um pouco, que irá sentir que estou de pau duro. Merda. Eu me afasto e encaro seus olhos. Ela respira fundo com a boca um pouco aberta e eu tento não demonstrar como estou afetado por esse beijo.

Preciso me afastar, porque senão vou fazer uma loucura.

Toco o seu rosto, acariciando e no processo tiro o cabelo da frente e, caralho, ela está usando o colar de rubi que dei para ela. A imagem que eu tenho é dela toda nua e vestindo apenas *ele*.

— Você está usando — balbucio tirando meus olhos do colar.

Ela olha para o seu colo e depois para mim, com a testa franzida.

— É claro — responde com a voz fraca.

Foco de novo no rubi um pouco acima dos seus peitos, na direção exata para os olhos curiosos verem como é caro e bonito, mas não olho para os peitos dela. Foi um presente ideal para ela. Combina com sua personalidade.

— Quando eu te dei, imaginei você assim; uma mulher linda, não uma menina doce demais usando.

— Era assim que você me via, não é? Uma menina? Uma criança?

Resisto em tocar sua boca, levemente inchada por conta do beijo.

— Eu via você da mesma forma que olho para a minha irmã mais nova. Para mim era inaceitável ter qualquer tipo de pensamento além deste com você naquela época. — Mas agora eu não paro de pensar em trepar com você até clamar por meu nome.

— Você tem moral — diz e ela mesma fica surpresa.

— Sobre isso sim.

Ela dá de ombros e se afasta de mim, deslizando por minhas mãos. Será que ela tem noção de que só se afastou porque permiti.

Passa as mãos na frente do corpo, tentando se recompor e pergunta encarando-me:

— Ainda me vê como uma criança?

Mostro meu sorriso de lado, irônico e misterioso.

— Acha que sim depois de beijar você?

Suas bochechas ficam vermelhas.

— Não.

Ótimo, conversa encerrada. Afastando meu paletó, pego o presente no chão e entrego para ela. Sorrio, quando ela aceita e quando pergunta se é um cordão, eu respondo:

— Esse é um colar de família, por isso espero que você goste. — Eu realmente não sei se ela vai usar.

— Está bom.

Quando ela abre e vê o cordão de ouro com um pingente de crucifixo com algumas pedras de diamante, eu aproveito e pego o outro presente dizendo que é do meu avô. Nem sei por que ele se deu ao trabalho de comprar um presente para ela. E como não nasci ontem, comprei um relógio idêntico ao que ele me entregou e dei para ela. Poderia ter um rastreador nele e precisei substituir. Mandeí Leon comprar para mim.

Ultimamente é meu irmão que está sendo meu braço direito, porque Matteo anda muito fofoqueiro e fiel demais ao meu avô. Deve estar com medo e vou descobrir o que o prende com ele.

— Adorei — Marinne diz e eu foco nela de novo. — Muito obrigada e estou em choque com o presente dele.

Ela não sabe o quanto eu fiquei em *choque* também quando recebi o embrulho e ele mandou dar de presente.

— Eu estava por lá e ele quis lhe dar boas-vindas à nossa família.

Porra. Não acredito que eu ainda consigo defender meu avô depois de tudo. Eu não consigo ter raiva dele, mas o elo forte, todo o respeito que eu tinha por ele desde que eu era criança, enfraqueceu um pouco. Ele me *machucou* e vai ter que provar, de uma forma que todos percebam, que ainda sou o seu neto escolhido para ser o futuro *Boss*. O neto escolhido.

— Espero ter a oportunidade de agradecer pessoalmente a ele um dia.

E ela vai ter infelizmente.

— Você terá em nosso casamento. — Se ela soubesse como essas palavras são amargas na minha boca.

Ela mexe os pés nervosa, então solto um pigarro e murmura:

— Acho que os cinco minutos já acabaram e, se você não quer que Mario entre e tente lhe dar um tiro, é melhor sair.

Quebro a distância dando dois passos e deixo minha voz sinistra:

— Ele nem teria chance, mas é melhor ir — digo e me afasto.

— Sim, eu também já estou indo.

Eu concordo com um aceno e quando encaro sua boca, macia e inchada, e também borrada, falo:

— Antes limpe sua boca e retoque o batom — digo para ela e suas bochechas ficam vermelhas.

Imediatamente, sem dizer mais nada, ela corre para dentro do quarto e depois de uns minutos longos, retorna com a boca um pouco inchada ainda, mas com o batom totalmente renovado. Essa boca deliciosa que eu quero beijar de novo.

Com muito esforço, eu encontro Marinne e puxo-a para mim, e coloco a mão atrás do seu corpo apoiando na lombar. Ela não é mais uma menininha e não preciso pensar onde ponho a mão nela.

Nós saímos e Marinne logo está longe, e Mario olha bem sério, para manter as aparências.

— Temos um trato, não temos?

— Pelo fato de você ter cumprido os cinco minutos, não vou falar nada. E não acredito que tenha acontecido nada.

Um beijo que poderia muito bem ter sido uma foda incrível, uma rapidinha. E pensando nisso fito o perfil de Marinne, que está lutando para não olhar para mim.

— A senhorita Marinne pode confirmar — falo só para provocar Mario.

Nesse momento os olhos da minha noiva estão nos meus. As bochechas avermelhadas de novo quando diz que só lhe dei seu presente. Ela tem que aprender a se controlar um pouco mais. Ser mais discreta.

Mesmo assim, gostei que ela acabou de chamar o nosso beijo de presente. Será que foi isso? Eu a quero fogosa para mim, não frígida.

Trocamos conversa fiada e, por fim, definimos a conversa. Mario toma a iniciativa deles irem. Marinne me dá um último olhar, discretamente e se vira, indo para o elevador com Mario, de longe vejo que tem outro segurança esperando-os.

Aguardo eles sumirem do meu campo de visão para então eu caminhar para os outros elevadores e entro num deles para descer para o andar onde é sua festa. Precisei dar um pouco de tempo para Travis não desconfiar e decapitar Mario antes do tempo. Ainda preciso daquele velho.

Não demoro e passo por um corredor enorme, passo por alguns seguranças que não ousaram em me revistar, e então logo avisto Matteo me esperando nas portas do salão de festa.

Vou direto para ele, que apruma a postura e me encontra no meio do caminho. É normal os soldados fazerem o papel de que estão sempre seguindo nossos passos.

— Eu pensei que você não voltaria mais.

— Tive que atender uma ligação importante.

Ele assente.

— Certo, a sua noiva acabou de passar por aqui com o Mario e Leo, um segurança novo. Pelo que soube, ele cumpre a retaguarda.

— Bom saber — sou frio nas respostas e não o encaro, porque aprendi. Depois de *tudo*, eu aprendi a enganar muito bem e não confiar em ninguém.

— Você está bem?

Apenas meus olhos se mexem e eu foco em Matteo.

— Eu estou. Por que a pergunta?

— Você parece distante.

Cerro a mandíbula e enfio as mãos nos bolsos, e ele sabe que é fim de assunto.

— Estamos em território inimigo, Matteo, agora vamos entrar na festa de Marinne.

Sem ouvi-lo, caminho e faço o *tipo* de que está aqui forçado, no entanto, vendo Marinne nos braços da sua família, algo borbulha dentro de

mim e eu queria poder deter. Eu acabei de beijá-la, sentir seu gosto e quase tê-la toda para mim, e não é tão fácil desligar *aquilo* do que preciso ser em público.

É uma luta fingir que a ignoro. É foda ir me sentar à mesa que está reservada para mim, tão perto dos Lozartan e ver que ela me notou. Fingir que estou me fodendo para essa festa e sentar. Foda-se todos eles. É mentira, e por isso me levanto de novo.

— Vai aonde?

Encaro Matteo e, porra, ele sempre foi meu homem de confiança.

— Qual o seu problema? Não devo obediência a você, a ninguém. Não começa com palhaçada que eu *juro* que corto a sua garganta com a faca desse jantar de merda.

Sem mais, dou as costas para ele e saio para a varanda do salão. Fito a fonte do Bellagio e acendo meu cigarro. Só mais alguns meses e essa espera, essa presença dos Lozartan e vigilância sobre mim, vai acabar.

A handwritten signature in black ink, reading 'Marianne'. The script is fluid and cursive, with a large, sweeping initial 'M'.

Honestamente, eu nem sei como consegui entrar no elevador, passar pelo saguão do hotel e entrar no salão de festas. Na *droga* da minha festa de dezoito anos, que esperei desde os meus quinze anos esse momento, e não tinha nada a ver com Amândio, mas parece que o jogo virou e tudo se resume a ele esta noite.

Ainda estou sentindo os lábios dele nos meus. Suas mãos na minha cintura, nas costas. A pressão de como seus dedos me *seguravam*. E eu fiz tanta questão de usar meu perfume, meu 212 *sexy*, para ficar com o cheiro dele em mim agora. Eu consigo sentir seu cheiro no meu corpo, no vestido e é um aroma delicioso, tentador e *forte*. É como ele.

Abro um sorriso enorme e controlo minhas pernas quando avisto meu irmão e Madeleine. Eles estão na mesa reservada para a família da aniversariante. Meu coração já não estava tranquilo e, neste instante, apenas triplicou minhas batidas.

Travis tem um brilho no olhar orgulhoso e protetor. Esse olhar me perseguiu a vida toda. Nem me lembro a primeira vez que percebi isso e quando ele disfarçava, no entanto hoje ele não esconde de ninguém. Ele abre os braços quando estou na sua frente e me acolhe como *o pai* que é para mim.

— Feliz aniversário, minha querida.

Sinto um bolo na garganta e continuo nos seus braços. *Vou sentir falta* deles.

— Obrigada — murmuro, com a voz abafada por seus músculos.

Travis segura meus ombros e eu sei que é para me afastar, e sei que não faz por mal. Ele só gosta de olhar nos meus olhos quando fala:

— Espero que esteja tudo do jeito que você imaginou...

— Fizemos tudo que você pediu — Madeleine completa e sorrio.

— Eu não tenho nem palavras para dizer. Você se superou.

— Faço tudo que você quiser, que você me pedir.

— Eu sei.

Quando ele me solta, Madeleine vem até a mim e me dá um abraço também e afaga meus cabelos dizendo:

— Você está linda. Eu nem acredito que você agora é adulta.

Rio baixinho. Eu acho que me sinto assim desde o ano passado. As crianças na máfia amadurecem mais cedo porque o nosso mundo não é para amadores.

Escolhendo mudar de assunto, pergunto onde está Dante.

— Está no quarto com a babá e o Luca.

— Acha certo deixar o Luca com uma babá e o Dante?

— Ele não está cuidando da babá, está cuidando do Dante — Travis diz com precisão e está falado.

— Tudo bem, mas por que ele está lá?

— Ele estava com um pouco de sono e eu preferi que ele descanse agora para não perder a hora de cortar o bolo.

— Tudo bem, mas quero todos da minha família aqui. Todos precisam estar na minha festa.

Madeleine deita o rosto um pouco de lado e cerra os olhos, me lendo.

— Não fala como se fosse uma despedida.

— Mas é para isso essa festa — digo dando um passo para trás e encaro os dois, que são *meus pais*. — Daqui a seis meses, vai ser o meu casamento e as coisas vão mudar. Não sei quando eu vou poder ter uma festa de aniversário feita por vocês de novo.

— Eu sei, Marinne, mas... não pense dessa forma. Sempre estaremos com você.

— Porém, do outro lado do país.

— Sim e não importa — Travis responde.

Eles não me querem triste e falam como se pudesse repetir o dia de hoje, mas eu mesma não vejo necessidade de ter uma festa aqui.

— Mas estarei casada, não precisa.

— Se você quiser podemos cancelar.

Ergo as sobrancelhas, mesmo que Travis já tenha falado isso. Ele fala isso como se fosse bem fácil e tranquilo cancelar um casamento de acordo. E como se não tivesse sido ideia dele para agora ficar insinuando que acabaria o

noivado. E eu apenas vou lamentar por ele, pois agora quem não quer que cancele sou eu.

Na verdade, nunca pensei em não me casar com Amândio, nunca tive motivos. Os dois anos em que ele desapareceu, sem deixar rastro ou ter dado notícias, não me deram motivos para pensar em cancelar ou algo parecido.

Chamando minha atenção, noto que a postura de Travis muda de repente e me viro para saber o porquê. Sinto uma palpitação vendo Amândio caminhando para perto de nós, mas ele segue em direção a uma mesa, sem me olhar. A mesa que foi reservada aos D'Ângelo mesmo que nós não obtivemos uma comprovação de que algum deles viriam.

Ele nos dá as costas para falar com Matteo e Travis me pergunta algo, que eu preciso olhar para ele e pedir para repetir.

— Vamos cumprimentar as pessoas.

— Sim, vamos.

Madeleine fica do meu lado e nós três vamos ficar perto das portas, e quando paramos olho para a mesa dele e não o vejo. Ele não está em lugar nenhum e não gosto da sensação que tenho em saber que ele desapareceu.

— Tudo bem?

Olho para Madeleine e sorrio.

— Estou sim.

— Você parece distraída. — Ela fica de frente para mim e toca meu rosto. — Estava tão animada em casa. O que houve? Ainda está pensando sobre sua partida para Nova York, se for, não precisa. Ainda faltam seis meses.

— Por que todo mundo acha que meu humor é sempre por conta do casamento? — falo de uma vez e me arrependo de ter parecido tão na defensiva, o que faz todos pensarem mais ainda que estou do jeito que estou por causa do casamento. Que droga! — Desculpe.

— Não tem problema. Eu entendo e todos acham que você está nervosa ou ansiosa, porque geralmente as noivas ficam.

— As noivas comuns ou as com casamento arranjado?

A expressão dela fica amargurada e segura minha mão, apertando de leve.

— É isso? O problema é ser um casamento arranjado? Seu irmão que pode resolver isso.

— Eu quero me casar com ele. — Minha voz sai uma oitava mais alto e sou obrigada a verificar se quem está por perto não ouviu. — Por favor,

depois conversamos. — Me afasto de Madeleine e abro meu sorriso cordial vendo um dos *Underboss* e sua família virem falar comigo.

Ela assente e vai ficar ao lado de Travis. Ela me deu o que quero de todo mundo: espaço.

Ser quem eu sou, é sufocante e sempre foi assim, porém agora piorou. Crescer, ter minhas funções, representar minha família e honrar esse matrimônio, tudo isso é demais.

Espero os outros convidados que vieram falar comigo, cumprindo a tradição como uma princesa faz, irem embora e fíto o chão.

Detesto quando pensam que sou fraca, e me sugerir ou perguntar se quero cancelar o casamento, me torna isso. Uma menininha fraca e que não compreende onde *nasceu*. Que merda. O momento de refutar essa promessa foi há quatro anos. Agora eu já me acostumei com a ideia, estou pronta e depois *dele* me beijar hoje, não posso ser de mais ninguém.

Uma sombra brota na minha frente e logo sapatos sociais e nitidamente italianos, pretos com uma tira em vermelho na lateral, estão ficando perto dos meus pés, minhas sandálias vermelhas. Meu peito parece pequeno para abrigar meu coração acelerado. Levanto o rosto e ele está na minha frente. Sinto um frio na barriga conforme Amândio me olha sem piscar e se aproxima.

— Feliz aniversário, Marinne — diz antes de beijar meu rosto. — Esqueci de dizer isso antes — murmura no meu ouvido antes de recuar e vira-se para o meu irmão. — Travis.

— Amândio. Ainda bem que veio.

— Não perderia.

Eu fíto seu perfil, pois ele não foca em mim nesse momento. Noto que sua mandíbula está rígida e as mãos foram para os bolsos assim que cumprimentou Madeleine com um aperto de mão rápido. Ele não a beijou como fez comigo.

— Soube que as coisas na Itália estão complicadas.

Amândio engole em seco, lentamente, numa demonstração de irritação.

— Nada realmente que Cassio não resolva.

— Assim espero — Travis comenta.

Torço meus lábios para um sorriso debochado não sair, pois eles parecem estar duelando com os olhos. Mas logo estou rindo porque minha melhor amiga do internato, vem para mim com os braços abertos.

— Mari! — Bianca me abraça forte. — Parabéns, amiga.
Rindo, me afasto e vejo seus olhos castanhos arregalados de euforia.
— Está tudo tão lindo. Você merece.
— Ah, obrigada.
— Deixei seu presente com uma moça.
— Antonella — digo.

Ela ficou encarregada de cuidar da festa junto com Madeleine. O tempo todo eu fiquei imaginando se minha cunhada/mãe sabe que Travis e ela transaram, e não foram poucas vezes. Meu irmão sempre tentou me esconder desses assuntos, mas as empregadas de casa adoram falar da vida dos outros.

Meu medo era ele se casar com ela. *Credo*. Eu ia odiar, mesmo que ela nunca tenha feito nada de ruim para mim. Só acho que Antonella não é mulher para o meu irmão. Talvez para homem nenhum.

— Você pode dançar agora?

Sorrio para sua pergunta.

— Agora não, mas prometo que já vou.

Bianca assente e, antes de ir para a sua mesa, onde seus pais dão um tchauzinho para mim, ela encara Amândio e seu rosto se fecha. Ela cambaleia para trás e vai embora como se estivesse fugindo.

Franzindo a testa, encaro Amândio e ele está com uma expressão analítica. Sorrio sem jeito e fico surpresa quando ele mostra um embrulho para mim.

— Seu presente.

Eu gostaria de perguntar a ele: *mais um?* Mas aí eu colocaria a vida dele em perigo, pois Travis não gostaria de saber que nos vimos antes, e à sós e... nos beijamos. Ele podia me dar o quarto presente. *Mais beijos*.

— Ah, muito obrigada.

Madeleine me dá um olhar desconfiado e dou um passo para trás. É bom eu *apenas* fingir que não gosto do cheiro dele, do toque dele. Dos olhos dele.

— Tenha uma boa-noite e depois nós podemos dançar? — ele faz a pergunta direcionada a meu irmão.

— Não vejo problema, já que estarão na minha presença.

— Ótimo.

Mordo minha língua e foco no embrulho em minhas mãos. E suspiro quando ele se afasta e olho minha família.

— Vou ao banheiro rapidinho.

Travis faz um aceno e ergue a mão para Luca. Ele logo está conosco.

— Sim?

— Acompanhe Marinne ao banheiro.

Controlo minha vontade de fazer careta e sorrio aprumando a postura. Ser princesa é um saco, às vezes. E essa coroa na minha cabeça pesa muito nesses momentos.

Em silêncio caminho para o banheiro dentro do salão e, para provocar Travis, pego o caminho que automaticamente passo na frente do meu noivo. Ah, que merda. O que está passando na cabeça dele mandando me seguirem até ao banheiro.

— Sabe que ele apenas está protegendo você, não sabe?

Paro no meio do caminho e encaro Luca.

— Você lê meus pensamentos? — Viro meu corpo e ele sabe ler uma pessoa dos pés à cabeça. Alguns falam que Luca tem a capacidade de escanear as pessoas e ele está fazendo exatamente isso agora. — Para de tentar me controlar também.

— Ninguém consegue mais isso, Marinne — retruca com seu sorriso cínico.

— Não parece.

Luca baixa levemente o queixo e é como se o tempo fechasse em seus olhos.

— Você está em público, numa festa com muitas pessoas e mesmo que muitas delas sejam supostamente da confiança da *Lawless*, tem sempre alguém querendo atingir Travis e você sempre foi o primeiro alvo que todos enxergaram. Você pode detestar estar nessa posição, mas é preciso. Não dificulte para ninguém à noite, Marinne.

Sinto meus olhos cintilarem e soltando um suspiro forte, assinto.

— Que seja. — Viro-lhe as costas e com alguns passos entramos no banheiro, espero ele confirmar que está tudo livre e sai. Sozinha, tranco a porta e faço o que vim fazer: abrir o presente.

— Ah, meu Deus! — Coloco a mão na boca rindo.

Amândio me deu um sutiã de renda com frente transparente tirando um X para cobrir os mamilos e a menor calcinha que já vi. É minúscula, as alças laterais bem finas, a parte que deveria cobrir a frente é tão pequena, que não sei como fará isso, mas a parte de trás é uma linha e tem um X no topo.

O que sinto vendo isso é estranho; nervosismo, curiosidade e calor. Ou como li num livro, eu estou excitada.

Ele pensa em mim assim?

Mas... espera aí. Ele disse que não pensava em mim como mulher antes, então por que esse presente?

— Ah, Amândio.

Com os pensamentos tumultuados, faço minhas necessidades e depois lavo minhas mãos. Retocando o batom, encaro-me no espelho me imaginando com esse conjunto, que guardei na caixinha de volta e embrulhei. Não quero que ninguém imagine o que pode ter ali.

Conferindo minha expressão gélida como a dos meus irmãos, saio do banheiro e volto com Luca para a festa. Amândio não está na sua mesa de novo e eu decido ignorar isso. Preciso fazer algo importante primeiro antes de pensar nele.

Me alegro instantaneamente vendo Nina e corro para ela. Sou muito próxima dela, pois vive lá em casa. Sophia e Dante são muito amigos.

— Pode me fazer um favor?

— Oi, Marinne. Feliz aniversário — ela diz rindo e confusa. — Calma.

— Eu sei, obrigada, mas você pode fazer um favor para mim e não contar para ninguém? Isso é uma confiança que quero que imagine que eu sou uma Lozartan.

Não gosto de chantagear as pessoas com o peso do meu sobrenome, mas preciso fazer isso para Amândio não se encenar, pois se Made descobrir esse presente, ela vai querer saber quem deu e eu não minto. Nunca minto.

— Tudo bem. — Ela aceita imediatamente e confere os lados. Nós sempre conferimos quem está em nossa volta. — Do que você precisa de mim?

— Esconde esse presente no carrinho do bebê e não mexe nele em hipótese alguma. Não abre e não mostre a ninguém. Se caso acontecer de Paolo descobrir, fala que você comprou para você.

Nina franze a testa preocupada.

— O que você fez?

— Nada, mas isso pode levar a uma confusão. Então, por favor, não mexa, apenas guarde.

— Tudo bem, Marinne. — Ela tenta ficar séria, mas acaba rindo. —
Você cresceu muito rápido e eu não gosto.

Olho-a com carinho e a abraço forte.

— Todos nós precisamos crescer seja por fora ou por dentro.

— Sim, eu sei, e você sempre foi madura, mas agora é tão...

— Tão o quê?

— Uma pessoa que faz parte da *Lawless* e vai ser muito estranho quando você for embora.

A dorzinha que sinto no peito me espeta e eu assinto.

— Eu vou fazer parte da *Lawless* para sempre, mesmo sendo a mulher de Amândio.

Nina estica a mão e afaga meu rosto.

— Não determine tanto assim a sua vida. Viva, Marinne.

— Eu vou. Eu prometo.



Como Nina aconselhou, resolvi *viver* e comecei a relaxar na minha festa que tanto eu quis desde novinha. Estou na pista de dança, uma discoteca incrível e tão maneira. Para quem nunca saiu para uma boate, pois meu irmão nunca permitiu, eu estou achando essa aqui a melhor. Deve ser porque é ao vivo e a cores, não de livros e filmes.

— Isso é bem legal — Bianca fala alto no meu ouvido e eu rio.

— Também acho. — Remexo meu corpo sacodindo minha bunda e levantando os braços rápido. — Uhul!

Outra amiga minha chega perto e me abraça.

— É a festa mais legal que já fui.

— É claro. Parece que estamos livres — comento e fito as portas e, nesse momento, a música muda, o que faz as luzes baixarem ficando apenas o neon vermelho e Amândio está me olhando com as mãos nos bolsos.

— Por que ele está aqui?

Viro-me e encaro Bianca e Roberta.

— Quem?

— Amândio D'Ângelo.

Paro de dançar e vou para o canto. Caminho até o bar que fica dentro da discoteca e peço água. Bebo de uma vez só e Bianca aparece do meu lado.

— Você conhece os D'Ângelo?

— Sim e estou querendo saber como você não sabe o porquê Amândio está aqui se é minha melhor amiga?

Bianca franze a testa.

— Como assim?

— Ele é meu noivo.

— Você vai se casar com ele? — Roberta indaga e Bianca diz por cima:

— O quê?

— Essa informação é sigilosa para algumas pessoas, mas basicamente desde que ele me deu o anel os *Underboss*, soldados e outras *Famiglie* sabem disso. Eu vou me casar com ele em agosto — falar isso em voz alta é estranho.

— E você o conhece?

Não entendo o que ela quer dizer.

— Claro que conheço.

— De verdade?

Franzo as sobrancelhas.

— Você pode ser bem mais clara.

Bianca faz sua cara de abusada, que sabe que eu não gosto e por isso o pai dela vive deixando-a de castigo. Manuel é um soldado de alto escalão.

— Você sabia que ele matou o irmão dele?

Arregalo os olhos e sinto meu corpo indo para trás quando cambaleio.

— Quem disse isso?

Minha amiga vem para perto e toca me meu ombro.

— Você está pálida.

— Para! Para com isso. — Tiro sua mão de mim. — Quem falou isso do Amândio para você?

— Meu pai — responde na defensiva e parecendo arrependida. — Ele disse que todos acham Amândio perigoso porque se matou até a sua cópia, ele pode matar qualquer um.

— Cópia?

— Foi o irmão gêmeo dele que morreu.

Fecho os olhos, balançando a cabeça soltando a respiração e saio pela outra saída da discoteca. E saio tão depressa que nenhum dos soldados que me perseguem vêm atrás.

Corro tentando não chamar atenção, mesmo que meu vestido com a fenda faça muitos homens e mulheres me admirarem de longe. Sigo para... não sei onde e paro de repente no salão do hotel.

Coloco as mãos na cabeça e respiro fundo.

— Eu vou me casar com ele — balbucio baixinho e meus lábios tremem, mas não vou chorar. — Eu vou me casar com um monstro que matou o próprio irmão.

— Marinne Lozartan. — Alguém me chama e me viro.



De cara fechada e respirando pelo nariz, para demonstrar que estou extremamente zangada, volto para o salão de festas com Dario ao meu lado. Ele e Luca me acharam e brigaram comigo por estar andando sem proteção. *Ah, porra.* Faltou pouco para eu responder que “andar” e “proteção” rimam com “absorvente” e “período menstrual”.

— Eu já tinha falado com ela para ter cuidado e respeitar as regras de Travis sobre a segurança de hoje.

— E veja o que ela fez — resmunga Dario.

Argh! Eu gostaria de dar um soco na cara dele neste minuto e seria bem-feito porque foi ele que me treinou no ringue da academia dos soldados. E ele como o outro irmão mais novo, sabe como é sufocante ser nós, mas eu me esqueci. Ele é homem e tudo é um pouco menos terrível.

— Por que essa cara? — Madeleine fala quando estou chegando em nossa mesa. Ela se levanta com Dante no colo e toca meu ombro. — Qual o problema?

— Eu não posso respirar.

— O que aconteceu? — Travis surge como um ser divino do meu lado.

Ótimo! Agora mesmo que eu vou ganhar um esporro e ele vai encerrar a festa.

— Ela estava passeando pelo hotel sem segurança — Dario conta.

Sinto que meu rosto está sendo repuxado enquanto olho para ele muito irritada.

— Marinne — ele fala meu nome com um ar de bronca.

— Que foi? Eu só... queria ir ao banheiro e se hoje é o meu dia, qual o problema eu andar por aí?

— Eu vou mesmo ter que explicar para você o problema disso? Você é mais esperta do que isso, Marinne.

Arfo e sou obrigada a concordar. Indignada, relaxo a minha expressão e uma ideia passa na minha cabeça, porque eu quero muito apenas me sentir menos sufocada.

— Quero ficar aqui hoje depois da festa.

— Como assim?

— Hospedada — respondo com minha voz confiante e um pouco mais alta que o comum. — Eu quero ficar na minha suíte o final de semana e sem ninguém me perturbando.

— Sozinha? — Travis fala como se eu tivesse dito que quero viajar pelo mundo.

— São dois dias no seu hotel/cassino, que tem mais segurança — explico detalhadamente, porque como todos falam por aí: *Marinne sabe de tudo sobre tudo*. — E eu não vou sair da suíte para nada, porque o que eu quero é... me sentir só um pouquinho livre. Quero respirar e... pensar e... — pauso sentindo um bolo na garganta de raiva — daqui a seis meses eu vou me casar. Será que você não consegue ver que eu preciso ficar sozinha comigo mesma antes da minha vida mudar totalmente? Me dê isso, Travis. Só isso.

Ele faz um gesto com a cabeça e Luca, Dario e o outro soldado se afastam, fica apenas Madeleine.

— Eu vou te conceder esse pedido, mas não totalmente sozinha.

— Só quero o Mario comigo. Acho que ele é o suficiente para cuidar de mim, já que ele sempre faz isso. — Espero que ele não perceba meu sarcasmo no final, porque eu posso nunca ter levado um tapa de Travis, mas fiquei de castigo quando fiz algo errado.

— Acho que ela pode ter isso com tranquilidade. — Madeleine se pronuncia e Dante levanta a cabeça do seu colo, os olhos atentos para os pais e para mim. — Marinne sempre foi lúcida sobre tudo e não fará nada de errado. — Fixa seus olhos azuis escuros em mim como uma mãe mandona. — Não é, querida?

— Sim.

Ela abre um sorriso e Dante vem para o meu colo. Travis pode não me abraçar nesse momento ou demonstrar qualquer sentimento por mim, estamos em público. No entanto, eu sei que ele confia em mim.

— Jura que vai ficar no seu quarto e não se colocará em perigo?

— Eu juro.

Promessas são escritas de lápis, juramentos de caneta permanente. Por isso nós nunca prometemos a alguém ou algo realmente importante ou

valioso, nós juramos. Travis me ensinou isso quando eu ainda usava fraldas. Ele jurou nunca me abandonar, nunca me ferir e nunca me decepcionar.

— Então eu vou comunicar para Mario que você ficará aqui o fim de semana e, se ele precisar de apoio, Claudio fica no segundo turno.

— Eu aceito isso e obrigada.

Travis faz um aceno e se afasta. Dante toca no rubi do meu colar e eu imediatamente seguro sua mão.

— Ei, não faz isso.

— Deixa eu ver.

— Não pode puxar.

Ele concorda e eu tiro a mão.

— Irmã está bonita hoje.

— Ah, eu te amo. — O abraço bem forte e beijo sua bochecha. — Você sempre está lindo.

Madeleine tem um sorriso tranquilo e afetuoso enquanto nos olha e atrás dela tem Amândio me encarando da sua mesa.

Ele parece o Batman nos filmes, some e aparece sem ninguém perceber ou saber como.

— Pegue ele. Vou ao banheiro.

Madeleine pega o filho dos meus braços e eu caminho para o banheiro do salão, e dessa vez ninguém me acompanha de propósito. Travis deve já ter dado as ordens de não me seguirem o tempo inteiro. Eu sei e eles sabem, que o Bellagio tem câmeras e soldados por toda parte, não precisa Luca me seguir como um cão policial igual faz na rua.

Devolvo sorrisos para os convidados e caminho a passos lentos só para a fenda do meu vestido não ficar tão aberta e Travis brigar comigo, e o próprio Amândio não olhar tanto minha pele.

Passo por ele segurando a respiração e com a cabeça erguida, e para minha total surpresa, Amândio se levanta e para na minha frente.

— Podemos nos falar?

— Por quê?

— Por quê? — ele retruca e parece infeliz.

Por que é tão difícil eu ignorar ele depois do que soube? Merda. Primeiro eu preciso verificar se é verdade.

— Eu... vou ao toalete, com licença.

Amândio fica me olhando de um jeito animalesco e eu não aguento. É como se ele quisesse ler todos os meus pensamentos, não como Luca faz e

sim possessivo. E seu olhar, é como se ele quisesse... me levar para longe de todos os olhos dessa festa e ser o lobo mau da Chapeuzinho Vermelho, e me devorar.

Eu me afasto, cambaleando até ter três palmos que nos separa e, sem pensar duas vezes, me viro e vou com passos apressados para o corredor dos sanitário. Entro no banheiro do salão, o mesmo que abri meu presente, e amaldiçoo todas as mulheres infelizes que estão ocupando todas as cabines.

Se eu fosse louca ia no banheiro masculino, mas corro o risco de esbarrar em meus irmãos, ou Luca e Paolo, e não serviria de nada se quero tranquilidade. Eu fugiria de um leão alfa, Amândio, para encontrar outros leões alfas dessa selva chamada Las Vegas.

— Merda. Vou ter que ir ao banheiro do hotel — reclamo e corro até o lado de fora do salão de festas tomando cuidado para Travis não notar.

Meus saltos fazem um barulho terrível enquanto passo pela ponte que dá de cara com a fonte do Bellagio. Estou indo longe e dane-se. Eu apenas preciso ficar sozinha e o mais longe possível de todos eles.

— Boa noite, senhorita Marinne — Antonio, o gerente do hotel me cumprimenta.

— Oi — digo entredentes.

Logo chego rápido ao lobby do hotel e sigo o caminho para o banheiro perto dos elevadores.

— E estou aqui de novo — murmuro aliviada, diminuo os passos e suspiro vendo a placa do toalete feminino mais à frente.

Quando estou prestes a fechar a porta do banheiro, sinto a mesma repuxando e viro para ver porque está prendendo.

Meus olhos se arregalam.

— O que você está fazendo?

Amândio não responde, segura-me pela cintura e entra junto comigo no banheiro e, pior, em uma das cabines também. Ficamos muito apertados no pequeno cubículo e ele não se afasta. Tranca a portinha e me segura com mãos firmes e grandes.

— Você está perdendo a noção do perigo, Amândio — murmuro encarando a parede de azulejos brancos e pretos com os detalhes em dourado. Sempre adorei essa decoração e agora estou odiando.

— Eu só quero saber por que você parece estar fugindo de mim? — ele fala no meu ouvido e suas mãos fazem nossos corpos ficarem encostados e eu sinto tudo: os músculos quentes do seu peito nas minhas costas, sua

força, seu calor atrás de mim e não sei identificar o que sinto porque é diferente e... novo. Não é excitação apenas.

— P-Porque v-você... — gaguejo e ele me pega pela cintura, gira meu corpo de frente para ele.

— Diga qual é o problema? — ele insiste e chega mais perto, vejo seus olhos azulados intensos, quase raivosos. — Quando te beijei no seu quarto lá em cima, há algumas horas, você não fugiu de mim, por que agora está? Não quer nem conversa. Que merda aconteceu?

— É... porque... — pauso e seguro a respiração.

Eu não quero contar para ele o que descobri sobre seu irmão. Tenho medo dele querer saber quem foi e, se eu contar agora, a possibilidade de confrontar a pessoa é enorme. Posso contar depois. E ele me deu um conjunto de calcinha e sutiã que me deixou confusa, porra.

— Por que você me deu aquela calcinha e sutiã?

Suas sobrancelhas se erguem e ele não parece nada afetado.

— Você abriu?

— Fiquei curiosa.

O canto da sua boca levemente se curva num sorrisinho.

— E gostou? Vai servir?

Espalmo as mãos no seu peito e solto a respiração pesada.

— Você está brincando comigo, Amândio?

— Por quê?

— Você disse que não me via como... como uma mulher e, de repente, me surge com esse presente.

Sua mão na minha cintura me aperta de leve e a outra nas costas, vai descendo... tocando meu bumbum.

— Ele é o único presente verdadeiro dessa noite. O único presente que eu queria te dar.

Perco o ar e engulo em seco.

— Por quê?

— Porque... — aproxima o rosto do meu. — Porque o colar que eu te dei é uma herança de família e o relógio do meu avô, mas a calcinha e o sutiã foram presentes que eu queria lhe dar.

— Mas você disse que não me via como uma mulher adulta.

Ele assente.

— Eu sei, mas eu estava imaginando como você ficaria e...

— Por favor, não minta — peço bem séria.

Ele pigarreia e concorda com um aceno. Tira sua mão da minha bunda e toca meu rosto, acariciando a maçã.

— Eu sigo os seus passos. Eu te protejo de longe e por mais que eu tenha ficado dois anos sem poder ver você ou saber sobre você, quando eu cheguei em Las Vegas procurei fotos suas de como estava agora e foi inevitável não imaginar você como minha esposa. Eu comprei o presente aqui no hotel e deixei no paletó. Só lhe daria se você me recebesse bem e eu garanti que depois do beijo, estava certo eu poder te dar algo assim.

— Usar para você? — sussurro e mordo a boca envergonhada.

Amândio me dá um sorrisinho e me dá um selinho na boca.

— É para você e claro que é para mim. Mas eu prefiro você apenas com isso. — Seus dedos tocam meu pescoço e vai descendo, acariciando minha pele e os diamantes, e então o rubi do colar. — Quero um dia ter você vestida apenas com ele.

Um frio na minha barriga me faz ver turvo, minha boca seca e eu preciso empurrá-lo.

— Por que está me afastando?

— Porque não somos casados ainda e... e... você está muito perto. — Para colocar peso em minhas palavras e o empurro de novo, mas é em vão. Ele é muito forte e firme.

— É só um papel, Marinne — diz firme sem brecha para debate. — Você é minha. Eu sou seu. Seu homem e nada e nem ninguém nessa cidade ou em qualquer lugar do mundo pode me tirar o que é meu. Você. — Seu hálito de uísque toca meus lábios, a palavra *você* é como uma carícia.

— Amândio... — suspiro e engulo em seco quando ele aproxima mais seu rosto do meu e segura o meu de um jeito tão *bom*.

De forma involuntária, eu fecho os olhos quando ele roça seus lábios nos meus lentamente, e mesmo sabendo que é errado estar sozinha com ele numa cabine de banheiro, gosto de sentir seu hálito no meu e sua força, seus músculos sob as palmas das minhas mãos, que dessa vez não hesito em tocá-lo. Minhas mãos sobem por seus braços e quando toco sua nuca, estou lhe abraçando, trazendo para mim.

A verdade, é que eu quero tocar seu corpo todo, mesmo que ele seja um assassino frio ao ponto de matar seu irmão gêmeo, que seria como matar a ele mesmo.

Me esqueço de tudo quando sua língua desliza por cima dos meus lábios. Suas mãos me apertam forte e eu gosto muito disso. Quero gritar: *me*

toca por baixo da roupa.

— Se Travis souber... — murmuro um gemido e aperto seu paletó. Ele parece mais forte. Não foi apenas em mim que aconteceram mudanças.

— Foda-se!

Abro os olhos arregalando-os e franzo a testa, detendo-o de me beijar mais um pouco.

— Mas a tradição... você não liga? Você quer... — deixo a frase morrer, o que está acontecendo comigo mesma.

Estou morrendo de tesão pelo meu noivo assassino. Eu não tenho juízo.

Um sorriso cruza seu rosto pelo canto da sua boca, sexy e pecaminoso.

— Você é minha, quem vai saber sou eu, mas não. — Ele passa o indicador lentamente em minha bochecha e chega o rosto bem perto do meu pescoço, me cheirando. — Por hoje, eu só quero provar... seus lábios mais uma vez.

Um formigamento atravessa o meio das minhas pernas até meu peito. Sinto-me quente e molhada. Nossa! Ele sabe como me deixar em pedaços e reconstruir apenas para o seu bel-prazer.

— Então... — sussurro quase sem fôlego.

— Peça, *princesa*.

Porra. Ele vai me matar. Meu corpo quer ele, minha boca quer ele e.... Eu quero ele.

Puxo seu paletó e Amândio basicamente cobre meu corpo com o seu. Apoiando uma das mãos na parede atrás de nós, a outra fica na minha lombar, enquanto as minhas seguram seu rosto. Nós nos beijamos fazendo barulho. Gemidos, sons de bocas se tocando e respiração afoita.



Marinne parece nervosa e ansiosa, mas não acredito que queira me afastar. Seus olhos estão tão iluminados e, porra, ela é a mulher mais bonita que eu já pus as mãos na minha vida e, quando seus braços circulam meus ombros, as mãos no meu cabelo, sinto meu pau muito duro neste instante e quero que ela me permita beijá-la como anseio. Preciso de algo dela essa noite.

Não sei se ela nota, mas quando cruza as pernas, nitidamente excitada, deixa o corpo cair sobre o meu. Minha mente viaja para aquela calcinha e sutiã. Caralho, eu comprei para ela, mas quero vê-la usando sim.

Estou louco por ela e quero que se foda a tradição de não poder tocá-la antes do casamento. Eu quero transar com ela agora e não é porque não trepo tem muito tempo.

— Então... — Sua voz deliciosa e rouca soa vacilante.

— Peça, *princesa* — digo correndo minha mão pelas costas dela.

Os olhos de Marinne ficam maiores, incendiados. Ela puxa minha roupa e eu quase caio em cima dela, preciso me apoiar na parede, mas deixo minha outra mão sem encostar no seu corpo delicioso. Beijo sua boca, chupando seus lábios e a língua. Eu me delicio com seu gosto e gemidos.

— Apenas me beije — ela solta entre os nossos beijos.

Excitado, mantenho minhas pernas firmes para ficar de pé sem precisar me apoiar e conseguir segurá-la com as duas mãos. Marinne geme e eu aprofundo o beijo, chupando sua língua. Suas mãos se escondem entre meus cabelos; acariciando e apertando. E quando toco sua pele, subindo seu vestido um pouco mais na parte da fenda, ela treme e se afasta para soltar o ar com a boca aberta.

Eu não resisto aos seus olhos e a boca molhada dos meus beijos. Agarrando-a de um jeito que suas pernas ficam abertas e encaixadas nas minhas, giro nós dois e me sento no vaso. Marinne deixa escapar um gemido rouco quando se senta no meu colo. Melhor, quando ela *monta* no meu colo e que caralho de roupa inoportuna.

Com as minhas pernas, eu abro mais as suas e deslizo minhas mãos para dentro do seu vestido, enrugando o tecido. Seus dedos estremecem quando toca meu peito, a boca aberta e os olhos arregalados, ela fita meu rosto.

— Amândio. — Escuto apenas carência em sua voz.

— Me beija, *princesa* — ordeno e ela faz; segurando meu rosto com as duas mãos, os dedos abertos e pressionando as digitais na minha pele.

Ela lambe meus lábios lentamente de olhos fechados e gemendo. Um gemido estrangula em minha garganta. Sinto meu coração bater forte pra caralho. E, porra, ela é tão macia. Espalmo as mãos na sua bunda, sob a sua pele e arqueio meu quadril pressionando meu pau nela e ela roça sua boceta em mim.

Oh, merda.

Detendo minha vontade de tirar esse vestido dela, afago suas coxas – indo e voltando – e subo para a sua cintura. Ela está sentada no meu colo me beijando, gemendo e movendo o corpo involuntariamente.

— Ah... — geme mordendo a boca e jogando a cabeça para trás.

Puxo-a para mim, beijo seu pescoço, seu queixo e faço-a pender o rosto para mim e nossas bocas se encontram num beijo explosivo, assim como a adrenalina no meu peito que percorre todo o meu corpo.

Marinne abraça meu pescoço e seus seios ficam perto do meu rosto e eu desço uma mão para um deles e apalpo. Ela solta uma risadinha e se afasta.

— Cócegas?

Seus olhos estão brilhando. *Porra!* Que linda. Que mulher linda.

— Um pouquinho.

Trago seu rosto para mim, passo meus lábios abertos nos seus, juntando nosso hálito e ela geme remexendo o corpo, se contraindo. Ela está muito excitada, caralho.

Com meus olhos fixos nos seus, corro meus dedos até seu ombro, toco o colar e então deslizo a alça lentamente. Assisto-a erguer a cabeça quase em câmera lenta, empinar os seios e abrir a boca. Suas coxas me

apertam e eu deixo metade do seu seio direito para fora e toco com a mão cheia. Marinne morde a boca e agarra meus ombros, as unhas perfurando o tecido.

Inclino meu rosto e beijo seu pescoço, seu colo e a parte de cima do seu seio escutando-a respirar fundo. Sua cabeça cai um pouco para o lado, me dando liberdade para continuar explorando.

— Se estivéssemos num quarto, eu te comeria lentamente numa cama com lençóis brancos.

Ela prende a respiração e me encara.

— Lençóis brancos para serem manchados de sangue.

— A certeza de que será minha e que... — Pego-a pelo pescoço e toco sua boca com a minha falando: — Que será o único momento que você sangrará por minha causa.

Uma nuvem intensa passa por seus olhos, deixando-os quase cinzas. Seu corpo fica mais colado ao meu, sua boca bate na minha com fúria e nos agarramos. Minhas mãos em suas costas, na sua pele, e as dela puxam meus cabelos. Gemendo e implorando, nos beijamos.

— Eu...

— Shhh... — interrompo-a.

Deslizo minha mão pelo seu meio, demorando-me de propósito nos seus seios. Sentindo os mamilos duros e encontro sua boceta por baixo da calcinha, que está encharcada. Ela pressiona seu sexo na minha mão e eu me sinto faminto.

Acaricio seu clitóris duro por cima do tecido da calcinha e seu corpo estremece por inteiro enquanto choraminga na minha boca. Eu coloco pressão onde ela está tão excitada, a calcinha fica mais grudada e molhada nela. Eu quero foder ela por um dia inteiro. *Porra!*

— Mexa! — ordeno.

Marinne agarra meus ombros e cavalga como uma amazona linda e poderosa.

— Minha boca — ela deixa escapar quando respira. — Meu batom.

— Morango — digo num gemido.

— Não... — arfa. — Minha boca, Amândio.

Franzo a testa, sem perder o foco de pressionar seu clitóris, e indago:

— O que tem sua boca?

Ela cola o rosto no meu e murmura perto do meu ouvido:

— Nosso beijo... *molhado...*

Pego seu rosto pelo queixo e a faço-me encarar.

— Explique.

Ela me agarra, toca nossos lábios que duelam um com o outro. Respira fundo, se afasta um pouquinho e engole em seco.

— Eu não trouxe batom. — Fecha brevemente os olhos e respira, seu corpo leva um choque porque eu ainda estou com a mão na sua boceta. — Eu não trouxe batom para retocar e como é que eu vou sair daqui assim?

Ah, entendi. Ela quer dizer que sua boca parece que ela beijou na boca. Está inchada e sem o batom.

— Você lava a boca e fala que lavou a boca porque comeu. Não se esquentar com isso.

Assente freneticamente, sobe e desce o corpo, esfregando-se na minha mão.

— Isso é tão errado.

— Não é.

— Nós somos noivos ainda.

— Sim — concordo e só porque tocou no assunto, minha mão encontra a outra e eu afasto sua calcinha devagarinho para ter tempo dela dizer não, e eu não escuto uma negativa. E, quando passo o indicador por cima do seu clitóris sensível, ela dá um gritinho agudo.

— Ah... *não*... — balbucia e deixa o corpo cair totalmente sobre mim. Queria ela pelada.

— A gente só está se beijando, *princesa* — falo no seu ouvido com a voz propositalmente rouca.

— Mas... a gente não está só se beijando.

— Não — replico e chupo sua boca com força, fazendo-a gemer alto e me apertar. — Estamos dando um amasso no banheiro, qual o problema?

Marinne inclina o corpo para trás e dá um sorriso sonolento e sexy. Ela morde a boca de leve e toca meu rosto. Toca minha cicatriz, eu paro de afagar sua boceta e ela segura a respiração.

— O que aconteceu com você? — Sua voz muda, ela parece preocupada.

— Nada importante.

Marinne fica congelada, mas então assente e chega o rosto para mim, beijando minha boca com os lábios abertos e molhados. Mordo sua boca e fecho olhos, querendo sentir a sensação dela e passo a ponta dos dedos na pontinha do seu clitóris. Seu corpo ganha vida de volta, ondulando a pélvis.

Eu não hesito quando deslizo devagar um dedo para o seu núcleo encharcado. Ela está tão macia e apertada. Eu afago de leve, pedindo permissão. Ela não se afasta e sinto sua pulsação acelerada, seu corpo se mexe involuntário. Sua boca me procura e eu aceito, beijando profundo e duro, perdendo o fôlego. Respirando pelo nariz apressadamente para encher os pulmões e recuperar as forças.

Minha mão vai para o seu cabelo, puxando de leve pela nuca para poder ver seus olhos.

Que porra de sorte que ninguém ainda não entrou no banheiro porque eu não tranquei a porta principal, porque se tivesse. Ela já estava peladinha para mim.

— Isso não é o suficiente.

Ela deixar escapar um gemido de boca aberta e arqueia o corpo, subindo e quando desce meu dedo todo desliza para dentro dela lentamente. Seu corpo vai para trás e eu preciso segurá-la para não cair.

— *Amândioooo...* — clama numa mistura de dor e prazer. Geme com a cabeça pendurada para trás, os olhos fechados e as mãos agarradas na lapela do meu paletó.

Tiro o dedo e mergulho de volta até o fim, ondulando para sentir sua maciez, para fazê-la gozar para mim. Esperei muito tempo isso. Continuo movendo meus dedos, um dentro dela e outro no clitóris, ela geme alto de novo e volta o corpo para cima, me agarrando.

— Sinta eu dentro de você.

— Eu sinto — sussurra no meu ouvido quando encosta o queixo no meu ombro.

Se ela soubesse que acabei de ficar viciado em ouvir isso dela, não teria dito. Pego-a pelos cabelos e puxo o seu rosto para mim, segurando firme por trás de mim e beijo sua boca animalesco, eufórico.

Ela abre a boca, respira sem fôlego e me toca em todas as partes, meu pescoço, meu rosto, meus ombros e me beija. Lambe e chupa meus lábios. Tiro meu dedo dentro para poder fazer círculos no seu clitóris com uma mão e a outra mantenho na sua nuca, não deixando-a afastar sua boca da minha.

Ela me beija tão perfeito e para quem nunca fez isso, a sua primeira vez sendo fodida por meus dedos é um sonho erótico. Seus sons, seus beijos e o jeito que me agarra.

— Você é minha. Essa boceta é minha. Toda minha — digo baixo no seu ouvido.

Suas unhas me machucam nas costas quando me aperta firme. Seu coração fica mais erradicado e eu começo a acelerar meu dedo no seu clitóris, quero que goze.

Marinne passa a me beijar com fome como se estivesse querendo sentir gosto, o meu gosto. Ela morde, lambe e chupa minha boca, minha língua. Seu corpo se mexe involuntário, se esfregando nos meus dedos. Meu dedo abre caminho para dentro dela mais uma vez e ela dá um gritinho.

— Por favor.

— Eu quero te chupar.

Continuo movendo meus dedos deixando-a encharcada e eu salivo para sentir seu curso. Eu meto o dedo até o fim e retiro para molhar o seu clitóris.

— Goza para mim.

Morde meu pescoço e seu corpo começa a tremer. Ela me agarra apoiando a testa no meu rosto.

— Imagina meu pau dentro de você, te alargando. Imagina você toda aberta para mim e eu te fodendo, lambendo e te tocando.

Noto que ela gosta que eu fale sacanagem porque fica mais molhada e pulsa na minha mão.

— Meu Deus! — geme mais forte e goza suavemente.

Não é nada escandaloso, é sexual e ela me abraça bem forte, as mãos nos meus cabelos. A boca no meu pescoço e ela me beija, os lábios gentis e abertos molhando minha pele. Estou duro pra caralho.

Seu coração mantém os batimentos acelerados. Demora um pouquinho para ela relaxar, respirar fundo e se afastar para me encarar. Respira com a boca aberta e parece levemente perdida.

— O que acabamos de fazer?

Tiro minha mão da sua calcinha, chupo meu dedo e ela fica escandalizada.

— Deliciosa.

Seus olhos ficam ainda mais arregalados e ela morde a boca.

— Eu acabei de te dar outro presente aniversário.

Marinne treme e o jeito que toca meu peito, suave, me deixa leve como seu olhar. Acaricio seu rosto e ela suspira, tão bonita e doce.

— Eu gostei e...

— Marinne! Você está aqui? — De repente, escutamos e viramos estátuas.

— Porra — reclamo num cochicho.

— É o Luca! — ela sussurra. — Meu Deus.

— Calma — gesticulo com a boca e toco seu peito querendo tranquilizá-la.

— Marinne? — Luca insiste e minha noiva fica apavorada.

— Levanta suas pernas — ela manda enquanto fica de pé e ajeita a calcinha. — Ele deve olhar por baixo das portas. Levanta os pés, Amândio! Porra.

Surpreso e excitado por ela ser agressiva e mandar em mim, demoro para fazer o que ela mandou.

— Luca? — responde ajeitando a saia do vestido.

Escuto passos antes da voz dele.

— O que você veio fazer aqui? E por que demorou a responder?

— Mas que pergunta é essa? Eu estou usando o banheiro, merda.

— Marinne — ele adverte.

Ela vira-se para a porta.

— Marinne, merda nenhuma — fala como se estivesse cara a cara com o babaca do Bracy. — Eu estava fazendo cocô, satisfeito?

— Por que veio tão longe?

— Porque não tinha cabine vazia no outro banheiro, droga. Agora saia daqui.

— Primeiro você.

— Luca, não se esqueça de quem eu sou. É sério — ela ameaça enquanto toda elegante penteia os cabelos com os dedos e eu tento não focar na sua bunda na altura dos meus olhos. — Agora saia e me espere lá fora.

— Dois minutos. — Dá um ultimato que eu queria fazer ele engolir como lava quente.

— Me espere lá fora! — Marinne retruca, puta com ele.

Segundos depois, a porta bate com força e eu me levanto agarrando-a. Deixo seu corpo de frente para mim e beijo sua boca, mordendo o lábio inferior.

— Você acabou de me deixar ainda mais duro.

Ela empurra meu peito, irritada. Eu não a deixo ir longe, minhas mãos ainda estão na sua cintura.

— Isso não precisava ter acontecido.

— Não estou preocupado.

— Mas deveria — diz baixo e ameaçador. — Agora, espera eu sair e depois de uns dez minutos você sai.

Concordo com um aceno, mas não antes de beijar sua boca de novo. Me afasto e passo as mãos no seu vestido e cabelos, verificando se está tudo no lugar.

— Me aguarde na pista de dança.

Ela balança a cabeça sorrindo e abre a portinha do cabine do banheiro e sai cambaleando de costas.

— Você precisa parar de se colocar em risco assim.

Vou atrás dela como um imã e coloco-a em cima da pia, abrindo suas pernas para ficar no meio.

— Eu vou ser o chefe da *Famiglia* de Nova York, *principessa*. Correr riscos eu faço só ao me levantar da cama.

Ela dá uma risada e limpa minha boca.

— E eu sua esposa — diz ajeitando minha gravata e o paletó. — Agora, me ajude a descer daqui e saia só depois de dez minutos.

Coloco seus pés no chão, lhe dou um beijo estalado.

— Tudo bem, não fica preocupada com isso.

Marinne vira-se de costas e passa um pouco de água na boca, melhorando sua aparência e me encara pelo reflexo do espelho dizendo:

— Eu não estou preocupada, só acho que é um risco desnecessário.

Colo meu corpo atrás dela, o rosto junto do seu.

— Vai logo — digo beijando sua bochecha.

— Você, vai para a cabine. — Empurra meu peito rindo e recuando, anda de costas para a porta.

A handwritten signature in a cursive script, reading 'Amândio'. The letters are fluid and connected, with a large, sweeping 'A' at the beginning and a long, trailing flourish at the end.

No salão do Bellagio caminho calmamente após esperar quase trinta minutos dentro do banheiro, porque duas mulheres entram e ficam um bom tempo conversando ao invés de mijarem logo.

Putá que pariu! Agora eu sei porque elas demoram tanto.

E quando estava abrindo a porta da cabine, outra mulher apareceu. Essa passou uns dez minutos chorando no telefone com algum babaca que deu um fora nela. Ele foi jogar em outro cassino. Foi um saco ficar esperando ela terminar e minha faca ficou com sede da língua dela.

Meu telefone toca quando estou passando pela ponte que tem o visual da Fonte do Bellagio.

— Amândio — atendo.

— *Como está a visita?*

Com a cólera atravessando meu corpo como um veneno, olho o visor do aparelho. Que merda.

— Está indo bem — respondo ao meu pai.

— *Eu deveria ter ido com você. Precisava ver como está minha nora com dezoito anos. Pelas fotos, ela ficou muito bonita. Você se deu bem, mas se fosse feia, era só foder de quatro com a cara dela no colchão.*

O tempo que ele levou para cuspir suas merdas, eu parei de andar e fechei os olhos imaginando enforcá-lo. Apertando um fio de arame farpado. Apertando e apertando até a cabeça dele ser cortada, sair do seu corpo e rolar no chão.

— O que você quer, pai?

— *Saber como está tudo em Las Vegas. Travis está bem?*

— Ótimo.

Giovanni ri alto e eu consigo ver a imagem certinha dele mostrando os dentes e a mão na barriga. Nojento.

— Eu estou ocupado.

— *Espero que esteja planejando algum ataque futuro a sua família.*

— Boa noite — digo sentenciando o fim da ligação.

Levo dois segundos para respirar fundo. Deixando o ódio dissipar um pouco de mim. Não é ideal eu andar com o monstro enfurecido que possuo em Las Vegas.

Quando estive no calabouço em Calambria, aprendi ainda mais a silenciar os barulhos que me perturbam e os pensamentos. Claro que agora o que me deixa “leve” é a imagem do primeiro orgasmo que dei para Marinne.

Eu me sinto orgulhoso e faminto. E não deveria brincar com fogo. Não deveria me *provocar* assim, mas não resisti.

Nunca pensei na hipótese de sentir desejo pela minha esposa arranjada. A realidade: tenho muito tesão por Marinne. Tesão que nunca senti por mulher nenhuma e não vejo a hora de fodermos loucamente, e isso não vai ser na primeira vez. Ela vai precisar se acostumar com meu pau e perder a virgindade primeiro.

Meus passos ficam mais lentos quando chego no salão de festa. Com as mãos nos bolsos olho em volta e Matteo levanta-se da sua mesa e caminha como se tivesse levado uma facada no cu até a mim.

— Onde você estava? Procurei por todos os lugares. Cheguei a ir ao quarto, mas você não estava também.

— Eu saí — respondo sem olhar para ele, foco em Marinne sorrindo enquanto conversa com uma menina. Deve ser uma das amigas do internato. Ela sai com a menina por uma porta.

— Saiu sozinho depois dizer que estamos em terra de inimigos?

— Eu sei disso. — Sério, guio meu olhar para o semblante atormentado de Matteo. — Eu fui resolver uma coisa muito importante.

— E por que não pediu para eu ir junto ou resolver para você?

Puto com a sua insolência, viro meu corpo de frente para ele.

— Porque isso era uma coisa que apenas eu poderia fazer.

— Tudo bem, se você está dizendo.

— Sim, eu estou dizendo — falo caminhando para dentro da festa.

Claro que Matteo vem atrás e falando. Ele nunca cala a boca.

— Seu pai ligou e queria falar com você.

Assinto e volto a ignorá-lo. Ando lento, passando por alguns convidados que me encaram cheios de receio e alguns homens – soldados e *Underboss* da *Lawless* – com “morte” nos olhos.

— Você precisa ligar para ele.

Respiro fundo, concordo com um aceno e vou para a nossa mesa. Meu braço direito para na minha frente.

— Está agindo como um babaca hoje.

— Você age assim há um tempo e eu não falo nada.

— Amândio, eu...

Dou um passo, quase encostando meu peito no dele, e digo:

— Estou ficando farto de você estar contra mim e a favor do meu pai. Onde foi parar a sua lealdade a mim, porra? Esqueceu que eu salvei você?

— Nunca esqueço — responde e pisca o olho que ele quase perdeu.

— Eu posso voltar atrás e matar você sem piedade, Matteo. Você está me deixando muito puto com sua subordinação a Giovanni. — Dou outro passo. — Eu sou o seu chefe, não ele. Lembre-se disso. E eu não demito, eu mando para o inferno.

Ele faz um único aceno e se afasta para não chamar atenção.

— Eu vou provar que sou leal a apenas você.

Vou ordenar que ele saia da festa, quando de repente todas as luzes se apagam do salão. Imediatamente fico em alerta e coloco a mão onde está minha faca. Não estou com nenhuma arma, entretanto minha faca está no bolso da frente do paletó.

E assim como as luzes se apagam, uma luz vermelha no palco se acende e Marinne surge com um vestido branco brilhoso. O vestido é curto, um pouco solto no seu corpo e o corte é reto. Parece uma placa de estrelas em seu corpo delicioso. Engulo em seco observo suas pernas nuas e o sorriso brilhante quando a luz branca pousa nela.

Minha.

Travis aparece e pega a mão dela, ajudando-a descer a pequena escada. As pessoas saem do meio do salão de festas, e Travis faz a reverência; erguendo a mão dela para o alto, mencionando a sua grandeza. Apresentando-a para a *Famiglia*.

Por tradição, precisamos apresentar as mulheres quando fazem dezoito anos. Elas estão debutando e se tornando mulheres na nossa sociedade.

Se Marinne não fosse minha noiva, estaria pronta hoje para receber uma proposta de o noivado.

Seu sorriso está tranquilo e aberto. fazendo-a andar numa volta completa, Travis faz ela parar na sua frente e com elegância eles ficam na posição de valsa e começam a dançar.

De pé com as mãos nos bolsos e demonstrando tranquilidade, eu assisto minha noiva dançar sua primeira valsa na maioridade com o *Capo* de Las Vegas, seu irmão, meu rival que por ora é meu aliado. Enquanto ele demonstrar que a protege, ele não está na minha mira. Mas sua arrogância ainda me irrita.

Outra música começa e Marinne dança com Colen. E eu espero mais um minuto e meio para ver Dario se aproximar. Com ele, sua expressão fica mais jovial e animada. Ela me disse uma vez que Dario foi o irmão, os outros assumiram o lado paterno. Por suposto, ela tem mais respeito e medo dos mais velhos, e confiança em Dario.

Tirando as mãos dos bolsos, deixando minha expressão e andar aberto, caminho para perto dela quando noto que a música está acabando. Eu conheço quase todas as canções de Frank Sinatra porque minha avó gosta dele.

Travis me dá um olhar atento e faz um aceno confirmando que posso dançar com ela. Mesmo que eu fosse dançar com minha noiva até por cima do cadáver dele, é bom ele dar sua permissão.

Se ele soubesse que meu dedo esteve dentro dela essa noite. Que ela gozou lindamente para mim no banheiro do seu hotel. Que nos beijamos como se estivéssemos fodendo com nossas bocas, ele não deixaria eu chegar perto de novo. Porque eu penso em devorá-la.

A troca de música acontece e Dario para de dançar com a irmã. Marinne abre um sorriso para ele quando beija seu rosto e arregala os olhos quando estou na sua frente, assim que seu irmão sai da minha frente.

— É minha vez.

Ela assente e dá um passo para a frente no momento que eu faço o mesmo. Morde o lábio e firma o olhar no meu. Seus olhos estão enormes e muito azuis.

Sem parcimônia, corto toda a distância entre nós com um passo. Seguro firme sua mão direita, deslizo de propósito a esquerda lentamente na sua cintura e a mantenho um pouco acima do início do topo da sua bunda.

— Você está ainda mais linda.

Ela engole em seco, mordendo de leve a ponta da boca e sorri sem graça. As bochechas vermelhas, que ela esconde olhando para o meu peito, e me acompanha na primeira valsa.

Dançamos calmamente uma música lenta, um acústico que não reconheço.

— Que música é essa?

Marinne me olha sobre os cílios.

Porra. Ela tem que parar de me dar esses olhares inocentes e sexy, e logo em seguida se esconder como está fazendo agora.

— É “Love On Top”, da Beyoncé, em acordes no piano. — Abre um sorrisinho e parece cautelosa. — Eu adoro ela e pedi para o Travis fazer ela lenta para eu poder dançar hoje.

Concordo com um aceno. Estou intrigado. A música quer falar sobre o amor ser bom, machucar e que depois do sofrimento, se colocou em primeiro lugar.

Enquanto danço com ela bem devagar, penso nisso. *Amor.* Quando foi que essa palavra fez parte da minha vida?! É ridículo porque eu sou um assassino e torturador. Não tenho piedade.

Ela não está me olhando agora, tem o rosto erguido e virado para os convidados, o sorriso padrão de fachada e não gosto, mas a pista é liberada e casais juntam-se a nós.

Espero estarmos rodeados pelos convidados e dando uma conferida se Travis está nos vigiando – ou algum dos protetores dela, a lista é enorme – toco no seu queixo e trago para mim.

— Você quer isso? — indago olhando-a nos olhos.

— O quê?

— Amor.

Seu corpo fica quente e a apreensão toma conta da sua expressão. Ela fica lívida e congela os pés.

— É... é... — Balança a cabeça freneticamente e solta uma risada. — Não.

— Está falando a verdade?

— Eu não minto — diz com convicção e cerra os olhos, para intensificar suas palavras: — Eu sei aonde eu nasci, Amândio. Eu sei que você não me escolheu ou... eu te escolhi. Somos uma aliança e está tudo bem.

Aperto sua cintura, fazendo seus pés me acompanharem de novo e seu peito está colado no meu. Eu sinto seu coração bater através as roupas e

deslizo minha mão da sua para tocar seu pulso. Ela está tranquila.

Essa garota parece treinada como eu. Que merda é essa?

— Mas... — eu rebato o assunto.

— Não tem *mas*.

— Tem sim. Me diga — insisto e dou um giro, saindo do campo de visão dos Lozartan.

— Mas eu gostei do que fizemos — baixa a voz e a música está alta abafando ainda mais. Inclina o rosto e seus olhos azuis são explosivos. — Você é bom de olhar e beijar. E ainda bem.

Dou um breve sorriso e faço seu rosto colar no meu.

— Você também, *princesa* — sussurro no seu ouvido. — E nós temos um segredo.

Marinne enverga a postura só para poder me observar e diz:

— Eu jamais contaria para alguém o que fizemos e você também.

— Eu também e seria bom você fugir porque eu quero mais.

Ela erra um passo, tropeçando e eu a seguro. Zangada, se afasta de mim dando três passos para trás.

— Melhor pararmos.

Dou de ombros e enfio as mãos nos bolsos vendo-a ir embora.

Para mim essa festa acabou.

Dando um último olhar para trás de mim, vejo Travis e Madeleine me encarando. Dou um aceno para eles, que devolvem, e saio do salão.

Eu preciso ir amanhã na casa dos Lozartan. Não dá para ir embora sem mais nenhum beijo. Merda. O tempo está muito devagar. Seis meses parece uma eternidade.

— Já está indo? — Matteo surge do meu lado quando estou apertando o botão do elevador.

— Estou com dor de cabeça.

Ele dá uma gargalhada alta pra caralho.

— Você sente dor?

Ao invés de respondê-lo, retruco:

— E você?

Matteo ergue as mãos em sinal de rendição e assente. Uma ideia passa pela minha cabeça. Fico de frente para ele.

— Quero que você arrume o cronograma de Marinne para amanhã.

— Cronograma? — Franze a testa.

— Sim, imbecil. Quero saber o que ela vai fazer amanhã.

— Como é que eu vou saber se ela tem cronograma?

— Uma mulher como ela tem cronograma. — Aponto para o seu peito, empurrando seu corpo. — É sua oportunidade de provar que ainda é meu braço direito.

— Você vai se arriscar para apenas ver a garota?

Dou uma risada maliciosa.

— É a segunda pessoa que fala isso para mim hoje e vou te contar uma coisa, Matteo.

Ele sente minha voz enfurecida. Treinado como foi, e mesmo assim eu vejo como sua postura muda com uma ameaça.

Matteo sabe que eu sou um monstro com faca, arma ou com a mão mesmo. Ele é um ótimo executor para a *Darkness* e, mesmo assim, foda-se, porque eu ganho todas as vezes que treinamos no ringue.

— Eu estou pouco me fodendo para Las Vegas. Eu quero ver a minha noiva amanhã, então você vai conseguir o cronograma dela. Você está me devendo — dou um passo e o amedronto — e não é pouco. Vai precisa de muito mais do que isso para eu não cobrar as merdas que você anda fazendo por trás de mim. Seu X-9 de merda. Eu ainda não te matei porque você é útil para mim. — Olhando para os lados, empurro seu corpo na parede do elevador e aperto sua caixa torácica espalmando a mão. — Mas não vou permitir mais nenhum vacilo seu. Eu não sou o mesmo homem que pisou em Calambria há dois anos. Não tente descobrir o que sou capaz de fazer agora.

Recuo, aperto com uma pancada o botão do elevador.

— Vai fazer o que eu mandei e só volte com a informação.

O elevador chega rápido e, antes dele sair andando de volta para a festa, fala algo para mim que eu não escuto.

As portas se fecham e contemplo minha cara no espelho do elevador. Meus olhos parecem de lobo, as pupilas estão compenetradas e fixas. A adrenalina percorre meu corpo.

O próximo que irá se ver comigo é Alfredo, executor do meu avô. Eu vou passar minha lua de mel na Itália, isso não tem o que pensar. E espero que Marinne tenha estômago forte, porque ela irá assistir eu arrancar as bolas dele, as mãos e os olhos. Ele não deveria ter mexido comigo.

E vou levá-la comigo quando for matá-lo, porque não confio em ninguém perto dela. Até Matteo vai precisar provar que pode estar na sua presença.

Merda. Respiro com força, com raiva.

Acho que eu vou precisar fazer uma limpeza em Nova York antes dela pisar na cidade. Depois penso quem posso matar em Calambria sem meu avô querer me trancafiar no calabouço de novo. E também testar uns soldados para ver o compromisso da lealdade para comigo. Eu preciso que cuidem da minha esposa.

A handwritten signature in black ink, reading 'Marianne'. The script is fluid and cursive, with a large, sweeping 'M' and a long, trailing 'e'.

São quase duas da manhã agora e é a primeira vez que fico acordada tão tarde fora de casa. Meus pés estão doendo por usar salto a noite toda, minha cabeça está levemente doendo e eu gostaria que Mario me pegasse no colo e levasse para o meu quarto.

Travis e Madeleine estão me olhando enquanto eu me despeço das minhas amigas. Eles sabem que estou indo para a minha suíte linda e que eu poderia chamar de *a cela da princesa de Las Vegas*. Ele permitiu que eu fique no Bellagio esse fim de semana, mas é como se fosse minha prisão de luxo. Não quero ser chata e mesmo assim estou sendo.

Suspiro, cansada e caminho até meus “pais” com um sorriso forçado porque estou muito cansada e quero me deitar logo.

— Já vou subir. Não aguento esses saltos.

Made chega perto de mim me dando um sorriso acolhedor e afaga meu rosto.

— Tome um banho de banheira bem quentinho, que vai passar todo desconforto. E eu mandei prepararem um coquetel para caso você esteja — cerra os olhos brincalhões — bêbada.

Rio e jogo meu corpo para os seus braços.

— Eu amo você, *minha* mamãe.

Seus braços me acolhem mais um pouco e suas mãos fazem carinho nas minhas costas.

— Eu te amo mais.

— Eu sei — digo saindo dos seus braços.

Ela ri e toca meu ombro.

— Qualquer coisa que precisar, é só ligar.

Assinto e vou até Travis e, como restou apenas minhas amigas e seus seguranças, os pais – empresários afiliados a *Lawless* e soldados —, ele me

abraça.

— Obrigada por hoje.

— Não precisa agradecer.

Forte e grande, seus braços me engolem e eu adoro isso. Parece que nunca cresci e ele é meu. *Travis* que me carregava no colo da cama para todos os lugares da casa. Deixava ficar sentada na sua coxa enquanto tocava piano, e usava meus dedinhos para tocar algumas teclas. Que me vestia com os vestidos rosas e brancos mais fofos do mundo. Que era delicado e doce comigo lendo histórias para eu dormir. Comigo ele sempre foi *meu pai*, meu protetor. Vou sentir tanto a falta dele.

Imediatamente meus olhos ficam marejados e meu coração se contrai de angústia. Eu aperto Travis bem forte, meu rosto sumindo dentro do seu paletó e meu cabelo.

— O que houve? — Detecto preocupação e zelo em sua voz.

Madeleine surge no meu campo de visão e ela tira o cabelo do meu rosto.

— Sempre estaremos aqui para você, Marinne.

— Eu sei — sussurro e soluço.

Travis não me solta, beija meus cabelos e segura meu rosto para levantar e ver meus olhos.

— Sempre lutarei para você ser feliz. Não é um adeus, *mia cara*.

— Eu vou poder vir te visitar?

— A qualquer momento.

Assinto umas três vezes e recuo. Engulo a emoção e me controlo. Ser sensível não é problema para uma Lozartan, mas não mostramos tão facilmente em público uma confissão de sentimentos como essa.

Estou assim porque no banheiro senti com Amândio uma conexão assustadora e não quero um dia ter que mentir para salvar a minha família, para salvar minhas escolhas. É estranho e não sei explicar, mas o jeito dele comigo é como Travis. O lado selvagem da proteção.

Eu não quero substituir Travis da minha vida, embora eu nunca senti domínio sobre meu irmão. No entanto, com Amândio.... Com ele eu quero possuí-lo na mesma proporção que ele parece querer me possuir.

A handwritten signature in black ink, reading 'Marianne'. The script is fluid and cursive, with a large, sweeping initial 'M'.

Segui o conselho de Madeleine e estou na banheira acalmando as dores da minha cabeça e dos pés. Com certeza, eu não quero usar salto tão cedo.

Fecho os olhos e relaxo na água quentinha com sais de banhos, escolhi o aroma de baunilha. Acendi umas velas aromatizantes de morango. Enviaram todos os meus presentes para o meu quarto – ordem minha – e as velas foram presentes de Nina da sua linha de velas e colônias naturais. Ela é tão fada. Paolo precisava de uma esposa como Nina depois do que passou.

Me surpreendendo, os acordes de “Love On Top” me fazem abrir os olhos e meu coração acelera desesperadamente. Eu lembro *dele*.

Amândio e sua boca na minha, suas mãos passando nas minhas coxas e seu dedo tocando minha boceta. *Pelos céus!* Ele me levou à loucura e pensando agora, eu fui tão safada naquele banheiro. Recordando agora é como se não tivesse sido eu.

Dou uma risada e mordo a boca lembrando dele sentado naquele vaso, me deixando em cima das suas pernas. Seus olhos quase cinzas, as mãos atrevidas, sua boca sedosa na minha, o gemido rouco... a carícia no meu clitóris. Seus beijos que massagearam minha boca e machucaram.

Se ele foi assim num simples amasso – como ele mesmo denominou –, não quero pensar na primeira vez que nós transarmos. Pelo que leio em alguns livros e o que escuto... *Merda*. Confesso que estou com medo da sua intensidade.

Ouvi tantas histórias horríveis sobre as primeiras vezes das mulheres em nosso círculo e assisti a tantos lençóis de sangue no último ano. Madeleine me levava para acompanhá-la aos eventos da *Famiglia*, mas nunca

gostei dessa parte. Que eu não quero pensar na dor e na vergonha que é esse momento. Enganosamente, quero me concentrar em como é gostoso meu corpo ser tocado por ele daquele jeito.

Arregalo os olhos sorrindo quando a música muda para outra mais alegre, que me acorda do devaneio. Suspiro percebendo que a água não está mais quente como eu gosto e tiro os fones do meu ouvido, deixando em cima do apoio que tem na banheira. Caço a toalha que está em cima da cadeira na minha frente e levanto enrolando-me nela. Saio da banheira e ando apressada até o roupão e depois que me seco bem, o visto.

Saio para o quarto e dou uma risada vendo a cena do filme que está passando na tevê. É quando o Brendan Fraser diz que já matou a múmia e o cara vestido de preto diz que não se mata um portador da morte. Eu amo tanto esse filme. Sentando-me na cama para terminar de ver o filme escuto um toque na porta.

— O quê? — resmungo em voz alta e pego o controle da tevê para ver as horas. — Três e cinquenta e um da manhã! Mas o quê? Não creio.

Franzo a testa levantando-me e vou até a porta. Quem deve ser? Fechando bem meu roupão, destranco a porta e a puxo só um pouco. Arregalo os olhos num *mix* de chocada e nervosa.

— O que você está fazendo aqui?

Amândio não responde, ele empurra a porta e invade meu quarto.

— Amândio! — reclamo vendo-o fechar a porta.

Ele vira o corpo para o meu e logo estou sendo imprensada na parede, sua boca na minha afoita e astuciosa. Perco o fôlego e como é bom e eu não consigo recuar, jogo meus braços em cima dele. Toco a pele do seu pescoço e enfio meus dedos em seus cabelos. Amândio geme comigo e aprofunda o beijo, molhando meus lábios. Minha perna sobe involuntária para a dele, se entrelaçando e ele a segura.

Solto um gemido, que parece um choro e ele para, afastando a boca da minha e assim nós respiramos.

— Você não deveria estar aqui — digo soltando o ar.

— Eu *só* deveria estar aqui.

Sinto minhas bochechas esquentarem e por vontade própria, toco seu rosto. Mas lembro onde estou, como estou e quem sou, e empurro-o para longe. Amândio parece relaxado com as mãos na cintura enquanto me encara. Por reflexo, dou-lhe as costas e fecho mais o roupão, falando sobre o ombro pergunto:

— O que está fazendo aqui?

— Queria ver você.

Fico de frente para ele e balanço a cabeça desacreditada.

— Ninguém sabia que eu iria ficar nesse quarto. Como você descobriu?

— Eu não posso dizer quem me dá minhas informações, Marinne. — Sua voz fica baixa e rouca, séria. — Acho que você consegue compreender isso.

Respiro fundo e ele dá dois passos, estando quase colado em mim, mas eu recuo.

— De novo se afastando? — E surge sua voz malvada. — Vai me dizer agora qual é o motivo?

Encho meus pulmões de ar e o fito tão séria quanto ele faz agora.

— O motivo é que eu estou de roupão e você entrou no meu quarto. Estou sozinha com você e são quatro horas da manhã. — Espalmo as mãos no seu peito, impedindo-o de chegar mais perto. — E o que você quer?

Ele pega meus pulsos e murmura:

— São muitas coisas que eu poderia querer no seu quarto. E uma delas é você. Não é óbvio?

Meu Deus!

— Nós já conversamos sobre isso, Amândio.

— O quê?

— Nós não somos casados ainda e você fica falando essas coisas. Fica se colocando em perigo sem precisar.

Ele volta a ficar mais perto e dessa vez eu encontro a parede atrás de mim. Ele me tem como deseja: encurralada, e coloca as duas mãos na parede atrás de mim na altura do meu rosto inclinando o seu. E acho que vai me beijar, mas não. Ele murmura olhando minha boca e meus olhos:

— Não consigo parar de pensar em você nas minhas *mãos* — o final da frase de duplo sentido é de propósito.

— Eu também não, e daí?

— Você deve ser mais forte do que eu.

— Não. — Balanço a cabeça. — Não é questão de ser mais forte — eu digo baixinho e confesso: — Eu não sabia onde você estava, se soubesse... eu... não sei. — Deus, essa conversa está me deixando molhada com força e ele não está me tocando. — Aquilo... que a gente fez no banheiro...

Ele toca meu pescoço, envolvendo-o sem apertar e sua boca está tão perto da minha. Sua altura, uns bons vinte centímetros mais alto, me deixa à sua mercê e gosto de vê-lo sem precisar se inclinar para mim.

— Eu te dei um orgasmo, mas a verdade é que eu queria muito ter te chupado.

Um gemido que eu não consigo controlar escapa da minha garganta e isso é tudo o que precisa para ele me agarrar, deixando minhas costas apoiadas na parede, ele pega minhas coxas com suas mãos grandes e me faz circular seu corpo com minhas pernas. Me dá um beijo bruto e rápido.

— Você sabe... — sussurro, olho no olho com ele. — Eu não estou vestindo nada embaixo desse roupão.

Amândio concorda com um aceno e, droga, eu me esfrego no seu cinto sentindo uma necessidade tão grande. Ele respira fundo pelo nariz e escorrega suas mãos em minha pele, encontra a polpa da minha bunda e me abre mais um pouquinho, então estoca seus quadris para cima e eu sinto sua ereção dura.

— Eu sei, querida, que você está peladinha e estou imaginando como deve ser linda.

Ele passa seus lábios abertos e molhados nos meus. Um beijo tão sedutor.

— Seja minha.

Abro os olhos, sentindo-os arder pela intensidade do momento e abro a boca procurando ar.

— Hoje? — Eu devolvo com minha garganta fechando.

— Sim, *princesa*.

Ficamos em silêncio nos contemplando. O que soube sobre ele e o irmão. Meu Deus. Eu sei como os *Homens Feitos* sabem manipular. Acredito que Amândio faria qualquer homem forte se ajoelhar, qualquer homem poderoso se render e até meu irmão a fazer sua vontade se fosse preciso, mas...

— Eu não estou pronta — sussurro negando com a cabeça e toco seu rosto gentilmente. Nem sei por que quero ser gentil com ele nesse momento.

Ele baixa a cabeça, fugindo seus olhos dos meus e infelizmente me solta, deixando meus pés no chão devagar, suas mãos deixam de me tocar como se não quisesse. Tenho um baque quando se vira, ficando de costas para mim e coloca a mão na cabeça.

— Você está certa.

Não preciso ver meu rosto para saber que estou com a pior cara de lamento. Ao mesmo tempo que não me sinto pronta, sinto meu corpo o chamando. Meu coração acelera que sinto dor no meio do peito e com a coragem que sei que tenho em cada grama do meu corpo, caminho para ele e toco seu ombro. Nem tenho tempo de registrar ele girar de frente para mim, só sinto seus braços me pegarem, levarem para o quarto e ser colocada sentada na cama. Ele fica de joelhos na minha frente, as mãos fortemente agarradas na minha cintura.

— Deixa eu te tocar.

Seguro a respiração por causa que seu pedido é demais.

Amândio corre as mãos por cima do meu roupão e depois para dentro, chegando nos quadris.

— Se acostume comigo — sussurra tão sexy. — Fique à vontade na minha presença para que, quando a nossa lua de mel chegar, você esteja pronta.

— Vo-vo... você fica pensando nisso? — indago paralisada, no entanto adorando sua carícia.

— Pensando em quê exatamente?

— Nós dois... *assim*.

— Você quer dizer nós dois transando?

Eu assinto.

— Vou confessar para você que desde que eu te vi mais cedo, que te beijei, não paro de pensar nisso. — Ergue o corpo, ficando agachado na minha frente e desliza as mãos para a minha cintura, meu roupão se abre um pouco. — Você nua e gemendo meu nome. — Inclina o rosto até sua boca estar quase tocando a minha. — Eu dentro de você e, quando toquei a sua boceta hoje, com certeza a imagem ficou ainda mais vívida. Não sei se vou conseguir dormir sem isso.

Encho meus pulmões de ar e contraio meu sexo, quase sem vergonha, gerando atrito com o roupão, e ele percebe sem dizer nada, apenas seus olhos descem para o meio das minhas pernas e depois para o meu rosto.

— Você teve outras mulheres enquanto me esperou? — pergunto e não sei o motivo.

— A última vez que eu estive com uma mulher foi dois anos atrás.

Arregalo os olhos porque isso é muito tempo para quem já fez sexo um dia.

Garanto que depois dele me tocar e beijar, eu não me sinto confortável em esperar até agosto por mais. Imagina ele que deve ter tido várias mulheres e fez mais do que tocar e beijar ela.

Mesmo sendo proibida de falar sobre sexo com minhas amigas que já fizeram – no caso Nina e Bárbara, jamais Madeleine daria essa liberdade para eu cogitar falar sobre isso com ela —, eu já ouvi por alto elas comentarem sobre ser bom. E eu li livros com cenas picantes e... além de ficar curiosa, eu gostei.

Me senti estranha a primeira vez que li um livro com sexo explícito. Senti um calor, uma necessidade esquisita de tocar minha boceta e uma vez não resisti. Continuei lendo e levei meus dedos até meu clitóris e me acariciei, porém nada se compara a Amândio mais cedo. Ele me deu meu primeiro orgasmo e eu nunca tive um dedo dentro de mim. *Porra*. Foi muito gostoso e assustador porque eu achei *pouco*. Achei que iria enfartar e andar até o salão de volta foi torturante. Então, não consigo imaginar ele não ter ficado com uma mulher nesses dois anos. *Será que é verdade mesmo?*

— E antes destes dois anos?

Ele parece impaciente e afasta o rosto do meu.

— Marinne, eu transei a primeira vez com treze anos. Então eu tive muitas mulheres antes de completar meus vinte e um anos.

— Entendo.

— Por que essas perguntas? Fala a verdade.

Não sei, mas digo:

— Porque geralmente os homens não precisam casar virgem. E eu imaginei que você não iria ficar sem transar por causa do casamento e talvez você... Talvez queira... eu hoje porque...

— Por causa que eu não fodo há dois anos — completa o que tive dificuldade de falar e fica de pé, se afastando de mim. Só um pouco, porque ainda está no meio das minhas pernas. Me olha com a postura rígida, as mãos na cintura de novo, tão imponente. — Eu não quero você por causa disso. Eu quero você porque *eu quero*. Nós vamos nos casar. Você vai ser a única mulher que eu vou ter até o dia que eu ficar velho e broxa. E número dois; porque você é... perfeita. Ninguém nunca disse isso para você?

— O quê? — falo baixinho e insegura.

— Que você tem um corpo incrível e não consigo parar de ver. Estou excitado desde que te beijei nesse quarto e acho uma putaria ter que esperar

mais seis meses para *ter* você. — Pausa balançando a cabeça. — Você é minha noiva e eu já disse: Nada vai mudar isso.

— Eu sou sua. — Eu fico de pé e colo nosso olhar. — Você já disse isso, que eu sou sua. E você é meu?

A intensidade do seu olhar deveria ser um crime.

— Sim.

Seguro a respiração e mordo o lábio de baixo.

— Eu entendo você estar com medo. Muitas mulheres da máfia adoram falar sobre a primeira vez delas. — Ele toca meu rosto com uma mão e a outra coloca um fio de cabelo que se soltou do meu coque que fiz para tomar banho na banheira para trás da minha orelha. — Eu não vou te machucar. Você vai sangrar, porque tem que sangrar.

Isso! Eu arregalo os olhos e ele me segura, senão eu ia correr.

— Os lençóis... você não está preocupado com isso?

— Não, merda. Eu não deveria deixar ninguém ver seu sangue, só eu.

— Nem você, é nojento.

— Eu sei, mas se é para alguém ver que seja seu homem e mais nenhum outro.

Irritantemente, ele está certo.

— E você não se preocupa? Não tem como fugir dessa regra. Existe há tantos anos esse vexame. É uma tradição.

— Eu sei. É para selar o casamento e não ter volta a aliança. — Fica em silêncio e faz uma pergunta com um ar enigmático. — Acha que nós dois vai ter volta?

Encaro seu físico dos pés à cabeça, observo os detalhes, os sapatos polidos, a calça de linho, o cinto com a fivela dourada como anel que fica no seu dedo mindinho, as mangas da camisa de linho preta – sempre vestido todo de preto – estão dobradas em $\frac{3}{4}$ e consigo ver uma tatuagem preta saindo pela manga direita, parece o rabo de uma cobra que termina quase no seu pulso.

Acha que nós dois vai ter volta? Sua pergunta martela na minha cabeça... Por uma migalha de Deus que pode haver em minha vida gerada nas trevas, eu... quero que não. Que não tenha volta.

Me levando pela conversa, pela aproximação, deixo-me mais perto e eu abro os três primeiros botões da sua camisa e toco no seu peito. Ele quase não tem pelos e me admira em silêncio, sem me tocar.

— Eu não acho que vai ter volta — murmuro e tiro meus olhos de minhas mãos tocando seu pescoço e vejo seus olhos. — Eu não quero *ser* de outro homem. Eu levei quatro anos para me acostumar e... mesmo que você tenha se afastado. Eu nunca pensei em dizer *não* quando chegar o momento.

— Ficou com raiva de mim?

— Talvez e... é por isso que estou dizendo não agora. — confesso e toco um outro pedaço da cobra no canto do seu pescoço, que deve estar desenhada no seu braço todo. — Porque você sumiu e chegou hoje aqui... — Me obriga a concentrar em suas íris quase cinzas. — Preciso de tempo.

— Eu sei.

Mudos nos tocamos. Ele afaga minha nuca, os dedos sumindo e voltando dentro dos meus cabelos, ele solta meu coque. Sacudo minha cabeça para trás de leve, meus cabelos se soltam por completo e, quando volto meu rosto para ele, Amândio parece faminto. Engulo em seco e foco em meus dedos que descem por seu peitoral forte, sinto seus músculos quentes. Vejo algumas cicatrizes e também o que deve ser a tatuagem da *Darkness* no seu peito.

— Está tentando compensar dessa forma?

— Não estou pensando em nada, Marinne. — Sua voz suave faz eu erguer meu rosto. — Eu estou pensando que é difícil ficar longe de você. Eu estou pensando que... — Ele não termina, segura meu rosto com as duas mãos e guia minha boca até a sua. E me beija profunda e intensamente por um curto espaço de tempo, que parece eterno. — Seja minha essa noite — fala pausadamente cada palavra. — Eu prometo que vou ter cuidado e se não conseguir... a gente tenta daqui a seis meses de qualquer forma.

Engulo em seco com tanta força, que faz um barulhinho e sussurro, e nem sei por quê.

— Eu vou ficar aqui até amanhã.

Pegando-me totalmente de surpresa, Amândio ri. É a primeira vez que eu vejo a sua expressão humorada e alegremente suave. Sinto que estou em choque com um sorriso paralisado porque ele sorri para mim e de verdade. Balança a cabeça como se eu tivesse dito que sou uma alienígena.

— Porra, você vai me dar trabalho.

Rindo também, indago:

— Por que você está dizendo isso?

— As coisas que você fala. A sua esperteza e... os seus olhos.

— O que tem meus olhos?

Ele respira fundo e passa o indicador vagarosamente pela minha sobancelha.

— Além de serem lindos, é como a caixa de Pandora. — Me dá um selinho na boca e diz no meu ouvido: — Eu não sei o que tem aí para mim, mas vou descobrir com o tempo. Eu sei disso.

Prendo meu sorriso com os dentes no lábio inferior e espero ele retornar a postura e eu poder ver seus olhos. Eu não consigo também não olhar para essas íris azuis acinzentadas e horas verdes. Eu deveria agradecer a Travis por me casar com um homem lindo como este.

— Você é ansioso por tudo? — brinco e ele responde do meu jeito, no entanto agarrando minha bunda e beijando-me, morde minha boca.

— Principalmente pelas coisas que eu posso conquistar.

De novo vejo seu sorriso e volto a fitá-lo.

— Você é convencido — sussurro abrindo o resto dos botões de sua camisa. — E me permita dizer que é lindo também.

Amândio não tenta deter minhas mãos, ele permite que eu abra toda a sua camisa e depois a afaste, deixando todo o seu peito nu. Eu vejo mais cicatrizes, marcas profundas de tiros e balas, e a tatuagem da '*Ndrangheta*.

— Você foi iniciado pela '*Ndrangheta*? — FRANZO o cenho.

— Sim.

Assinto e fito a marca em sua pele. Não é uma tatuagem, é uma marca feita a ferro e a pele em volta ainda está empolada, magoada. Não entendo o porquê, mas meu coração contrai e sinto uma vontade enorme de machucar a pessoa que fez isso nele.

Passo meu dedo sobre a marca e ele imediatamente segura meu pulso, impedindo meu toque. Levanto o rosto para o dele.

— Quando foi isso?

— Não importa.

— Importa sim e... — Engulo em seco. — Estou vendo que não tem muito tempo. Isso foi quando estava na Itália agora, não foi?

Ele pega minha mão e segura.

— Foi porque você fez algo de errado ou é assim que vocês fazem a marca?

— Para de falar.

E eu paro de falar. Pela primeira vez, ele mostra um pouco sua máscara brutal e fica frio. Não gosto dessa distância dele comigo.

— Eu não quero me intrometer na sua vida, só fiquei preocupada.

Seu semblante fica ameno de novo e ele toca meu rosto suave como uma pluma.

— Não se esquite com isso. Já passou. Eu estou aqui — murmura e sua boca está na minha. Seus lábios estão abertos e quente, afoitos.

Ele me beija como se quisesse expulsar da minha mente o que vi, eu sinto isso. Amândio quer que eu não faça perguntas se for sobre a máfia. Eu entendo e fico com raiva no mesmo nível. Não gostei do que vi e posso me render a ele agora, mas vou questionar de novo quem fez essa marca horrível no seu peito.

O beijo se aprofunda e começo a ficar quente, excitada e ansiosa. Não sei o que acontece, mas quando sua boca desce para o meu pescoço, é difícil demais de resistir. Deslizo minhas mãos por seu peito e desço pela barriga, seus músculos se contraem e amo a sensação de como suas costas são definidas. Ele é todo definido.

Com a certeza de que não sairei desse quarto como a mesma Marinne que entrou nele, levo minhas mãos para os seus ombros e lentamente tiro sua camisa. Ele permite se afastando e o pano está no chão, assim como seus olhos estão colados nos meus.

Meu coração acelera, falta ar nos meus pulmões e mordo a boca nervosa, pois sei que ele encara-me pedindo permissão, e quando não lhe digo nada, ele envolve minha cintura com seu braço, apoia a mão em minhas costas e me leva para a cama, deitando-me tão suave que fico emocionada.

Pairando sobre mim, deixa os braços dobrados ao lado do meu rosto e as pernas abertas, seu corpo não está tão perto, mesmo assim sinto seu calor. Toco com a ponta dos dedos seu peito, contorno a tatuagem e vejo um sinal no meio do peito.

Ele se mantém quieto deixando que eu o toque, e não é isso que eu quero. Subo meus olhos para os seus e parece que faltava isso para ele descer o rosto e tomar meus lábios furiosamente. Meu gemido é carente. Deixo minhas mãos irem para o seu pescoço e Amândio deita seu corpo no meu. Seu peso me deixa receosa, no entanto eu gosto. Só que ele sente e se afasta.

— Tudo bem?

— Está sim — sussurro.

— Mas está nervosa.

Assinto e deixo escapar um risinho.

— É porque... é *novo*, mas... — pauso e toco seu rosto, sua leve barba por fazer arranha a palma da minha mão. — Posso te contar um segredo?

— Pode — ele responde olhando dentro dos meus olhos.

— Eu confio em você.

— E eu em você.

— Duvido.

Ele me beija de leve e sussurra:

— Não duvide de mim, *princesa*.

Ele vive me chamando de princesa e eu gosto disso, mesmo odiando ser a princesa de Las Vegas e ter tido uma vida restrita por conta dos inimigos. Sempre soube que era o primeiro alvo para enfraquecer Travis, e por isso minha coroa sempre pesou demais.

— Promete que vai ter paciência, porque... mesmo que eu queira, não me sinto pronta.

— O que é “*Estar pronta para você*”?

Desvio o olhar.

— Meu corpo e a minha mente.

— É raiva porque eu sumi?

— Não — respondo encarando-o. — Não é isso que eu quero dizer. É porque você já tem experiência e eu não, e eu não quero fazer nada errado e nem é medo de doer, porque eu sei que vai.

— Se você realmente não quiser, eu não vou fazer nada, mas eu posso te tocar e beijar hoje.

— O que é *me tocar*? — pergunto mordendo o lábio com vergonha. Sinto minhas bochechas queimarem.

— Eu vou beijar e tocar todo o seu corpo, e se você abrir suas pernas para mim, talvez eu faça o que queria no banheiro.

— Me chupar?

A handwritten signature in black ink, reading 'Marinne'. The script is fluid and cursive, with a large, sweeping initial 'M'.

Amândio uns segundos encarando-me em silêncio. Seus olhos parecem duas bilhas prateadas, intensas e brilhantes. A expressão se resume a fome e ele assente antes de dizer:

— Com certeza.

A voz dele, a respiração dele e os olhos dele.

Ele não está me manipulando, está me pedindo e eu posso ter um pouquinho de respeito por isso. Até porque as histórias que eu escuto sobre os homens não são assim. Principalmente os homens da *Famiglia*.

— Você pode me tocar e, se você for paciente, eu também vou te tocar.

— Não fala isso que eu vou entrar em combustão, Marinne.

Meu corpo sacode com a risada e logo eu perco o riso porque uma atmosfera densa cai sobre nós. Eu vejo cada detalhe do seu rosto; as bochechas sugadas para dentro porque ele parece estar fazendo muito esforço e eu não sei exatamente porquê. Seus cabelos estão caindo para a frente, tocando a minha testa e falta apenas um polegar para ele tocar seu nariz no meu.

Tão perto e mesmo assim sei que, se eu pedir para ele parar, ele vai embora, mas só de pensar nisso meu coração martela dentro do peito. Fica pesado como se estivesse se afundando para dentro de mim.

Estou ansiosa e nervosa. Eu tenho um leve medo do que a gente está fazendo, mesmo que ninguém vá entrar no meu quarto a não ser que eu abra a porta. E por pensar nisso que não ligo mais e não consigo jogar Amândio para longe.

Ele é meu.

Meu, ele já disse isso tantas vezes. Meu noivo, meu homem e nada vai mudar isso de verdade.

Amândio aperta os lábios quando olha os meus, e eu não espero muito para sentir nossas bocas unidas mais uma vez.

Estou consciente de cada respiração. Seu corpo se mexendo em cima de mim e os movimentos das minhas mãos. Eu toco seus ombros, as costas.

Quando menos espero, ele me agarra forte e nos gira no meio da cama. E eu estou por cima e ele se senta, se ajeitando para poder me sentar em suas pernas. Nossos olhos não se afastam e logo o assisto quando ele abre o meu roupão. Ele para de respirar encarando minha nudez.

Uau.

Eu sempre fui olhada com cobiça e desejo, e inveja também, mas nesse momento eu nem reconheço seu olhar.

— *Princesa* — ele sussurra e parece que é para ele mesmo.

Engulo em seco e não sei o porquê, retribuo dizendo:

— Não sou princesa.

Acho que ele nem me escuta. Seus dedos tocam a minha barriga e deslizam pelo meio do meu corpo até segurar meu queixo. Puxa para si e eu perco o fôlego, movimento meu corpo sem perceber, me esfregando na sua perna.

Ele me puxa e espero o beijo, mas não vem:

— É sim, minha *princesa*.

Devo ser mesmo sua.

Soltando meus braços, deixo que retire o roupão e fico totalmente nua. O agarro e ele me agarra também. Nós nos beijamos devorando um ao outro e eu sinto ansiedade, paixão, desejo... Eu adoro que ele me toque, que me faça gemer e meu medo é que alguém escute.

Ele me colocou em outro patamar. Nesse momento ele me colocou outro nível. Amândio me venera, me deseja por inteiro. É por pura ganância.

Suspiro apertando seus cabelos e o deixo me deitar na cama, ficar em cima de mim e me esfrego nele. Eu também não sei se vou aguentar só seus beijos e toques. Não sei.

— Amândio — gemo nos seus lábios.

— Não fala assim que eu não vou aguentar.

Minhas mãos trêmulas tocam sua bochecha.

— Amândio — repito as palavras que ele implorou para não dizer.

Seus braços me envolvem forte e ele apoia a testa na minha como se perdesse as forças. Eu não quero que ele se afaste. Errado ou certo.

Erguendo o olhar para mim vejo uma luta interna ficar visível em seu semblante e talvez seja porque eu disse que não estou pronta.

— Apenas me beije — eu imploro.

Eu não sei o que passa na cabeça dele porque me aperta em seus braços, e porra eu sinto sua pele na minha, meus seios colados no seu peitoral forte e musculoso. Uma corrente elétrica atravessa-me dos pés à cabeça. Meus mamilos estão duros e consigo sentir uma umidade na minha boceta. Eu estou excitada. Molhada, tanto que acho que molho sua calça.

Respiro apressada e eufórica, entrelaço meus dedos em seus cabelos. Amândio corre as mãos por meu corpo e aperta minha bunda, e por reflexo empurro meus quadris para cima e isso faz minhas pernas ficarem mais abertas.

— Eu posso te chupar, *princesa*?

— SIM! — eu clamo desavergonhadamente. Eu não consigo resistir a este homem.

Ele me dá um sorriso de lado, um beijo no coração da minha boca e fica de joelhos entre minhas pernas.

Olhando-me nos olhos, coloca dois dedos em sua boca e desliza-os em minha pele até tocar os lábios do meu sexo. Jogo a cabeça para trás, agarrando as cobertas, sentindo um choque no clitóris.

Fecho os olhos e apenas sinto seus dedos acariciarem minha carne e me ofereço abrindo mais as pernas, impulsiono meus quadris para a sua mão. Com o polegar, ele afaga a ponta do meu clitóris e vai enfiando o mindinho dentro de mim.

Solto outro gemido e estico as mãos para tocá-lo, e ele afasta a mão.

— O que foi?

— Deixe suas mãos para o alto.

— Não posso te tocar?

Amândio deita o corpo no meu de novo, beija minha boca e diz com a voz rouca:

— Quero que você feche os olhos e aproveite.

Engulo em seco com força e o vejo se afastar, sair da cama. Ele abre seu cinto, a calça enquanto seus pés fazem o trabalho de retirar os sapatos e puxando para baixo, ele desce a calça junto com a cueca.

De pé na minha frente, ele está nu e quase tampo meus olhos de vergonha, mas a curiosidade vence. Seu pau é comprido e largo. Não tenho com o que comparar, mas *aquilo* não é algo pequeno não.

Eu mordo a boca para não rir de nervoso e acho que ele percebe, pois vem para cima de mim, sem deixar o corpo tão perto e acaricia minha lateral.

— Não fique nervosa. Eu posso só te tocar hoje, mas não vou ficar de calça enquanto isso.

Assinto freneticamente e meu lábio é solto dos dentes por sua mão quando puxa meu queixo.

— Sorria para mim. Não precisa se esconder.

Acho que tenho um sorriso involuntário. Toco seu rosto, a cicatriz em cima do seu olho.

— Fecha os olhos, Marinne.

Encho meus pulmões de ar, fecho os olhos e jogo a cabeça para trás e ele dá um chupão no meu pescoço, que se transformam em beijos e ele vai descendo. Agarrando meus seios, junta-os e beija cada um. Gemo carente e me esforço para não puxar seus cabelos.

Sua boca desce e está na minha barriga, beijando. E desce mais e está na minha virilha, e ele beija os lábios do meu sexo também.

— Ui... — escapa da minha boca e ele dá uma risadinha baixa.

Não estou pronta para o calor da sua língua passando entre as abas da minha boceta. Ele me lambe suave no começo, como se estivesse provando e escuto soltar sons como os meus: gemido e respiração afoita.

Um dedo passa do meu ânus até meu núcleo e desliza vagarosamente para dentro de mim enquanto sua língua lambe a pontinha sensível do clitóris.

— Você está pingando por mim, *principessa*. Como não pode estar pronta?

Dou um grito e fico de boca aberta querendo silenciosamente que ele faça o que quer. Eu quero *tudo*.

Ele retira e mete o dedo de novo e de novo. Eu gemo me contorcendo e sinto meu interior se contrair, apertar seu dedo.

— Você é apertada para caralho. Que linda — diz antes de sua boca encontrar os lábios e o clitóris e começar a chupar com força.

Grito sentindo sua língua circular a pontinha. Ele brinca comigo, me provoca. Me excita e, quando começa a ficar difícil respirar, tira o dedo e, *porra*, sua língua está dentro de mim.

— Amândioooo... — Eu vou enlouquecer. — QUÊ? — Meus pensamentos estão descoordenados e confusos. Parece que vou incendiar. Sou uma fênix!

Ele continua sem piedade me chupando e mete o dedo de novo dentro de mim. Arqueio minha pélvis para cima, cravando os calcanhares na cama, levando minha boceta na direção da sua boca.

Amândio faz um som rouco com a garganta, dá uma chupada bem forte no meu clitóris. Arregalo os olhos e fito o teto do quarto sentindo um nó sendo desfeito dentro de mim. É doloroso e gostoso. Mais forte do que a sensação que senti no banheiro.

Sinto a cama afundar e, quando olho seu rosto, estou vendo tudo turvo.

— Você está bem?

Engulo em seco e assinto.

— Posso... te... tocar agora? — indago sem fôlego.

Com um baque, seu corpo sacode e suas sobrancelhas se unem.

— Claro que pode.

E nem precisa dizer duas vezes. Eu pego seu rosto e trago sua boca para mim. Ele não consegue ficar por muito tempo se apoiando nos braços, seu beijo tem meu gosto e... é estranho. Não é exatamente ruim, no entanto *áspero*.

Eu me grudo nele, me esfrego sentindo um calor nascer de novo dentro de mim e adoro estar escorregadia porque, quando a ponta da sua ereção raspa no meu clitóris, eu *amo* a sensação.

— Porra! — Aperta minha cintura, detendo meus movimentos. — Assim eu não vou aguentar apenas te chupar. Vou precisar de mais.

Eu quero dizer sem palavras o quanto eu concordo com isso. Abro mais minhas pernas, deixo sua ponta deslizar para o meu núcleo e rebolo, fazendo um afago tentador no meu centro.

Eu estou hum... “Uh...” me deliciando por seu contato e seus olhos.

— Espera — ele pede de novo.

Abro a boca e fito seus olhos.

— O que foi?

— Tem certeza?

Sorrio e toco seu rosto.

— Tenho certeza de que você vai dar um jeito de manchar sangue no lençol em agosto, porque hoje... — pausa e com as duas mãos agarro seu

pescoço — eu serei sua.

— Puta que pariu!

Sua boca raivosa toca a minha, lambendo e chupando minha língua, mordendo o lábio e sugando. Eu adoro seus beijos. Nos abraçamos com as pernas e braços e nos esfregamos. Nós nos queremos.

Ele leva uns bons minutos me beijando e deixando que eu me esfregue nele, sinto que estou deixando seu pau molhado de mim. Me sinto tão viva e sexy.

Sua boca descola da minha e então está nos meus seios, ele chupa meus mamilos com força, chega a machucar. Morde a pontinha e eu arranho seu couro cabeludo, já que dessa vez ele não disse para não tocá-lo.

Meu corpo se move involuntário. É demais!

Jogo a cabeça para trás e tão logo sinto sua língua raspar meu pescoço. Como se não fosse o suficiente me deixar com os nervos sensíveis, ele precisa me dar choques. É isso que sinto quando seu dedo encontra meu clitóris e faz pressão.

— Preciso te alargar mais um pouco.

Assinto freneticamente e não estou preparada quando mete dois dedos dentro de mim de uma vez. Ele nem pisca, me encara esperando algo. Meu silêncio lhe dá forças e então ele move os dedos, indo e voltando dentro de mim. Abrindo-os como tesoura, massageia meu núcleo e porra...

— Isso! — grito.

Obediente, Amândio continua a me foder com os dedos até que estou prestes a gozar. Uma pausa se faz nos movimentos e não estou pronta para quando ele se posiciona em cima de mim, pega seu pau, passando a cabeça no meu clitóris até meu núcleo, indo um pouco mais embaixo, espalhando minha excitação e um pouco do seu próprio gozo, me melando, e mete só a pontinha em mim.

— Ai! — gemo num grito doloroso, espalmando as mãos para o alto procurando algo para me segurar.

Ele paralisa em cima de mim e encontra uma das minhas mãos, e entrelaça nossos dedos.

— Respira.

“Eu estou respirando”, penso, só penso. Perdi a voz.

— Ainda falta muito.

Eu percebi. Ele é grande e não entrou nem um terço.

Calmamente, ele ondula seus quadris e isso faz seu pau ir mais para dentro. Sinto-me sendo alargada, rasgada e invadida. É uma sensação ao mesmo tempo boa, reprimida. Aperto sua mão que está entrelaçada na minha e me acalmo para receber mais ele dentro de mim.

— Respira — ele pede mais uma vez.

Eu faço exatamente isso, inspiro e expiro, e ele mete tudo dentro de mim e eu choro. Sinto meus olhos molhados. É como um puxão inverso. De dentro para fora. Me alarga de verdade e sinto-me sensível demais.

Amândio me olha com preocupação por alguns segundos. E estamos petrificados. Parece que ele sente tanto a dor quanto eu, mas não sei se os homens também sentem dor quando transam com uma mulher virgem. Não entendo.

— Você está bem? — questiona.

Eu tento falar, mas até isso é difícil agora. tenho medo de me mexer.

— Está ficando menos...

— Dolorido? — completo num sussurro.

— Sim.

— Não. — Balanço a cabeça.

Ele fica em silêncio por um tempo, olha para baixo onde nós estamos unidos e depois para mim.

— Eu posso te esperar.

Concordo, mas não quero esperar. Agora não.

— Você não quer se mexer?

— Eu quero sim, muito.

Dou uma risadinha e fungo, porque eu realmente chorei. Amândio parece um pouco com remorso, mas ele não pode ter remorso. Nenhum homem como ele tem remorso.

— Posso te fazer uma pergunta?

— Pode — ele responde.

— Você vai me dizer a verdade?

— Dependendo do que for, sempre serei o mais honesto possível com você.

— Por que você ficou dois anos sem me ver? Pensou em desistir?

Seu corpo se acomoda sobre o meu e eu abraço-o com as pernas, isso me deixa mais confortável e menos dolorida.

— Acho que ao contrário.

Eu não entendo o que ele quer dizer. E ele não responde olhando em meus olhos.

— Eu quase morri, Marianne. — Seus olhos voltam para mim. — Eu lutei demais para voltar para você e estar aqui em nosso casamento. E eu quero que você me prometa que nunca vai se colocar em perigo, que nunca vai fazer nada...

Franzo a testa sem entender.

— Como meu casamento com você pode me colocar em perigo?

— Você sabe quem eu sou? Pelo menos as coisas que todo mundo fala. Podem não me conhecer inteiramente, saber de tudo que penso, do que fiz e meus segredos. — Ele faz uma pausa quando diz isso, e eu tenho certeza de que ele está falando do irmão. — Mas eu vou ser o chefe de Nova York e você minha esposa. É claro que você entende o peso disso. Seu irmão é o *Capo*.

— Eu sei. Não precisa me dizer que preciso tomar cuidado.

— Não é só os russos que querem me matar, os japoneses, mexicanos e as gangues. São meus primos, tios e até meu pai.

— O que o seu pai ganharia com sua morte? Eu tenho certeza de que o seu avô ajudaria você.

— Não conte tanto assim com meu avô.

— Mas eu pensei que você se dava bem com ele.

Ele mexe o corpo involuntário, como se estivesse irritado, e isso faz o seu pau se mexer dentro de mim, machucar. E eu dou um gemido duro e seu corpo congela em cima de mim.

— Desculpa, não foi porque eu quis.

— Eu sei. Está tudo bem.

Ele assente repetidas vezes e me analisa com seus olhos investigadores.

— Você sente dor também?

— Não é dor. É uma pressão porque você é muito apertada.

— Já tinha transado com uma virgem antes?

— Não — responde balançando a cabeça.

— Hum... e como é para você?

Ele ri, me dá um beijo rápido.

— Bom. Muito bom.

— Mas você quer se mexer?

— Pra caralho.

Agora eu rio, meu corpo sacode, mas é como se eu me abrisse inteiramente para ele. Eu toco seu rosto.

— Eu prometo que não vou fazer nada para colocar nós dois em perigo.

Ele fica surpreso de verdade pelas minhas palavras. Me dá um beijo rápido nos lábios.

— Eu sei que vai e eu vou ficar muito satisfeito se você puder se defender também. Não que eu não possa cuidar de você.

— Eu posso me defender e te defender. Eu sou muito boa lutando e com armas.

— Eu já notei.

Ele move o corpo devagar e depois de uns minutos seus olhos se acendem. Seus braços vão para debaixo do meu corpo, me encaixam. E eu faço o mesmo espalmando as mãos nas suas costas e acaricio sua pele, a tatuagem da cobra no seu braço e ombro.

— Você é como uma serpente agora. Me envolvendo.

Ele gosta do que eu digo e o seu sorriso é sacana.

— A única cobra que tem aqui viva, *meu amor*, está dentro de você.
— Acompanhando suas palavras, desliza para fora e mete na mesma velocidade.

Seus olhos atentos aos meus, vendo se eu sinto dor e não sinto. Eu sinto desejo e paixão. Ele repete o movimento várias vezes. Tirando e metendo seu pau até o fundo, abrindo e o calor, o jeito que estou molhada e seu beijos, me deixam leve e calma.

Sou dele.

Eu perco as contas das estacadas que ele dá. Sei que em algum momento eu reviro os olhos e arranho seu ombro. Minha boca se abre soltando o ar e puxando. O calor no meu pescoço, seus beijos e mordidas.

Eu adoro o jeito que ele me abraça, suas coxas se encaixando embaixo das minhas, empurrando minhas pernas para cima e me abrindo.

Como pode ser tão incrível?

Uma leve dorzinha continua no fundo de todo o prazer que explode em mim. Seu pau está tão duro e ele não tem piedade de ir até o fundo. Amândio se move mais rápido e eu sinto minha boceta se contrair, apertando-o dentro de mim.

— Oh, porra, Marinne — resmunga gemendo no meu ouvido.

Empurrando mais algumas vezes, batendo seu corpo no meu, indo no meu clitóris, eu começo a gozar e ele se soltar. Fode com força e me agarro aos seus ombros para aguentar sua força enquanto seu orgasmo toma conta do seu corpo. Sinto-me esquisita e cheia.

Quando abro os olhos, ele está pairando em cima de mim, a respiração acelerada e as mãos ao lado do meu rosto, os braços fortes esticados.

Ganho um beijo nos lábios e ele sai de dentro de mim, solto um gemido. Me sinto dolorida e melada entre as pernas. Fitando seu rosto, vejo-o olhando para o meio das minhas pernas, e faço o mesmo.

— Porra — ele solta baixo.

Nossos olhos se encontram. Mordo a boca, nervosa, e o vejo pular da cama. Vindo para o lado onde estou mais perto, estica a mão.

— Vamos tomar um banho.

Solto a respiração e devagar saio da cama. Pego sua mão e ganho outro beijo, dessa vez na testa.

— Você está bem?

Uma emoção me atinge em cheio no peito. Caramba, estou emocionada por ele se preocupar comigo.

Que bobeira, Marinne.

— Estou sim e você?

Amândio não responde, me pega em seus braços fortes e me carrega para o banheiro. Onde tomamos um banho de chuveiro rápido. Ele mal me toca a não ser nos cabelos e costas, que ele quis lavar.



O sol espreita pelas cortinas da janela panorâmica da suíte e me incomoda. Tento me virar para o outro lado, mas meu braço está preso. Resmungando acordo de uma vez e, ao abrir os olhos, vejo Marinne encaixada em mim. É ela que está prendendo meu braço.

Ela está deitada com as costas coladas em mim, com os dois braços para cima, meio abraçando ao travesseiro na sua cabeça, e quase tocando minha mão. A coberta está caída sobre nós, cobrindo-nos da cintura para baixo. O aquecedor está ligado deixando o quarto confortável.

Olho para a tevê, ainda ligada desde que cheguei aqui, e vejo as horas no canto. São oito e meia da manhã. Merda. Eu nunca consigo dormir muito tempo. Depois que transamos e do banho, nos deitamos já eram seis e meia. Acredito que por estar fora do meu território, é impossível eu descansar.

Marinne suspira e muda de posição. Ela rola para o lado, puxa um travesseiro um pouco e o edredom. Acho que está com frio, e por isso cubro suas costas. Ela está usando uma camisola que ganhou de presente. É preta de seda e a deixou bem gostosa, mesmo que para mim a melhor forma dela é pelada.

Depois do banho, voltamos para o quarto e eu tirei o lençol da cama. Guardei numa sacola que vou levar comigo. Marinne tem medo de que os criados do hotel contem sobre o sangue nos lençóis. Ela está um pouco paranoica sobre isso e eu posso jurar pela minha vida que não precisa. Nem que eu corte meu dedo fora, ninguém levantará acusações sobre minha esposa. Terá sim sangue no caralho do lençol.

Passo a mão em suas costas por baixo da coberta e ela suspira. Meus pensamentos são levados para a noite de ontem e recordo que contei algumas

mentiras para ela.

Eu realmente nunca fiquei com uma mulher virgem. Acredito que não, mas nunca perguntei a nenhuma puta que eu trepei se era virgem. E se fosse, o problema era dela. Ela estava lá para vender a boceta, usada ou zerada.

E Marinne ficou muito interessada na marca no meu peito. A maldita marca feita a ferro pelo meu avô.

Eu fugi do assunto porque é perigoso ela saber demais. Não quero que ela saiba que corre perigo sendo minha esposa só pelo simples fato do meu avô e meu pai quererem colocar uma regra sobre eu não poder gostar dela e protegê-la.

Que se foda. Eles perderam essa batalha. Eu gosto da minha noiva. Para mim, Marinne já é minha mulher, não faz diferença um anel no seu dedo e o *sim* dito na presença de um bando de mentirosos que se dizem ser *Homens de Honra*. Um bebê honra mais a fralda que caga do que meu pai.

E sobre eu não transar com uma mulher há dois anos. Não é verdade.

Há sete meses, eu fodi duas vagabundas que meu avô fez eu matar depois. Aquele ato não foi por prazer ou excitação, foi uma missão que acabou entre *porra* e sangue.

Provei a ele que posso sim matar uma mulher da forma que ele preferir, porém não vou fazer isso com a minha esposa. Marinne vai carregar meus filhos, meus herdeiros e me acompanhar a vida toda, não acho correto machucá-la para ela me obedecer, ou temer. Na cabeça do meu pai é assim, por isso que bate em todas as suas esposas.

Marinne se mexe de novo na cama e dessa vez ela volta a ficar perto de mim, sua bunda quase se esfrega em meu pau semiereto. Resmungando, ela tira o edredom de cima dos ombros. De olhos fechados e fazendo um som sonolento, ajeita os cabelos jogando para cima e para trás. E ela desiste virando o corpo, ficando de frente para mim.

Observo seus lábios levemente abertos, sua respiração serena, seu rosto que parece ter sido desenhado. Ela é a mulher mais bonita que eu já vi acordando. Na verdade, nunca amanheci com ninguém, principalmente com as mulheres que eu comia. Todas sempre foram um meio para o fim, extração de tensão, mas em breve irei acordar do lado de Marinne todos os dias e não é nada ruim.

Arfando passo meus olhos por seu ombro nu, o braço em cima do edredom e os cabelos castanhos jogados nas costas. O colchão está nos

engolindo e aproximando, e vejo tão bem a alça da camisola que quero puxar. Eu gostaria que ela estivesse pelada por baixo das roupas de cama, ou como eu, apenas de cueca.

Marinne está vestindo a camisola que ganhou de presente da amiga do internato, é preta de seda com um decote que não serve para esconder nada. Seus mamilos estavam empinados quando entrou no quarto antes de se deitar na cama comigo. Espero que ela não use merdas *assim* e desça para tomar café em sua casa sem um roupão por cima.

Se Luca ou outro soldado pôr os olhos nela de camisola, eu os arranco do rosto e depois os faço mastigar. Porque, caralho, além da parte de cima ser tão sedutora, essa merda é curta e a calcinha que ela usa, eu consigo arreentar com uma mão só. Acho que ela não tem muita noção de que sou um homem sedento e possessivo.

Esticando minha mão, passo a ponta dos dedos na pele macia do seu ombro e automaticamente seus olhos se abrem sonolentos. É quase demais ver suas íris azuis de manhã de tão impressionantes. Ela geme piscando os olhos devagar e, quando olha para mim, fica com as bochechas vermelhas envergonhada.

Eu já esperava que ela ficasse um pouco retraída depois de ontem. É normal após o frenesi passar, querer se reservar. A primeira vez que eu matei alguém – um soldado que roubou drogas do meu pai, eu dei um tiro na testa dele – demorei para voltar ao normal. Embora a sensação de matar e foder minha noiva é totalmente diferente.

— Bom dia — digo e estico a mão e toco seu rosto tirando o cabelo da frente, e ela acompanha meu gesto com os olhos.

— Bom dia.

— Como você está se sentindo?

Num encolher de ombros responde:

— Um pouco dolorida e com sono ainda.

— Deve passar a dor. Quer que eu mande trazer um remédio para você?

Ela arregala os olhos assustada e mexe o corpo na defensiva.

— Não. — Respira fundo, pausando. — É, não precisa. Não é como se eu estivesse machucada depois da gente...

Ela não consegue dizer as palavras *foder* e suas bochechas ficam vermelhas de novo. Espero que um dia ela fique tranquila para falar de sexo

comigo, sobre nós. Mesmo que seja engraçado e doce ela ficar com as bochechas vermelhas.

Eu entendo, porque eu não sou um babaca que não sabe que, mesmo sendo ousada e incrível em todos os nossos momentos até agora, ela é uma garota inocente que foi impedida pelo irmão de saber sobre certos assuntos. Regras, sempre as regras.

Marinne, como minhas irmãs, vê o mundo através de uma gaiola de proteção e repreensão. Nem tudo é por mal, pois no mundo que vivemos, proteger os mais frágeis não é crueldade, mas também não permitir que eles aprendam a se defender não é o correto.

Assim que estiver em Nova York vou testar o quanto ela consegue se defender. Vamos ver o que as aulas de Dario lhe ensinaram. Mario me contou que o irmão dela pratica com ela aulas de defesa e tiro ao alvo.

— Tudo bem, se você não quer — digo depois de um tempo de silêncio. — Mas me disponibilizo para aliviar.

Marinne franze a testa confusa.

— Como?

— Com a minha língua.

Ela morde a boca prendendo o sorriso que se transforma em uma gargalhada.

— Quando você... embora? — pergunta se acalmando da risada.

— Quando você abrir a porta para eu ir.

Ela ri de novo e, quando dou por mim, estou pegando-a para ficar em cima de mim, trazendo para os meus braços e beijando sua boca.

— Quer que eu vá embora?

Ela fica lívida e toca insegura meu rosto.

— Não. Não quero que você vá embora, mas... você pode ficar hoje?

Seu corpo se acomoda ao ficar em cima de mim e da cama. Afago suas costas, subindo sua camisola e admiro-a suspirando com a carícia.

— Eu posso ficar hoje e se você quiser fico amanhã.

— Não tem compromissos em Nova York ou outro lugar?

— Não tenho nada para fazer em Nova York ou algum compromisso com ninguém. Não se preocupe, eu dei ordens para ninguém me importunar.

— Sabem que você está aqui?

— Só uma pessoa.

Nitidamente sinto o medo em seu corpo.

— E você confia?

Dou um beijo na sua boca, porque não consigo não beijá-la.

— A questão não é sobre confiança. Se ele abrir a boca, eu o mato.

Ela fica surpresa e dá um sorrisinho orgulhoso. Por uns segundos, me encara em silêncio.

— Você veio para o meu quarto já pensando em transar comigo?

— Não. Eu queria *realmente* te ver.

— Só ver?

Pego-a firme, rolo na cama deitando-a e murmuro no seu ouvido, minhas mãos dentro da sua camisola procurando seus seios:

— Pensei em te beijar também.

— E me chupar?

Meu pau fica duro com suas palavras abafadas na minha pele. Marinne está pressionando-se em meu corpo, o rosto em meu pescoço.

— Sim, te chupar.

Ela geme e lambe meu pescoço, enfia as unhas nas minhas costas. Ergo meu corpo, abro espaço entre suas pernas, encaixando-me, e fito-a de cima. Ela passa as mãos vagarosamente em meu peito e trilha com as pontas dos dedos a veia exaltada do meu pescoço.

— O que foi? — indago procurando seu olhar, que ela encontra e sorri acanhada.

— Ainda é surreal você aqui. — E reformula a frase: — *Eu* aqui com você.

— Está arrependida?

— Não — responde negando com a cabeça repetidas vezes. — Acho que talvez preocupada.

Saio de cima dela, sentando-me nas minhas pernas, tirando de vez a coberta de nós, e Marinne se senta também.

— Ainda está pensando no lençol?

— Não apenas isso.

Franzo a testa.

— Então em quê?

Ela mexe as sobrancelhas exasperada.

— Nós não usamos camisinha e...

— Se você ficar grávida não é um problema.

— Claro que é, Amândio! — diz irritada.

Sai de cima da cama e caminha para fora do quarto. Vou atrás dela e pego em seu braço, detendo-a.

— Você é *minha* mulher. Não vejo problema nisso.

— Não vê?! — Sua voz fica mais aguda. — Não é você que vai ter uma barriga de seis meses para esconder até agosto, não é?! Você entrou aqui no quarto e simplesmente pensou no seu desejo, e eu não vou me isentar disso não. Eu também quis, eu deixei. Quando vi, eu também estava pedindo por isso, mas como você não consegue ver um problema eu engravidar? Ou ter engravidado ontem?

— Eu não estou dizendo isso e a gente pode resolver.

— Se *você* — ele fica quase brava agora — está querendo dizer que eu posso abortar um filho? A resposta é não. E como você mesmo diz: você vai ser meu marido, e é o nosso filho e eu não vou tirar. Não vem com esse assunto. Não pode ser tão simples assim para você.

Tento falar, mas ela não deixa.

— Eu sei que você já deve ter comido várias mulheres e engravidado elas e depois mandado tirar o filho, mas comigo não vai ser assim.

Controlo meu temperamento para não socar a mesa. Sinto meu cenho apertado, tem uma sombra sobre meus olhos por conta da força que estou franzido a testa.

— Eu nunca tive que pedir isso para nenhuma mulher, Marinne. E não foi isso que eu quis dizer.

— Então você está querendo dizer que a gente poderia antecipar o casamento? — A pergunta é mais para si mesma do que para mim.

— Talvez — digo e ela fala por cima, sem me ouvir.

— Acho que seria até razoável depois de ontem o casamento ser em junho, uma semana depois de eu me formar na escola. — Seus olhos encontram os meus, sérios. — O acordo sempre foi: eu terminar a escola, meus estudos e depois me casar.

Assinto em silêncio.

— E já que a gente quebrou todos os juramentos, começando com você não cumprindo a ordem do meu irmão de nós nos conhecermos antes, para eu não me sentir entrando na casa de um estranho...

— É esse o problema?

— Quê?

— Você ainda está falando desse assunto?

Marinne fica paralisada e respira fundo.

— Esse tempo que eu fiquei longe, acha que eu quis? — Eu vou para cima dela, fitando seus olhos. — Você viu a marca no meu peito ontem? — Bato em cima do local. — Acho que isso não doeu? Eu quase fiquei cego e quase não *estive* aqui, Marinne. — Cerro o maxilar. — Eu vou falar pela última vez, e talvez a primeira, porque eu não sou um homem de dizer isso. Mas me desculpe se eu não estava aqui. Porra. Eu não vim te ver porque eu não quis você ou não quis estar aqui com você, foi porque eu não pude. Estava preso na Itália.

Aponto para o chão e dou as costas para ela deixando seus olhos vidrados em choque. Caminho até a pequena área da cozinha e na geladeira procurando água.

— Por que você não me disse isso ontem? Eu te perguntei várias vezes, Amândio. Se o nosso casamento começar assim, não sei como pode dar certo. Você não me dizendo essas coisas.

Eu bato com força a garrafa descartável no granito do balcão da ilha, que está entre nós, e a encaro bem sério, colocando as mãos no balcão.

— Eu não lhe disse?

Seu corpo sacode com meu grito, assim como seus olhos se arregalam.

— Ontem eu pedi para você parar de perguntar. Eu disse enquanto estava dentro de você, que lutei muito para voltar aqui, para voltar para o nosso casamento, será que você não entendeu? Você é uma mulher tão inteligente.

— Não fala assim comigo — murmura contorcendo a boca de raiva.

— Porra! — reclamo e contorno a ilha para ficar na sua frente. — Você acabou de jogar quinhentas merdas em cima de mim e não quer que eu me irrite?

— E eu não posso me irritar por você achar que a gente pode tirar o nosso filho?

— A gente nem sabe se você engravidou e você está criando essa hipótese. E eu não disse que iria pedir para você tirar um filho meu. Eu jamais vou pedir isso para você.

Ela engole em seco, seus olhos marejados entre raiva e talvez tristeza. Corto a distância entre nós e seguro seu rosto com ambas as mãos.

— Para de me julgar.

— Eu não...

— Está sim — falo por cima. — A primeira vez foi ontem quando eu te dei o presente e você logo me julgou porque eu não estive aqui. Você sabe o mundo que a gente vive e talvez deveria ter pensado por um segundo, pelo menos, que eu não vim para você, não porque eu não quis.

Ela assente ressentida e toca meu peito.

— E eu te falei que não são apenas os inimigos em comum, que seu irmão e eu temos, que querem me matar.

— É o seu pai? Ele que não quer que a gente se case? Mas a ideia foi dele.

Como posso dizer para ela o quão doentio meu pai é?

— Não é bem isso.

Um desespero passa por seu rosto e suas mãos agarram meus punhos, minhas mãos ainda no seu rosto.

— E se ele cancelar... depois de ontem... — Sua voz tem uma preocupação que não gosto de detectar. — O que vai ser de mim?

— Eu não vou deixar.

— Você disse que nem o seu avô está do seu lado.

— Caralho, Marinne. Será que eu vou ter que repetir toda vez a mesma coisa? — digo baixo porque é uma luta interna as emoções que explodem dentro do meu peito. — Você é minha e ninguém vai tirar isso.

Quando eu estava dentro dela ontem, uma realização de posse e poder sobre ela me deixou enlouquecido. Eu sei que nunca, nada, vai mudar; eu e ela. Quando vi o sangue confirmando que tirei sua virgindade, que fui seu primeiro homem, puta que pariu. Eu vou matar meu pai se ele tentar algo contra mim, automaticamente contra ela, de novo.

Afago seu rosto e fico satisfeito de isso acalmá-la.

— Eu sei que você está com medo, é normal. A gente quebrou a tradição e certamente eu vou ter que dar meu jeito no dia da nossa noite de núpcias.

Marinne assente duas vezes e dá um suspiro trêmulo e profundo.

— Você já pensou como vai fazer?

Dou um beijo na sua testa e ela chega mais perto, vindo para os meus braços, rodeando os seus na minha cintura.

— Não se preocupa. — Coloco o cabelo atrás da sua orelha. — Eu juro pela minha honra que ninguém vai duvidar de você, ou do sangue que estiver derramado naquele lençol no dia que precisar ser feita a apresentação.

— Você guardou o lençol que a gente usou ontem, podia usar ele.

— O sangue vai estar mais escuro e provavelmente seco, meio duro. Não é uma boa ideia.

— Como você sabe disso? Só anda de preto.

Rio achando graça do comentário.

— Eu ando de preto porque o sangue dá para tirar de roupa preta com facilidade. Agora, de roupa branca, não. Sempre fica manchado e se demorar muito para limpar, fica nojento.

— Por isso que o sangue tem que ser fresco no dia — ela conclui e algo passa em seus olhos, uma lembrança. — Eu ouvi falarem que...

— Fala o que você ouviu.

— Não é nada.

— Conclui, Marinne.

Rendida, ela murmura:

— Eu ouvi que algumas mulheres sangram até depois da *primeira vez*.

— Sim, é verdade. Se o sexo for um pouco mais áspero, machuca. — Cerro os olhos para ela e levanto seu rosto. Quero olhar dentro dos seus olhos ao perguntar: — Você não está pedindo para eu machucar você no dia da nossa noite de núpcias, está?

— É...

— Você não está dando permissão para isso, Marinne.

— Eu só pensei que...

— Eu não acredito nisso, Marinne. — Solto-a irritado pela ideia ridícula dela.

Me transformar no meu pai.

Oh, caralho!

— Não, não é isso. É só uma ideia.

— Uma ideia? — ironizo. — Você gostaria que eu te fodesse com força pra machucar? Tem certeza? Você realmente quer que eu te vire de quatro e meta meu pau com tanta força que você vai sangrar?! E só por causa de um pinguinho de sangue. Merda! Eu posso furar meu dedo com alguma coisa e manchar o lençol. Nem todas as mulheres sangram na primeira foda. Quantos lençóis de sangue você já viu?

— Alguns.

— Então você tem noção de que não é um massacre?

— Eu sei. Só estou preocupada com isso.

Chego perto dela, toco seu rosto e tiro seu lábio inferior dos seus dentes. Nervosa, ela morde os lábios.

— Você está pensando demais no assunto.

— E como você não quer que eu não pense? — Ela senta-se em uma das banquetas do balcão da cozinha e toca a cabeça como se estivesse com dor. — A gente pode mesmo antecipar o casamento? Será que é possível?

— Não é impossível, mas...

— Mas o quê? Você acabou de dizer que daria um jeito e agora você está dizendo *mas*?

Como é que eu vou explicar para o meu avô e para o diabo do meu pai que eu quero antecipar o casamento. Com certeza, eles ficarão desconfiados e pensando diversas hipóteses. E até mesmo o que aconteceu, que eu transei antes da cerimônia com minha noiva. Que eu vim atrás dela quando eles me trancaram num calabouço para não permitir que eu a encontrasse. Eles não vão aceitar isso.

— Teria que ser um motivo muito sério. Muito forte.

— Como?

— Primeiro eu tenho que pensar nas possibilidades de isso dar certo.

— Você está brincando comigo? — Ela pula para fora da banqueta e chega até a mim, apontando o dedo no meu peito. — Não pode estar falando sério.

— Eu acabei de falar para você não se estressar com isso e você está surtando de novo. — Agarro suas mãos longe do meu peito, porque sinto que vai me bater. — Não pensei que vir aqui aconteceria isso.

— Tinha que ter ido embora quando eu disse que não estava pronta.

— Puta que pariu! — Eu a solto e caminho para o quarto.

Sem mais nenhuma palavra, procuro minha calça e visto de uma vez, já de olho na camisa em cima da poltrona perto da janela.

— Aonde você vai?

— Embora.

— Não foi isso que eu quis dizer — escuto-a falar atrás de mim. — Amândio.

Pego a camisa, coloco e me viro para ela abotoando.

— Não tem mais conversa. Em agosto, a gente se vê na igreja.

— Você está sendo injusto comigo.

— Injusto com você?

— Sim, porque você está esquecendo de que, se isso der merda, você não perde nada. — Faz uma pausa e cerra os punhos, os braços esticados ao lado do corpo. — O que você vai perder?

Meu pulso acelera e eu avanço para cima dela. agarro sua cintura, seu corpo bate na parede e eu abro suas pernas para abraçar minha cintura. Ela geme quando beijo sua boca impulsivo, querendo que pare de falar tanta merda. O que eu perco...

— Eu perco você — digo olhando-a nos olhos com seu queixo em minhas mãos. — Por que você fala como se eu não estivesse nessa relação?

— Nessa relação, como assim?

— Nós estamos num relacionamento, Marinne. Embora seja distorcido.

Minhas palavras a agradam visivelmente, e física também porque aperta mais as pernas em minha cintura e deixa as mãos irem para a minha nuca, ficando mais perto.

— Quando Travis fez a gente se conhecer antes do casamento, sem ele perceber, nos deu um relacionamento.

— Um relacionamento... — repete mais uma vez e cerro os olhos.

— Uma relação, e se por algum plano quiserem anular nosso casamento, eu também vou perder. Não fala como se eu não estivesse nesse relacionamento também. Não foi só você que esperou quatro anos.

— É que para você é mais fácil.

— Por que você acha isso?

— Você é homem e ninguém refutaria suas ações na *Famiglia* — ela sussurra e vejo tamanha insegurança em seus olhos. — Ninguém vai questionar por você ser virgem ou não, ou... o seu temperamento, o que quer que seja. Travis pode adorar o meu jeito, mas muitos homens com quem lidei ou fui apresentada em eventos da *Lawless*, não gostaram de eu saber mais do que etiquetas de uma boa garota.

— E por que exatamente você está me contando isso? Acha que eu não gosto de você ser tão esperta e inteligente? Se fosse esse o caso, eu já tinha falado. Eu sou um homem impaciente e, quando não gosto, falo na hora. não se preocupe com isso.

— E seu pai?

Apenas em mencionar ele, a raiva me atinge com força.

— Só mantenha distância. Eu não vou deixá-lo fazer nada com você. Nem ele e nem ninguém.

Marinne assente e traça uma linha imaginária na minha tatuagem da cobra, mas desvia o percurso do meu braço e chega até a tatuagem da *'Ndrangheta*. A queimadura no meu peito.

— Então, foi na Itália que fizeram isso?

Eu nunca pensei que teria essa conversa com ela, porém é natural. E contar sobre isso não é nada demais. Não como se eu nunca tivesse sido torturado na vida antes. Umas marcas são mais fortes que a outra.

— Você não precisa saber.

— Eu pensei que a gente estava sendo honesto um com o outro.

— Eu já contei tanta coisa que não deveria. Só saiba que — pauso e contemplo seu olhar — foi necessário.

— Você acha? Deve ter doído. Isso é a pior tortura.

— Não vou dizer que não doeu, porque estaria mentindo. Mas já passei por outros tipos de torturas e estou vivo. Esquece.

— Você esqueceu? — indaga erguendo o rosto cheio de vingança.

Porra! Agora ela me pegou de jeito.

Eu puxo seu corpo para os meus braços, minhas mãos na sua bunda e nos levo para a cama, deitando-me no meio do colchão. Marinne toca o meu rosto numa quase reverência e repete:

— Você esqueceu?

— Não e eu acho que vai ser um prazer para você o que eu tenho em mente para quem me fez isso comigo.

Um sorriso lentamente brota em seus lábios. Começando pelo canto da boca. E eu nunca vi Marinne sedutora. Caralho. Eu gosto disso. Ela sobe mais as pernas, me puxando para si e passa as mãos abertas no meu peito, subindo até meu pescoço. E puxa minha boca para a sua.

— Não se preocupe. Eu não quero ser só sua esposa e carregar seus filhos. Eu quero ser mais.

— E você vai ser, *principessa*.

Ela dá uma risadinha e morde o lábio. Vou beijar sua boca quando uma pancada na porta do quarto nos paralisa. Sinto o coração dela acelerar.



Marinne respira apressada, o pavor em seu rosto, mas ela até que disfarça bem quando eu transmito segurança. Não quero derramar o sangue de quem estar batendo na porta, mesmo assim estou em alerta e se for preciso, farei.

— Merda — ela diz baixinho.

— Se acalme. — Saio de cima dela e ajudo a ficar de pé. — Coloca um roupão e vai atender.

— E você? — Arregala os olhos.

— Fala que você não vai deixar entrar. — Pauso e a encaro de cima a baixo. — Na verdade, não coloca nada. Atende assim mesmo.

Marinne franze a testa e, por reflexo, cruza os braços na frente do corpo.

— Está de brincadeira?

— Se você atender vestida assim, quem quer que seja não vai entrar porque te respeita.

— E se for a Madeleine?

Merda. Não tinha pensado nisso.

— Você... Eu me escondo no banheiro.

A cara que ela faz de desgosto é engraçada. Passando por mim, caminha até a porta e confere pelo olho mágico quem é.

— É Mario — sussurra olhando para mim.

Não é possível, e mesmo assim eu me sinto um pouco mais aliviado.

— Abre — ordeno à ela.

Ela move a mão mandando eu sair do caminho e eu vou para trás da porta, porque se ele tentar abrir, morre.

Marinne franze a testa para mim e reclama:

— Aí não.

— Abre logo.

— Amândio?!

Sem mais, eu estico a mão, viro a maçaneta e abro a porta, que está com a cordinha de segurança. Ela fica nervosa, mas respira fundo e abre um sorriso falso para o segurança.

— Oi, Mario. Algum problema?

— Travis quer que você ligue para ele.

— E por que ele mesmo não me ligou? Ele sabe meu número.

— Eu não sei, senhorita, mas ele pediu para você ligar. Parece que ele não conseguiu contato com seu celular, então mandou eu vir aqui.

— Ele mandou você vir aqui para me vigiar. — A irritação na sua voz é verdadeira. — Eu estou ótima, Mario. Não preciso de você.

Sinto-me orgulhoso. Contemplo minha *noivinha* dos pés à cabeça. Gostosa e poderosa, um pouco abusada, mas eu gosto. Sempre preferi minha irmã Bella.

— Eu acho que seria melhor você ir para casa — Mario continua. — Travis não está tranquilo com você aqui.

Marinne dá uma recuada e me olha de soslaio. Ela pensou o mesmo que eu: *Travis sabe que eu estou no hotel ainda.*

— Tudo bem — diz apurando a postura. — Eu vou fazer minhas malas e ir embora. Pede para Lorenzo depois pegar minhas coisas. Me espera lá embaixo.

— Não quer que eu te ajude agora?

Putá que pariu. Ele não entendeu o recado ainda.

— Mario, eu estou de camisola e de calcinha, você não vai entrar no meu quarto agora. Vai comprar alguma coisa para eu comer. Eu estou com fome.

— A senhorita quer café da manhã?

— Pela hora, é melhor você trazer meu almoço.

— Mas ainda está muito cedo. Eu vou ter que ficar esperando.

Ah, esperta. Entendi o porquê ela pediu o almoço nesse horário.

Sinto meu rosto repuxar para o lado num sorriso. Ela vai me dar trabalho e não me importo.

— Por isso mesmo que estou pedindo para você ir. — Ela deixa a voz rígida. — Se eu fosse descer agora, para procurar meu almoço, demoraria mais tempo para chegar em casa. Então, já que a minha hospedagem não vai ser como eu combinei com meu irmão, você desce e vai no meu restaurante favorito. Pede o prato do dia porque é o mínimo que posso ter como suas desculpas por me acordar. — A voz fica mansa e ela termina: — Por favor, Mario.

— Certo. Eu devo voltar mais ou menos meio-dia.

Ela dá um simples aceno de cabeça e fecha a porta na cara dele, dá uma olhada pelo olho mágico, espera ele sumir e, sem esperar, sou puxado pela camisa para dentro do quarto. Eu agarro sua cintura e dou um beijo na sua boca molhado e barulhento.

Ela me empurra, tentando controlar a respiração afoita.

— Para! Eu não pedi para você para me dar um beijo. — Se afasta e aperta o laço do roupão. — Eu trouxe você para o quarto para pegar os seus sapatos e ir embora.

— Sério?

— Você está de sacanagem? — Ela mesma fica surpresa quando fala isso. Balança a cabeça, se tranquilizando e coloca distância entre nós dois. — É sério. Vai embora, Amândio.

Mesmo que eu não queira e odeio me submeter a Travis, eu vou fazer. Eu me sento na poltrona, pego meus sapatos e ela me joga as meias, que eu tirei dentro do banheiro.

— Quem sabe que você está aqui?

— Matteo — respondo erguendo o rosto para ela.

Marinne arregala os olhos e em três passos está bem na minha frente.

— Você confia nele?

— Já disse que a questão não é confiança — respondo pondo as meias. — Se ele abrir a boca, eu vou matar ele.

— Como se a morte valesse alguma coisa para nós, não é.

— Eu sei disso, mas ele tem uma irmã, uma mãe e um pai. — Ergo os olhos de relance para ela. — Matteo sabe que quando a *Darkness* mata um membro da *Famiglia*, todo o *Clã* vai junto.

Marinne cambaleia para trás e se senta na cama colocando a mão no peito. Cerro os olhos para o seu semblante preocupado.

— Está pensando de novo que foi um erro ontem a noite? — indago tentando analisar sua mente.

Eu me levanto e ando até ela. Abro minha calça, para ajeitar a blusa para dentro e arrumo os botões, sem tirar os olhos dela – parada e pensativa.

— Foi muito perigoso — murmuro sem olhar para mim. — Se Travis tivesse aparecido aqui, com certeza ele ia me esperar colocar a roupa e entrar.

Ela tem razão, mas não estou preocupado.

Estico minha mão para ela ficar de pé e seguro seu rosto pelo queixo, subindo seus olhos para os meus. Dou um beijo na sua boca rápido.

— Você sabe do que eu gosto?

— Como assim? — Enruga a testa.

— Você vai me dizer que nunca pesquisou sobre mim na internet?

Ela fica envergonhada e concorda assentindo suavemente.

— Sim, eu pesquisei — confessa. — E você gosta de fazer esportes radicais.

Inclino meu corpo, para ficar mais perto dela. Minhas mãos indo para trás do seu corpo, abraçando e adorando a volta dos seus peitos tocarem-me.

— Eu gosto de adrenalina — digo baixo. — Estou acostumado com perigo e correr riscos.

Balançando a cabeça de leve, ela *tanta* ficar zangada com o que eu disse.

— Não compare descer uma montanha em Aspen com entrar no meu quarto e tirar minha virgindade antes do nosso casamento.

Solto um riso sarcástico.

— Realmente não tem comparação, *princesa*.

Eu toco minha boca na sua e não importa se ela está zangada *de verdade*, aceita o beijo.

Enfio minha língua entre seus lábios, passando pela sua e lentamente ela agarra meu pescoço. Tiro seus pés do chão, pego na sua bunda redondinha e gostosa. Ela tem *tudo* de bom. A boceta apertadinha, um peito que minha mão grande *quase* consegue agarrar por inteiro, curvas acentuadas e carne para segurar. Essa bunda. Eu adoro.

Seu corpo responde automaticamente ao beijo e, quando eu a solto, dou um tapa na polpa da sua bunda, que a faz arregalar os olhos e soltar uma risada.

— Me leva até a porta, *noiva*.

Marinne não consegue se controlar e dá uma risada.

— Você... — deixa no ar a palavra e me pega pela mão e carrega para fora do quarto.



No momento em que abro a porta da suíte onde estou, Matteo brota na minha frente.

— Você passou a noite com ela.

É uma afirmação, e eu ignoro indo até a cozinha.

Estou faminto. Sempre que trepo tenho fome, energia demais gasta e principalmente com Marinne. Eu ficaria uma semana pelado com ela num quarto fodendo sem parar. Ela é *deliciosa* e toda minha. *Só minha*.

Porém fico com fome e não quis perturbar Marinne com isso. Eu pensaria em outras formas de importunar ela. Como chupar sua boceta mais um pouco e depois ensinar ela a me chupar. Vou sonhar *real* com seus lábios no meu pau.

Ah, porra.

Mario estragou tudo aparecendo. Eu ia pedir um café da manhã e ficar com ela depois na cama. Ia lambar sua boceta, chupar seu clitóris sedoso e beijá-la até gozar. E não custaria nada ela aprender a tocar uma punheta em mim, me chupar. Poderíamos fazer um belo processo de um meia nove. Droga.

Aquele velho desgraçado apareceu a mando de Travis. Puta merda. Madeleine está precisando trepar mais com o marido para ver se ele desgruda da minha noiva. Pensa em outros assuntos sem ser Marinne.

— Você fez o que eu mandei? — indago meu braço direito.

— Fiz. — Matteo torce a cara. — Não foi difícil. Todo mundo sabe seu nome por aqui.

Eu presumi que Travis iria rastrear ou adivinhar onde eu passei as minhas horas depois que saí da festa. Então, além de eu mandar Matteo descobrir o que Marinne iria fazer ou para onde iria depois que sua festa acabasse, mandei ele ir para um bar no fim de Paradise usando meu nome. Muitos só sabem meu nome, não veem meu rosto. Ando de óculos de dia e com a gola do sobretudo para o alto, para não verem meu rosto totalmente quando os paparazzi tiram fotos minhas.

Meus planos assim que pisei em Las Vegas, até comparecer à festa, era ir à casa de Travis. Preciso ter uma conversa com ele, agora mais do que nunca. Vou tocar no assunto de antecipar o casamento e esperar que ele morda a isca. Quero que a ideia parta dele adiantar a data numa conversa com Giovanni, e assim ele não ficará desconfiado de mim.

Eu poderia ter conversado com Marianne, sobre ela falar com o irmão que está ansiosa, ou que está pronta para se casar e pedir para ser em junho, ao invés de discutir com ela sobre coisas que nós dois poderemos resolver depois de casados. Eu vou adorar trepar com ela zangada. Tenho certeza que será muito bom uma foda para fazer as pazes com ela.

Não sinto que terminamos nossa conversa e nós nos despedimos muito mal. Preciso vê-la antes de ir para Nova York, é um fato.

— Que bom — ironizo, dou as costas para a geladeira vazia e tiro o telefone da suíte do gancho. Não tem nada para comer aqui, merda. — Vou pedir comida e depois vamos à mansão dos Lozartan — falo para Matteo, que está encarando-me puto da vida.

— Você está enlouquecendo, Amândio. Talvez Cassio tenha razão. Está se colocando em perigo apenas por causa dela.

— Eu não pedi a sua opinião. — Desligo o telefone na cara da atendente sem falar nada e fito Matteo com uma expressão que muitos homens se ajoelham na minha frente pedindo misericórdia. — A única coisa que eu quero de você, é que me obedeça. Faz tudo que eu mando que eu não mato sua família e você. — Baixo mais a voz, intimidando-o. — Agora não tem mais o: “Amândio que não toca em mulheres”. Meu avô conseguiu o que todos esperavam de mim.

Seus olhos se arregalam e depois faz um aceno firme.

Estou cansado do Matteo e já sei como vou fazê-lo pagar sua dívida comigo e resolver outro problema iminente.

Ele quer provar que *ainda* está do meu lado. *Então, veremos.*



Eu entro em casa querendo não demonstrar como me sinto nervosa, mas a irritação está em cada fibra do meu corpo para todos verem.

Quando imaginei minha primeira vez, idealizei uma noite dolorosa e cheia de medo por todas as conversas que ouvi nos eventos da *Famiglia*, e a manhã seguinte seria pior, onde eu não saberia o que fazer com meu marido estranho.

E o que eu tive ontem foi bom. Foi melhor, muito melhor do que imaginei. Mesmo brigando com Amândio, ele foi melhor do que pensei. No entanto, o problema é que não foi nossa noite de núpcias e sim uma noite de aventura. Uma noite de risco e erros.

Eu tentei explicar para ele qual é o real motivo para eu estar tão nervosa e sei que no final ele entendeu. E adorei o fato de ele me ouvir, a gente brigar e se entender. E depois nós nos beijamos...

Fecho os olhos e sinto sua boca e todas as sensações do meu corpo respondendo ao seu toque, aos seus beijos. Adorei sentir o peso do seu corpo sobre o meu e seu cheiro. E tenho certeza de que ele ia cumprir sua promessa. Me chupar por longas horas. A língua dele me lambendo me deu choques.

Meus pés param – meu cérebro para de sonhar acordado também – e congelo vendo Travis, Madeleine, Colen, Dario e Dante – na cadeirinha alta – à mesa da sala de jantar almoçando.

— Você chegou — Travis diz.

Como se tivesse outra escolha, resmungo mentalmente.

De braços cruzados, vejo Travis se levantar e se aproximar com a feição de *pai bravo* para cima de mim. Não entendo o motivo.

— Você poderia me dizer por que me fez vir para casa quando prometeu que eu ficaria o final de semana no Bellagio? Será que é pedir demais eu ser uma simples garota por dois dias?

Ele fica em silêncio, me encarando e questiono se consegue ver que não sou mais virgem. Droga. Eu sei que é loucura pura pensar isso, mas ele está me deixando mais nervosa ainda com seu silêncio.

— Recebi uma ligação que me preocupou, então ordenei que Mario falasse com você, já que seu número dava ocupado. Não mandei você voltar para casa.

— Ele disse que seria melhor eu voltar.

— Não nego que preferi que você voltasse logo.

Engulo em seco e suspiro.

— Então eu posso voltar?

— Não.

Eu não quero ser uma menininha rebelde, no entanto respiro profundamente demonstrando que estou bem zangada, e digo:

— Boa tarde então. — Viro as costas, indo para o meu quarto sem recuar.

Travis não vem atrás ou me chama, ele me conhece. Sabe que sou muito parecida com ele.

Decisão tomada, não tem volta a não ser que as coisas mudem para o lado que eu quero. Foi ele que me criou. Sou idêntica a ele em mil características, e nesse momento estou *dando uma de Travis Lozartan*.

Muitos soldados já morreram ou tiveram membros amputados porque ele não se controla ou é facilmente volátil. Travis sempre precisa compensar não tratar a família cruelmente com seus soldados ou os inimigos.

Ora, ora. Talvez eu esteja precisando aprender a me irritar com algo que não seja minha família.

A handwritten signature in black ink, reading 'Marianne'. The script is fluid and cursive, with a large, sweeping initial 'M'.

Eu me viro na cama, espreguiçando-me toda. Estou dolorida e não apenas na parte de dentro. Minhas pernas e coxas estão retraídas e parecem *pesadas* igual quando malho muito.

Amândio é muito largo e ficar com ele no meio das pernas por tanto tempo me deixou com um leve desconforto. Fora que estou muito cansada. Estou *realmente* com sono, no entanto o prazer que eu senti – misturado com a dorzinha de perder a virgindade – valeu a pena.

Eu correria o risco de novo. Não me arrependo por nada.

Fico sentada no meio da minha cama e fecho os olhos resmungando e respirando devagar. Estou muito irritada por voltar para casa apenas porque Travis quis, estou. Mas Mario vai me pagar por me atrapalhar.

Eu detesto que me façam parecer uma garota fraca, o que foi justamente o que deram a entender mandando eu deixar o hotel porque estavam preocupados. Tenho certeza de que é mentira.

A verdade é que Travis quis mostrar que tem poder sobre mim, e sua possessividade de segurança sobre nós – seu *Clã* – e domínio aos seus homens. Ele é o *Capo* e meu irmão, mais do que isso, e eu lhe devo obediência, mesmo assim não estou feliz por volta para casa.

Não o perdoei ainda. Essa soneca não mudou o sentimento.

De pé, caminho para o banheiro e tiro minha roupa para tomar um banho rápido. Quando estou debaixo da água, ensaboando meu corpo, tenho uma vontade estranha de tocar meu corpo.

Passo meus dedos nos mamilos, segurando com força os seios e levo a outra mão para o meio das minhas pernas, e não estou apenas me lavando.

Estou me tocando. Pressionando meu clitóris e sento o quão dolorida estou na entradinha do meu núcleo.

Pelos céus. Amândio me estragou. Quero ele aqui.

Estou quase gozando quando escuto baterem na porta do meu quarto.

— Merda — resmungo —, de novo.

Conto até cinco e respiro fundo para não gritar.

Termino de uma vez o banho, lavando meus cabelos. Abro as portas do boxe e pego a toalha limpa pendurada no gancho mais próximo. Me seco, depois enrolo meus cabelos e pegando outra toalha envolvo meu corpo.

Mordendo o canto da boca, super irritada, vou ver quem é.

— Oi? — falo para o corredor vazio, espero uns minutos e não vendo ninguém.

Fecho a porta segurando a maçaneta para não empurrar com uma pancada forte e solto a respiração. Não preciso trancar a fechadura porque as portas fechadas aqui em casa são muito respeitadas. Eu só tranco quando estou fazendo algo que, em hipótese alguma, podem saber. Travis não pode saber.

Pesquisando sobre os conflitos entre as máfias, vendo como os tabloides andam falando da minha família, falando sobre Amândio, lendo livros que pego escondido no escritório do meu irmão. É por isso que tenho a mente tão parecida com a de um *Homem Feito*. Eu estudo os livros deles.

Mas eu também tenho meus livros eróticos, que Travis não sonha que eu leio sacanagem. Madeleine sabe porque mexeu na minha estante e viu “*Cinquenta Tons de Cinza*” e reconheceu, porque já leu.

Eu ri e pedi desculpas, afinal, fiz dezoito anos esse mês e leio livros eróticos desde os dezessete. Culpa de Bianca. *Minha nossa*.

O pai dela um dia vai matá-la, e espero que apenas figurativamente, afinal estou falando de um homem da *Famiglia* e alguns já mataram mesmo seus filhos e esposa.

Tirando a toalha da cabeça, esfrego no meu cabelo para secar mais um pouco e ando para o meu *closet* para escolher uma roupa para descer para jantar com minha família. Vou tentar não criar uma confusão. Já aconteceu e ponto final.

De repente, uma sombra atrás de mim me assusta e me viro num giro veloz.

— Porra! — Eu preferia que fosse um vulto. — O que você está fazendo aqui?

Amândio não responde. Me pressionando na parede, abre a toalha e suas mãos sedentas percorrem minhas curvas e chegando na minha bunda, dá um apertão. Fico mole e entregue no ato. Sua boca chega até meu seio direito e ele chupa com força, os dentes mordendo a pontinha do mamilo.

— Oh, não... Para! — digo agarrando seus cabelos.

É em vão. Ele não se move para longe um centímetro sequer.

— O que... você... — falo gemendo — está fa-fazendo aqui... aqui?

Determinado, ele continua com a boca no meu seio e mal percebo quando seus braços fortes abraçam minhas pernas, me faz abri-las e acomodar seu corpo entre elas, e sou levada para a minha cama.

Em cima de mim, ele paira em silêncio. Por mais que estejamos nessa brincadeira de *se pegar* escondido, não sei porque ele tem tanta... afobação?

— Por que você está aqui? — pergunto com a voz mais calma e baixinha. — Por que está fazendo *isso*?

Ganho um beijo de tirar o ar dos meus pulmões como resposta. Ele parece tão ganancioso. Acho que mais do que *todas as vezes anteriores*.

Ele para de me beijar, sua boca percorre meu pescoço e encontra meus seios mais uma vez. Estou tão sensível e me agarro aos seus cabelos, abraço o corpo dele com minhas pernas, sinto os botões da sua camisa rasparem minha boceta, um deles toca meu clitóris e eu estremeço toda.

Deixo escapar um gemidinho. Anseio loucamente por seu toque.

Eu estou quebrando as regras, o juramento.

Será que é traição estar com ele antes do casamento?

Será que Travis veria como trair a Família, a Lawless me entregue a Amândio?

Será que Amândio quer isso; eu entregue a ele?

E se tudo não passar de um sonho?

— É um sonho? — sussurro um gemido.

Amândio para de chupar meu seio por alguns segundos, ergue a cabeça para mim e sorri. Ele curva o lábio no cantinho; sexy e perigoso.

— Se eu estou no seu sonho, fico muito satisfeito de estar incluso nele.

Oh, *merda*.

— Não é sonho — defino apavorando-me.

— Não é — diz ele franzindo a testa e massageia minha cintura.

Empurrando-o para longe de mim, e mesmo que eu esteja nua na sua frente, sem me importar mais. Fico de pernas abertas na cama, meio sentada e

deitada. Minha mão no seu peito, o afasta enquanto digo:

— O que você está fazendo aqui? Você quer morrer?

— Seu irmão me convidou para jantar.

— Ele te convidou... — Esbugalho os olhos. — Merda. Ele sabe que você...

— Ainda não me viu aqui — interrompe completando minha dúvida.

— Por quê? Como?

— Acho que por isso você veio para casa. Ele deve ter um sexto sentido ou alguém informou que estou na cidade ainda. Eu já presumia isso.

— Acha que ele desconfia que passamos a noite juntos?

Minhas mãos empurram mias uma vez seu peito por reflexo. O tremor que passa por meu corpo me deixa com mal-estar. Porra. Eu vou passar mal.

— Não tenho certeza e, se for o caso, a gente se casa amanhã.

— Para de falar isso. — Empurro dessa vez com toda a minha força e, quando ele se levanta, me abaixo e pego a toalha no chão para me cobrir. — Como você entrou no meu quarto?

Escuto um rezinga dele atrás de mim e me viro para poder enxergar seu rosto.

— Eu sei fazer coisas que você não sabe.

— Invadir quartos e a casa dos outros? — Cruzo os braços em cima do peito.

Amândio mexe sugestivamente as sobrancelhas.

— O que você quer dizer com isso? — Falo furiosa.

Ele se aproxima com dois passos, puxa minha toalha para fora e suas mãos percorrem pela minha pele tão... gostoso que deixo. As mãos carinhosas descem pelas minhas costas, indo para a minha bunda, afunda os dedos entre as polpas, deixando o dedão no meu rego.

Engulo em seco, solto um gemido e aperto seu paletó. Puxando as lapelas raivosa.

— O que eu perguntei? — digo de olhos fechados.

Seu rosto vem para baixo, beijando meu pescoço só para ter a boca perto do meu ouvido e sussurrar:

— Você quer saber como eu entrei aqui e a resposta é que eu sei invadir os lugares sem — lambe o lóbulo da minha orelha e pega meus peitos com as duas mãos com força — ninguém perceber. E eu sabia que você estava aqui.

— Como? — Eu aperto os olhos fechados.

— Sabendo, *principessa*.

Eu penso em reivindicar. Se alguém nos pegar, vão matar ele e nem sei o que aconteceria comigo.

Pelos céus.

No entanto, quando Amândio me pega nos seus braços fortes e quentes, as mãos nas minhas coxas de um jeito delicioso, não consigo pensar em mais nada a não ser ele e suas mãos, boca e lingual.

Levanto minhas pernas para abraçar seu quadril e me esfrego no tecido da sua calça, na sua ereção endurecida e quente. Seu dedo que massageia a pontinha do meu núcleo por trás é acalentado, as polpas da minha bunda amassa sua mão e.... *Caramba!* Me contraio um pouquinho. Ele sabe que estou com dor e por isso nem tenta enfiar um dedo em mim.

Só pode ser um sonho.

Minhas mãos estão entrelaçadas nos seus cabelos castanhos. Seu gemido na minha pele e, quando dou por mim, ele me leva para a minha cama e deixa no meio dela. Fica em cima de mim, pairando e admira meu corpo, olhada cada centímetro e depois todo o meu quarto.

— Seu quarto é de uma princesa.

Rio baixinho e toco seu rosto, adorando poder acariciar a maçã do seu rosto lindo, nem a leve cicatriz no cantinho a testa o deixou feio. Para falar a verdade, ele ficou ainda mais *Amândio*. Lindo, forte, poderoso e ameaçador.

— Ainda é infantil — confesso envergonhada pelo quarto de menina.

Não quis mudar porque logo, logo iria para uma nova vida em Nova York. Honestamente, eu não sou a Marinne de ante ontem. Parece tudo errado agora que sou *dele*.

Amândio balança a cabeça e eu mordo o lábio, sei que isso faz ele me querer mais. Esse homem é tão bonito. Por Deus.

Abro mais minhas pernas e pego sua mão, coloco no meio delas e sussurro:

— Me faz gozar que eu te ajudo a sair daqui.

Mordo o lábio para não rir, porque nem sei de onde veio isso. Eu perco o juízo com Amândio. Só penso nele e em tudo que faz comigo. Meu corpo entrar em alerta total.

Imagina uma vida inteira com ele – uma voz sussurra no meu inconsciente e eu fico euforicamente feliz e medrosa.

Seu sorriso tem uma rouquidão que me deixa mais excitada.

— Não vou te fazer gozar com meu dedo.

— Aham... aham... — Eu repito duas vezes, afirmando.

Ganho um beijo molhado e bruto na boca, assisto-o erguer o corpo e descer para o meio das minhas pernas. Sua língua logo chupa meu clitóris, seus polegares abrem bem os lábios da minha boceta e ele dá uma lambida tão intensa. Tento controlar meu gemido porque não posso deixar que me ouçam.

Porra.

Amândio agarra minhas coxas, as pontas das unhas me arranhando. E sua língua tremula no meu núcleo. Estou ficando tão molhada e com vontade de gozar. Sua língua está igual aos movimentos que faço, as caretas quando brinco com Dante.

Subindo e descendo. Subindo e descendo a ponta da língua em mim, acelerando depressa as chupadas. Eu tremo, esfregando minha boceta na sua boca sentindo *como estou molhada*. Agarro meus peitos. Estão quentes, sensíveis e quase dolorosos.

Meu Deus! *O que ele faz comigo?*

Eu gemo baixinho jogando a cabeça para trás, levantando as pernas, coloco os pés nos seus ombros e *minha nossa*. Me sinto tão aberta. Curvo a coluna para cima e agarro as cobertas ao lado do meu corpo.

— Mais — digo mais baixo que um sussurro.

Abri tanto minhas pernas que esqueci a dor que estava nelas e Amândio me chupa, morde, me come com sua boca. Olho para baixo, para sua cabeleira entre minhas pernas, apreciando a visão e recebo dois dedos dentro de mim, me tremendo toda.

Seus dedos entram até o fim, dobram para cima e sua língua faz pressão no meu clitóris. Eu não aguento mais. Meu corpo todo treme, sacode. Outro dedo vem para dentro de mim e estou sendo fodida por eles.

— Tão gostosa. Absolutamente gostosa. — Me lambe forte. — Você está tão molhada.

Eu sei. Eu sinto.

Jogo as mãos para o alto junto com minha cabeça. Estou a ponto de gozar alucinadamente quando Amândio aparece no meu campo de visão, agarra meu pescoço e eu troco um beijo com ele faminto.

— Goza! — pronuncia acelerando o pulso, com os dedos dentro de mim.

Sinto a umidade, o líquido do meu gozo escorrer por mim. Pego seu rosto em minhas mãos e o puxo para me beijar. Sua mão desliza para trás da

minha cabeça, segurando meus cabelos. Ele me morde e depois chupa o lábio.

Rebolo nos seus dedos e os espasmos do meu orgasmo vem em explosão. Abraço seus ombros e amo o atrito da sua roupa na minha pele nua.

Ardendo, queimando, *querendo*. Latejando de desejo. E ele não para até extrair cada energia de mim. Meu orgasmo exaure tanto minhas energias, que me esgota. Meus braços o soltam e viro a cabeça para o lado.

Amândio respira pesado no meu ouvido e deita a testa na minha bochecha. Ele espera eu me acalmar, pelo menos parar de arfar como uma pessoa que precisa de um balão de oxigênio, e deita o corpo entre minhas pernas, o peso não ficando sobre meu corpo. Toca meu rosto e ombros lentamente.

— Você é uma mulher tão linda.

Abro os olhos, viro o rosto e fito o seu.

— Você também é um homem muito bonito — devolvo fazendo minhas mãos se esconderem dentro do seu paletó.

Ele não está todo de preto, seu paletó é de risca de giz bem bonito. Paletó com suaves listras brancas e a camisa preta. Os cabelos penteados uniformes e brilhantes. Todo elegante e polido.

— Você vai se casar de branco? — quero saber de repente. É só uma ideia boba. — *Smoking* preto e camisa branca?

A pergunta o pega desprevenido. Curva o cenho e responde:

— Acho que vai ser a única vez que eu vou usar uma camisa branca na minha vida.

Mordo o lábio para não mostrar meu sorriso.

— Eu não quero que você use branco.

— Não quer?

— Não, pode usar uma camisa preta. Acho que combina tanto com você.

Ele assente e se senta na cama, ao lado das minhas pernas. Eu faço o mesmo e me sinto sem graça. Fico surpresa vendo-o se levantar e pegar a toalha para mim. De pé, me cubro e encontro seu olhar.

— Obrigada — peço e não entendo estar acanhada, e acredito que ele também.

Amândio dá dois passos e coloca a mão na minha bochecha.

— Está tudo bem?

— Está, é... — Dou de ombros. — O que a gente está fazendo? Por que você está aqui?

Sua outra mão encontra meu pescoço por trás, tão bruto, e ganho um beijo que me arrepiava.

— Não pergunte.

Com o coração acelerado pela forma que ele responde e tem os olhos fixos nos meus, concordo para não aprofundar o assunto. Acho que *não estamos* preparados para saber porque estamos assim. Nós só queremos estar juntos.

— Agora me ajude a descer — ele diz.

— Só vou precisar colocar uma roupa.

— Acho bom.

Dou uma risada e entro no meu *closet*, sem distrações dessa vez, a não ser dos meus pensamentos.

O que nós estamos fazendo?



Assim que eu consegui fazer Amândio descer e sair pela porta de casa, depois de driblar os dois seguranças que ficam de guarda na frente, falando que eu precisava que eles matassem um rato que eu vi no meu quarto, fazendo um belo de um teatro amador. Toda a coragem que eu estava para abrir minhas pernas e deixar Amândio me chupar, evaporou. No momento sou pânico e pavor.

— Preciso me controlar — murmuro.

Passo as mãos sobre a saia do meu vestido branco, que Amândio pareceu ter um derrame. Ele ficou olhando paralisado. É um vestido normal com mangas nos ombros e a saia rodada, a bainha chega a dois palmos dos meus joelhos e nem é exatamente branco, e sim pérola.

Controlada e segura, eu caminho pela casa até encontrar minha família. Paro abruptamente quando vejo Madeleine e Dante na sala de estar. Ela está falando baixinho palavras que fazem o bebê rir alto sentado nos seus joelhos, que ela sobe e desce como um cavalinho.

Logo que seus olhos registram minha presença, seu sorriso se abre mais um pouco.

— Oi, meu amor. Você está bem? Dormiu a tarde toda?

— Dormi sim. — Entro na sala para ficar mais perto dela e me sento na poltrona ao lado do sofá. — Eu estava cansada. Meus pés estão doendo da sandália que escolhi para a festa e se Mario não tivesse atrapalhado meu sono, eu ainda estaria no meu quarto dormindo.

Eu odeio mentir.

Madeleine faz uma careta de lamento e toca minha mão sobre o braço da poltrona. Dante vira o rosto para mim, os olhos atentos.

— Eu sei que deve ter sido horrível que o seu momento no hotel foi interrompido tão repentinamente.

— E rápido — completo e estico a mão para Dante. Ele sempre parece querer meu colo, e é isso que faz.

— Eu sei, Marinne — Madeleine continua, se ajeitando para ficar mais perto de mim. — Travis sentiu que você estava correndo perigo ficando lá sozinha. Ele teve motivos para pedir para você voltar.

Dou um beijinho no rosto do meu *irmãozinho* e ele deita a cabeça no meu peito.

— Isso não parece verdade, Made — falo mais tranquila possível.

Ela concorda e se levanta.

— Vamos até a cozinha comigo. — Isso não foi uma pergunta, portanto me levanto.

Em silêncio, eu a sigo para cozinha e preciso entregar Dante para ela, porque ele ficou agitado. Ele é muito agarrado a mãe. Madeleine fala rápido com a cozinheira e logo estamos no corredor, e longe de ouvidos curiosos pergunto:

— Qual foi o verdadeiro motivo? Eu sei que você sabe.

Travis e Madeleine são uma unidade. Todos pensaram que nunca existia uma esposa para um *Capo* como vovó Giulia é para o vovô Vincenzo. Eles erraram, pois meu irmão e sua esposa são até piores do que eles. O que um pensa, o outro fala e vice-versa.

Isso me irrita em alguns momentos, principalmente quando é para receber uma bronca. Tudo depois que Travis se casou ficou em dobro para mim. O carinho, a proteção, o amor e, claro, as repreensões.

Eu já esperava que fosse assim porque minhas amigas do internato falavam como suas mãos eram, e não ligo para isso. eu os amo e entendo que

fazem tudo para o meu bem. No entanto, Travis é controlador com todos nós.

Ajeitando Dante nos braços, ela para de andar pelo corredor e se vira para mim.

— Amândio não foi embora e seu irmão, por alguma razão que eu não sei ainda, não quis deixar você no hotel sem a presença dele.

Ah... aí está o motivo. Amândio falou isso no quarto agora há pouco.

Inabalável, eu digo:

— E o que se passou na cabeça de Travis? — Dou uma risada irônica.

— Será que foi que o Amândio fosse me procurar? Meu Deus! Com que finalidade?

— Eu não sei, Marinne.

— Onde ele está?

— No escritório dele.

— Ele parece zangado?

Ela sorri balançando a cabeça que não.

— Okay, eu vou lá falar com ele e descobrir o que está acontecendo.

Espero-a acenar para passar por ela e seguir o caminho do escritório, e suas próximas palavras me fazem estacar os pés no chão:

— Amândio vai vir jantar conosco hoje.

Antes de me virar, treino minha cara de surpresa e, então, giro em meus calcanhares para encontrar seus olhos.

— Como assim?

— Ele vai vir jantar conosco. Travis o chamou logo em seguida que você subiu para o seu quarto irritada com ele.

Suspiro e balanço a cabeça irritada, de verdade não uma encenação.

— Só pode ser brincadeira isso.

Decidida, me viro e caminho até parar e bater na porta do seu escritório. Quando recebo autorização, entro e dou de cara com os olhos penetrantes de Travis.

— Você vai conversar comigo agora? — ele pergunta.

— Como assim? — FRANZO a testa sem entender. — O que você quer falar com isso?

Me aproximo, ficando no meio do cômodo.

— Você chegou toda irritada porque eu pedi para você voltar para casa.

— Mas é claro que sim. Você me prometeu que ia me deixar no Bellagio o final de semana, e então, de repente, o Mario me acorda para pedir que eu voltasse para casa.

— Você não estava segura lá.

— Eu não estava segura? — Rio com ironia. — Você está brincando comigo, não está? O Bellagio é o seu hotel mais protegido porque você guarda a maioria da sua fortuna lá. Não pode ser, o lugar onde você guarda o seu dinheiro ser inseguro, Travis. Por favor — digo mais calma —, pode me dizer o verdadeiro motivo de eu voltar para casa.

Ele levanta, sai de trás da sua mesa e para na minha frente com as mãos nos bolsos. Imediatamente isso me remete a Amândio e sua mania de colocar as mãos nos bolsos também.

— Amândio está hospedado no hotel.

— A maioria dos convidados da minha festa ficaram no Bellagio.

— Ele estava hospedado a cinco quartos do qual você estava.

— E daí?

— Como assim “e daí”, Marinne?

Dou de ombros.

— O Bellagio tem tantos quartos e hóspedes. Se esse foi o problema, desde o início eu não deveria nem ter ficado lá. Então eu realmente não entendo o seu ataque sobre Amândio estar no mesmo andar que eu. Você sabe onde todos os seus hóspedes estão vinte e quatro horas?

Eu já sei a resposta, mas estou tentando me aprofundar sobre a segurança do Bellagio, porque se todos os corredores, de todos os andares tiverem câmeras, com certeza Travis viu – ou verá – Amândio entrar no meu quarto de madrugada. A não ser que meu noivo tenha burlado a segurança, o que não é uma coisa muito fácil.

O Bellagio é o cassino/hotel mais rico do mundo e eu sei que, pelo menos no andar do cassino e no lobby do hotel, existem muitas câmeras e seguranças vinte e quatro horas. O cofre fica no subterrâneo e o corredor que leva até ele, têm tantos homens armados quanto um presídio de segurança máxima.

Até onde eu já soube, os corredores dos quartos e as suítes não têm câmeras, apenas dentro dos elevadores. É contra a lei as câmeras nos quartos, e mesmo que meu irmão seja um fora da lei, algumas coisas ele não ultrapassa porque é um empresário inteligente.

Nós fazemos muitas coisas certinhas e dentro da lei para manter as aparências para o mundo externamente, ou para aqueles que não precisamos demonstrar quem de fato somos.

— Não vinte e quatro horas, mas eu sei de muita coisa que acontece no hotel.

Meu Deus!

Meu coração vai parar de bater ou explodir de ansiedade. Está martelando a todo vapor dentro de mim. E uso todo o meu treinamento, que Travis mesmo fez eu aprender, do meu autocontrole e não reajo pela forma que eu me sinto.

Franzo a testa, mostrando-o minha cara de curiosa e confusão.

— E daí que Amândio estava no quarto? Eu nem sabia e o vi de verdade na festa, que não tínhamos a confirmação de que viria.

Meu Deus. Quanta mentira.

— Você só viu ele na festa?

Por que ele está perguntando isso? Será que Mario falou algo? Caralho. Eu não sei quem mata ele primeiro, Travis ou Amândio.

— Quando eu cheguei na minha festa, eu o vi e dancei com ele e depois não o vi mais em lugar nenhum na festa. — Isso não é mentira, é omissão. — Não houve mais nenhum momento. Por isso, não estou entendendo nada.

Travis faz um meneio com a cabeça, os olhos cautelosos. Para não dizer perigosos.

— Não é nada, Marinne. — Ele me dá as costas e vai se acomodar na sua cadeira atrás da mesa.

E eu vou para perto e sento na cadeira de frente, e digo:

— Made acabou de me falar que nós vamos jantar com Amândio. — Trago meu nervosismo para a minha voz, no entanto como se estivesse com medo de ver Amândio. — Por que o convite? Qual finalidade?

— Eu só quero colocá-lo debaixo do meu teto, sob os meus olhos.

— Por que você está assim com ele? Qual é a sua preocupação?

— Amândio sumiu por dois anos. — Travis respira, a calma em pessoa por fora, por dentro eu aposto que seu monstro está ativo. — E não é só a questão de ele não ter vindo te ver ou ter dado alguma satisfação, mas ele sumiu dos Estados Unidos. Foi para a Itália e ficou em Calábria esse tempo todo. — Cerra os olhos astutos e vigilantes. — Ele parece diferente.

— Eu não saberia dizer, não fiquei muito tempo com ele as vezes que ficamos perto, nos meus aniversários. — Dou de ombros e dessa vez realmente não é mentira.

Eu percebi ontem que Amândio está mais forte, o olhar mais obscuro e uma postura centrada e misteriosa. Algumas marcas novas e aquela marca feita a ferro no peito, mas não é muito diferente de quando nos conhecemos.

Notei que teve essa alteração e se meu irmão está dizendo isso é porque foi bem mais do que eu consegui observar.

— Entendo — digo concisa. — E qual é o seu medo sobre isso?

— Não tenho nenhum tipo de receio, é apenas que eu quero ver como ele está e como vai te tratar.

— Você vai deixar eu ficar mais perto dele? Eu acho que preciso conversar com ele.

— O que você tem para conversar com Amândio?

Me levanto e coloco as duas mãos na sua mesa, inclino meu corpo um pouco para frente e encaro-o.

— Eu vou me casar com ele em menos de seis meses, poderia até ser menos — murmuro — porque qual diferença faz.

— Você quer casar antes?

Meu Deus, pelos céus. Volto a me sentar e suspiro.

Eu preciso começar a colocar isso na cabeça dele, até porque Amândio deu a entender que o pai não permitiria, mas se eu pedir ao meu irmão, Giovanni pode aceitar.

Meu medo não é a gravidez, eu já me encarreguei sobre as tentativas de não engravidar agora. Peguei escondido no armário de Madeleine, depois que consegui fazer Amândio sair, subi para ver os seguranças confusos, pois não tinha rato nenhum. Disse que vi coisas e, quando eles sumiram, entrei no quarto de Madeleine e roubei uma *pílula do dia seguinte*. Eu sei que ela não comprou para si e sim para Barbara, que tem um dos casamentos mais conturbados do mundo.

Meu alvoroço do casamento é por causa de ontem. Sinto como se tivesse uma unha encravada e estou de *scarpin*. Está doendo.

— Marinne! — Travis chama minha atenção.

Eu respiro fundo e mais calma, falo:

— Eu acho que poderia ser em junho, quinze dias depois de eu me formar na escola. Ainda será verão e o casamento pode ser ao ar livre. Em

agosto provavelmente vai ter que ser um casamento na *nossa* igreja e eu não sei se quero entrar nela depois de ver Mia morrer nas escadas.

Jogar Mia no meio dessa conversa foi a coisa mais maquiavélica que eu fiz até hoje. Colen ficaria orgulhoso. Ele sempre faz isso com Travis. Joga algo que ele se sente culpado, ou ainda tem ressentimento, para vencer as batalhas de quem vai ter a palavra final.

— Mas a tradição da *Famiglia* é que todos nós precisamos nos casar na igreja católica.

— Eu sei, Travis, mas... — dou de ombros e contorço minha boca. — Que tal a gente dar uma leve mudada nessa tradição, porque, embora seja um casamento ao ar livre, pode ser aqui mesmo no nosso quintal, que comporta trezentas pessoas facilmente e já demos várias festas, vai ter um padre e nós vamos rezar e fazer o juramento de sangue, tudo como é pedido.

— Você sabe que a *Darkness* é muito tradicionalista.

Tenho vontade de rir. *Ah, se você soubesse o quão tradicional é Amândio.* Tão moral nas regras da *Famiglia*, que já tirou a virgindade da noiva antes do casamento.

— Sobre ser ao ar livre, não vejo um problema, terei que ver com Giovanni se está tudo bem em adiantar o casamento. Eu teria que dar um motivo e Amândio vai ter que concordar. — Travis me olha desconfiado, o corpo em cima da cadeira fica aprumado. — É isso que você quer falar com ele? E por que a ansiedade?

— Sinceramente, não sei por que estou ansiosa. — Fito minhas unhas pintadas de vermelho. — Só quero me casar logo e fazer esse acordo.

— Você está falando isso por causa das vezes que eu dei a entender que poderia cancelar.

Uau! Ele acabou de dar *xequemate* nele mesmo.

Irmão, obrigada!

— É... a verdade é essa. — Tomo uma postura, os braços na frente do corpo, como se estivesse na defensiva. — Eu tenho medo que você consiga cancelar o casamento e a questão não é sentimento. Eu sei que é um casamento tático — dou de ombros —, no entanto, você me fez perder a timidez e até confiar na presença de Amândio. Me acostumar com a ideia de que vou me casar com aquele homem, então, quando você fica dando a entender que pode cancelar, fico com medo. Não quero me casar com outro homem. Isso me dá muito medo.

Ele assente pensativo.

— Eu e Amândio... nós criamos uma *quase* relação. É como se a gente fosse namorado, mas não podemos fazer nada. — Dou uma risada. — Nós no máximo nos olhamos e tivemos uma conversa aqui e outra ali.

— Eu sempre mandei vigiar você com ele nas vezes que Amândio veio aqui em casa, porque era necessário para manter as aparências.

— Sim, eu sei.

— Se você queria ter mais momentos particulares, poderia ter falado comigo.

Dou uma risada.

— Você não ia ouvir. Eu acho que, mesmo se você fosse outra pessoa, se não fosse o chefe de uma das organizações criminosas mais temida nos Estados Unidos, seria ainda muito possessivo com sua família. É algo seu e está tudo bem.

Ele concorda com um aceno e se põe de pé. Faço o mesmo e espero-o ficar na minha frente. Travis toca meu rosto gentilmente como sempre faz.

— Eu não vou cancelar o casamento, mas posso falar com Amândio e ver se conseguimos adiantar a data para final de junho. O importante é você estar preparada para isso.

— Eu estou e a *Lawless* precisa dessa união.

Isso não é mentira. O casamento ser mais cedo não é só porque nós transamos antes do tempo. O casamento beneficiará muito meu irmão.

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Marianne'. The script is fluid and cursive, with a large, sweeping initial 'M'.

Estou indo com Travis para a sala de jantar quando ouço a voz de Amândio conversando com Madeleine, que assisto no corredor ele e Matteo com *minha mãe*.

Meus batimentos aceleram porque me lembro de que Matteo sabe de nós dois, e não é medo que sinto, é cólera. Eu juro que, se ele tentar falar alguma coisa, vou matá-lo junto com Amândio.

— Que bom que se juntou a nós — Travis diz se aproximando e eles trocam um aperto de mão. E depois fica ao lado de Madeleine e diz: — Vamos para a sala de jantar.

Assinto olhando meu irmão nos olhos, pois ele está me dando um aviso silenciosamente de que preciso acompanhá-lo e ficar longe das visitas.

Eu acato a sua orientação, indo atrás e passando por Amândio raspo meus dedos nos seus, que ele agarra o meu dedo mindinho com o seu. As borboletas nervosas atacam a boca do meu estômago.

Sinto-me em extrema eletricidade porque Amândio está tão empenhado em ficar perto de mim e até correr perigo, mas eu prefiro ser assim do que Enzo com a Bárbara. É estranho essa comparação, mas por muito tempo foi horrível de assistir a frieza naquele casamento. E acho que eu e Amândio nunca vamos ser tão desconectados ou frios.

Chegamos à sala de jantar e vejo de olhos baixos as posições dos lugares na mesa, que é sempre Madeleine que organiza, e ela me colocou ao lado da Amândio. E ele me cumprimenta com um aceno de cabeça e diz:

— Boa noite.

É claro. Não nos falamos na frente de Travis. Ele é tão astuto.

— Boa noite — devolvo e olho para a frente, e não estou fingindo estar nervosa do seu lado. Sorrio sem jeito e fito Travis, que tem os olhos em cima do meu noivo.

Não demora muito e Rosália começa a servir o jantar, e nós conversamos sobre coisas banais, comentamos sobre a festa e eu me animo. Ficando feliz, esqueço o nervosismo e até mesmo se Travis têm outros motivos de se preocupar por Amândio ter sumido esse tempo.

— Eu acho que um casamento ao ar livre seria muito bonito — comento e todos me olham em silêncio e Madeleine fala:

— Mas para o casamento ser ao ar livre, querida, deveria acontecer em junho ou julho.

— É. — Dou de ombros cabisbaixa. — Em agosto o verão estará acabando. Não sei se vai ficar bonito, mesmo estando no outono.

— Não vai ser um dia feio, mas não sei se ficará um belo casamento. — Ela pergunta: — E aonde você pensaria em fazer a cerimônia?

— Poderíamos fazer aqui. — Olho para Amândio. — Você veria problema em a gente se casar na minha casa?

— Não, acho que aqui é um bom lugar — responde frio.

— Você está tranquilo em adiantar o casamento? — Travis pergunta.

Eu consigo ver o pensamento de Amândio de que: “eu falei antes dele sobre o assunto”. Antes dele responder, eu sinto sua mão na minha coxa, subindo o tecido do meu vestido.

— Eu acho que dois meses não vai fazer diferença. — Quando ele fala isso, seus dedos deslizam para o meio das minhas pernas e vai subindo.

Eu me controlo para não me contorcer e gemer, ou fechar as pernas. E vejo se não tem como ninguém perceber, mas graças a toalha na mesa, que é alta, não tem como. Apenas parece que Amândio tem a mão debaixo da mesa, descansando em sua perna. O que deveria ser.

Ai, meu Deus.

— Então tudo bem? — Travis insiste.

— Gostaria de começar esse casamento agradando a minha noiva. E o que Marinne deseja? — Amândio pergunta olhando para mim.

Porra. Ele está me provocando.

Respiro fundo, o nervosismo não pelo casamento e sim, porque os dedos dele empurrem minha calcinha e toca minha boceta, os dedos deslizam pelos lábios e para dentro facilmente, porque eu estou escorregadia. O medo de ser pega está me deixando com tesão.

— Eu acho que poderia ser em junho mesmo.

— Ótimo, então — ele devolve com a cara mais neutra e inabalável do mundo, e encara meu irmão e Madeleine. — Vocês podem ceder a casa para nós?

Eu suspiro como se estivesse ansiosa, mas estou tremendo porque ele está pressionando meu clitóris e outro dedo desliza lentamente para dentro de mim. Engulo em seco e encaro o prato na mesa.

— Marinne, tudo bem?

Pego um pedaço da carne e coloco na boca, mastigando devagar.

— Uhum — respondo a Madeleine, e ela sorri.

— Acho que é uma escolha linda um casamento ao ar livre.

— É... — balbucio com a boca vazia novamente. — Acho muito bonito as fotos. Você concorda? — digo virando meu rosto para *ele*.

— Acho que você pode ter o casamento que quiser — Amândio retruca deslizando outro dedo para dentro de mim e movimenta, curvando as pontas, faz o dedão pressionar muito forte meu clitóris e tira e mete devagar os outros.

Minhas coxas tremem e eu agarro seu pulso por baixo da mesa numa luta entre pedir para continuar ou parar. Eu o encaro fixamente e espero que consiga ver em meus olhos, levemente marejados que ele vai me fazer gozar à mesa de jantar, sem ninguém perceber, e que vou matar ele depois. Vai ter troco.

— Por mim tudo bem — Madeleine diz isso e outra coisa, que eu não estou prestando atenção.

Só olho para a frente, como se fosse uma boneca de vitrine com um sorriso grudado no rosto. Travis comenta algo, e Matteo e Amândio respondem, Madeleine continua a falar do casamento.

E eu só consigo me concentrar e não gemer. Em poucos segundos, eu estou gozando na sua mão.

— Poderíamos fazer um almoço em vez de um jantar no casamento. Você tem alguma comida preferida, Amândio? — Madeleine indaga a ele.

— Não, mas... — Ele tira os dedos de dentro de mim e depois vejo passá-los pela cobertura do molho madeira da carne que foi servida no jantar, e colocar na boca. — Esse molho do jantar estava muito bom.

Meu Deus, ele quer me matar.

— Que bom. — Madeleine fala alegremente como uma mãe orgulhosa. — Podemos fazer essa carne.

Ela está me matando com essa alegria toda. Eu não estou merecendo.

— O que você acha, Marinne? — ele pergunta e sinto seus olhos no meu perfil.

Ai, meu Deus! Ele não está perguntando da comida. Respiro fundo e agarro o pano de prato, passo na boca e digo:

— Acho que pode ser sim. Eu gosto de carne.

— Então está combinado...



Acomodado na minha cadeira, concordo para Madeleine, aceitando que o prato do jantar de casamento seja igual ao que acabamos de comer, mas ela não sabe que não me referi ao molho e sim o gosto de Marinne nos meus dedos quando lambi a ponta.

Olhando para o lado, vejo minha noiva engolindo em seco e nitidamente nervosa. Sinto-me orgulhoso e satisfeito por ela ter gozado na minha mão agora e por sempre estar disposta para mim. Entregue à mim. Ela estava toda encharcada com leves toques. Seu corpo *sempre* me quer.

Num *timing* certo, porque quero Marinne à sós, Dante começa a chorar da sua cadeira, Madeleine se levanta para cuidar dele, Travis também para atender um chamado que a governanta o avisa. Mas para o meu desgosto, *ela* se levanta falando:

— Preciso ir ao banheiro, com licença.

Ela sem me dar um olhar, joga o guardanapo de pano sobre a mesa sai com pressa.

— O que foi isso? — Matteo indaga zombeteiro, já que ficamos apenas nós dois na mesa.

— Não sei — respondo e me levanto.

— O que você vai fazer? — Ele fala se colocando de pé.

— Fique aqui.

— É melhor não.

Penso por uns segundos e faço um gesto que ele me segue.

No corredor da casa, eu observo que está vazio. Me concentrando nos sons, noto que a criança chora no segundo andar, Travis reclama no escritório e não ouço Marinne.

Onde será que ela está.

— Fique aqui de olho — aviso a Matteo.

Ele para perto do final das escadas, ainda no corredor, e franze a testa.

— O que você vai fazer? Não se esqueça que estamos em menor número.

— Preciso falar com a minha noiva à sós.

— Por que você fica nessa fixação com ela?

Não o respondo, dou-lhe as costas e por algum motivo vou para as portas duplas na sala de piano, que entrei uma única vez. Foi a primeira vez que eu fiquei à sós com Marinne. Mais perto, noto que as portas estão entreabertas, e a minha intuição não falhou, pois ela está lá dentro.

De olhos fechados, sentada no banco, Marinne respira pesado e fecha a tampa dos teclados, porque cruza os braços e apoia em cima para encostar a testa.

Devagar eu deslizo as portas de correr, e automaticamente Marinne se levanta e vira-se de frente para mim.

— O que você está fazendo aqui? — questiona parecendo zangada e preocupada. Os olhos arregalados, a voz baixa e quando dou por mim, ela está cara a cara comigo. — Você tem que parar de fazer isso.

— Isso?

Marinne, me empurra e fecha as portas da sala, pega minha mão e leva para o canto.

— Ficar me atacando e agora... me fazendo gozar na mesa com meu irmão e a Madeleine. Eles são como meus pais, droga. O que estava pensando?

Eu devo estar enlouquecendo, porque só penso em calar sua boca com a minha. Minha mão voa para trás do seu pescoço, e eu a puxo pela nuca e minha boca está devorando a dela, chupando sua língua e lambendo seus lábios.

— Para com isso. — Empurra, nem tanto, meu peito. — O que foi aquilo na mesa?

Deixo minha mão no seu pescoço e faço seu corpo encostar na parede. Com meu pé, empurro o seu para o lado, abrindo um pouco suas pernas para ficar entre elas.

— Foi minha mão no meio das suas pernas e — minha outra mão apalpa suas costas, sobre a voltinha da sua bunda, — se você não queria que eu fodesse sua boceta com meus dedos na mesa, era só ter fechado as pernas, *princesa*.

Seus olhos brilham ódio e excitação. *Porra*. Estou duro para caralho.

— Você não...

— Shu... — murmuro com minha boca na sua e deslizo por seu rosto até seu ouvido.

Sinto quando Marinne se arrepia toda.

Respirando fundo para me acalmar, não a solto de jeito nenhum. O que me impede de devorar sua boca são suas mãos no meu peito pedindo que *não*.

— *Aquilo* foi uma forma de agradecer por você ter falado com Travis sobre antecipar o dia do casamento, que ideia genial. — Afasto-me e olho em seus olhos. — Agora me diz como conseguiu.

— Não foi abrindo minhas pernas.

— Caralho! Nunca brinque com isso. — Solto o ar pelo nariz e minha raiva é maior que eu, minha mão no seu pescoço é como uma garra – mesmo que eu não aperte, não solto. — Em hipótese nenhuma diga algo assim para mim mais uma vez.

Ela pisca rápido, nitidamente com medo de mim e as mãos no meu peito, aliviam a pressão sobre mim, ficam fracas. Me acalmando, solto o ar pelo nariz.

— Desculpa — ela sussurra.

Assinto cerrando o maxilar e dou um beijo na sua boca, puxando seu rosto para mim com brutalidade, e seus lábios ficam ainda mais vermelhos.

— Eu mato quem tocar em você, ouviu. Você é minha — murmuro e tento não apertar minha mão no seu pescoço.

Não quero machucá-la. *Caralho!*

Marinne engole em seco, que sinto na minha palma, e toca meu pulso pedindo com os olhos para soltá-la. Eu tiro minha mão do seu pescoço apoiando na parede ao lado do seu rosto e olho o local. Merda, não apertei. Não tem marca.

— Tudo bem — ela sussurra sem soltar meu pulso. — Se acalme, Amândio.

— Estou calmo.

Ela ergue as sobrancelhas, descrente e toca meu peito de novo, os dedos entrando na abertura da minha camisa, os primeiros botões soltos. Minha pele fica ainda mais quente com seu toque e eu acaricio sua cintura, para demonstrar que estou calmo.

Porra. Só em imaginar alguém com as mãos nela, eu enxergo vermelho. Sangue. Morte. Destruição.

Mordendo o lábio, ela suspira deixando os olhos fixos nos meus.

— A verdade, é que foi Travis que deu a ideia.

— O quê?

— Sobre antecipar. — Sua voz está baixa e medrosa.

Eu nunca senti culpa e agora ela está me dando um murro na minha cara com minha noiva apavorada.

— Por quê?

Ela resmunga e parece arrependida do que disse.

— É melhor eu não contar. Acho que você não vai querer saber.

— Se foi porque agora eu...

— Não — me interrompe. — Não é por isso.

— Então, fala. Eu quero saber sim.

Cerrando o maxilar, agarro Marinne, pegando-a no colo. Ela abraça meu corpo com as pernas e eu a levo para o piano. Deixo-a em cima da tampa dos teclados e percorro minhas mãos por sua pele, sentindo suas coxas e a bunda redondinha. Mas ela não reage como espero e recuo, encontrando seu olhar.

— Está com medo de mim?

Ela não responde, balança a cabeça sutilmente. Eu inclino minha cabeça e beijo sua testa e sua boca.

— Não quis te assustar.

Marinne toma uma respiração forte e desvia os olhos, focando em minha camisa. As mãos tocam meu abdômen por cima da camisa e meus braços, e quando chegam em meus ombros, deixo meu corpo se inclinar e ela toca minha nuca.

— Esta tudo bem — murmuro.

Ela assente e dá um sorrisinho. Aperta mais as pernas no meu quadril e pisca devagar, mais tranquila.

— Você é muito intenso e eu só estava brincando.

— Eu sei, tudo bem. Agora fala para mim sobre a ideia.

— Mm... você não vai querer saber. Vai ficar zangado.

— Eu não fico zangado, Marinne.

— Que ironia, você acabou de ficar com raiva porque...

— Porque disse que outro homem *tocaria* em você. Por acaso a ideia veio por intermédio de algo do tipo?

— Não! — responde firme e tira as mãos de mim. — Mas não quero contar. Você não vai gostar de saber, confia em mim.

— Não importa. Você disse que não conta mentiras.

— Que não *gosto* de mentir.

— Justamente, então fala logo.

— Merda — ela resmunga antes de dizer: — Travis quis cancelar o casamento ou pelo menos deu a entender para mim — fala tremendo.

Engulo minha raiva, que não é para ela e de olhos fechados, beijo sua boca querendo abafar o tumulto dentro de mim. Não sei o que é exatamente esse sentimento enfurecido sobre mim, mas quero enfiar uma faca no coração de Travis. Marinne empurra meu peito, me afastando e respira fundo. Fica me encarando bem séria.

— Só foi uma hipótese — sussurra — porque você sumiu e não deu notícias por dois anos. Ele pensou que o acordo tinha acabado e já estava se preparando para uma guerra, e claro, me casar com alguém tão poderoso para não sairmos na pior e termos uma aliança forte.

— Puta que pariu.

Toco seu pescoço com as pontas dos dedos dessa vez e sinto sua pulsação. Ela está tão linda em cima desse piano, *tão minha*.

— Você é minha, está me ouvindo — digo isso e pego-a pelas coxas, apertando sua carne e abrindo de um jeito que consigo pressionar minha ereção na sua boceta sobre a calcinha. — Isso não vai mudar.

Ela assente freneticamente e desliza as mãos por meus ombros até tocar minha nuca novamente. Nós nos beijamos fazendo barulho, línguas e gemidos. Sua entrega ao fechar os olhos, me deixa a mercê também.

— Amândio — balbucia fugindo da minha boca. — Vão nos pegar.

— Não vão — devolvo *na sua boca* e subo mais seu vestido.

Preciso tocá-la.

— Não. Não — geme e tenta me afastar. — Não faz isso. Vão nos pegar aqui.

Fito seu rosto, minha mão empurrando a calcinha para lado e a encontro molhadinha para mim.

— Não parece que você quer que eu pare.

— Mas eu quero — diz engolindo em seco e se contorcendo, a boceta pulsando na ponta dos meus dedos, o clitóris implorando para eu massagear.

— Relaxa, *princesa*. — Escorrego meu indicador pelo clitóris até o seu núcleo encharcado e enfio devagarinho. — Matteo está tomando conta da

porta.

— Ah! — Ela se joga para os meus braços, antes me dando a visão sexy dos dentes mordendo o lábio inferior. — Amândio... — Agarra meu paletó. — Você confia demais nele. Paraaa...

Se era para eu *parar*, não deu certo. Esse “para” me dá mais vontade de fodê-la bem em cima desse piano. Meto outro dedo dentro dela, encontrando-a tão apertada. Puta que pariu. Seguro seu rosto com a outra mão e faço ficar cara a cara comigo.

— Para de falar sobre confiança. Eu não confio em ninguém.

Marinne engole em seco, respira com dificuldade e se abre mais para mim, contorcendo-se para meu dedo chegar onde ela quer rebola gostoso sobre o piano. As mãos sobem para meu rosto e eu entendo o que deseja. Minha boca.

— Você disse que confia em mim — sussurra raspando os lábios nos meus.

Essa mulher. *Porra!*

Sorrio de lado e retruco:

— E eu confio — minha voz sai rouca porque não quero que nos ouçam. — Você acha que eu estaria aqui se eu não confiasse?

Seja o que for que passa na sua cabeça, em seus olhos reflete um misto de prazer e pânico. E ela fica apressada. Pega minha boca, mordendo meu lábio e eu enfio minha língua na sua boca, e até a boceta parece que receber meus dedos com mais *vontade*.

Seu corpo fica quente, apesado, seu núcleo recebendo minhas estocadas leves. Eu sinto-a pingar em minhas mãos, e pressiono com a palma sobre seu clitóris. Ela quer gozar e eu quero deixá-la hoje, antes de ir para Nova York, comigo na sua cabeça pelo menos. Não vou poder foder com ela aqui. Não daria tempo de trepar em cima desse piano e não ser pego por Travis ou Madeleine. Mas eu queria mesmo deixá-la comigo *dentro* dela.

— Amândio! — Ela solta um grito abafado, desesperado, que eu *escondo* beijando sua boca.

Marinne goza fechando as pernas em torno de mim e eu estoco meus quadris para frente com anseio de sentir meu pau na sua quentura e macieis.

— Porra, Marinne.

Ela geme baixinho e se acalmando, solta a boca da minha, respira fundo e joga a cabeça para trás. Eu vou com ela, e apoio minha testa no seu

ombro soltando o ar com força. Precisando recuperar o fôlego como tivesse trepada, não apenas feito-a gozar com meus dedos.

— Um dia eu te como nesse piano, hoje não dá — digo com a voz rouca no seu ouvido.

Marinne dá uma risadinha, que ao me recompor, aprumando a postura, vejo a cara de safada dela me encarando. Os olhos brilhando de satisfação e posso crer, de alegria.

— Você não tem medo de morrer, não é.

Ergo a sobancelha, passo os dedos na sua boceta, espalhando seu líquido melado e quentinho, e respondo ajeitando meu paletó:

— Eu não tenho medo de nada, *princesa*.

Ela suspira ficando de pé e ajeita a calcinha, o vestido e os cabelos — olhando em meus olhos.

— Você precisa sair. Vou para os fundos.

Assinto, dou um beijo de leve na sua boca e vejo-a sumir pelos fundos da sala, e logo que abro as portas de correr tenho Matteo com as mãos nos bolsos apoiado na parede de frente e os pés cruzados.

— Vocês deram muita sorte de ninguém passar.

Mantenho a expressão fria e mordo o maxilar passando por ele, indo para o lobby da casa.

— Vocês precisam fazer menos barulhos, sabia.

Num giro certo e rápido, estou de frente para ele e agarro seu colarinho, me esforçando para não apertar ou jogar seu corpo na parede.

— Olha o que você fala.

— Não disse nada, porra — responde e sinto seu esforço para não soar ofensivo, mas sinto o deboche na sua voz. — Só falei que vocês precisam... — engole em seco — ser mais cuidadosos, Amândio.

Solto-o e viro as costas.

— Travis não saiu do escritório?

— Nem ele e nem Madeleine retornaram.

Desconfiado, encaro Matteo novamente assim que paramos no lobby, perto das portas., onde um dos soldados de Travis está de guarda.

— Será que...

— Desculpem a demora — Madeleine fala surgindo nas escadas com um vestido diferente. — Dante está sofrendo com a dentição. Você ficou esse tempo todo sozinho?

Pela visão periférica vejo Matteo baixar a cabeça recuando um passo para esconder sua expressão irônica. Aguentar Matteo é sempre difícil quando estou querendo não mostrar meu lado sanguinário.

— Não se preocupe.

— Onde está Marinne? — Madeleine para na minha frente e olha pela casa.

— Ela disse que ia ao banheiro e sumiu assim como você e Travis.

— Mm... — Madeleine cerra os olhos para mim e depois abre um sorriso que não sei identificar o significado.

— Eu já estou indo. Estava esperando um de vocês retornarem para eu poder ir.

— Ah, que gentileza da sua parte — essa frase é tão falsa na boca dela.

Madeleine não é uma *senhora do lar*; ela faz essa pose como fachada. Eu sei muito bem que ela é foda e os boatos é que Travis a escuta como sua segunda voz para o conselho da *Lawless*. Parece que Marinne tem dois exemplos bem fortes de como sobreviver, e viver, na máfia.

Sorrindo, ela vira o corpo, oferecendo a saída educadamente, que eu sigo, e diz:

— Você virá aqui antes do casamento?

— Se for necessário, virei sim.

— Ótimo — murmura e o tom de voz é ameaçador.

Desde a primeira vez eu soube que Marinne não tinha apenas Travis, além dos irmãos, como seu escudo. Mas eu me dou bem com Madeleine. Sei até onde posso ir com ela.

Damos um aceno de cabeça conciso e entre no meu carro.

— O que será que seu pai vai falar sobre antecipar o casamento?

— Não me importo com a opinião dele.

— Amândio, por ele nós invadíamos Las Vegas assim que você se casasse. Não o provoque. Ele ainda é o *Capo*.

Encho os pulmões de ar, paro esperando os portões dos Lozartan abrir e digo:

— Eu farei o que for preciso para ter Marinne e meu pai ficar a minha mercê. Ele arrumou esse casamento para mim e agora *ela* é minha. — Pelo retrovisor do meio vejo minha noiva nas portas de casa ao lado de Madeleine. — Ele sabe que ninguém tira o que foi dado à mim. — Os portões abrem,

passo a marcha e olho Matteo. — Não se preocupe. Eu não nasci ontem e a única coisa que eu quero de você, é sua boca fechada.

Ele me dá um simples aceno.

— Você sabe que eu não sou contra o seu casamento. O que fiz foi porque você parecia ter perdido o foco e o *Boss* sempre defendeu suas atitudes e nem ele estava.

Sinto minha boca curva no canto.

— Vou mostrar em breve para você o quanto estou focado — e com isso acelero o carro seguindo para *minha* cidade.

A handwritten signature in a cursive script, reading 'Amândio'.

1 SEMANA ANTES DO CASAMENTO

Eu sei que não sou o mesmo desde que fui preso em Calambria. Antes do inferno que passei, eu já não tinha muita paciência com quase nada. Agora, o único membro da *Darkness* – que quero matar, mas não posso – que *ainda pode* escapar de uma morte sangrenta por minhas mãos, é meu pai. E não é porque eu o amo, ou temo ou não queira vê-lo a sete palmos da terra o quanto antes.

Matar o *Capo* é a traição que todos não querem cometer por conta da punição e pela honra. Nós juramos com nosso sangue em nome *dele*, mas muitos odeiam seus líderes. Odeiam homens como meu pai.

Do resto, todos os filhos das putas – russos, japoneses, mexicanos, soldados das outras *Famiglie*, meus soldados idiotas e *Afiliados* – que cruzam meu caminho ativam meu lado assassino. E *papai* faz com maestria.

O carro com os soldados param em frente ao portão de aço gigante da garagem de taxi de um dos *Afiliados*. Desligo o motor do meu e saio junto com Matteo e mais três homens que estavam no banco traseiro.

Fechando meu paletó, faço um aceno para eles entrarem de uma vez na garagem, enquanto pego no porta-malas meu taco de beisebol.

Um lado meu foi ativado com mais vinco após Calambria, após meu avô ter me dado razões para ser pior do que ele foi um dia, e melhor que meu pai nunca foi e será. Calambria foi minha nova iniciação, uma nova dose do veneno da serpente que se enrosca em todos os *Homens Feitos* da *Ndrangheta* e da *Darkness*.

A adrenalina de espancar alguém com um taco de beisebol. Ver os olhos esbugalhados, o sangue saindo pelo nariz, olhos e boca. A garganta se apertando conforme o pulmão começa a se esforçar para continuar a trabalhar. Escutar o engasgo, os ossos quebrando e por fim, assistir o último suspiro agonizante, me deixa frenético.

Talvez eu tenha perdido uns neurônios de todas as porradas na minha cabeça que levei na Itália. Mas é como dizem: o que não te mata, te deixa mais forte.

O que não me matou, me deixou mais cruel.

Giro o taco no ar uma, duas e três vezes andando para o portão.

— Você não vai pegar suas armas?

— Não precisa.

Balanço a cabeça e dou um giro maior, fazendo o taco ir mais alto, mais longe e quando agarro no ar, bato a ponta no chão cimentado ruim e arrasto. O barulho do metal passando pelas pedras faz um atrito arrepiante.

Anseio que experimentem o frio na barriga antes de verem. Que sintam a *morte* chegando, pois é isso que sou nesse momento para Zac Mikhail.

Escuto uma confusão no fim da garagem enorme, mais para um balcão e examino uns corpos no chão e onde meus soldados pararam. Viro o prédio de três andares e vejo Zac sendo preparado. Amarrado e levando umas porradas numa cadeira.

— Saiam.

Os dois soldados saem da frente. Eu mal posso esperar para colocar as mãos nesse filho a puta.

— Você precisa mesmo me amarrar para conseguir o que quer?

Como estivesse assistindo em câmera lenta, seguro com as duas mãos o taco e arremesso em cheio na cabeça dele, que tomba para o lado fazendo o peso exato para derrubar o corpo no chão. E sem esperar, bato de novo com o taco em seus braços, costelas, barriga e quadril.

Zac não fala mais, não consegue mais falar. Ele só solta sons de agonia enquanto eu o mato com tacadas fortes. Socando o taco nele. Seu sangue espirra em meu rosto, na minha roupa. Minha respiração fica acelerada como meus batimentos.

Por breves segundos imagina meu pai invés de Zac e os golpes ficam mais fortes e rápidos. Estou descontando toda a minha frustração de precisar aguentar as merdas de Giovanni D'Ângelo. Estou farto dele.

Começo a transpirar, a visão turvar e perder o controle. Adrenalina. Ódio. Fúria. Gosto de um bom desafio e esse babaca pediu para morrer rápido.

Erguendo a postura, solto o taco no chão, o barulho do metal explodindo pelo cimento, tilintando duas vezes. Arranco o paletó, arremessando-o para Matteo e espero. Cerro a mandíbula e encaro seu corpo destruído sem vida na poça do seu sangue.

— Queimem tudo — ordeno. — Antes mandem a foto para o chefe dele.

Luke assente, o soldado que descobriu que esse filho da puta morto nos meus pés estava mandando assassinar os motoristas da minha frota de táxi para colocar os seus nas ruas.

Alguns não entendem. Nova York é minha e eu posso manchar as ruas de sangue se for necessário para mostrar isso. Meu pai leva as “honras” por ser chamado de *Capo*, mas há quatro anos os soldados têm a mim como exemplo. Há quatro anos os inimigos temem minha presença. Há quatros anos estou limpando as ruas e tomando o poder da *Darkness*, que eu levo nas costas.

Quando meu pai cair, não fará falta nenhuma, a não ser para os que são beneficiados pela sua incompetência.

Olho com repulsa minha camisa e estico a mão. Matteo me entrega um lenço – ele me conhece bem – e eu limpo o sangue no meu rosto.

— Seu pai ligou — ele diz quando estamos saindo da garagem.

— O que ele quer? — Já começo a me irritar daqui.

Matteo sempre tem a ordem de saber o que meu pai quer, as vezes antes de mim. Ele é meu conselheiro e é sua obrigação cuidar da minha retaguarda e manter Giovanni longe de mim. É o melhor caminho para eu não quebrar meu juramento.

Como não escuto a reposta, viro-me para ele, pego o taco da sua mão.

— Qual o problema, porra?

Matteo suspira antes de responder e isso alimenta minha fúria, que está correndo em minhas veias tão forte quando oxigênio. Depois de matar alguém assim, não estou num bom humor para me provocarem.

— Ele parecia enlouquecido.

Os músculos do meu pescoço se contraem conforme me controlo.

— O que ele fez? — minha voz soa rouca e sinistra.

— Mandou atacar uma das cidades de Travis.

Minhas pálpebras fecham-se lentamente e inspiro com força antes de deixar a fúria me dominar e acertar com toda a minha força a frente do carro perto de nós. Os cacos de vidros se espatifam. Estilhaços voam para todos os lados e recuo para não me cortar.

Sou um animal. Minha respiração afluída, minhas narinas arreganhadas, os punhos fechados num aperto que porro amassar o taco.

— O que você vai fazer? — a voz de Matteo parece longe.

Abro os olhos, arregalados e fito o chão. Parece que estou sobre efeito de drogas.

— Primeiro vou eu para o meu apartamento — respondo sem reconhecer minha voz. — Depois ver o que diabos ele quer com isso e depois — olho Matteo — você arrumará um jeito para eu falar com Travis.

Ele faz um simples aceno para mim, porque sabe muito bem que no momento quero matar Giovanni.

— Quer que eu entre em contato com Cassio?

— Só se for para avisar do velório do filho dele — respondo e sigo para meu carro.

Eu vou precisar convencer Travis de que não queremos entrar em guerra com ele. E caralho, Marinne. Ela vai me odiar tanto.



Entro na casa do meu pai abrindo as portas com força e batendo-as atrás de mim. Vou direto para o seu escritório sem me importar com meus irmãos e a esposa dele jantando na sala de jantar. Eles me encaram com os olhos arregalados. Leon tenta vir atrás, mas eu balanço a cabeça e ele volta a se sentar.

Estou surpreso de meu irmão estar por aqui. Geralmente está com a namorada – não tão secreta dele – no seu apartamento no mesmo prédio que o meu.

O fato é que, meu pai é um babaca que nunca se dá ao trabalho de jantar com sua família. Ele não liga para nós, apenas para seu ego, sua linhagem sendo proliferada e para que todos curvarem-se aos seus caprichos.

Porra. Eu não sou um dos seus servos, deixei claro isso muitas vezes. Por isso ele tenta me atingir onde pode, me faz quebrar minhas regras e empurrar para o limite.

Meus pés ecoam e batem no chão de madeira conforme ando, e faço um barulho ainda maior quando empurro as duas portas do seu escritório e o vejo de pé ao telefone.

Ele baixa o aparelho e fala enfurecido:

— Que merda que você está fazendo, garoto? O que está pensando que é para entrar na minha casa assim?

— Eu fazendo merda? — invado mais a sala. — O que você está pensando em atacar Travis Lozartan?

Giovanni dá uma risada dissimulada e enfia o celular no bolso, numa lentidão que me irrita.

— Você está todo putinho porque eu mandei atacar seu *genro*? — debocha.

Pela minha honra, pelo meu juramento a *Famiglia* não o matei ainda, mas nesse momento eu quero enterrar uma bala na sua cabeça. Cresci sabendo que eu seria o seu sucessor e que governaria Nova York após ele se aposentar ou morrer. Eu não vejo a hora da sua morte chegar.

Controlando-me para assim ele me dar as informações que eu quero, e pergunto calmamente:

— O que você quer com Travis? Nós temos um acordo com a *Lawless*. Por que o ataque?

Ele fica calado olhando para minha cara como eu fosse um imbecil.

— Eu estou noivo da irmã dele. — Lembro-o.

— Em breve você não estará mais.

Engulo a saliva com força e cerro os punhos numa pressão que poderia esmagar o pescoço dele.

— O quê? — minha voz sai *gelada*.

— É isso mesmo que você ouviu, Amândio. Eu vou mandar anular o casamento.

A pressão na minha cabeça estoura em meus ouvidos.

— Não vai caralho nenhum. Você me obrigou a esse casamento e agora você não quer mais?! — Grito e solto o ar pela boca, cerrando os dentes. — Está achando que eu sou sua marionete?

Com dois passos, está na minha frente e me dá um tapa no rosto.

— Você é minha marionete, Amândio e não fale assim comigo. Você ainda não é o *Capo*. Eu sou.

— Não! — Cerro os dentes e balanço a cabeça. — Eu não sou. — Fico bem perto dele, quase batendo meu peito com o seu e fito profundamente seus olhos. — Eu sou seu sucessor e você não vai me tratar como seu soldado de merda. Eu não sou qualquer um para você fazer o que quer e bem entende. Eu vou me casar com Marinne Lozartan e isso não vai mudar.

Ele me dá um tapa bem forte no peito, jogando-me para trás.

— Você vai para Las Vegas e decide que tem que antecipar o casamento sem falar comigo, passando por cima de mim. Que moral você acha que Travis pensa que eu tenho?

O seu problema é ego.

— O casamento é entre eu e Marinne.

— Não, Amândio! — Bate no meu peito de novo. — Esse casamento é entre a *Darkness* e a *Lawless*. Não é sobre vocês dois.

Ele está errado. Pode ter começado como um casamento entre as duas *Famiglie*, um acordo, mas não é mais. Não para mim, porém, eu engulo o que penso deixando minha cabeça erguida.

— Eu não vou anular o casamento — declaro.

— Você não vai continuar com isso, Amândio. Não me beneficia mais em nada esse acordo. Eu quero Travis morto há muito tempo e agora acho que ele está tão na retaguarda, acreditando que nós somos aliados dele, que será fácil queimar Las Vegas. Vai ser ótimo atacar sua cidade agora.

Meu sangue ferve dentro do peito. Eu quero matá-lo.

— Você não vai fazer isso. Cassio não vai gostar.

— Cassio não é o dono da *Darkness*.

— Ele é e você sabe disso — digo para suas costas, porque ele vira e vai sentar-se na sua cadeira.

Bate na mesa quando está de frente para mim novamente e fala:

— Ele pode ser o *Chefe dos chefes*, pode me dar ordens e conselhos da Itália, mas ele não manda em tudo que eu faço em Nova York e eu não quero mais que você case com a Marinne Lozartan.

— Posso saber qual é o motivo?

— O motivo é que eu não quero que você se case com alguém que te deixa tão afetado.

Controle minha expressão. Preciso ser neutro, frio e distante.

— Você fez todos os caprichos dessa menina desde o início e acho que a culpa é um pouco minha, afinal de contas eu aceitei o acordo imbecil de Travis de você conhecê-la antes do casamento. — Fazendo uma cara de desprezo e nojo quando fala: — Era só para ser uma aliança, uma boceta fixa, Amândio. Uma mulher para talvez gerar seus herdeiros. Você não tinha que se importar com ela e eu posso arranjar outra para você. Pode ser até mais nova. As bocetas das mais novas são mais apertadas.

Sinto meus dentes rangendo conforme aperto com tanta força o maxilar para eu não abrir a boca e dizer o que eu tenho vontade. Para não puxar a minha arma e apertar o gatilho no meio do seu peito até fazer o seu coração parar com buraco no meio. Me controlando para não pegar minha faca e cortar a jugular desse desgraçado até perder todo o sangue sujo do seu maldito corpo.

Minha mente funciona a mil por hora para conseguir dar o que ele quer e ter o que eu *quero*. Giovanni D'Ângelo não tem honra, mas ele sabe que juramento é uma coisa séria, por tanto.

Enfio minhas mãos nos bolsos, calmo e dou dois passos. Eu sei fazer um belo blefe.

— Que tal a gente dizer que vai cancelar o casamento, mas não sendo verdade.

— Como assim? — indaga com a testa franzida.

Ganho pontos nessa discussão por dar uma carta que ele não esperava.

— Você cancela o ataque e depois eu mando uma mensagem dizendo que vou anular o casamento. Eles vão pensar que vou cancelar apenas o que dia que eu pedi para antecipar e deixar no tempo de antes, que seria em agosto.

— Não vejo vantagem nenhuma.

Filho da puta desgraçado.

— Calma, isso não é tudo — digo considerando rapidamente a melhor tática para ele aceitar minha ideia e ficar fora do meu casamento. — Eu não vou dar mais informação do que a mensagem. Vou deixar no ar o cancelamento e é óbvio que isso deixará Travis irritado. Ele vai pensar que cancelei tudo em algum momento, até eu dizer que ele entendeu errado e fazê-lo se desculpar ainda. Se rebaixar a *Darkness*. Ele e a *menina* estarão em nossas mãos.

Cortem minhas bolas por eu estar falando como esse velho miserável.

Depois do que Marianne me falou, que Travis quis cancelar o casamento antes porque eu desapareci por dois anos e que estava desconfiado de *quem* eu sou depois do meu retorno aos Estados Unidos, sei que eles vão pensar que estou dando o tronco.

Marianne vai pensar isso com propriedade e vai me odiar muito, mas ela é esperta. Não vai acreditar facilmente e caralho, nós transamos. Aquela noite valeu para nós dois como nosso juramento. Temos um segredo que vale nossas vidas e reputação.

— É uma ótima ideia — Giovanni fala *quase* convencido.

Erguendo o rosto, estudo o peito ao dizer:

— Você quer que eu prove que não dou a mínima para a Marianne e eu vou te provar. Ela é só uma boceta, como você mesmo disse, mas eu quero a aliança. Eu quero Travis Lozartan debaixo das minhas unhas como uma poeira que ele é. — Aperto as mãos dentro dos bolsos, sem ele perceber como me enojar falar essas palavras sobre Marianne. — Eu não vou cancelar o casamento. Acho que pode ser uma ótima tática ter Marianne aqui. Sabemos que Travis é devoto a irmã, a criou como filha.

— É verdade — me interrompe.

— Sim e tê-la aqui deixará ele a nossa mercê.

— E depois desse joguinho com ele, mostrar que quem manda na relação dessa aliança é a *Darkness*.

Ego. Soberba. É tudo sobre Giovanni D'Ângelo. Ele é um nojo e eu tenho vontade de vomitar.

Dando seu sorriso torcido, ele chega perto de mim.

— Acho que é uma tática excelente. Estou surpreso como você pode ser pior do que eu — diz rindo e bate na minha cara.

Porra! Eu enxergo vermelho.

— É sim, pai — cuspo as palavras. — Nós vamos fazer Travis comer na palma da nossa mão.

— Não só ele, mas a *menininha* dele também. — Ele ri alto e me dá as costas dizendo: — Seria bom você dar uma lição nela na noite de núpcias. — Pega seu copo com uísque, ergue como brindasse e bebe tudo. — Vamos manchar os lençóis com *muito* sangue de uma Lozartan em breve.

Não reajo. Não consigo reagir. Se for possível, a raiva está alojada na minha coluna e se eu me mover, será para matá-lo brutalmente. Sou capaz de morder seu pescoço e arrancar a veia com meus dentes. *Animal*. Eu sou um animal, porra.

— Vamos brindar — ele diz enigmático. — Você vai dizer para aquela *garotinha* meiga que você não é e não será um maridinho babaca que nem o irmão dela é para sua esposa traidora.

Dou um simples aceno porque não posso jurar em voz alta que um dia poderei magoar Marinne. Eu terei que enganar Travis para manter minha palavra a ela. Que ela é minha. E mesmo que me odeie por um tempo, será bom.

Ela não pode entrar na igreja com aquele brilho nos olhos quando me vê. Eu preciso um pouco do seu ódio para mantê-la a salvo até que eu posso conseguir um jeito de matar meu pai.

A handwritten signature in black ink, reading 'Marinne'. The script is fluid and cursive, with a large, sweeping initial 'M'.

Depois do meu aniversário de dezoito anos quem não sabia do meu noivado com Amândio, ficou sabendo. A informação se espalhou como uma chama que lambe uma floresta no verão. Se alastrou e com ela suposições do porquê Travis quer se aliar aos D'Ângelos.

Confesso que me incomoda algumas coisas que falaram por aí, mas evitei me envolver nelas e foquei nos estudos. Em terminar a escola.

Eu tinha uma certa ansiedade para o dia do casamento desde que recebi a aliança, que passei a usar após a noite que passei com Amândio. Mas essa ansiedade triplicou desde fevereiro.

É um pouco estranho falar isso, mas depois daquela noite eu senti que realmente somos um do outro e que não tem volta. E não é porque ele tirou a droga da minha virgindade, é porque tivemos uma troca de intimidade e talvez por isso estou tão ansiosa para vê-lo de novo.

Eu sonho com Amândio todos os dias desde então e minha mania de querer saber sobre ele, aumentou. Toco meu corpo pensando nele todas as noites e...

— Marinne — me chamam e eu desperto dos meus pensamentos.

Piscando, viro o rosto e vejo Dario franzindo a testa.

— Qual seu problema?

Suspirando, eu me levanto da cadeira que me sentei para beber água e caminho de volta para a minha cabine.

Minhas aulas acabaram há uma semana, minha formatura foi sábado — antes de ontem. Estamos no final de junho e o único compromisso que eu tenho ainda esse mês, na verdade daqui a quatro dias, é meu casamento. Por

isso, em plena segunda-feira eu estou na academia de treinamento da *Lawless* fazendo aula de tiro com meu irmão.

— Você parece distraída — Dario comenta ficando atrás de mim na cabine e me dando uma arma carregada.

— Eu... — pausa, meus olhos focando no papel de alvo e engulo em seco. — Eu estou bem.

— Acho que precisamos treinar seu blefe, Marinne.

Sorrio de lado, ironizando e ele completa:

— É uma vergonha você ser a *cria* de Travis e não saber mentir direito.

Sem dar uma resposta direta, destravo a arma e despejo as balas do cartucho na folha há cinco metros de distância. Meu corpo sacode a cada disparar da arma, meu coração têm batidas erráticas e minha saliva tem gosto de ferro.

Quando termino, solto a arma, mantendo-a segura pelo meu indicador. Ela balança e eu viro de leve o rosto para o meu irmão e provoco:

— Não sei mentir, mas eu sei atirar.

Dario me dá seu sorriso torto de orgulho e me surpreende dando um beijo no meu rosto.

— O que eu vou fazer sem você em Las Vegas?

— É só ir para Nova York.

Dario balança a cabeça e se afasta. Seu semblante fica vazio novamente quando toca a perna. Franzo a testa, baixo a arma, deixando em cima da mesa da cabine e o assisto pegar seu celular no bolso da calça.

— O que é? Uhum. Uhum. — No segundo *uhum*, seus olhos me encontram e eu sinto um frio na barriga. — Estamos indo. — Desliga e enquanto guarda o aparelho no bolso, diz: — Precisamos ir para casa, Marinne.



Eu nunca me considerei uma garota medrosa. Talvez por ter sido criada por um homem temido por muitos, que para mim é o meu protetor,

meu pai, me tornou forte para as situações, mas eu não me sinto corajosa agora.

Tem cerca de duas horas que estou sentada, a palavra certa pode ser petrificada, em frente a mesa de Travis no escritório porque ele disse que precisa falar comigo urgente.

Cheguei em casa com Dario e fui ordenada a vir para o escritório. Travis não está em casa ainda, mas mandou eu estar aqui e não sair daqui.

Meu coração já andava fraco e problemático desde fevereiro, agora, neste instante, tenho medo de ter um infarto.

Em minha cabeça milhares de pensamentos rondam:

Será que ele descobriu sobre aquela noite? Será que ele sabe que eu e Amândio transamos? Que perdi a virgindade antes do casamento. E se ele viu pelas câmeras Amândio entrando no meu quarto aquela madrugada.

Porra. Eu vou morrer do coração hoje.

O que de tão urgente ele precisa falar comigo. E se o boato de que Amândio matou o irmão for verdadeiro e agora Travis tem medo de me casar com ele e ver a minha morte muito em breve. Se um homem é capaz de matar o irmão, é capaz de matar a esposa.

Caralho. Estou transpirando, suando frio. Tento me acalmar, inspirando e expirando com calma, para não demonstrar que eu também tenho um segredo que pode acabar essa aliança muito antes de começar.

A porta do escritório se abre com um rompante estourado e medonho. Engulo em seco e não me viro para ver quem é. Eu sei quem é. Conheço o jeito que Travis abre as portas e anda quando está no modo *Capo*, não irmão/pai.

Sua sombra atinge meus ombros antes do seu corpo passar por mim quando vai para trás da sua mesa.

Silêncio. Nenhuma palavra. O que deixa óbvio que o assunto é muito sério.

Ele têm os olhos fixos em mim enquanto abre os botões do paletó, joga de leve para trás e senta na sua cadeira.

— Antes de mais nada quero informar que não foi algo premeditado por mim, foram as circunstâncias.

Franzo a testa sem entender.

— Como assim?

Meu Deus. *O que houve?*

Meus pensamentos e preocupações me deixam com medo. Medo?! Meu Deus! Eu não sou uma pessoa de ter medo. Não fui quando menina. Não fui uma garota e não quero ser uma mulher medrosa. Não agora.

Tudo culpa daquela noite.

Se Travis souber ficará decepcionado. Madeleine também não vai gostar de saber o que eu fiz. Ela me criou nos últimos quatro anos, como Travis fez a vida toda. Para ser forte, leal, honrada e decidida. Traidora jamais.

No entanto, não consigo fazer os pensamentos sumirem, a ansiedade sair do meu peito e o frio na boca do meu estômago. *Santo Deus, eu estou aterrorizada.*

— O que houve? — indago com a voz fraca. Não parece que a pergunta *saiu* de mim.

— Há três dias eu estou tentando entender o que Amândio quer.

— Como assim? Não entendi.

— Sexta-feira passada recebi um recado dele dizendo que cancelaria o casal.

Coloco a mão na boca. Eu perco a voz, paro de respirar e acho que é até possível meu coração ter parado de bater. É como se eu estivesse flutuando na incerteza, na cólera. O medo foi embora e o que me resta é raiva.

— Cancelar o casamento ou cancelar sábado? — pergunto quando minha voz volta e mesmo assim não reconheço-a.

— Eu não entendi ainda, Marinne. Ele só disse que quer cancelar.

Me coloco de pé, as mãos na cintura e sou obrigada a olhar para o teto para não chorar. Eu nem sei exatamente o que estou sentindo nesse momento. Se me pedissem para descrever o sentimento que passa por mim agora, não saberia dizer, mas sei que Travis conseguem enxergar e por isso me viro de costas. Fito a porta do escritório e murmuro:

— Você sabe o por que?

— Eu gostaria de saber.

O jeito que ele diz isso me deixa irritada e eu me viro para ele franzindo a testa.

— Você está querendo dizer que a culpa é minha? — Dou dois passos e fico muito perto dele, minhas mãos em cima da sua mesa. — O que você quer dizer com; *you would like to know*.

— Que eu gostaria de saber, Marinne. Acredito que possa ter dedo de Giovanni.

Talvez eu precisa aprender a jogar também, está claro que é isso.

— E que você vai fazer?

— Nesse momento estou tentando não entrar em guerra com a *Darkness* e nem dar margem para outras *Famiglie* tentarem me atacar, porque há três dias além desse recado teve um comboio de carros tentando invadir Colorado. Não entendi o motivo e não sei exatamente se foi amando de Chicago ou Nova York, mas algo me diz que cancelar o casamento foi uma saída para não ter um ataque.

Assinto, inerte.

Olho para os livros atrás dele na estante tentando casar as informações e até que faz sentido. Amândio escolheu a *Famiglia* em vez de mim.

Sinto a presença de Travis mais perto e quando vejo ele está do meu lado.

— Eu não quero cancelar o casamento — digo ficando de frente para ele.

— Marinne, eu não posso fazer nada. Se um lado não quer, o outro não...

— Não! — interrompo-o. — Eu não posso aceitar isso. Um simples telefonema dele, uma mensagem dizendo que quer cancelar e... — Pauso com a respiração acelerada. — As vezes ele quis dizer que quer cancelar o sábado.

— Não sei se foi isso. Estou tentando falar com Amândio até agora, mas ele não me retorna.

— Deixa eu falar com ele. — Não queria que a minha voz saísse tão melodramática. — Deixa eu tentar conversar com ele e saber qual foi o motivo. Qual é o problema.

— Marinne...

— O que você vai fazer, Travis?

— O que você quer que eu faça?

— Lute por mim. — Dou um passo e controlo-me para não tocar seu peito com meu dedo. — Você me deu esse casamento para aceitar que o cancelem agora?

— Você não entende.

— Eu entendo sim. — Faço uma pausa inspirando profundamente. — O que você faria para não perder a Madeleine? Ah, lembrei — ironizo. —

Você daria a mão da sua irmã de quatorze anos em casamento para selar um acordo com outra *Famiglia*.

Travis cerra o maxilar e o jeito que me olha demonstrar sua confusão.

— Você gosta do Amândio?

— Está querendo admitir que se casou porque já gostava de Madeleine?

Ele recua, dando-me as costas indo até o bar, mas sem pegar um bebida.

— Não foi isso que eu quis dizer.

— Foi basicamente isso que você quis dizer e...

— Marinne, não interessa.

Eu baixo os olhos para o chão, me acalmando e repito:

— Travis, o Amândio vai se casar comigo sim. Eu não esperei quatro anos para isso. — Espero-o se virar de frente para mim. — É questão de orgulho. Ele veio aqui, me deu presentes, me cercou com sua intensidade mafiosa — debocho, — e agora ele não quer mais?

— Eu não acredito que seja ele.

— Então me dá o telefone, deixa eu falar com o Amândio.

— Como assim?

— Oras, ele vai ser meu marido, então eu tenho o direito de falar com ele, de perguntar o porquê. Qual é o motivo dessa palhaçada, porque eu não entendo. — Recuo, cambaleando e olho para longe. — Ele não me deu um sinal sequer de que queria acabar o noivado quando veio aqui no meu aniversário. — Volto minha atenção para o meu irmão. — Ele chegou a falar com você sobre antecipar o casamento.

E repetiu inúmeras vezes; *você é minha*. Só penso, porque se falar em voz alto, a guerra é declarada.

— Eu sei disse.

— E você aceitou e agora *isso*? — Balanço a cabeça desacreditada. — E agora ele diz que cancelou tudo.

— Realmente não acho que seja ele. Giovanni está envolvido, mas não sei o motivo.

— Como não sabe?

— Eu não sei de tudo. Você que tem essa ideia de que eu sei sobre tudo, Marinne. Eu não sou onipresente e nem onipotente. Tenho poder sobre os meus territórios, mas não sei o que está acontecendo com a *Darkness* e muito menos na merda da cabeça dos D'Ângelos.

— Então, me dê o número de Amândio. Eu preciso falar com ele.

— Não.

— Eu posso te dar — escuta a voz de Madeleine e viro para vê-la na porta.

— Madeleine, não se envolva.

— Eu vou me envolver sim, Travis — ela diz brava se aproximando de nós. — Marinne está certa e só para esclarecer, eu não estava ouvindo atrás da porta. Eu estava na cozinha e consegui ouvir vocês gritando. Todo mundo está ouvindo. — Ela torce o rosto em desgosto. — É humilhação demais para Marinne, ele não aceitar o casamento agora.

— Viu, ela me entende.

— Marinne, cala a boca — Madeleine briga.

Baixo a cabeça e olho para o chão.

— Se você não der o número do Amândio para ela, e até mesmo se ela desistir de ligar para ele, eu vou.

Ergo o rosto para ela e seguro a vontade de sorrir.

— Eu não sou a mãe dela, então — dá de ombros e toda poderosa coloca as mãos na cintura. — Eu vou atrás das causas dela, vou reivindicar os direitos dela. Porque ela é a minha filha, de quem ela seria?

Meus olhos se enchem d'água e corro para os braços dela. Made me abraça imediatamente, mesmo me dado bronca.

— Obrigada — sussurro.

— Não fica assim. — Me afasta e afaga meu rosto. — Eu entendo e você tem razão, o Travis fez o acordo para você se casar com Amândio para que ele não tivesse que se casar com a tal da Valentina e assim ficar comigo.

— Eu já sabia — digo recuando. — Eu não queria ser cruel em dizer isso.

— Tudo bem, *mia cara*. — Sorri com carinho. — Você está certa. Eu sempre disse e vou retornar a dizer; você é lúcida, inteligente e seria uma excelente líder de qualquer Família. E mesmo que ninguém te chame de *Capo*, eu chamaria e não se preocupe. Você vai falar com Amândio ou eu vou falar com ele.

Sinto uma emoção tão avassaladora por ela falar isso para mim.

— Não tem para que fazer isso, Madeleine — Travis diz.

Ela o encara séria e diz para mim:

— Marinne saia, por favor.

— Não. Não precisa fazer isso. Não quero que vocês briguem por isso.

Travis curva o canto da boca para mim e Madeleine diz, olhando para o meu irmão cheia de carinho:

— Eu não vou brigar com ele. Travis só está preocupado que isso desencadeei um problema maior, Marinne. Você entende, não entende?

Assinto freneticamente.

— Sim, é claro — respondo com a minha voz baixa e calma.

— Agora, espera um pouquinho lá fora.

— Não. Vocês vão brigar, eu sei.

— Eu nunca brigo com a minha esposa — afirma meu irmão e o canto da sua boca está esticado para o lado, o seu sorriso contido e que esconde muitas coisas. — Na verdade, eu sempre escuto os conselhos dela e eu já estava pensando em ligar mais uma vez para Amândio. — Balança a cabeça e anda até a mim, toca meu rosto gentilmente. — Mas eu não quero que *você* se rebaixe assim. Eu não criei você para isso.

— Eu sei! Você colocou uma coroa na minha cabeça e como tal, eu não posso deixar que eles me humilhem. Eu sou uma princesa, não é?! Então, não vou deixar que Giovanni tire isso de mim. É uma união, Travis. É um juramento de que a *Darkness* e a *Lawless* estão unidas, mas é um juramento sobre uma honra, sobre o dever e agora mais do que nunca, é sobre o orgulho. — Enalteço a minha voz. — E eu vou te provar, que o que quer que eles estejam planejando contra nós, eles vão se arrepender.

Mesmo os olhos brilhando de orgulho, adverte:

— Não me surpreenda, Marinne.

Sorrio e dou um aceno de leve.

Suas palavras têm um ar áspero. Não foi uma ordem para eu não fazer nada. É como ele tivesse dizendo para eu não arrumar uma guerra apenas.

— Pode deixar — prometo. — Eu sempre fui uma boa menina. Você me criou para ser forte e é isso que eu vou mostrar para ele. Para quem quer que esteja querendo usar esse casamento para nos enfraquecer.

— No fundo, acho que você vai dar muita força para o Amândio e talvez é isso que alguns tenham medo.

Franzo a testa sem entendê-lo.

— Amândio já é uma máquina assassina e cruel. Tão inteligente e maquiavélico desde novo. Ele já tem tanta história por trás da sua máscara de frieza.

— Me preocupo com isso — confesso.

— Eu também, mas observei que Amândio é usado por Giovanni por suas fraquezas. O pai o contem para não se tornar perigoso para ele também. — Dá um riso estranho. — Amândio detesta o Luca e diz que é o meu cachorro raivoso, que eu preciso deixá-lo na coleira, mas ele não percebe que também tem uma. E eu acho que você vai soltá-lo dela com o tempo e Giovanni não quer isso.

Concordo com um aceno pensando em mil coisas. Pensando no que Amândio deixou escapar naquela noite e na cicatriz nova no seu rosto.

— Marinne — Madeleine toca meu ombro. — Isso é perigoso. Por favor, tome cuidado.

— É — Travis concorda. — E eu não quero me arrepender de ter aceitado esse acordo. Não quero me arrepender de deixar você ir para Nova York.

— E você não vai — garanto a ele. — Serei sempre sua aliada. Você sempre lutou por mim e eu vou lutar por você, da forma que eu puder e conseguir, mas também vou dever lealdade a Amândio, porque ele vai ser meu marido.

— Eu sei disso e não quero usá-la para manipulá-lo. Você não é minha moeda de troca para ter Nova York sob meu alvo.

— Eu sei disso.

— Você vai ser boa para ele para que assim ele seja bom para você. Não quero precisar *entrar* em Nova York para resgatar você.

— Eu sei

Travis faz um meneio com a cabeça e Madeleine cerra os olhos, me analisando.

— Mas você quer que ele confie em você e te escute, assim como Travis me escuta.

Não reajo. Fico sem jeito por cobiçar algo do casamento deles. Ter inveja deles.

— Escute, *mia cara*. — Ela toca meu rosto. — Não é fácil ser quem nós somos, Marinne. Mulheres fortes e determinadas, mas eu sei que você vai conseguir e vai nos orgulhar.

— Eu não vou decepcionar vocês — eu digo com os olhos cheios d'água e Travis me abraça bem forte junto com Madeleine.

E quando nos afastamos, eu saio do escritório e pego meu celular. Não demora nem dois toques para atender.

— O que você quer, *senhorita*? — Colen brinca comigo.

— Preciso da sua ajuda.

— Diga.



Limpo minhas mãos de sangue com o lenço que tirei do bolso de dentro da minha jaqueta de couro e caminho para o meu carro. Acabei de dar uma surra no soldado que acatou a ordem do meu pai e espalhou por Nova York que eu não ia mais me casar.

Porra. Será que é muito difícil perdi para esses filhos da puta terem a boca fechada. Esse assunto não era de domínio público.

— Giovanni ficará sabendo disso — Matteo diz quando chego no meu carro.

Esfrego minha testa, descobrindo mais sangue daquele verme e num movimento rápido, tiro minha faca do coldre e ataco a lateral de Matteo, acertando o capô do carro.

— Não errei, só foi um susto — digo para os seus olhos apavorados.
— Cala a porra da boca!

Ele concorda com um aceno e eu me afasto guardando minha faca.

— Manda alguém consertar o carro. Vou para casa de moto.

— Sozinho?

Paro de andar e digo sobre os ombros:

— Quem melhor do que eu para me defender?

Como esperado, ele não diz porra nenhuma.

Odeio quando Matteo tenta colocar a pressão que meu pai faz com outros homens, em mim. Não funciona. Ninguém tem poder sobre mim.

E eu *ainda* não matei meu pai porque não encontrei o momento certo. Talvez eu devesse fazer sua morte como a do meu irmão. Ninguém ficaria espantado e ganhar mais essa fama, não seria nada demais.

Eu sinto que uma escuridão está cada vez mais tomando conta de mim. Uma presença magnética para o mal. Já estudei sobre mentes assassinas e talvez meu lado sádico está aflorando. Muitos só comprovarão essa escuridão.

Na 5ª avenida eu acelero a moto e aprecio o vento no meu rosto. É raro eu andar com a viseira para baixo quando não estou em ataque. Eu gosto de *sentir* Nova York. O barulho, a sujeira, o caos. O breu das ruas escuras, a espreita de algo maligno que tem em alguns bairros e as vezes uma chance de ser um herói distorcido. Já salvei algumas putas de serem mortas.

Arfo com força, sentindo mais uma vez meu celular vibrando dentro da jaqueta de couro. Deve ser o imbecil de Travis. Eu ainda não o atendi e só ontem de noite ele deve ter ligado umas cinquenta vezes.

Tudo partiu do meu pai, mas não nego que gosto de ver o desespero de Travis. Embora eu saiba que isso respigou em Marinne. *Merda*. Quando penso nela, sinto como uma cobra estivesse me envolvendo.

Eu jamais deixaria meu pai acabar com esse noivado. Acabar com Marinne. Se ele ataca Travis, ele a ataca e eu prefiro ter que me justificar para ela mais tarde do que perdê-la. Fora que *ela é minha. Toda minha*.



Entrando no meu prédio, dou boa noite ao porteiro – que sabe *quem eu sou* – sem me importar de estar sujo do “trabalho”, e sigo para o elevador privado. O celular não parando de tocar até chegar no meu andar. Eu estou ignorando quem quer que esteja tentando me ligar. Ah, não fode. Pensem que morri.

No primeiro passo que eu dou quando as portas se abre, eu abro minha jaqueta e pego minha arma. Tem alguém aqui.

Faceio a parede, cobrindo minhas costas, o que não é muito fácil porque meu apartamento é um triplex bem aberto, e o primeiro andar basicamente não tem paredes. A sala é aberta com a cozinha e a escada de vidro fica no meio, não ajudando a me cobri ou se esconderem.

— Isso é para mim?

Guio minha mão para a voz no breu da sala.

Porra!

Baixo a arma e encontro o interruptor, acendendo as luzes. Ela pisca rápido se acostumando com a claridade e noto que solta a respiração me encarando. Ficamos em silêncio e seus olhos vão dos meus pés a cabeça. Sei que estou sujo de sangue e poeira, enquanto ela está com um vestido branco solto no corpo e *puta que pariu*, o colar de rubi no pescoço.

— O que você quer aqui?

Marinne ergue a cabeça, toda atrevida e dá um sorrisinho.

— É assim que você fala com a... — Faz uma pausa, debochando. — Como é mesmo que você disse? Ah, *você é minha*. — O rosto marcado de ironia se transforma em desprezo. — Já esqueceu que eu *sou sua*?

— Nunca — respondo e guardo minha arma.

— Não é isso que parece Amândio, porque quando a gente recebe uma mensagem dizendo que quer cancelar um compromisso, parece que não existe mais vínculo.

Eu quase não consigo reconhecer a Marinne de quatro meses atrás. Na verdade, ela não parece com a Marinne que conheci e vi crescer nesses quatro anos.

Seus olhos me odeiam, e embora eu tenho almejado que ela me olhasse assim para que se manter segura e viva, longe do radar do meu pai, não esperava que fosse tão enfurecida.

— Eu não cancelei o casamento.

— Você cancelou o quê?

Eu não respondo e então ela está na minha frente furiosa. Bate no meu peito e me empurrando, mas eu nem saio do lugar.

— Como você pode simplesmente mandar uma mensagem para o Travis dizendo que acabou.

— Eu não disse que acabo — retruco. — Disse que cancelei o casamento.

— O nosso casamento!

— Marinne...

— Não! — ela me interrompe, a voz áspera, a respiração ofegante. Engole em seco e diversas emoções passam em seus olhos. — Não pode ser... Você é meu — o jeito que ela fala isso.

Porra.

— Marinne. — Toco seus ombros e ela morde os lábios e fixa os olhos nos meus.

— Você não compreende o que eu sinto *com* você. — Suas palavras vem pesadas e quando percebo ela está tocando meu rosto, não deixando eu desviar o olhar. — Eu sou livre com você. Eu sou apenas eu.

Eu quero acreditar nela. Realmente eu quero. No entanto, sinto que está tentando me manipular.

— Isso é verdade?

— Como assim? ela franze a testa, os olhos procurando entender o que eu quero dizer.

— Eu sei que você se sente livre comigo, acho que depois do que a gente teve, é natural.

— Você quer dizer depois que você tirou minha virgindade, passou a noite comigo, invadiu meu quarto e depois você me fez gozar na sua mão na mesa do jantar e fez a mesma coisa no piano. Depois que você me possuiu como *sua*. É isso que a gente *teve*?

— Sim, porra. Eu te fodi.

— O quê? — Ela vem para cima de mim e dá um tapa com toda força na minha cara.

Eu não penso, eu reajo. Agarro seu pulso com uma mão, a outra eu pego seu pescoço e colo seu corpo na parede.

— Nunca mais faça isso.

Seus olhos se arregalam, sinto sua pulsação acelerada e o medo transparece em seus olhos, brilhando como os diamantes em seu pescoço.

— Não bata na minha cara, Marinne.

Assente freneticamente e sussurra:

— Me-me desculpe.

Solto-a e recuo. Seu corpo treme e ela olha para os lados. Acho que acabou de lembrar que invadiu meu apartamento, veio para o território inimigo e está sozinha. Ela confiou que eu não ia machucá-la. Por isso a fachada de raiva é mentira. É manipulação. Ela confia em mim, e isso entre nosso *mundo*, é algo muito valioso.

— O que você vai fazer?

— Sobre?

— Nós — sussurra incerta. — Travis não quer esperar.

— Como?

— Ele está tentando se proteger. Falando com alguns homens de confiança e procurando um *Underboss* para eu me casar no sábado. Porque...
— Parece que tem um bolo na garganta. — Porque tem que ter o casamento sábado e... — Suspira preocupada. — O que vai ser de mim quando descobrirem que não sou mais virgem? Você fez de propósito?

Minha mente está um turbilhão. A única coisa que quero é matar meu pai e ferir de verdade Travis, e não só ele. Eu também mereço a morte por estar levando Marinne ao limite. A se rebaixar. Ela não deveria estar aqui implorando por mim. Ela é uma princesa e não deve se curvar a nada, a ninguém.

— Você não vai se casar com ninguém a não ser comigo.

Ela assente e por breves segundos, seu muralha de proteção sede. Ficando mais perto dela, toco seu rosto.

— Não para você esse joguinho.

Quase sorri, e molha os lábios secos.

— Eu confiei em você — confessa baixinho. — Você me tomou para si e... depois escolheu seu pai em vez de mim.

Nego com a cabeça.

— Meu pai queria deixar o seu irmão com raiva, então a minha ideia foi...

— Me usar? — ela completa e olha para o chão mexendo os ombros como se tivesse renunciando a qualquer coisa que estivesse ainda na sua cabeça. — Você não vai acabar esse casamento antes de começar — ameaça encarando-me. — Eu sei que o Mario sabe.

— O que o Mario sabe? — pergunto e chego até ela, tentando tocar seu ombro, mas ela se afasta. — Não me toca, por favor.

Aperto a mandíbula e fecho os punhos, contendo a minha fúria.

— O Mario sabe que você entrou no meu quarto e que você ficou comigo durante a noite toda.

Put a merda.

— Ele que me deu a informação de onde te encontrar e — relembra de algo e sorri enigmática. — Eu descobri que durante esses quatro anos, você tem pagado ele para me vigiar. No caso, ele é um traidor do meu irmão. — Respira fundo e recebo seu desprezo. — Estou querendo dizer que ele sabe que você tirou minha virgindade e eu sei que o Matteo sabe também. Então, se você não se casar comigo, Amândio, meus irmãos vão entrar em Nova York e será o fim.

Guerra. Muitos irão morrer.

— Eu não vou poder fazer nada por você. Ele vai matar o seu pai, você e seus irmãos. Eu aposto que ele consegue acabar com Nova York. — Assente, cheia de garantia. — Vão matar o seu braço direito ou esquerdo. — Dá uma gargalhada com deboche e os olhos brilham enfurecidos. — Você não pode brincar comigo e achar que vai acabar assim, porque eu confiei em você.

— E eu em você.

— Mas eu não sou a pessoa que está fazendo joguinhos agora. Mesmo que seja seu o pai, você tinha que ter falado comigo, pelo menos. Me dado um sinal de que não era *você*.

Mantenho a neutralidade e toco seu ombro e rosto, dessa vez eu não a deixo se afastar. se ela soubesse o que sou capaz para ficar com ela. Travis deveria ganhar um prêmio, e na verdade ele vai ganhar. Eu não atacá-lo e a ausência do meu pai logo, logo.

— Nunca passou pela minha cabeça não me casar com você — falo fitando seus olhos azuis. — Eu ia falar hoje com Travis que sábado está de pé.

— Não me trate como um negócio.

Curvo a boca de lado, rindo e concordo.

— Não. Você realmente não é meu negócio, Marinne. — Deslizo a mão para trás, tocando sua nuca e mesmo que lute um pouco, depois ela sede e eu beijo sua boca. — Você é minha garantia.

Ela franze a testa e espalma as mãos no meu peito.

— De que?

— Muitas coisas.

Agarro-a, deixando seu corpo colado ao meu. As duas mãos no seu rosto e beijo sua boca com desespero, força e *sede* por ela. Minha língua viaja dentro da sua boca, matando a vontade do gosto dela. Gemendo Marinne, escorrega as mãos para o meu abdômen e abraça meu corpo.

Inclino mais sua cabeça, enfiando mais a língua na sua boca. Ouço os sons sofridos e fascinantes dela.

Como uma serpente, ela se enrosca em mim. E seu desejo, seu cheiro, seu gosto, é o veneno mais forte de todos. Ela é *maior* que meu juramento a ‘*Ndrangheta*. Ela me torna *furiosamente* obcecado e perigoso.

— Sim, você é minha — digo na sua boca.

Dando um sorrisinho, ela me dá um beijo estalado na boca, que vai direto para o meu pau e murmura:

— Saiba que você — toca o lado que bateu no meu rosto, — me pertence também e terá que provar que me merece.

Engulo em seco, sentindo fúria e tesão misturado.

— Apenas peça, *princesa*.



Colen

Noite anterior

Meu celular tocou em cima da mesa e eu atendi imediatamente. Sorri vendo quem era.

— O que você quer, *senhorita*?

— Preciso da sua ajuda — a voz da minha irmã não estava tranquila.

— Diga.

— Preciso que você me leve para Nova York.

Passei dois segundos inteiros encarando a parede do meu quarto sem entender o pedido, para então ter noção de que ela queria vir confortar Amândio por estar insinuando, que não queria mais o casamento.

— O que você quer falar com ele?

— Não te interessa.

— Olha como fala comigo, Marinne Lozartan. — Me levantei da cadeira e contemplei a visão de Manhattan na janela panorâmica. — Você precisa me dizer o que quer para eu te ajudar e falando assim comigo, não vai ganhar nada.

— Todo mundo tem segredos. — Fez uma pausa. — Não é mesmo, Colen?

Merda. Ela estava mesmo me chantageando com o que descobriu ano passado. Marinne parecia que tinha o mundo aos seus pés, ou na palma da mão, porque estranhamente sempre descobria sobre tudo.

E se estava falando sobre segredos, ela provavelmente sabia de algo sobre Amândio que o faria cancelar a tentativa de anular o casamento.

Eu me sentia orgulhoso dela ser minha irmã, mas tinha receio dela não saber usar – em algum momento – o seu dom.

— Me prometa primeiro que não vai se colocar em perigo.

— O que você quer como garantia?

Ah, essa garota. Travis merecia um chuto no saco por ter feito ela idêntica a ele. As vezes eu achava que ela era pior. Tinha tudo de nós três, porque eu sabia muito bem quem Dario guardava dentro do baú.

— Sua segurança, porra.

— *Ele* confia em mim.

— Tem certeza?

— Absoluta.

Ela é foda. Balancei a cabeça e sorri para o meu reflexo no vidro da janela.

— Vou te buscar.

— Travis não vai deixar ser fácil.

— Ah, eu sei uns truques para sumir do radar dele em Las Vegas.

— Eu sei — disse dando uma risada no fundo.

— Pede ajuda a Madeleine.

— É claro — ironizou como se eu tivesse dez passos atrás dela. O que provavelmente eu estava com sua mente brilhante.

— Você sabe onde ele se *esconde*?

— Não posso te contar tudo.

— Marinne...

— Confia em mim, Colen.

— Certo. Vai se arrumar.

— Estou pronta.

Desliguei e comecei a me preparar para ajudar no plano dela. Eu sempre faria de tudo pela minha família. Foi isso que Travis nos ensinou.



VEM AÍ



Dever Orgulho

Série Honrados No Sangue | Livro 5

ATO II

NÃO PERCA O ATO II DESSE CASAL IRRESISTÍVEL



Alessa Abille já sabia o que queria desde criança: deixar um pedacinho dela no mundo. Sempre sonhadora pensou até em ser astronauta (risos), mas aprofundou-se na dramaturgia e suas infinitas possibilidades. O teatro foi sua primeira paixão e logo depois vieram os livros, que se tornaram seu escape da realidade após conseguir superar sua depressão. Escrever não é apenas sua terapia favorita como também a sua melhor forma de superar sua dislexia, dando exemplo para muitas pessoas de que não será uma deficiência que irá pará-la.

Seu primeiro lançamento na *Amazon*, *Ensina-me o prazer*, alcançou o ranking em 1º lugar e tem mais de 10 Milhões de páginas lidas pelo *Kindle Unlimited*. Mais de 10 mil e-books baixados e 2 mil exemplares vendidos em todo o Brasil.

Seu segundo lançamento também alcançou o ranking no top 5, *Profundamente Apaixonado*, e hoje a *Saga Profundamente* já bateu mais de 25 milhões de páginas lidas pelo *Kindle Unlimited*.

Hoje Alessa já tem mais de 4 mil exemplares vendidos, dos livros publicados em físicos, e mais de 55 milhões em páginas lidas na *Amazon*.

É uma legítima geminiana, carioca, que vive ainda na Cidade Maravilhosa com sua família e seus amados cachorros. Falante, animada, adora fazer *LIVES* em suas redes sociais. Aberta ao público e humorada. Conhecida por sua sinceridade e palhaçadas ela vive para seus livros e indicar suas leituras pelas redes.

Para conhecer mais dessa autora regada a humor, siga-a em suas redes sociais:

Instagram: **ALESSA ABILLE**

Página do Facebook: **AUTORA ALESSA ABILLE**

Grupo do Facebook: **ALESSA ABILLE ROMANCES**

Wattpad: **ALESSA ABILLE**

Tiktok: **ALESSABOOKS**

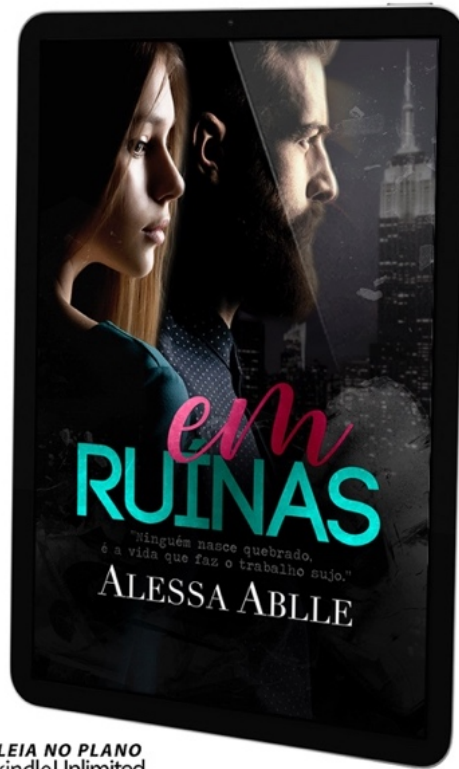
Conheça

OUTROS LIVROS DA AUTORA

Alessa



Para saber sobre livros físicos, entre em contato via e-mail (alessaable@gmail.com) ou no Instagram ([@alessaable](#)).



amazon **LEIA NO PLANO**
kindleUnlimited

Tudo que foi quebrado, um dia esteve perfeito. E talvez para Adam Stella é exatamente assim que ele se sente. Após uma terrível tragédia ter abatido sua família e principalmente a ele, Adam sente-se imperfeito. Há seis anos sua vida sofreu uma reviravolta e o garoto mais querido e cheio de amigos, o neto mais amado, o filho mais aclamado por seus dotes e inteligência nos próximos segundos depois do acidente deixou de existir. Se ruiu por entre as chamas. Ele deixou tudo para trás em cacos. Adam se tornou um homem estilhaçado, quebrado. Vivendo cada dia após o acidente com culpa.

Sua família não suporta mais vê-lo viver desta forma, então sua mãe em uma nova tentativa encontra uma nova forma de salvá-lo de si mesmo. Colocando a menina curiosa de olhos azuis em sua vida. Tão quebrada quanto ele, mas cheia de vontade de viver, Belinda o fará ver o lado ruim de ter deixado a vida para depois.

Será que Adam vai conseguir aproveitar essa nova chance e colar as partes que ele deixou-se perder pelos anos de culpa?





Nascida em berço de ouro, Victoria Colton carregava em seu coração muito mais que sonhos. A “pobre menina rica” rodeada por holofotes, inseguranças e uma vingança gerada por um segredo guardado há muitos anos, contava os dias para se livrar do medo e dos traumas de sua infância.

Ethan Brown nunca pôde reclamar de sua boa vida. Nada nunca lhe faltou e aprendeu cedo demais que o dinheiro tinha seus prós e contras. Após anos longe de casa, retorna com ambições para com sua carreira, mas logo de cara algo entra em seu caminho e ele precisará saber o que é mais importante.

Totalmente opostos um do outro, deixam as diferenças de lado, quando após um reencontro – nada convencional –, não conseguem mais ficar separados. Mas eles precisarão de muito mais do que sentimentos para ficarem juntos.





amazon **LEIA NO PLANO**
kindleUnlimited

Eles não esperavam que fossem se apaixonar tão profundamente. Victoria e Ethan se tornaram inseparáveis, e ficar longe um do outro é um desejo que não almejam. O intenso e profundo amor que construíram, sofrerá altos e baixos, e sustos que colocará em prova seu futuro juntos e o desejo de viver o “felizes para sempre”.

Victoria vem determinada a lutar com Ethan, que está ainda mais apaixonado e profundamente envolvido por sua princesa, focado em destruir o inimigo, na continuação da história de amor épica, que ficará para sempre na sua cabeça.

Um reencontro que marcou a vida dos dois.

Uma aventura que se transformou em amor verdadeiro.

Um amor que durará a vida toda?

QUEM SABE?!





amazon LEIA NO PLANO
kindleUnlimited

No terceiro volume da Saga Profundamente, Victoria viverá seu pior pesadelo e verá seu mundo sofrer grandes perdas e um grande choque.

Ethan enfrentará todos os demônios para viver ao lado da mulher que ama. E terá que fazer coisas que apenas esteve em seus piores pensamentos e precisará descobrir um jeito de trazer Victoria de volta para ele.

Agora o inimigo é o tempo e a mente, onde ninguém pode corromper.

E mesmo um homem profundamente apaixonado, terá seus momentos de desespero e arrependimento enquanto sua amada não sabe o que é real ou fantasia.

Novamente o mais forte salvará os dois de cair no mais profundo abismo.

Um amor tão profundo que ultrapassa todas as barreiras e enfrenta o medo.

Uma promessa de amor eterno.

Mas será que, depois de tudo, ainda restará algo além de estilhaços?





amazon LEIA NO PLANO
kindleUnlimited

Agora parece que todos os problemas já estão resolvidos, que os traumas foram deixados para trás e só lhes restam viver e serem felizes.

Victoria ultrapassou todos os obstáculos que apareceram em sua vida. Foi forte, confiante e corajosa, mas claro que nada seria a mesma coisa sem seu príncipe “encantado”. A sua vida é um verdadeiro milagre e ela quer mais do que nunca viver intensamente a segunda chance que teve.

Ethan deixou totalmente seu passado para trás e se transformou em um homem de sucesso e maduro. A felicidade está batendo em sua porta, finalmente. E só resta aproveitar essa jornada com sua princesa.

Mas será mesmo que todos os espinhos foram retirados de suas vidas?
Não perca o desfecho desta história linda e profundamente apaixonante.





amazon LEIA NO PLANO
kindleUnlimited

A história de Ethan e Victoria sem aspas e com um Conto especial no final.





Cecillia Romanoff é uma jovem nerd, conhecida por ser muito curiosa. Uma de suas maiores curiosidades é, justamente, sobre algo que nunca fez: sexo.

Henry Frinsheens tem uma vida agitada, porém responsável. É um jovem que possui um currículo ótimo, é estudioso e amigável. Diferente do típico cara babaca de faculdade. Em uma aula de Biologia, por força do destino, os dois se esbarram. Dois jovens diferentes, mas iguais em um sentido: são solitários e buscam algo que os complete.

Quebram a velha (e ultrapassada) rixa entre nerd e playboy e viram amigos de verdade. Vencidos pela forte química que existia entre eles, os dois se rendem a uma noite que os envolvem ainda mais e poderia mudar tudo. Talvez tenha sido um tremendo erro e a amizade tão sólida correria perigo. Eles sabem que seus sentimentos estão indo além de carinho e, no meio dessa relação, vão perceber que um precisa do outro muito mais do que podem admitir.

No final, qual será a escolha certa a se tomar?





amazon **LEIA NO PLANO**
kindle Unlimited

Um relacionamento que começou sem pretensão de ser algo mais do que amizade e realmente os transformaram em grandes amigos, mas os sentimentos mudaram e cresceram. Henry e Cecillia aprenderam a não saber viver um sem o outro. De uma amizade nasceu um amor verdadeiro.

Os anos se passaram, a vida seguiu seu curso perfeitamente e eles estão a passos de dizer o sim mais importante da vida deles e começar sua própria família. Até que uma farpa do passado volta e dá um choque de realidade em suas vidas.





amazon LEIA NO PLANO
kindleUnlimited

A história de Henry e Cecilia sem aspas e com um Conto especial no final.





amazon **LEIA NO PLANO**
kindleUnlimited

Amanda Frinsheens, ou Mandy para os íntimos, é uma garota determinada, sonhadora e uma Frinsheens. O que a torna sensível. Assim como seu irmão Henry, foi cursar sua faculdade de Medicina em Massachusetts, na aclamada Cambridge. Ela ama sua rotina, que intercala em estudar e curtir sua juventude.

Maximus Smith é um médico dedicado e, mesmo com trinta e três anos, é um moleção que vive apenas para o trabalho. Talvez o que lhe ocorreu anos atrás tenha deixado cicatrizes maiores do que possa admitir.

Logo de cara, Mandy e Max sentem uma forte atração, que agora terá que ser enfrentada no mesmo ambiente de trabalho, já que por destino ela fará residência no hospital em que ele é cirurgião.

Será que Mandy vai conseguir manter o profissionalismo perto dele?

E Max, será que vai conseguir ficar longe da irmã do seu melhor amigo, agora sua aluna também?





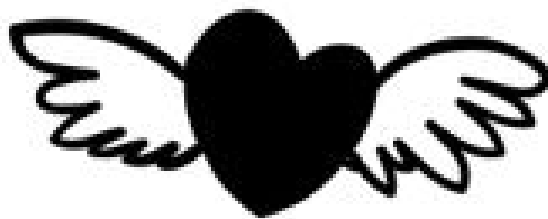
“Ele se tornou meu vício mais teimoso.”

Linda, falante, teimosa e tentando achar seu lugar no mundo, Amber Vasconcelos estava vivendo um grande dilema na sua vida depois que um moreno tentador aparece no seu caminho e a deixou completamente viciada. Jordan Saldañas é o famoso: “o cara”. Lindo, olhos intensos, fala macia e tão sincero que chega a ofender, também não parava de pensar na “sereia”.

Era para ser apenas algo casual, para matar o desejo, mas não foi isso que acabou acontecendo e Jordan em pouco tempo notou que Amber tinha se tornado sua. Porém, o maior dos problemas não era ter que lidar com uma garota meio desmiolada e ser seu próximo “desamor”, e sim com todas as outras pessoas que tinham saído dos esgotos decididas a acabar com a sua paz e seu relacionamento com Amber.

Será que ele vai conseguir ficar com a garota no final?





Se puder ou quiser, deixe sua avaliação aqui mesmo na *Amazon* ou no *Skoob*. O feedback é muito importante para eu continuar a amadurecer, melhorar ou saber o quanto vocês amaram (tenho que ser otimista, né?) o livro.

Fique à vontade também para falar comigo via *Facebook* ou *Instagram*. ;)

Ou, se quiser, manda um e-mail para alessaable@gmail.com e até ganhe mimos se mandar a avaliação ou leitura ou compra do livro. Eu adoro agradar meus leitores.

KOKO



Table of Contents

[Sinopse](#)

[Nota da Autora](#)

[Prólogo](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[Vem Aí](#)